A dramatic landscape with a red sky and a volcano. The sky is a deep, vibrant red, suggesting a sunset or a volcanic eruption. In the foreground, a silhouette of a person stands on a dark, rocky outcrop, looking out over a body of water. To the right, a volcano is visible, with a large plume of dark smoke or ash rising into the red sky. The overall mood is somber and powerful.

ROBERT
HARRIS

POMPÉIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ROBERT HARRIS

POMPEIA

2003

TRADUTOR

LUIZ CARLOS DO NASCIMENTO SILVA

EDITORA RECORD

2005

FICHA

POMPEIA

Tradução

Luiz Carlos do Nascimento Silva

Editora Record

2005

Harris, Robert, 1957-

Titulo original: Pompeii.Português

Titulo / Pompéia / Robert Harris ; tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva.

Imprensa: Rio de Janeiro : Record, 2005.

Descrição física: 334p. : il. ; 23cm.

Tradução de: Pompeii.

BNB 06/06

ISBN: 8501070564 (broch.)

Assuntos: Ficção inglesa.

Pompéia (Cidade extinta) - Ficção.

Tradução: Silva, Luiz Carlos do Nascimento.

Classificação

Catálogo: VI-488,2,17

1.153.571 DL 09/11/2006

Para Gill

Epígrafe

A superioridade americana em todas as questões de ciência, economia, indústria, política, negócios, medicina, engenharia, vida social, justiça social e, é claro, na área militar era total e indiscutível. Até mesmo os europeus que sofriam das dores do chauvinismo perdido olhavam com um medo reverencial o brilhante exemplo que os Estados Unidos tinham estabelecido para o resto do mundo no começo do terceiro milênio.

TOM WOLFE

Ficar ou não ficar

"No mundo inteiro, onde quer que a abóbada celeste gire, não há terra tão bem adornada, com tudo que ganha a coroa da natureza, quanto a Itália, a governanta e segunda mãe do mundo, com seus homens e mulheres, generais e soldados, escravos, primazia nas artes e nos ofícios, riqueza de talento brilhante [...]"

PLÍNIO

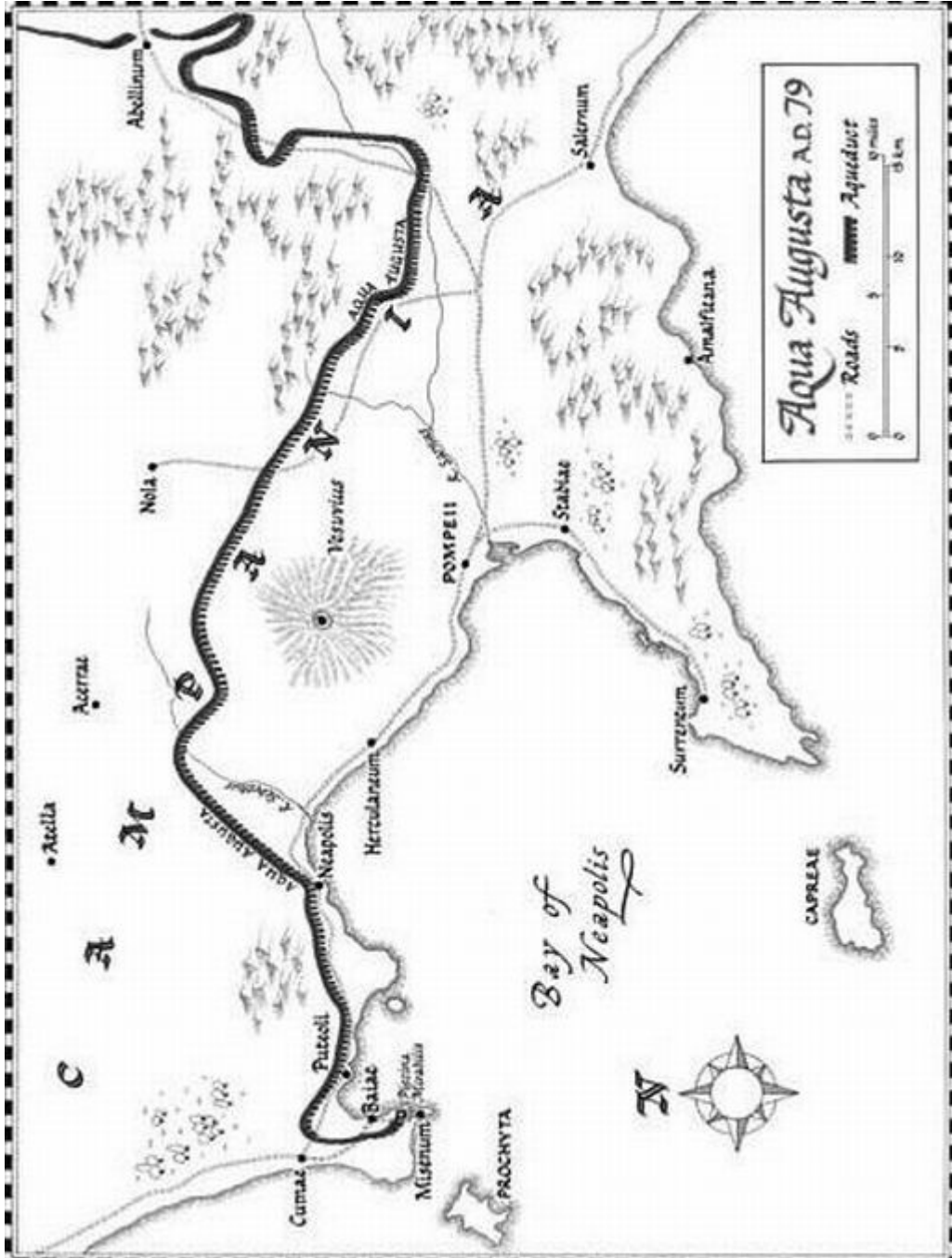
História natural

"Como podemos deixar de demonstrar nosso respeito por um sistema de águas que, no primeiro século d.C., abastecia Roma com um volume de água muito maior do que o que foi fornecido em 1985 a Nova York?"

A. TREVOR HODGE

Roman Aqueducts & Water Supply

Mapa



Nota do Autor

Os romanos dividiam o dia em 12 horas. A primeira, hora prima, começava ao nascer do sol. A última, hora duodécima, acabava no pôr do sol.

A noite era dividida em oito vigílias — Véspera, Prima fax, Concubia e Intempesta antes da meia-noite; Inclinatorio, Gallicinium, Conticinium e Diluculum depois.

Os dias da semana eram Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno e Sol.

Pompeia se passa ao longo de quatro dias.

O nascer do sol na baía de Nápoles, na quarta semana de agosto de 79 d.C., ocorreu aproximadamente às 6h20.

MARTE

22 DE AGOSTO



..

DOIS DIAS ANTES DA ERUPÇÃO

CONTICINIUM



4h21

"Descobriu-se uma forte correlação entre a magnitude das erupções e a duração do intervalo de repouso precedente. Quase todas as erupções muito grandes e históricas vieram de vulcões que estiveram inativos durante séculos."

Jacques-Marie Bardintzeff, Alexander R. McBarney
VOLCANOLOGY (segunda edição).

Eles deixaram o aqueduto duas horas antes do amanhecer, subindo à luz da lua as montanhas que davam para o porto — seis homens em fila indiana, o engenheiro à frente. Ele os arrancara da cama pessoalmente — todos com braços e pernas duras, expressões carrancudas e olhos lacrimejantes — e agora os ouvia reclamando dele pelas costas, as vozes soando mais alto do que eles percebiam no ar quente e parado.

— Missão infrutífera — resmungou alguém.

— As crianças deviam se ater aos seus livros — disse um outro.

Ele aumentou o tamanho dos passos.

Que tagarelem, pensou, ele que já podia sentir o calor da manhã aumentar, a promessa de mais um dia sem chuva. Era mais moço do que a maioria da sua equipe de trabalho e mais baixo do que qualquer um deles: uma figura compacta, musculosa, com cabelos castanhos cortados rente. Os cabos dos apetrechos que ele levava nos ombros — um machado pesado, de cabeça de bronze, e uma pá de madeira — esfregavam-se no pescoço queimado de sol. Ainda assim, ele se esforçava para esticar as pernas nuas ao máximo, subindo depressa de um apoio para os pés a outro, e só quando chegou no alto, acima de Miseno, num ponto em que a trilha se bifurcava, arriou a carga e esperou que os outros o alcançassem.

Limpou o suor dos olhos com a manga da túnica. Que céus tremeluzentes, febris, eles tinham ali no sul! Mesmo tão próximo do raiar do dia, um grande hemisfério de estrelas ia até o horizonte.

Ele via os chifres de Touro e o cinturão e a espada do Caçador; lá estava Saturno e também a Ursa, e a constelação que eles chamavam de Vindimadora, que sempre se erguia para César no vigésimo segundo dia de agosto, em seguida ao Festival de Vinália, e assinalava que estava na época de colher o vinho. Amanhã à noite a lua estaria cheia. O homem ergueu a mão para o céu, os

dedos de pontas rombudas, pretos e nítidos contra as constelações que cintilavam — abriu-os, fechou-os, tornou a abri-los — e por um instante pareceu-lhe que ele era a sombra, o nada; a luz era a substância.

Lá de baixo, no porto, veio o espadanar de remos enquanto o vigia noturno remava entre as trirremes ancoradas. As lanternas amarelas de alguns barcos de pesca piscavam pela baía. Um cachorro latiu e outro respondeu. E então vieram as vozes dos trabalhadores que subiam lentamente a trilha abaixo dele: o sotaque áspero de Corax, o supervisor. — Olhem, o nosso novo aguadeiro está acenando para as estrelas! — e os escravos e homens livres, iguais por um momento em seu ressentimento, embora em nada mais, resfolegando e rindo abafado.

O engenheiro baixou a mão.

— Pelo menos — retrucou ele — com um céu desses, nós não precisamos de archotes. — De repente, voltou a ser vigoroso, inclinando-se para apanhar os apetrechos, erguendo-os de volta para o ombro. — Temos de seguir adiante. -Com o cenho franzido, ele olhou para a escuridão. Uma das trilhas iria levá-los para o oeste, margeando a base naval. A outra levaria ao norte, em direção ao balneário de Baía, à beira-mar. — Acho que é para lá que vamos virar.

— Ele acha — zombou Corax.

O engenheiro decidira, no dia anterior, que a melhor maneira de tratar o supervisor era ignorá-lo.

Sem uma só palavra, deu as costas para o mar e as estrelas e começou a subir a massa negra da encosta da montanha. Afinal de contas, o que era a liderança, exceto uma escolha cega de um caminho em vez de outro, a pretensão confiante de que a decisão tinha sido baseada na razão? A trilha ali era mais íngreme. Ele tinha de subir com dificuldade, de lado, às vezes usando a mão livre para puxar o corpo para a frente, os pés escorregando, enviando chuvas de pedras soltas chocalhando morro abaixo. As pessoas olhavam para aquelas montanhas marrons, chamuscadas por queimadas de verão, e achavam que fossem tão secas quanto os desertos, mas o engenheiro sabia que não era isso. Mesmo assim, sentiu a certeza

inicial começar a enfraquecer-se e tentou lembrar-se de como a trilha parecera à luz forte da tarde do dia anterior, quando ele fizera um levantamento inicial. A trilha serpenteante, de uma largura que mal dava para uma mula. As faixas de capim chamuscado. E depois, num lugar em que o terreno se nivelava, sinais de verde-claro na escuridão — sinais de vida que se revelaram brotos de hera tentando alcançar uma rocha.

Depois de subir até a metade de uma encosta e tornar a descer, ele parou e lentamente fez um círculo completo. Ou seus olhos estavam se acostumando ou o amanhecer agora estava perto, e nas duas hipóteses eles estavam quase sem tempo. Os outros tinham parado atrás dele, que ouvia a respiração forte. Ali estava outra história para eles levarem para Miseno — que o novo aguadeiro os arrastara para fora da cama e os fizera marchar pelas montanhas no meio da noite, e tudo num trabalho inútil. Ele sentiu um gosto de cinza na boca.

— Estamos perdidos, bonitinho?

De novo a voz zombeteira de Corax.

O engenheiro cometeu o erro de cair na esparrela: — Estou procurando uma rocha.

Dessa vez, eles nem tentaram abafar a risada.

— Ele está correndo em círculos como um camundongo num urinol! — Eu sei que ela está aqui, em algum lugar. Eu a marquei com giz.

Mais risadas — e com isso ele se voltou para eles: o atarracado Corax, de ombros largos; Becco, de nariz comprido, que era estucador; o gorducho Musa, cuja habilidade era colocar tijolos; e os dois escravos, Polites e Corvinus. Até mesmo suas formas indistintas pareciam zombar dele.

— Riam. Ótimo. Mas uma coisa eu lhes prometo: ou nós a achamos antes do amanhecer ou voltaremos aqui amanhã à noite. Inclusive você, Gavius Corax. Só que, da próxima vez, não deixe de estar sóbrio.

Silêncio. Então Corax cuspiu e deu meio passo à frente, e o engenheiro preparou-se para uma briga. Já fazia três dias que os dois caminhavam para aquele desfecho, desde o momento em que

ele chegara a Miseno. Não se passara uma hora sem que Corax tentasse humilhá-lo diante dos homens.

E se nós brigarmos, pensou o engenheiro, ele vai ganhar — são cinco contra um — e eles vão jogar o meu corpo pelo penhasco e dizer que eu escorreguei na escuridão. Mas como isso será recebido em Roma — se um segundo aguadeiro do Aqua Augusta for perdido em menos de duas semanas? Por um longo instante os dois se encararam, não mais de um passo entre eles, tão próximos que o engenheiro sentia o cheiro de vinho estragado no bafo do homem mais velho. Mas então um dos outros — foi o Becco — deu um grito agitado e apontou.

Visível atrás do ombro de Corax estava uma rocha, assinalada nitidamente no seu centro por uma grossa cruz branca.

Attilius era o nome do engenheiro — Marcus Attilius Primus, para dá-lo por completo, mas apenas Attilius o teria deixado satisfeito. Homem prático, nunca tivera muito tempo para todos aqueles nomes fantasiosos de que seus conterrâneos tanto gostavam.

("Lupus", "Panthera", "Pulcher" — "Lobo", "Leopardo", "Beleza" — quem, diabos, eles pensavam que estavam enganando?) Além do mais, que nome era mais honroso na história de sua profissão do que o do clã dos Attilius, engenheiros de aquedutos há quatro gerações? Seu bisavô tinha sido recrutado por Marcus Agrippa do setor de bestas da "Fulminata" da Legião XII e posto a trabalhar na construção do Aqua Julia. O avô projetara o Anio Novus. O pai completara o Aqua Claudia, levando-o ao monte Esquilino ao longo de 11 quilômetros de arcos e depositando-o, no dia da inauguração, como um tapete de prata aos pés do imperador. Agora ele, aos 27 anos de idade, tinha sido mandado para Campânia e recebera o comando do Aqua Augusta.

Uma dinastia construída com água! Ele olhou para a escuridão com os olhos semicerrados. Ah, o Augusta era uma obra imponente — um dos maiores feitos da engenharia de todos os tempos. Iria ser uma honra dirigi-lo. Em algum ponto lá ao longe, no lado oposto da baía, no alto das montanhas dos Apeninos cobertas de florestas de pinheiros, o aqueduto captava as nascentes do Serino e levava a

água para o oeste -canalizava-a por sinuosas passagens subterrâneas, levava-a sobre ravina em cima de arcadas empilhadas, forçava-a pelos vales através de sifões maciços -até as planícies de Campânia, depois em torno, do lado oposto do monte Vesúvio, em seguida para o sul, para a costa de Nápoles, e finalmente ao longo da espinha da península de Miseno até a poeirenta cidade naval, uma distância de cerca de 96 quilômetros, com uma queda média, em toda a sua extensão, de apenas cinco centímetros a cada cem metros. Era o aqueduto mais longo do mundo, mais longo até do que os grandes aquedutos de Roma e muitíssimo mais complexo, porque, enquanto seus irmãos do norte abasteciam apenas uma cidade, o duto em serpentina do Augusta — a matriz, como era chamado: a linha mãe amamentava nada menos do que nove cidades em torno da baía de Nápoles: Pompeia primeiro, ao fim de um grande ramal, depois Nola, Acerra, Ateia, Nápoles, Putéolos, Cumas, Baía e, por fim, Miseno.

E, na opinião do engenheiro, este era o problema. O aqueduto tinha de fazer demais. Roma, afinal, tinha mais de meia dúzia de aquedutos: se um falhasse, os outros poderiam compensar o déficit. Mas ali não havia oferta de reserva, em especial naquela seca que agora se arrastava pelo terceiro mês. Poços que forneceram água durante gerações tinham-se transformado em tubos de pó. Cursos d'água haviam secado. Leitos de rios tornaram-se trilhas para os fazendeiros levarem seus animais para o mercado. Mesmo o Augusta mostrava sinais de exaustão, o nível de seu enorme reservatório baixando de hora em hora, e era isso que tinha levado o engenheiro até a encosta da montanha na hora antes do amanhecer, quando ele devia estar na cama.

Da bolsa de couro presa ao seu cinto, Attilius tirou um pequeno bloco de cedro envernizado com descanso para o queixo escavado em um dos lados. A superfície da madeira tinha sido deixada lisa e brilhante pela pele de seus ancestrais. Dizia-se que seu bisavô o recebera como um talismã de Vitruvius, arquiteto do Divino Augusto, e o velho afirmara que o espírito de Netuno, o deus da água, vivia dentro dele. Attilius não tinha tempo para deuses - meninos com asas nos pés, mulheres cavalcando golfinhos, homens

de barba grisalha atirando raios do alto de montanhas em acessos de raiva eram histórias para crianças, não para homens feitos. Em vez disso, ele depositava sua fé em pedras e na água e no milagre diário que resultava de misturar duas partes de cal apagada com cinco partes de puteolano — a areia vermelha local -formando uma substância que iria secar debaixo d'água com uma consistência mais dura do que uma rocha.

Mas ainda assim era louco quem negasse a existência da sorte, e se aquele bem que era herança de família pudesse trazer-lhe isso... Passou o dedo ao longo da borda do objetivo; iria tentar tudo uma vez.

Ele deixara seus rolos de Vitrúvio em Roma. Não que isso tivesse importância. Eles tinham sido inculcados nele desde a infância, assim como outros meninos aprendiam Virgílio. Ele ainda sabia recitar trechos inteiros de cor.

"Coisas que crescem e que, ao serem encontradas, são sinais de água: juncos delgados, salgueiro selvagem, amieiro, hera e outras coisas desse tipo, que não podem ocorrer sozinhas sem umidade [...]" — Corax, para lá — ordenou Attilius. — Corvinus, lá. Becco, pegue a vara e marque o lugar que eu mandar. Vocês dois: fiquem de olhos abertos.

Corax lançou-lhe um olhar ao passar.

— Mais tarde — disse Attilius. O supervisor fedia a ressentimento quase tanto quanto cheirava a vinho, mas haveria tempo suficiente para resolver a desavença dos dois quando voltassem para Miseno. Porque agora eles tinham de se apressar.

Uma fina névoa cinzenta escondera as estrelas. A lua desaparecera de repente. Vinte e quatro quilômetros a leste, à altura do meio da baía, a pirâmide coberta de florestas do monte Vesúvio ia se tornando visível. O sol nasceria atrás dele.

"Para testar a existência de água, faça o seguinte: deite-se de bruços, antes do nascer do sol, nos locais em que a pesquisa vai ser feita e, com o queixo apoiado no chão e escorado, examine essas regiões. Dessa maneira, a linha de visão não irá se desviar mais para o alto do que deve, porque o queixo estará imóvel [...]" Attilius ajoelhou-se no capim chamuscado, inclinou-se para a frente e

colocou o bloco em linha com a cruz de giz, a cinquenta passos de distância. Depois, apoiou o queixo no descanso e abriu os braços. O chão ainda estava quente do dia anterior. Partículas de cinzas flutuaram para o seu rosto quando ele se esticou. Nada de orvalho. Setenta e oito dias sem chuva. O mundo estava pegando fogo. Na margem da linha de visão ele viu Corax fazer um gesto obsceno, agitando a virilha para a frente — "O nosso aguadeiro não tem mulher e, por isso, tenta foder a Mãe Terra!" — e então, longe, à sua direita, o Vesúvio escureceu e uma luz projetou-se de sua margem. Uma haste de calor atingiu a face de Attilius. Ele teve de erguer a mão para proteger o rosto do deslumbramento enquanto olhava, com os olhos semicerrados, para o outro lado da encosta da montanha.

"Nos pontos em que se puder ver a umidade voltear e subir no ar, cave ali mesmo, porque esse sinal não pode ocorrer em local seco [...]" Você o vê rapidamente ou não o vê, costumava dizer seu pai. Ele tentou passar os olhos pelo terreno rápida e metodicamente, deslocando o olhar de um trecho da terra para o seguinte. Mas tudo parecia igual — chamuscados marrons e cinzentos e veios de terra avermelhada, já começando a tremer ao sol. A visão embaçou. Ele se ergueu sobre os cotovelos e esfregou cada olho com um dedo indicador e tornou a apoiar o queixo.

Ali! Fina como uma linha de pescar — não "volteando" ou "subindo" como Vitruvius prometera, mas puxando, junto ao chão, como se um anzol estivesse preso numa pedra e alguém o estivesse sacudindo. A coisa ziguezagueou na direção dele. E desapareceu. Ele gritou e apontou: — Ali, Becco, ali! — e o estucador correu, desajeitado, para o local. — Para trás. Isso. Aí. Marque o ponto.

Attilius levantou-se com dificuldade e correu para eles, tirando com as mãos a poeira vermelha e a cinza preta da frente da túnica, sorrindo, segurando o mágico bloco de cedro no alto. Os três tinham se reunido em torno do lugar e Becco tentava enfiar a vara na terra, mas o terreno era muito duro para enterrá-la numa profundidade suficiente.

Attilius estava triunfante.

— Viram? Vocês devem tê-lo visto. Estavam mais perto do que eu.

Eles o olharam sem entender.

— Foi curioso, perceberam? Ele se ergueu assim. — Attilius fez uma série de cortes horizontais no ar com a palma da mão. — Como vapor saindo de um caldeirão que foi sacudido.

Ele olhou de um para o outro, o sorriso fixo no início, depois desfazendo-se. Corax abanou a cabeça.

— Seus olhos o estão enganando, bonitinho. Não há nascente alguma aqui em cima. Eu lhe disse. Conheço estas montanhas há vinte anos.

— E eu estou lhes dizendo que vi.

— Fumaça. — Corax bateu o pé na terra seca, levantando uma nuvem de poeira. -Um incêndio de floresta pode queimar durante dias embaixo da terra.

— Eu conheço fumaça. Eu conheço vapor. Aquilo foi vapor.

Eles estavam disfarçando uma cegueira. Tinham de estar. Attilius caiu de joelhos e bateu com as mãos na terra vermelha seca. Depois, começou a cavar com as mãos nuas, passando os dedos sob as pedras e jogando-as para o lado, puxando um tubérculo comprido, chamuscado, que se recusava a sair. Alguma coisa saía dali. Disso ele tinha certeza. Por que a hera se reavivara tão depressa, se não havia nascente? Sem se voltar, ele disse: — Apanhem as ferramentas.

— Aguadeiro...

— Apanhem as ferramentas! Eles cavaram a manhã toda, enquanto o sol subia lentamente acima da fornalha azul da baía, derretendo-se de um disco amarelo para uma estrela branca gasosa. O terreno estalava e retesava-se com o calor, como a corda de arco de uma das gigantescas máquinas de sítio de seu bisavô.

Uma vez, um menino passou por eles, arrastando pelo cabresto um cabrito emaciado, em direção à cidade. Foi a única pessoa que viram. A própria Miseno não dava para ser vista, porque estava logo atrás da borda do penhasco. De vez em quando, os sons dela subiam até eles — gritos de ordens vindos da escola militar, marteladas e serradas vindas dos estaleiros.

Attilius, um velho chapéu de palha puxado bem sobre o rosto, era o que mais trabalhava. Mesmo quando os outros saíam sorrateiros, de vez em quando, para deitar-se nos trechos de sombra que pudessem encontrar, ele continuava a manejar o machado. O cabo estava escorregadio com o suor e era difícil agarrá-lo. As palmas das mãos estavam cheias de bolhas. A túnica colava-se a ele como uma segunda pele. Mas ele não iria demonstrar fraqueza na frente dos homens. Até mesmo Corax calou a boca depois de um certo tempo.

A cratera que eles acabaram cavando tinha uma profundidade que era o dobro da altura de um homem, com largura suficiente para que dois deles trabalhassem dentro dela. Havia uma nascente ali, sem dúvida alguma, mas, sempre que eles chegavam perto, ela recuava. Eles cavavam. O solo oxidado no fundo do buraco ficava úmido. E depois tornava a secar à luz do sol. Eles cavavam outra camada e o mesmo processo se repetia.

Só na décima hora, quando o sol passara do zênite, Attilius finalmente reconheceu a derrota.

Viu uma última mancha de água reduzir-se e evaporar e então jogou o machado por cima da borda da cova, subindo atrás dele. Arrancou o chapéu e abanou as faces, que ardiam. Corax sentou-se numa pedra e ficou olhando para ele. Pela primeira vez Attilius percebeu que ele estava de cabeça descoberta.

— Você vai cozinhar o cérebro neste calor — disse ele. Desarrolhou o odre e despejou um pouco de água na mão, jogou-a no rosto e na nuca, depois bebeu. Ela estava quente, tão inútil para refrescar quanto engolir sangue.

— Eu nasci aqui. O calor não me incomoda. Em Campânia, nós chamamos isso de frio. — Corax pigarreou e cuspiu. Inclinou o queixo largo em direção ao buraco. — O que vamos fazer com isso? Attilius olhou para o buraco — um horrível corte na encosta da montanha, grandes montes de terra acumulados em torno dele. Seu monumento.

Sua loucura.

— Vamos deixar como está. Mande tapá-lo com tábuas. Quando chover, a fonte subirá. Você vai ver.

— Quando chover, não vamos precisar de fonte. Attilius teve de admitir que o argumento era sensato.

— Poderíamos instalar um cano a partir dele — disse ele, pensativo. Quando se tratava de água, ele era um romântico. Na sua imaginação, de repente começou a tomar forma todo um idílio pastoral. — Poderíamos irrigar toda esta encosta. Aqui em cima, poderia haver pomares de limoeiros. Oliveiras. A encosta seria transformada em terraços. Vinhedos...

— Vinhedos! — Corax abanou a cabeça. — Com que então, nós agora somos agricultores! Escute aqui, meu jovem perito de Roma. Deixe-me dizer uma coisa. O Aqua Augusta não falha há mais de um século. E não vai falhar agora. Nem mesmo com você no comando.

— Assim esperamos. — O engenheiro bebeu o que restava da água. Ele podia sentir-se ficando escarlate graças à humilhação, mas o calor escondeu a vergonha. Colocou com firmeza o chapéu de palha na cabeça e puxou a aba para baixo para proteger o rosto. — Está bem, Corax, reúna os homens. Nosso serviço aqui acabou, por hoje.

Attilius apanhou os apetrechos e partiu sem esperar pelos outros. Eles sabiam o caminho de volta.

Ele tinha de tomar cuidado aonde pôr os pés. Cada passo mandava um grupo de lagartos em fuga para a vegetação rasteira, que estava seca. Aquilo era r mais África do que Itália, pensou ele. Quando chegou à trilha costeira, Miseno surgiu abaixo dele, tremeluzindo na bruma de calor como uma cidade num oásis, pulsando — ou assim lhe parecia — no ritmo das cigarras.

A sede da frota imperial ocidental era um triunfo do homem sobre a natureza, porque por direito nenhuma cidade deveria existir ali. Não havia rio para sustentá-la, eram poucos os poços ou nascentes. No entanto, o Divino Augusto decretara que o Império precisava de um porto do qual pudesse controlar o Mediterrâneo, e ali estava ela, a corporificação do poderio romano: os discos de prata tremeluzentes de seus portos internos e externos, as pontas douradas e as popas em forma de leque aberto de cinquenta navios de guerra coruscando ao sol do fim de tarde, a empoeirada área

marrom de desfile na escola militar, os telhados de telhas vermelhas e os muros caiados da cidade civil erguendo-se acima da pontuda floresta de mastros no estaleiro.

Dez mil marinheiros e outros dez mil cidadãos abarrotavam-se numa estreita faixa de terra sem nem uma gota de água doce. Só o aqueduto tornara Miseno possível.

Ele tornou a pensar no curioso movimento do vapor e na maneira pela qual a fonte parecia recuar para dentro da rocha. Aquela região era estranha. Olhou pesaroso para as mãos cobertas de bolhas.

— Uma missão infrutífera...

Ele abanou a cabeça, piscando os olhos para livrá-los do suor, e recomeçou a cansativa descida para a cidade.

HORA UNDECIMA



17H42

"Um problema de importância prática para uma previsão é o tempo que se passa entre uma injeção de novo magma e uma erupção. Em muitos vulcões, esse intervalo pode ser medido em semanas ou meses, mas em outros parece ser muito mais curto, possivelmente dias ou horas."

VOLCANOLOGY (segunda edição)

Villa Hortênsia, a imponente residência costeira nos arredores norte de Miseno, faziam-se os preparativos para executar um escravo. Iriam atirá-lo às enguias.

Aquilo não era uma prática desconhecida naquela parte da Itália, onde várias das casas enormes em torno da baía de Nápoles tinham suas elaboradas criações de peixes. O novo dono da Villa Hortênsia, o milionário Numerius Popidius Ampliatus, ouvira a história pela primeira vez quando era menino -que o aristocrata Augustano Vedius Pollio atirava criados trapalhões no seu viveiro de enguias, como castigo por quebrarem pratos — e muitas vezes se

referia àquilo em tom de admiração, como a perfeita ilustração do que era ter poder. Poder, imaginação e espírito, e um certo estilo.

Por isso, quando, muitos anos depois, Ampliatus também veio a possuir um pesqueiro — apenas poucos quilômetros pela costa a partir da antiga casa de Veditus Pollios em Pausílipo — e quando um de seus escravos também destruía alguma coisa de enorme valor, naturalmente o precedente voltava-lhe à cabeça. Ampliatus nascera escravo; era assim que um aristocrata devia portar-se.

O homem foi devidamente despido da sunga, teve as mãos amarradas para trás e foi levado à beira-mar. Uma faca foi passada pelas duas panturrilhas, para tirar uma quantidade atraente de sangue, e também despejaram-lhe vinagre, que, segundo se dizia, deixava as enguias alucinadas.

Era o fim da tarde e fazia muito calor.

As enguias tinham um viveiro enorme, construído bem distante dos outros viveiros de peixes, para mantê-las separadas, que era alcançado por uma estreita passagem de concreto que avançava pela baía. Aquelas enguias eram moreias, notórias pela agressividade, o corpo com o comprimento do de um homem e grosso como um tronco humano, com cabeça chata, focinho largo e dentes afiados como navalhas. O viveiro de peixes da casa tinha 150 anos, e ninguém sabia quantas havia à espreita no labirinto de túneis e nas áreas sombrias cavadas no fundo do reservatório. Dezenas, sem dúvida; talvez centenas. As enguias mais antigas eram monstros e várias usavam joias. Dizia-se que uma delas, que trazia um brinco de ouro preso à barbatana peitoral, tinha sido a favorita do imperador Nero.

As moreias causavam um terror especial àquele escravo porque — Ampliatus saboreava a ironia — havia muito que era de sua responsabilidade alimentá-las, e ele gritava e se contorcia mesmo antes de ser obrigado a subir na passagem. Ele tinha visto as enguias em ação todas as manhãs, quando lhes atirava a refeição de cabeças de peixe e entranhas de galinha — como a superfície da água estremecia e depois se agitava quando elas sentiam a chegada do sangue, e como elas saíam como uma flecha de seus esconderijos para brigar pela comida, fazendo-a em pedaços.

Na décima primeira hora, apesar do calor sufocante, Ampliatus em pessoa desceu da casa para observar, acompanhado por seu filho adolescente, Celsinus, e pelo chefe dos criados, Scutarius, uns poucos clientes comerciais (que o tinham seguido de Pompeia e vinham perambulando por ali desde o amanhecer, na esperança de um almoço) e uma multidão de cerca de cem de seus escravos homens que ele concluíra que iriam tirar proveito ao testemunharem o espetáculo. Ele mandara que a mulher e a filha ficassem dentro de casa: aquilo não era coisa para mulheres assistirem. Uma grande cadeira fora instalada para ele, com outras menores para os convidados. Ampliatus nem mesmo sabia o nome do escravo.

Viera como parte de um lote de empregados com os viveiros de peixes quando ele comprara a casa, por custosos dez milhões, no início do ano.

Todo tipo de peixe era mantido, a altos custos, ao longo da costa correspondente à vila — percas do mar, com sua carne branca como lã; tainhas cinza, que exigiam altos muros em torno do viveiro para evitar que saltassem para a liberdade; linguados, bodiões e dourados; lampreias, congros e badejos.

Mas os tesouros aquáticos de Ampliatus — ele tremia ao pensar o quanto pagara por eles, e nem mesmo gostava muito de peixe — eram, de longe, a tainha vermelha e o delicado e barbudo salmonete, notoriamente difícil de manter, cujas cores iam do rosa pálido ao laranja.

E eram esses que o escravo tinha matado. Se por maldade ou incompetência, Ampliatus não sabia nem se importava, mas lá estavam eles: agrupados na morte como tinham estado em vida, um tapete de vários tons flutuando na superfície do viveiro, descoberto no início daquela tarde.

Uns poucos ainda estavam vivos quando mostraram a cena a Ampliatus, mas morreram enquanto ele os observava, virando-se como folhas nas profundezas do viveiro e subindo para juntar-se aos outros. Envenenados, todos eles. Teriam sido vendidos por seis mil cada, ao preço corrente do mercado — uma tainha valendo cinco vezes o que valia o miserável escravo que deveria cuidar deles -e agora serviam apenas para o fogo.

Ampliatu pronunciara a sentença imediatamente: — Atirem-no às enguias!

O escravo gritava enquanto era arrastado em direção à beira do viveiro. Ele berrava que a culpa não era sua. Não era o alimento. Era a água. Deviam mandar chamar o aguadeiro.

O aguadeiro! Ampliatu apertou bem os olhos para se proteger do brilho do mar. Era difícil distinguir as formas do escravo, que tremia, e dos dois homens que o seguravam, ou do quarto, que segurava um bicheiro como uma lança e golpeava as costas do condenado — todos eram figuras imprecisas, na bruma do calor e das ondas brilhantes. Ele ergueu o braço à maneira de um imperador, o punho fechado, o polegar paralelo ao chão. Sentia-se um deus no poder, e no entanto cheio da simples curiosidade humana. Por um instante aguardou, saboreando a sensação, e depois torceu o punho e lançou o polegar para cima. Acabem com ele! Os gritos lancinantes do escravo oscilando à beira do viveiro de enguias saíam da beira-mar, atravessavam os terraços, passavam por cima da piscina e entravam na casa silenciosa onde as mulheres se escondiam.

Corelia Ampliata tinha corrido para o seu quarto, atirara-se sobre o colchão e puxara o travesseiro para cima da cabeça, mas não havia como escapar do som. Ao contrário do pai, ela sabia o nome do escravo — Hipponax, um grego -e também o nome da mãe dele, Atia, que trabalhava nas cozinhas e cujas lamentações, uma vez começadas, eram ainda mais terríveis do que as dele. Incapaz de suportar os gritos por mais do que uns poucos momentos, ela tornou a levantar-se de um salto e correu pela casa deserta para procurar a mulher que gritava e que estava arriada contra uma coluna no jardim enclausurado.

Ao ver Corelia, Atia agarrou-se à barra do vestido da jovem patroa e começou a chorar para os pés calçados em sandálias, repetindo sem parar que seu filho era inocente, que ele gritara para ela enquanto estava sendo levado embora -foi a água, a água, havia algo de errado com a água.

Por que ninguém lhe dava ouvidos? Corelia acariciou os cabelos grisalhos de Atia e tentou emitir os sons tranquilizadores que

lhes eram possíveis. Restava-lhes pouco mais a fazer. Era inútil apelar ao pai por clemência — ela sabia disso. Ele não dava ouvidos a ninguém, muito menos a uma mulher, e, menos que todas as mulheres, à sua filha, de quem esperava uma obediência indiscutível — uma intervenção da parte dela só iria tornar duplamente certa a morte do escravo. Aos apelos de Atia, ela só podia responder que não havia nada que ela pudesse fazer.

Ao ouvir aquilo, a senhora idosa — na verdade, ela estava na casa dos quarenta, mas Corelia achava que a idade dos escravos era como a idade dos cachorros e Atia parecia ter, no mínimo, sessenta anos — de repente afastou-se e secou os olhos com um gesto ríspido do braço.

— Eu tenho de procurar ajuda.

— Atia, Atia — disse Corelia, delicada — quem irá ajudá-la? — Ele gritou pedindo o aguadeiro. A senhora não ouviu? Eu vou buscar o aguadeiro.

— E onde ele está?

— Deve estar no aqueduto no sopé da montanha, onde trabalham os homens que cuidam do abastecimento.

Atia agora estava de pé, tremendo mas decidida, olhando à sua volta com ar alucinado. Os olhos estavam vermelhos, o vestido e os cabelos desordenados. Ela parecia uma louca e Corelia viu logo que ninguém prestaria atenção alguma a ela. Iriam rir dela ou obrigá-la a ir embora à custa de pedradas.

— Eu vou com você. — Enquanto um outro grito terrível veio da beira-mar, Corelia ergueu as saias com uma das mãos, agarrou o pulso da velha senhora com a outra e, juntas, saíram correndo pelo jardim, passaram pelo banco vazio do porteiro, saíram pela porta lateral para o estonteante calor da estrada pública.

O término do Aqua Augusta era um enorme reservatório subterrâneo, a algumas centenas de passos ao sul da Villa Hortênsia, escavado no declive que dava para o porto e conhecido, desde tempos imemoriais, como Piscina Mirabilis — Piscina dos Milagres.

Visto do lado de fora, não havia nada de especialmente maravilhoso em relação a ele, e a maioria dos cidadãos de Miseno

passava por ele sem um segundo olhar. Na superfície, ele parecia um prédio baixo, de telhado plano, de tijolo vermelho, festonado com hera verde pálida, com um comprimento equivalente a um quarteirão da cidade e uma largura de meio quarteirão, cercado por lojas e almoxarifados, bares e apartamentos, escondido nas poeirentas ruelas acima da base naval.

Só à noite, quando o ruído do tráfego e os gritos dos mercadores silenciavam, era possível ouvir o grave e subterrâneo trovejar da água caindo, e só se se fosse ao pátio, destrancasse a estreita porta de madeira e descesse uns poucos degraus para chegar à Piscina propriamente dita era possível apreciar a plena glória do reservatório. O teto abobadado era sustentado por 48 pilares, cada um com mais de 15 metros de altura — embora a maior parte deles ficasse submersa pelas águas do reservatório — e o eco do aqueduto martelando na superfície era suficiente para abalar a pessoa até os ossos.

O engenheiro podia ficar ali parado, ouvidos atentos e perdido em pensamentos durante horas.

A percussão do Augusta soava em seus ouvidos não como um surdo e contínuo rugir, mas como as notas de um gigantesco órgão hidráulico: a música da civilização. Havia condutos de ar no teto da Piscina e à tarde, quando o vapor de espuma saltava à luz do sol e os arco-íris dançavam entre os pilares — ou à noite, quando ele fechava tudo até o dia seguinte, e a chama de sua tocha brilhava pela suave superfície preta como ouro despejado sobre ébano — naqueles momentos ele se sentia como se não estivesse no reservatório, mas num templo dedicado ao único deus em quem valia a pena acreditar.

O primeiro impulso de Attilius ao descer das montanhas e entrar no pátio no fim daquela tarde foi verificar o nível do reservatório. Aquilo tornara-se uma obsessão. Mas, quando tentou abrir a porta, viu que ela estava trancada e lembrou-se de que Corax estivera com a chave pendurada no cinto. Attilius estava tão cansado que, pela primeira vez, não pensou mais no assunto. Ele ouvia o rugir distante do Augusta — o aqueduto estava trabalhando: isso era tudo que importava — e mais tarde, quando se pôs a analisar seus

atos, chegou à conclusão de que não podia recriminar-se por qualquer negligência no cumprimento do dever. Não havia nada que ele pudesse ter feito. Os fatos teriam acontecido de forma diferente para ele pessoalmente, era verdade — mas aquilo praticamente não tinha importância no contexto maior da crise.

Por isso ele se afastou da Piscina e correu os olhos pelo pátio deserto. Na noite anterior ele mandara que o espaço fosse varrido enquanto ele estava ausente, e ficou contente ao ver que aquilo tinha sido feito. Para ele havia algo de reconfortante num pátio bem-arrumado. As pilhas bem feitas de folhas de chumbo, as ânforas de cal, os sacos de puteolano, os canos avermelhados de terracota — aquelas eram as visões que ele tinha na infância. Os odores, também — a acidez da cal; a poeira do barro cozido deixado o dia inteiro ao sol.

Ele entrou nos almoxarifados, largou os instrumentos no chão de terra e rodou o ombro que doía, depois enxugou o rosto na manga da túnica e tornou a entrar no pátio, no exato momento em que os outros chegaram marchando. Eles foram direto para o bebedouro sem se preocupar em cumprimentá-lo, revezando-se em beber a água e molhar a cabeça e o corpo — Corax, depois Musa e depois Becco. Os dois escravos agacharam-se, pacientes, na sombra, esperando até que os homens livres tivessem terminado. Attilius sabia que ele perdera prestígio durante os trabalhos do dia. Mesmo assim, poderia viver com a hostilidade deles. Ele já vivera com coisas piores.

Gritou para Corax que os homens podiam encerrar o expediente, foi recompensado com uma mesura gozadora e depois começou a subir a estreita escada de madeira para os aposentos onde morava.

O pátio era um quadrângulo. O lado norte era ocupado pela parede da Piscina Mirabilis. A oeste e ao sul ficavam os almoxarifados e os escritórios administrativos do aqueduto. A leste havia as instalações para moradia: um acampamento para os escravos no térreo e um apartamento para o aguadeiro acima dele. Corax e os outros homens livres moravam na cidade com suas famílias.

Attilius, que deixara a mãe e a irmã em Roma, pensava que no devido tempo talvez as transferisse para Miseno também e alugasse uma casa, da qual a mãe poderia cuidar. Mas por enquanto ele dormia no apertado cômodo de solteiro do seu predecessor, Exomnius, cujos poucos pertences ele levava para o pequeno quarto vazio que ficava no fim do corredor.

O que teria acontecido a Exomnius? Naturalmente, aquela fora a primeira pergunta de Attilius quando chegara ao porto. Mas ninguém tivera uma resposta ou, se tinha, não estava disposto a passá-la a ele. Suas perguntas foram recebidas com um silêncio carrancudo.

Parecia que o velho Exomnius, um siciliano que dirigira o Augusta por quase vinte anos, simplesmente saíra a pé uma certa manhã havia mais de duas semanas e desde então nunca se tivera notícia dele.

Normalmente, o departamento do Curator Aquarum, em Roma, que administrava os aquedutos na primeira e na segunda regiões (Lácio e Campânia) teria estado disposto a deixar as coisas como estavam durante algum tempo. Graças à seca, no entanto, e à importância estratégica do Augusta, e ao fato de que o Senado havia interrompido os trabalhos para o recesso de verão na terceira semana de julho e metade de seus membros estava em suas casas de férias em torno da baía, tinha sido considerado prudente enviar um substituto imediato. Attilius recebera a convocação nos idos de agosto, ao anoitecer, justamente quando terminava um trabalho rotineiro de manutenção no Anio Novus. Levado à presença do Curator Aquarum, Acilius Aviola, na sua residência oficial no monte Palatino, ofereceram-lhe o cargo. Attilius era inteligente, ativo, dedicado — o senador sabia como lisonjear um homem quando queria alguma coisa — sem mulher ou filhos para prendê-lo a Roma. Será que ele poderia partir no dia seguinte? E, claro, Attilius aceitara na hora, porque aquilo era uma grande oportunidade de progredir na carreira.

Despedira-se da família e pegara a barca diária que saía de Óstia.

Ele começara a escrever uma carta para elas. A carta estava na mesinha ao lado da dura cama de madeira. Ele não era muito bom de cartas. Informação rotineira — cheguei, a viagem foi boa, está fazendo muito calor— escrita na sua caligrafia de estudante, era o melhor que ele conseguia.

Aquilo não dava sinal algum do torvelinho que ele sentia no íntimo: o forte senso de responsabilidade, os temores quanto à escassez de água, o isolamento do cargo. Mas elas eram mulheres — o que sabiam? — e, além do mais, ele fora ensinado a viver a vida de acordo com a escola estoica: não perder tempo com bobagens, fazer o serviço sem reclamar, ser o mesmo em todas as circunstâncias — dor intensa, tristeza, doença — e manter o estilo de vida simples: a cama de campanha e a capa.

Ele sentou-se na beira do colchão. Seu escravo particular, Phylo, preparara um jarro de água e uma bacia, algumas frutas, um pão, uma garrafa de vinho e uma fatia de queijo branco, duro.

Attilius lavou-se cuidadosamente, comeu tudo, misturou um pouco de vinho na água e bebeu.

Depois, exausto até mesmo para tirar os sapatos e a túnica, deitou-se na cama, fechou os olhos e caiu logo naquela região entre adormecido e acordado que sua falecida mulher percorria sem parar, a voz chamando por ele — implorando, urgente: "Aguadeiro! Aguadeiro!" A mulher dele tinha apenas 22 anos quando ele viu seu corpo destinado às chamas da pira funerária. Aquela mulher era mais jovem — talvez 18. Ainda assim, na garota que estava no pátio havia o suficiente do sonho que não lhe saía da cabeça e o suficiente de Sabina que fez com que o coração dele desse um pulo. O mesmo tom escuro dos cabelos. A mesma brancura da pele. A mesma voluptuosidade do corpo. Ela estava em pé embaixo da janela dele e gritando.

— Aguadeiro!

O som de vozes em tom alto atraía alguns dos homens que estavam nas sombras e, quando ele chegou à base da escada, eles tinham formado um semicírculo em torno dela. Ela vestia uma túnica branca solta, bem aberta na altura do pescoço e mangas — um vestido para ser usado na intimidade, que mostrava um pouco mais

da leitosa gordura dos desnudos braços e seios brancos do que uma mulher de respeito teria arriscado exhibir em público. Ele percebeu, agora, que ela não estava sozinha. Uma escrava a acompanhava - uma mulher idosa, magra, tremendo, cujos finos cabelos grisalhos estavam metade presos no alto e metade caídos pelas costas.

A jovem estava ofegante, balbuciando — algo a respeito de tainhas vermelhas que tinham morrido naquela tarde nos viveiros do pai, de veneno na água, de um homem que estava sendo jogado ao mar para ser comido pelas enguias e que Attilius tinha de ir imediatamente.

Era difícil entender todas as palavras que ela dizia.

Ele ergueu a mão para interrompê-la e perguntou o nome dela.

— Eu sou Corelia Ampliata, filha de Numerius Popidius Ampliatus, da Villa Hortênsia. — Ela anunciou-se com impaciência e, diante da menção do pai dela, Attilius percebeu que Corax e alguns dos homens se entreolharam. — O senhor é o aguadeiro?

— O aguadeiro não está aqui — disse Corax.

O engenheiro fez um gesto para que ele se afastasse.

— Eu sou o encarregado do aqueduto, sim.

— Neste caso, venha comigo.

Ela começou a caminhar em direção à porta e pareceu surpresa quando Attilius não a seguiu de imediato. Os homens, agora, começavam a rir dela. Musa fez uma imitação dos quadris dela, que oscilavam, erguendo a cabeça com ar majestoso: — Oh, aguadeiro, venha comigo!...

Ela voltou-se, lágrimas de frustração brilhando nos olhos.

— Corelia Ampliata — disse Attilius com paciência e sem grosseria — eu posso não ter recursos para comer tainha vermelha, mas acredito que sejam peixes de água salgada. E eu não tenho responsabilidade alguma pelo mar.

Corax sorriu e apontou.

— Você ouviu isso? Ela pensa que você é Netuno!

Ouviram-se mais gargalhadas. Com rispidez, Attilius mandou que se calassem.

— Meu pai está executando um homem. O escravo gritava pedindo a presença do aguadeiro. Isso é tudo o que eu sei. O senhor é a única esperança dele. Vai vir ou não?

— Espere — disse Attilius. Ele fez um gesto com a cabeça em direção à mulher mais velha, que chorava e pressionava o rosto contra as mãos, a cabeça baixa.

— Quem é ela?

— É a mãe dele.

Os homens, agora, ficaram quietos.

— Está entendendo? — Corelia estendeu a mão e tocou o braço dele. — Venha — disse ela, baixinho.

— Por favor.

— Seu pai sabe onde a senhora está?

— Não.

— Não se meta — disse Corax. — Este é o meu conselho.

E um conselho sábio, pensou Attilius, porque se alguém fosse interferir todas as vezes que ouvisse falar que um escravo estava sendo tratado com crueldade, esse alguém não teria tempo para comer ou dormir. Um viveiro de água salgada cheio de tainhas mortas? Aquilo nada tinha a ver com ele. Attilius olhou para Corelia. Mas, se o pobre miserável estava mesmo pedindo que o chamassem...

Presságios, augúrios, prenúncios...

Vapor que se agitava como uma linha de pesca. Fontes que recuavam para dentro da terra.

Um aguadeiro que desaparecera no ar quente. Nas encostas inferiores do monte Vesúvio, que eram usadas como pasto, pastores tinham comunicado a visão de gigantes. Em Herculano, segundo os homens, uma mulher dera à luz um filho com barbatanas em lugar de pés. E agora todo um viveiro de tainhas vermelhas morrera em Miseno, no espaço de uma única tarde, sem causa aparente.

Era preciso tirar daquilo a conclusão que lhe fosse possível.

Ele coçou a orelha.

— A que distância fica sua casa?

— Por favor. Umas centenas de passos. Isso não é distância.

Ela puxou o braço dele, que se deixou ser puxado. Corelia Ampliata não era uma mulher a que se pudesse resistir com facilidade. Para uma mulher de sua idade e classe, nada havia de seguro andar pelas ruas de uma cidade marítima. Por cima do ombro, ele gritou para que Corax o seguisse, mas Corax deu de ombros.

— Não interfira — repetiu ele, e então Attilius, quase antes de perceber o que se passava, saía para a rua e não via mais os outros.

Era aquela parte do dia, mais ou menos uma hora antes do crepúsculo, em que o povo do Mediterrâneo começa a sair de casa. Não que a cidade tivesse perdido muito do seu calor. As pedras pareciam tijolos saídos do forno. Mulheres idosas sentavam-se em bancos ao lado dos alpendres, abanando-se, enquanto os homens ficavam nos bares, bebendo e conversando.

Dálmatas com barbas espessas, egípcios com brincos de ouro, alemães ruivos, gregos e cilícios com pele cor de oliva, núbios muito musculosos, pretos como carvão e olhos injetados de tanto vinho — homens de todos os países do império, todos desesperados, ou ambiciosos, ou bobos o bastante para estarem dispostos a trocar vinte anos de vida nos remos pela cidadania romana.

De algum ponto lá na cidade, perto do cais do porto, vieram as notas sibilantes de um órgão hidráulico.

Corelia subia os degraus com rapidez, as saias erguidas por uma das mãos, as sandálias macias e mudas na pedra, a escrava correndo na frente. Attilius seguia atrás, a passos largos.

— "Umas centenas de passos" — murmurou ele consigo mesmo. — "Isso não é distância." Está certo, mas cada passo é subida! — A camisa dele estava colada às costas, de tanto suor.

Por fim, chegaram a um terreno plano, e à frente deles estava um longo muro alto, de cor parda, com uma porta em arco, tendo em cima dois golfinhos de ferro batido saltando para trocar um beijo. As mulheres passaram às pressas pela entrada desguarnecida e Attilius, depois de correr o olhar à sua volta, foi atrás — mergulhando imediatamente de uma barulhenta e poeirenta realidade para um silencioso mundo azul que lhe tirou a respiração.

Turquesa, lápis-lazúli, índigo, safira — todos os tons de azul das joias que a Mãe Natureza já nos deu — erguiam-se em camadas diante dele, de baixios cristalinos a águas profundas, a um horizonte nítido, ao céu. A própria vila espalhava-se lá embaixo em terraços, os fundos para a montanha, a frente para a baía, construída unicamente para aquele sublime panorama.

Atracado num píer havia um cruzador de luxo, de vinte remos, pintado de vermelho e dourado, com um convés atapetado para combinar.

Attilius teve pouco tempo para registrar muita coisa mais, além daquele azul engolfante, antes de partirem de novo, Corelia agora à frente, conduzindo-o para baixo, passando por estátuas, fontes, gramados regados, atravessando um piso de mosaico colocado com um desenho de criaturas marinhas e saindo para um terraço com uma piscina, também azul, cercado de mármore, projetando-se para o mar. Uma bola inflável girava delicadamente contra as paredes azulejadas, como se abandonada na metade do jogo. De repente ele percebeu o quanto a imponente casa parecia vazia e, quando Corelia gesticulou para a balaustrada e ele colocou cuidadosamente as mãos no parapeito de pedra e debruçou-se, viu o motivo. A maioria dos moradores na casa estava reunida ao longo da costa.

Demorou um pouco para que sua mente reunisse todos os elementos da cena. O cenário era um viveiro de peixes, como ele esperava que fosse, mas muito maior do que imaginara — e antigo, a julgar pela aparência, presumivelmente construído nos decadentes últimos anos da República, quando criar peixes se tornara moda — uma série de paredes de concreto, projetando-se das rochas, cercando viveiros retangulares. Peixes mortos manchavam a superfície de um deles. Em torno do mais distante, um grupo de homens olhava fixo para alguma coisa na água, um objeto que um deles cutucava com um bicheiro — Attilius teve de proteger os olhos para conseguir distingui-los — e enquanto os estudava mais detalhadamente, sentiu o estômago ficar vazio.

Aquilo o fazia lembrar-se do momento da morte no anfiteatro — o silêncio dele — a erótica cumplicidade entre multidão e vítima.

Atrás dele, a mulher idosa começou a fazer um barulho — um suave ulular de dor e desespero.

Ele deu um passo atrás e voltou-se para Corelia, abanando a cabeça. Ele queria fugir daquele lugar. Ansiava por voltar às decentes e simples praticidades de sua profissão.

Ali, nada havia que ele pudesse fazer.

Mas ela estava no meio do seu caminho, parada muito perto dele.

— Por favor — disse Corelia. — Ajude-a.

Os olhos dela eram azuis, mais azuis até do que os de Sabina. Ele hesitou, apertou o maxilar e depois virou-se e, relutante, tornou a olhar para o mar. Forçou o olhar a descer do horizonte.

Contornando deliberadamente o que acontecia no viveiro, deixou-o seguir de volta para a costa, tentou analisar o conjunto todo com um olho profissional. Viu portas de eclusa de madeira. Alças de ferro para levantá-las. Trelças de metal sobre alguns dos viveiros para evitar que os peixes fugissem. Passadiços. Canos.

Canos.

Ele fez uma pausa e depois tornou a girar o corpo para olhar a encosta com os olhos semicerrados. O subir e baixar das ondas passava pelas trelças de metal, instaladas nos lados de concreto dos viveiros de peixes, abaixo da superfície, para evitar que os tanques ficassem estagnados. Tudo isso ele sabia. Mas canos? Ele inclinou a cabeça, começando a compreender — os canos deviam levar água doce da terra acima para misturar-se com a água do mar e torná-la salobra. Como numa lagoa. Uma lagoa artificial. As condições perfeitas • • T-' • • r 1 • • 1 para criar peixes. E o peixe mais sensível para se criar, um acepipe reservado só para os muito ricos, era a tainha vermelha.

— Onde o aqueduto se liga à casa? — perguntou ele, baixinho. Corelia abanou a cabeça.

— Eu não sei.

Teria de ser enorme, pensou ele. Um lugar deste tamanho...

Ele se ajoelhou ao lado da piscina, colheu com a mão em forma de cuia um pouco da água morna, provou-a franzindo o cenho, girou-a dentro da boca como um conhecedor de vinho.

Estava limpa, até onde ele podia julgar. Mas aquilo poderia não significar coisa alguma. Ele tentou lembrar-se de quando verificara pela última vez o fluxo do aqueduto. Desde a noite anterior, antes de se deitar.

— A que horas os peixes morreram?

Corelia olhou para a escrava, mas ela estava fora do mundo deles.

— Eu não sei. Talvez há duas horas? Duas horas! Ele saltou por cima da balaustrada para o terraço inferior e começou a seguir a passos largos para a costa.

A beira d'água, o divertimento não havia correspondido às expectativas. Mas, hoje, o que correspondia? Ampliatus sentia, cada vez mais, que atingira um determinado ponto — idade, talvez, ou riqueza? — quando a provocação da expectativa era invariavelmente mais saborosa do que o vazio do alívio. A voz da vítima grita, o sangue jorra e depois — o quê? Apenas mais uma morte. A melhor parte tinha sido o começo: os lentos preparativos, seguidos pelo longo período no qual o escravo apenas flutuara, o rosto logo acima da superfície — muito quieto agora, não querendo chamar atenção alguma do que havia abaixo dele, concentrando-se, boiando. Divertido. Mesmo assim, o tempo se arrastara no calor e Ampliatus começara a pensar que toda aquela história com as enguias estava supervalorizada e que Veditus Pollio não estava tão na moda quanto ele imaginara. Mas não: sempre se podia contar com a aristocracia! Justamente quando ele se preparava para abandonar o espetáculo, a água começou a se mexer e então — plop! — o rosto desapareceu, como a boia de linha de um pescador, para surgir de novo por um instante, exibindo uma expressão de cômica surpresa e depois desaparecendo por completo. Aquela expressão, pensando bem, tinha sido o clímax. Depois dela, tudo ficara muito chato e incômodo de assistir sob o calor do sol da tarde que mergulhava.

Ampliatus tirou o chapéu de palha, abanou o rosto, voltou-se para olhar o filho. Celsinus, a princípio, parecia estar olhando fixo para a frente, mas quando se olhava outra vez via-se que seus olhos estavam fechados, o que era uma característica do garoto. Ele sempre parecia estar fazendo o que se queria. Mas depois percebia-

se que estava apenas obedecendo mecanicamente, com o corpo: a atenção dele estava em outro lugar qualquer.

Ampliatus deu-lhe uma cutucada nas costelas com o dedo e os olhos de Celsinus abriram-se de um salto.

O que lhe passava pela cabeça? Alguma bobagem oriental, talvez. Ampliatus culpava a si mesmo. Quando o menino tinha seis anos — isto fora há doze anos — Ampliatus construíra um templo em Pompeia, por sua conta, dedicado ao r culto de Ísis. Como escravo, ele não teria sido estimulado a construir um templo para Júpiter, o Melhor e o Maior, ou para a Mãe Vênus, ou para r qualquer uma das outras sagradas divindades guardiãs. Mas Ísis era egípcia, uma deusa adequada para mulheres, cabeleireiros, atores, fabricantes de perfumes e semelhantes. Ele dedicara o prédio em nome de Celsinus, com o objetivo de conseguir que o menino acabasse membro do conselho governante de Pompeia. E dera certo. O que ele não tinha previsto era que Celsinus levasse o caso a sério. Mas levara, e sem dúvida era sobre isso que ele devia estar matutando agora — sobre Osíris, o Deus Sol, marido de Ísis, que é morto todas as noites ao pôr do sol pelo irmão traiçoeiro, Set, o que trazia a escuridão. E sobre o fato de que todos os homens, ao morrerem, são julgados pelo soberano do Reino dos Mortos e, se considerados merecedores, recebem a vida eterna, para nascerem outra vez de manhã como Horus, herdeiro de Osíris, o vingador sol novo, que traz a luz. Será que Celsinus acreditava mesmo em toda essa conversa fiada própria de meninas? Será que pensava mesmo que aquele escravo meio comido, por exemplo, poderia voltar da morte ao anoitecer para exercer sua vingança ao amanhecer? Ampliatus estava se virando para perguntar a ele exatamente isso quando teve a atenção distraída por um grito atrás de si. Houve uma agitação entre os escravos reunidos e Ampliatus girou mais o corpo na cadeira. Um homem que ele não reconheceu descia os degraus vindo da vila, agitando os braços acima da cabeça e berrando.

Os princípios da engenharia eram simples, universais, impessoais — em Roma, na Gália, em Campânia — e era do que Attilius gostava em relação a eles. Enquanto corria, imaginava o que não podia ver. A principal linha do aqueduto devia ficar naquela

montanha atrás da vila, enterrada cerca de 91 centímetros abaixo da superfície, correndo num eixo norte-sul, de Baía para a Piscina Mirabilis. E era quase certo que quem quer que fosse o dono da vila quando o Aqua Augusta foi construído, há mais de um século, devia ter instalado dois ramais saindo dele.

Um iria desembocar numa grande cisterna para abastecer a casa, a piscina, as fontes do jardim: se houvesse contaminação na matriz, poderia levar um dia inteiro para ela passar pelo sistema, dependendo do tamanho do tanque. Mas o outro ramal iria canalizar uma parte da água do Augusta diretamente para os viveiros de peixes, para passar pelos vários reservatórios: qualquer problema com o aqueduto, o impacto ali seria imediato.

Diante de Attilius, o quadro da execução começava a assumir uma imagem igualmente clara: o chefe da casa — Ampliatus, pelo que se presumia — erguendo-se perplexo de sua cadeira, os espectadores agora de costas para o viveiro, todos os olhos fixos nele enquanto ele descia correndo o último lance de degraus. Ele correu para a passagem de concreto do viveiro, reduzindo a velocidade enquanto se aproximava de Ampliatus, mas sem parar.

— Tirem-no de lá! — gritou ele enquanto passava por Ampliatus correndo. Ampliatus, o magro rosto lívido, gritou alguma coisa e Attilius se voltou, ainda correndo, agora trotando para trás, erguendo as mãos espalmadas: — Por favor. Tirem-no de lá.

A boca de Ampliatus abriu-se de pasmo, mas aí, ainda olhando atentamente para Attilius, ele ergueu lentamente a mão — um gesto enigmático que, mesmo assim, iniciou uma cadeia de atividades, como se todos estivessem esperando exatamente por um sinal daqueles. O administrador da casa levou dois dedos à boca e assobiou para o escravo que segurava o bicheiro e fez um movimento com a mão para cima, diante do que o escravo girou o corpo e lançou a ponta da vara na direção da superfície do viveiro de enguias, pegou alguma coisa e começou a arrastá-la para dentro.

Attilius estava quase chegando aos canos. De perto, eles eram maiores do que tinham parecido vistos do terraço. Terracota. Dois. Mais de trinta centímetros de diâmetro. Eles surgiam da encosta, cruzavam a rampa juntos, separavam-se à beira da água e então

corriam em direções opostas ao longo do lado do viveiro de peixes. Uma tosca placa de inspeção estava encaixada em cada um — um pedaço de cano solto, de sessenta centímetros de comprimento, cortado na diagonal — e, ao aproximar-se delas, ele viu que uma delas tinha sido mexida e não fora recolocada direito. Um formão jazia perto, como se quem o estivesse usando tivesse sido perturbado.

Attilius se ajoelhou e enfiou a ferramenta na abertura, mexendo-a para cima e para baixo, até que ela penetrou a maior parte, depois torceu-a, a fim de que a borda chata lhe desse espaço suficiente para meter os dedos por baixo da tampa e tirá-la. Ele a ergueu e empurrou-a, sem se importar com a força com que ela caiu. Seu rosto estava diretamente em cima da água corrente e ele sentiu logo o cheiro. Liberado do espaço contido do cano, o cheiro era forte o bastante para fazê-lo ter ânsia de vômito. Um cheiro inconfundível de podridão. De ovos podres.

O hálito do Inferno.

Enxofre.

O escravo estava morto. Isso era óbvio, mesmo de longe. Attilius, acorocado ao lado do cano aberto, viu os restos retirados do viveiro de enguias e cobertos por um saco.

Viu a plateia dispersar-se e começar a andar de volta para a vila, ao mesmo tempo em que a escrava de cabelos grisalhos abria caminho entre eles, seguindo na direção oposta, descendo para o mar. Os outros evitavam olhar para ela, deixaram um espaço em torno dela, como se ela tivesse alguma doença virulenta. Quando chegou perto do morto, ela ergueu as mãos para o céu e começou a oscilar, em silêncio, de um lado para outro. Ampliatus não notou a presença dela.

Ele estava seguindo, decidido, em direção a Attilius. Corelia seguia atrás dele e de um jovem que se parecia muito com ela — irmão dela, presumivelmente — e alguns outros. Dois dos homens tinham facas na cintura.

O engenheiro voltou a atenção para a água. Seria imaginação ou a pressão estava diminuindo? O cheiro, sem dúvida, estava muito menos óbvio agora que a superfície estava aberta. Ele mergulhou as

mãos na corrente, de cenho franzido, tentando calcular a força enquanto ela se contorcia e flexionava embaixo de seus dedos, como um músculo, uma coisa viva. Certa vez, quando era menino, ele vira um elefante ser morto nos Jogos — caçado por arqueiros e por lanceiros vestindo peles de leopardo. Mas do que ele mais se lembrava não era da caçada, e sim da maneira de o treinador, que presumivelmente acompanhara o gigantesco animal desde a África, agachar-se ao lado do ouvido do elefante enquanto este morria na poeira, sussurrando alguma coisa para ele. Era assim que Attilius se sentia agora.

O aqueduto, o imenso Aqua Augusta, parecia estar morrendo em suas mãos.

— Você está na minha propriedade — disse uma voz.

Ele ergueu os olhos e viu Ampliatus olhando para ele. O dono da vila estava no meio da casa dos cinquenta anos. Baixo, mas de ombros largos e poderoso.

— Minha propriedade — repetiu Ampliatus.

— Sua propriedade, sim. Mas água do imperador.

Attilius levantou-se, enxugando as mãos na túnica. O desperdício de tamanha quantidade do precioso líquido, em meio a uma seca, para paparicar os peixes de um homem rico, o deixava irritado.

— O senhor precisa fechar as eclusas que dão para o aqueduto. Há enxofre na matriz e a tainha vermelha abomina todo tipo de impureza. Foi isso — ele enfatizou a palavra — que matou seus preciosos peixes.

Ampliatus inclinou ligeiramente a cabeça para trás, absorvendo o insulto. Ele tinha um rosto bem feito, bonito. Os olhos tinham o mesmo tom de azul dos de sua filha.

— E quem é você, exatamente?

— Marcus Attilius. Aguadeiro do Aqua Augusta.

— Attilius? — O milionário franziu o cenho. — O que houve com o Exomnius?

— Quem dera eu soubesse.

— Mas sem dúvida o Exomnius ainda é o aguadeiro?

— Não. Como eu disse, agora eu sou o aguadeiro.

O engenheiro não estava com disposição alguma de apresentar seus respeitos. Desprezível, estúpido, cruel — talvez numa outra ocasião ele fosse ter o prazer de cumprimentá-lo, mas no momento ele não tinha tempo.

— Eu tenho de voltar para Miseno. Temos uma emergência no aqueduto.

— Que tipo de emergência? Será um presságio?

— Pode ser que seja.

Ele fez menção de se retirar, mas Ampliatus deslocou-se rápido para o lado, bloqueando-lhe o caminho.

— Você me insulta — disse ele. — Na minha propriedade. Diante da minha família. E agora tenta se retirar sem me pedir desculpas?

Ele aproximou tanto o rosto do de Attilius que o engenheiro viu o suor brotando acima da linha dos cabelos que escasseavam.

— Quem lhe deu permissão para vir aqui?

— Se, de alguma maneira, eu o ofendi... — começou Attilius. Mas lembrou-se do infeliz em sua mortalha de saco e o pedido de desculpas engasgou-se na garganta. — Saia da minha frente.

Tentou forçar a passagem, mas Ampliatus agarrou-lhe o braço e alguém sacou uma faca. Um outro instante, percebeu ele — um simples golpe — e estaria tudo acabado.

— Ele veio por minha causa, meu pai. Eu o convidei.

— O quê? — Ampliatus girou o corpo para ficar de frente para Corelia. O que ele poderia ter feito, se teria batido nela, Attilius jamais saberia, porque naquele instante começou uma gritaria terrível.

Avançando pela rampa vinha a mulher de cabelos grisalhos. Ela manchara o rosto, os braços e o vestido com o sangue do filho e a mão apontava para a frente, o polegar e o mindinho dos ossudos dedos pardos rigidamente estendidos. Ela gritava numa língua que Attilius não compreendia. Mas não precisava entender: uma maldição é uma maldição em qualquer língua, e aquela era dirigida diretamente a Ampliatus.

Ele soltou o braço de Attilius e voltou-se para encará-la, absorvendo toda a força da maldição com uma expressão de

indiferença. E então, quando a torrente de palavras começou a diminuir, ele riu. Por um instante, fez-se silêncio, e depois os outros começaram a rir também. Attilius olhou para Corelia, que fez um aceno quase imperceptível com a cabeça e mexeu os olhos na direção da vila — vai ficar tudo bem, parecia estar dizendo, vá embora — e aquilo foi a última coisa que ele viu ou ouviu, enquanto girava, dando as costas para a cena, e começava a subir a trilha até a casa — dois, três degraus de cada vez — correndo com pernas de chumbo, como um homem que foge num sonho.

HORA DUODECIMA



18h48

"Imediatamente antes de uma erupção, pode haver um forte aumento nas relações S/C, S/Cl, bem como na quantidade total de HC1 SO-CO-I... Um forte aumento nas proporções dos componentes da manta é muitas vezes um sinal de que o magma aumentou num vulcão adormecido e que se pode esperar uma erupção."

VOLCANOLOGY (segunda edição)

Um aqueduto era uma obra do homem, mas obedecia às leis da natureza. Os engenheiros podem encurralar uma nascente e desviá-la de seu curso pretendido, mas, uma vez tenha começado a fluir, ela corre, inelutável, sem remorsos, a uma velocidade média de quatro quilômetros por hora, e Attilius não tinha como evitar que ela poluísse a água de Miseno.

Ele ainda tinha uma leve esperança: de que, de alguma maneira, o enxofre estivesse confinado à Villa Hortênsia; de que o vazamento estivesse no encanamento embaixo da casa; e de que a

propriedade de Ampliatus fosse apenas uma bolsa isolada de impureza na bela curva da baía.

A esperança durou só o tempo que ele levou para descer correndo a montanha para a Piscina Mirabilis, arrancar Corax do alojamento, onde ele estava jogando uma partida de dados com Musa e Becco, para explicar o que tinha acontecido e esperar, impaciente, que o supervisor destrancasse a porta do reservatório — momento em que ela se evaporou por completo, levada pelo mesmo cheiro fétido que ele detectara no cano no viveiro de peixes.

— Hálito de cachorro! — Corax soprou forte, de nojo. — Isso deve estar se acumulando há horas.

— Duas horas.

— Duas horas? — O supervisor não conseguia disfarçar bem a satisfação. — Quando você nos levou lá para as montanhas naquela missão infrutífera? Attilius desceu alguns degraus, as costas da mão apertando-lhe o nariz. A luz desaparecia.

Fora do alcance da vista, além dos pilares, ele podia ouvir o aqueduto despejando-se para dentro do reservatório, mas com nada parecido com a sua força percussiva normal. Era como ele suspeitara no viveiro dos peixes: a pressão estava caindo, e depressa.

Gritou para o escravo grego, Polites, que estava aguardando no alto da escada, e disse que precisava que lhe trouxessem algumas coisas — uma tocha, uma planta da linha principal do aqueduto e uma das garrafas com tampa, do almoxarifado, que eles usavam para tirar amostras da água. Obediente, Polites saiu às pressas e Attilius olhou para o escuro, satisfeito com o fato de o supervisor não poder ver sua expressão, porque um homem era o seu rosto; o rosto o homem.

— Há quanto tempo você trabalha no Augusta, Corax?

— Vinte anos.

— Alguma coisa parecida com isso já aconteceu antes?

— Nunca. Você trouxe azar a todos nós.

Mantendo uma das mãos no muro, Attilius desceu com cautela os degraus que restavam para a borda do reservatório. O barulho da água caindo da boca do Augusta, o cheiro e a melancólica luz da última hora do dia fizeram com que ele se sentisse como se

estivesse descendo ao inferno. Havia até um barco a remo atracado a seus pés: um transporte adequado para levá-lo para o outro lado do Estige.

Ele tentou transformar aquilo numa piada, para disfarçar o pânico que sentia.

— Você pode ser o meu Charon — disse ele a Corax —, mas eu não tenho uma moeda com que lhe pagar.

— Pois então... você está condenado a perambular para sempre no inferno.

Foi engraçado. Attilius bateu com o punho no peito, seu hábito quando raciocinava, e depois gritou para cima, em direção ao pátio.

— Polites! Ande logo!

— Estou indo, aguadeiro!

A magra silhueta do escravo apareceu na porta, segurando um círio e uma tocha. Ele desceu correndo e entregou-os a Attilius, que encostou a ponta que brilhava na massa de estopa e piche. A massa emitiu um som e uma lufada de calor oleoso ao pegar fogo. A sombra dele dançou nos muros de concreto. Attilius entrou no barco com cuidado, segurando a tocha no alto, e depois voltou-se para pegar as plantas, que estavam enroladas, e a garrafa de vidro. O barco era leve e de fundo chato, usado para o serviço de manutenção no reservatório; quando Corax entrou nele, ele afundou mais na água.

Tenho de lutar contra o meu pânico, pensou Attilius. Tenho de manter o comando.

— Se isso tivesse acontecido quando Exomnius estava aqui, o que ele teria feito?

— Não sei. Mas uma coisa eu lhe digo. Ele conhecia esta água melhor do que qualquer outro homem vivo. Ele teria percebido que isso iria acontecer.

— Talvez tenha percebido e seja este o motivo de ter fugido.

— O Exomnius não era covarde. Ele não fugiu.

— Então, onde está ele, Corax?

— Eu já lhe disse, bonitinho, uma centena de vezes: eu não sei.

O supervisor inclinou-se, soltou a corda do aro de atracação e empurrou, afastando-os dos degraus, depois voltou-se para sentar de frente para Attilius e apanhou os remos. O rosto dele à luz da tocha era moreno, de expressão maliciosa, parecendo mais velho do que seus quarenta anos. Ele tinha mulher e uma ninhada de filhos apertados num apartamento que ficava em frente ao reservatório. Attilius se perguntou por que Corax o odiava tanto. Seria simplesmente porque ele cobiçara o cargo de aguadeiro e tivesse ficado melindrado com a chegada de um homem mais moço de Roma? Ou havia algo mais? Ele disse a Corax que remasse em direção ao centro da Piscina; quando chegaram lá, entregou a tocha a Corax, desarrolhou a garrafa e arregaçou as mangas da túnica. Quantas vezes ele tinha visto seu pai fazer aquilo no reservatório subterrâneo do Claudia e do Anio Novus, no monte Esquilino? O velho lhe mostrara que cada uma das matrizes tinha sabor próprio, tão distinto um do outro quanto diferentes safras de vinho. O Aqua Mareia tinha o gosto mais doce de todos, tirado das três nascentes limpas do rio Anio; o Aqua Alsietina, o mais sujo, uma arenosa água de lago, que servia apenas para irrigar jardins; o Aqua Julia, suave e tépido; e assim por diante. Um bom aguadeiro, dissera seu pai, devia conhecer mais do que apenas as sólidas leis da arquitetura e da hidráulica — deveria ter discernimento de gosto, olfato e sensibilidade com relação à água e às rochas e aos solos pelos quais ela passara em sua viagem até a superfície. Vidas poderiam depender dessa habilidade.

Uma imagem do pai surgiu em sua mente. Morto, antes de completar cinquenta anos, pelo chumbo com que trabalhara a vida inteira, deixando Attilius, adolescente, como chefe da família.

No fim, não restara muita coisa dele. Apenas uma fina mortalha de pele branca bem esticada sobre ossos pronunciados.

Seu pai teria sabido o que fazer.

Segurando a garrafa de modo que a boca ficasse para baixo, Attilius esticou-se por cima da borda do barco e mergulhou-a até o máximo possível e depois, lentamente, virou-a debaixo d'água, deixando o ar escapar numa corrente de bolhas. Tornou a arrolhá-la e retirou-a da água.

Voltando à posição normal dentro do barco, ele tornou a abrir a garrafa e passou-a de um lado para o outro embaixo do nariz. Encheu a boca com um gole, bochechou e engoliu.

Amarga, mas potável, mais ou menos. Ele a passou para Corax, que a trocou pela tocha e engoliu tudo de uma vez só. Enxugou a boca com o dorso da mão.

— Serve — disse ele — se você a misturar com bastante vinho.

O barco bateu num pilar e Attilius notou o aumento da linha entre o concreto seco e o molhado — nitidamente definida, já uns trinta centímetros acima da superfície do reservatório.

Este estava esvaziando mais depressa do que o Augusta podia enchê-lo.

Outra vez o pânico. Lute contra ele.

— Qual é a capacidade da Piscina?

— Duzentos e oitenta quinários.

Attilius ergueu a tocha em direção ao teto, que desaparecia nas sombras cerca de cinco metros acima deles. Aquilo significava que a água talvez estivesse com uns 11 metros de profundidade, e o reservatório estivesse com dois terços de sua capacidade. Vamos supor que naquele momento ele contivesse duzentos quinários. Em Roma, eles trabalhavam com a base de que um quinário era aproximadamente a exigência diária de duzentos habitantes. A guarnição naval de Miseno tinha um efetivo de dez mil, mais, talvez, outros dez mil civis.

Um cálculo bem simples.

Eles tinham água para dois dias. Presumindo-se que pudessem racionar o fluxo talvez uma hora ao amanhecer e outra hora ao anoitecer. E presumindo-se que a concentração de enxofre no fundo da Piscina fosse tão fraca quanto era no topo. Ele tentou raciocinar. O enxofre numa fonte natural era quente e, portanto, subia à superfície. Mas o enxofre, quando esfriasse à mesma temperatura da água que o cercava — o que acontecia? Ele se dispersava? Flutuava? Ou afundava? Attilius olhou a extremidade norte do reservatório, onde surgia o Augusta.

— Devemos verificar a pressão.

Corax começou a remar com força, dirigindo-os com perícia pelo labirinto de pilares em direção à água que caía. Attilius mantinha a tocha em uma das mãos e, com a outra, desenrolou as plantas, estendendo-as no colo com o antebraço.

Toda a extremidade oeste da baía, de Nápoles a Cumas, era sulfurosa — disso ele sabia.

Fragmentos translúcidos de enxofre eram cavados das minas nos montes Leucogaei, 3200 metros ao norte da linha principal do aqueduto. E havia as fontes quentes de enxofre em torno de Baía, para as quais iam convalescentes de todas as partes do império. Havia uma lagoa chamada Posidian, assim chamada em homenagem a um liberto de Cláudio, que era tão quente que dava para cozinhar carne. Até mesmo o mar da Baía de vez em quando emitia vapor de enxofre, os doentes chafurdando nos seus baixios na esperança de alívio. Devia ter sido em algum ponto daquela região que ardia sem chama — onde Sibila tinha sua caverna e os buracos que queimavam davam acesso aos Infernos — que o Augusta tinha sido poluído. Eles tinham chegado ao túnel do aqueduto. Corax deixou o barco deslizar por um instante, depois deu algumas remadas hábeis no sentido contrário, fazendo-os parar precisamente ao lado de um pilar. Attilius pôs as plantas de lado e ergueu a tocha. Ela teve um brilho esmeralda de mofo verde e depois iluminou uma cabeça gigante de Netuno, esculpida em pedra, de cuja boca o Augusta normalmente despejava uma torrente preto-azeviche. Mas, mesmo durante o tempo que tinha sido necessário remar desde a escada, o fluxo diminuía. Agora, ele mal passava de um fio d'água. Corax assobiou baixinho.

— Eu nunca pensei que viveria para ver o Augusta seco. Você estava certo ao se preocupar, bonitinho. — Ele olhou para Attilius e pela primeira vez uma centelha de medo passou-lhe pelo rosto. — Assim, em que signo você nasceu, a ponto de provocar isso na gente?

O engenheiro estava tendo dificuldade para respirar. Tornou a pressionar o nariz com a mão e deslocou a tocha acima da superfície do reservatório. Os reflexo da luz na água negra parada indicava um incêndio nas profundezas.

Não era possível, pensou ele. Aquedutos não se extinguíam — não assim, numa questão de horas. As matrizes eram emparedadas com tijolos, rebocadas com cimento impermeável e cercadas por um revestimento de concreto com 45 centímetros de espessura. Os problemas usuais — falhas estruturais, vazamentos, depósitos de cal que estreitavam o canal — tudo isso levava meses, até anos para se desenvolver. O Claudia levava uma década inteira para morrer gradativamente.

Ele foi interrompido por um grito do escravo Polites: — Aguadeiro! Ele girou a cabeça. Não conseguia ver os degraus por causa dos pilares, que pareciam erguer-se como carvalhos petrificados de um pântano escuro e fedorento.

— O que é?

— Tem um cavaleiro no pátio, aguadeiro! Ele traz uma mensagem dizendo que o aqueduto secou!

— Isso nós mesmos podemos ver, seu grego estúpido — sussurrou Corax. Attilius tornou a pegar as plantas.

— De que cidade ele vem?

Ele esperava que o escravo respondesse Baía ou Cumas. Na pior das hipóteses, Putéolos.

Nápoles seria um desastre.

Mas a resposta foi como um soco no estômago: — Nola! O mensageiro estava tão coberto de poeira que parecia mais um fantasma do que um homem.

E, enquanto contava a sua história — que a água se esgotara no reservatório de Nola ao amanhecer e que a interrupção fora precedida de um forte cheiro de enxofre, que começara no meio da noite — um novo barulho de patas foi ouvido na estrada lá fora e um segundo cavalo entrou trotando no pátio.

O cavaleiro desmontou com habilidade e estendeu um papiro enrolado. Uma mensagem dos vereadores em Nápoles. O Augusta parará lá ao meio-dia. Attilius leu a mensagem com cuidado, conseguindo manter a fisionomia inexpressiva.

Àquela altura já havia um número grande de pessoas no pátio. Dois cavalos, dois cavaleiros, cercados pela equipe dos funcionários do aqueduto que tinham abandonado a refeição noturna para ouvir

o que tinha acontecido. A agitação começava a atrair a atenção dos transeuntes na rua, bem como de alguns dos lojistas locais.

— Ei, homem da água! — gritou o dono do bar em frente. — O que está acontecendo?

Não precisaria muito, pensou Attilius — simplesmente o mais leve sopro do vento — para o pânico se instalar como um incêndio numa encosta. Ele mesmo sentia uma nova centelha dele. Gritou para alguns escravos para que fechassem os portões do pátio e disse a Polites que os dois mensageiros deviam receber alimento e bebida.

— Musa, Becco, apanhem uma carroça e comecem a carregá-la. Cal virgem, puteolano, ferramentas, tudo do que possamos vir a precisar para consertar a matriz. Tudo o que dois bois consigam puxar.

Os dois homens se entreolharam.

— Mas nós não sabemos qual é o defeito — objetou Musa. — A capacidade de uma carroça apenas pode não ser suficiente.

— Neste caso, vamos pegar mais material quando passarmos por Nola. Attilius caminhou em direção ao escritório do aqueduto, com o mensageiro de Nola nos calcanhares.

— Mas o que eu vou dizer aos edis? — O cavaleiro era pouco mais do que um menino. As cavidades dos olhos eram as únicas partes do rosto que não estavam cobertas por uma camada endurecida de poeira, os discos rosa claros destacando a expressão de medo. — Os sacerdotes querem fazer um sacrifício para Netuno. Eles dizem que o enxofre é um presságio terrível.

— Diga a eles que nós estamos cientes do problema. — Attilius fez um gesto vago com as plantas. — Diga-lhes que estamos organizando reparos.

Ele se abaixou para passar pela entrada baixa do pequeno cubículo. Exomnius deixara os registros do Augusta num caos. Notas de venda, recibos e faturas, promissórias, estipulações e opiniões legais, relatórios de engenheiros e inventários do almoxarifado, cartas do departamento do Curator Aquarum e ordens do comandante naval em Miseno — alguns de vinte ou trinta anos antes — saindo de baús, em cima de uma mesa e espalhados pelo chão de

concreto. Attilius limpou a mesa com o cotovelo e desenrolou as plantas.

Nola! Como era possível? Nola era uma cidade grande, a 48 quilômetros a leste de Miseno, e ficava longe dos campos de enxofre. Ele usou os polegares para assinalar as distâncias. Com uma carroça e bois, eles levariam quase dois dias para chegar lá. O mapa lhe mostrava nitidamente como num quadro a maneira pela qual a calamidade devia ter-se espalhado, a matriz esvaziando com uma precisão matemática. Ele traçou o mapa com o dedo, os lábios mexendo-se em silêncio. Quatro quilômetros por hora! Se Nola havia parado ao amanhecer, Acerra e Ateia teriam vindo em seguida quando a manhã estivesse no meio. Se Nápoles, a quase vinte quilômetros pela costa a partir de Miseno, perdera o abastecimento ao meio-dia, o de Putéolos devia ter acabado na oitava hora, o de Cumas na nona, o de Baía na décima. E agora, por fim, inevitavelmente, na décima segunda hora, era a vez deles.

Oito cidades em colapso. Só Pompeia, poucos quilômetros fluxo acima de Nola, até agora sem informações disponíveis. Mas mesmo sem ela: mais de duzentas mil pessoas sem água.

Attilius percebeu a entrada atrás dele escurecendo, Corax se aproximando e encostando-se no vão da porta, olhando para ele.

Ele enrolou o mapa e meteu-o debaixo do braço.

— Dê-me a chave das eclusas.

— Por quê?

— Não é óbvio? Eu vou fechar o reservatório.

— Mas é a água da marinha. Você não pode fazer isso sem a autorização do almirante.

— Então, por que você não consegue a autorização do almirante? Eu vou fechar as eclusas. — Pela segunda vez naquele dia, os rostos dos dois ficaram a menos de um palmo de distância.

— Escute aqui, Corax. A Piscina Mirabilis é uma reserva estratégica. Entendeu? É por isso que ela existe, para ser fechada numa emergência, e cada momento que perdemos discutindo nós perdemos mais água. Agora me dê a chave; caso contrário, você vai responder por isso em Roma.

— Muito bem. Faça como quiser, bonitinho. — Sem tirar os olhos do rosto de Attilius, ele tirou a chave do aro que estava em seu cinto. — Eu vou procurar o almirante. Vou contar o que está acontecendo. E então vamos ver quem responde por quê.

Attilius agarrou a chave e passou por ele de lado, saindo para o pátio. Para o escravo que estava mais perto, ele gritou: — Feche os portões depois que eu sair, Polites. Ninguém poderá entrar sem a minha permissão.

— Sim, aguadeiro.

Ainda havia uma multidão de curiosos na rua, mas eles abriram caminho para deixá-lo passar.

Ele não deu atenção às perguntas deles. Virou à esquerda, depois outra vez à esquerda, descendo um íngreme lance de escadas. O órgão hidráulico ainda tocava ao longe.

Roupas lavadas estavam penduradas acima da cabeça dele, em cordas esticadas entre as paredes. Pessoas voltavam-se para olhá-lo enquanto ele as afastava com os cotovelos para poder passar. Uma jovem prostituta, num vestido cor de açafão e com no máximo dez anos de idade, agarrou-se ao braço dele e não queria largá-lo enquanto ele não meteu a mão na bolsa presa ao cinto e lhe deu algumas moedas de cobre. Ele a viu sair em disparada por entre a multidão e entregá-las a um capadócio gordo — evidentemente, o dono dela — e, enquanto se apressava, Attilius amaldiçoou sua ingenuidade.

O prédio que abrigava a porta da eclusa era um pequeno cubo de tijolos vermelhos, mais alto, se tanto, do que um homem. Uma estátua de Egéria, deusa das fontes, estava colocada em um nicho ao lado da porta. Aos pés dela jaziam alguns talos de flores murchas e pedaços lamacentos de pão e frutas -oferendas deixadas por mulheres grávidas que acreditavam que Egéria, consorte de Numa, o Príncipe da Paz, facilitasse o parto quando chegasse a hora.

Mais uma superstição inútil. Um desperdício de alimentos.

Attilius girou a chave na fechadura e empurrou, irritado, a pesada porta de madeira.

Ele agora estava no mesmo nível do fundo da Piscina Mirabilis. A água do reservatório despejava-se, sob pressão, por um túnel na

parede, através de uma grade de bronze, girava no duto aberto a seus pés, depois era conduzida para os três canos que se espalhavam em leque e desapareciam sob as lajes do pavimento atrás de Attilius, levando o abastecimento até o porto e a cidade de Miseno. O fluxo era controlado pela comporta, colocada junto à parede, manobrada por uma maçaneta de madeira presa a uma roda de ferro, que estava dura por falta de uso. Ele teve de bater com a base da mão para soltá-la, mas, quando jogou o peso do corpo, ela começou a se mover. Ele girou a maçaneta com o máximo de velocidade possível. A porta desceu, chocalhando como uma grade levadiça, interrompendo gradativamente o fluxo de água até que, por fim, ele cessou de todo, deixando um cheiro de poeira molhada.

No canal de pedra só restou uma poça, evaporando-se tão depressa no calor que dava para Attilius vê-la encolher. Ele se curvou, pôs os dedos na mancha molhada e levou-os à língua.

Nenhum gosto de enxofre.

Ele agora conseguira, pensou. Privara a marinha de sua água, numa seca, sem autoridade, com três dias de comando. Por crimes muito menores homens tinham sido exonerados do posto e mandados para o moinho cuja roda, como castigo, era girada por pessoas. Ocorreu— lhe que tinha sido um idiota ao deixar que Corax fosse o primeiro a chegar ao almirante.

Sem dúvida haveria uma comissão de inquérito. Naquele exato momento o supervisor devia estar se assegurando de quem iria arcar com a culpa. Fechando a porta da câmara da eclusa, ele olhou de um lado para o outro da rua movimentada. Ninguém lhe prestava atenção alguma.

Eles não sabiam o que estava para acontecer. Ele sentiu-se de posse de um imenso segredo e o reconhecimento o tornou furtivo. Seguiu por um beco estreito em direção ao porto, mantendo-se junto ao muro, olhos na sarjeta, evitando as pessoas.

A residência do Almirante ficava no ponto extremo de Miseno e, para chegar até ela, o engenheiro teria de percorrer quase oitocentos metros — andando, a maior parte, com ocasionais ímpetos de corrida — passando pela estreita passagem elevada e

pela ponte de madeira giratória que separava as duas enseadas naturais da base naval.

Antes de sair de Roma ele tinha sido avisado sobre o almirante.

— O comandante-em-chefe é Gaius Plinius — disse o Curator Aquarum. — Plínio. Mais cedo ou mais tarde, você vai encontrá-lo. Ele pensa que sabe tudo sobre todas as coisas. Talvez saiba.

Vai ser preciso tratá-lo com cuidado. Você deve dar uma olhada no mais recente livro dele. A História natural.

Tudo o que se conhece sobre a Mãe Natureza em 37 volumes. Havia um exemplar na biblioteca pública no Porticus de Octavia. O engenheiro não teve tempo de ler além do sumário.

"O mundo, sua forma, seu movimento. Eclipse solar e lunar. Raios. Música das estrelas".

Presságios do céu, casos registrados. Feixes, o céu se abrindo, cores do céu, chuvas, anéis repentinos. Eclipses. Chuvas de pedras [...]. Havia outros livros de Plínio na biblioteca.

Seis volumes sobre oratória. Oito sobre gramática. Vinte volumes sobre a guerra na Alemanha, na qual ele comandara uma unidade de cavalaria. Trinta volumes sobre a história recente do império, que ele servira como procurador na Espanha e na Gália belga. Attilius ficou imaginando como ele conseguia escrever tanto e, ao mesmo tempo, subir tão alto na administração imperial.

O Curator disse: — Porque ele não é casado. — Ele riu da própria piada. — E também não dorme. Tome cuidado para que ele não pegue você num erro.

O céu estava vermelho com o sol que se punha e a grande lagoa à sua direita, onde os navios de guerra estavam sendo construídos e consertados, achava-se deserta por causa do anoitecer; umas poucas aves marinhas cantavam tristes por entre os juncos. À esquerda, no porto externo, uma barca de passageiros se aproximava através do brilho dourado, as velas recolhidas, uma dúzia de remos de cada lado mergulhando lentamente em uníssono enquanto ela passava entre as trirremes da frota imperial. Estava atrasada demais para ser a que vinha todas as noites de Óstia, o que significava que talvez se tratasse de um serviço local. O peso

dos passageiros aglomerados no convés aberto pressionava-a bem para perto da superfície. Chuvas de leite, de sangue, de carne humana, de ferro, de lã, de tijolos.

Portentos. A Terra no centro do mundo. Terremotos. Abismos. Covas de baixa pressão.

Maravilhas combinadas de fogo e água: piche mineral; nafta; regiões que brilham constantemente. O princípio harmônico do mundo [...] Attilius se movimentava mais depressa do que os canos de água se esvaziavam, e quando passou pelo arco triunfal que assinalava a entrada do porto, viu que a grande fonte pública na encruzilhada ainda despejava água. Em torno dela agrupava-se a costumeira turma do crepúsculo — marinheiros banhando a cabeça embriagada, crianças maltrapilhas gritando e espadanando, uma fila de mulheres e escravos com vasos de barro à cintura e nos ombros, esperando para colher a água para usar durante a noite. Uma estátua de mármore do Divino Augusto, cuidadosamente posicionada na movimentada interseção para lembrar aos cidadãos quem era o responsável por aquela bênção, olhava com frieza por cima deles, congelada numa juventude perpétua.

A barca superlotada chegara ao cais. As pranchas de acesso, na proa e na popa, tinham sido arriadas e a madeira se curvava com o peso dos passageiros que desembarcavam desordenadamente. Bagagem era atirada de mão em mão. O dono de um táxi, surpreso com a velocidade da saída, corria de um lado para o outro chutando seus carregadores para que se levantassem. Attilius gritou do outro lado da rua para perguntar de onde vinha a barca e o dono do táxi respondeu, gritando por sobre o ombro: — Nápoles, meu amigo, e, antes disso, Pompeia. Pompeia.

Attilius, prestes a se afastar, parou de repente. Estranho, pensou ele. Era estranho que não tivessem tido notícias de Pompeia, a primeira cidade na matriz. Ele hesitou, girou sobre os calcanhares e meteu-se na frente da multidão que chegava.

— Alguém aí veio de Pompeia? — Ele agitou as plantas enroladas do Augusta, para chamar atenção. — Alguém esteve em Pompeia hoje de manhã?

Mas ninguém lhe deu atenção. Depois da viagem, eles estavam com sede — e, é claro, deviam estar, concluiu ele, se tinham vindo de Nápoles, onde a água faltara ao meio-dia. A maioria passou por ele pelos dois lados, na ânsia de chegar à fonte, todos exceto uma pessoa, um religioso de idade, com o chapéu cônico e o cajado curvo de um adivinho, que andava devagar, perscrutando o céu.

— Eu estive em Nápoles hoje à tarde — disse ele quando Attilius o deteve —, mas hoje de manhã eu estava em Pompeia. Por quê? Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-lo, meu filho? — Os olhos remelentos adquiriram uma expressão matreira, a voz diminuiu de volume. — Não precisa ficar envergonhado. Eu tenho prática na interpretação de todos os fenômenos costumeiros: raios, entranhas, presságios dos pássaros, manifestações anormais. Minhas tarifas são razoáveis.

— Permite que lhe pergunte, santo padre, quando o senhor deixou Pompeia?

— À primeira luz.

— E as fontes funcionavam? Havia água?

Tanta coisa dependia da resposta que Attilius quase teve medo de ouvi-la.

— Tinha água, sim. — O adivinho franziu o cenho e ergueu o cajado para a luz que diminuía. — Mas, quando cheguei a Nápoles, as ruas estavam secas e nos banhos eu senti o cheiro de enxofre. Foi por isso que decidi voltar para a barca e seguir viagem para cá. — Ele tornou a olhar para o céu com os olhos semicerrados, à procura de pássaros. — Enxofre é um péssimo presságio.

— É verdade — concordou Attilius. — Mas o senhor tem certeza? E está certo de que havia água correndo?

— Estou, meu filho. Tenho certeza.

Houve uma agitação em torno da fonte e os dois homens voltaram-se para olhar. Não era nada demais, apenas um empurra-empurra, mas logo surgiram os socos. A multidão pareceu contrair-se, concentrar-se e tornar-se mais densa, e do centro da confusão voou um grande pote de barro, girou lentamente e caiu no lado do cais, fazendo-se em pedaços. Uma mulher gritou.

Contorcendo-se entre as costas na beira da turba, surgiu um homem vestindo uma túnica grega e agarrando com força contra o peito um odre com água. Sangue saía de um corte na têmpora.

Ele estatelou-se no chão, levantou-se e saiu cambaleando, para desaparecer num beco.

É assim que começa, pensou o engenheiro. Primeiro esta fonte, depois as outras por todo o porto e depois a grande bacia no fórum. Então vêm as termas, as torneiras na escola militar e nas grandes residências — nada saindo dos canos vazios, exceto o barulho de chumbo vibrando e o silvo do ar que passa...

O distante órgão hidráulico ficou preso numa nota e morreu com um longo gemido.

Alguém gritou que o bastardo de Nápoles tinha forçado a passagem até a frente e roubado a água que restava e, como um animal com uma só ideia e um só impulso, a multidão se voltou e começou a despejar-se pela rua estreita, correndo atrás. E de repente, tão abruptamente quanto começara, o tumulto acabou, deixando atrás uma cena de jarros despedaçados e abandonados, e algumas mulheres agachadas na poeira, as mãos na cabeça para se protegerem, próximas da borda da fonte silenciosa.

VESPERA



20h07

"Terremotos podem acontecer em grande quantidade em áreas de concentrações de estresse — como falhas próximas — e na imediata vizinhança do magma onde estejam ocorrendo mudanças de pressão."

Haraldur Sigurdsson (org.)

ENCYCLOPAEDIA OF VOLCANOES

A residência oficial do almirante ficava bem no alto, na encosta que dava para o porto; quando Attilius chegou até lá e foi conduzido ao terraço, já havia escurecido. Em toda a baía, nas residências à beira-mar, tochas, lampiões a óleo e braseiros estavam sendo acesos, de modo que aos poucos começava a surgir um fio interrompido de luz amarela, tremulando por um quilômetro atrás do outro, salientando a curva da costa, antes de desaparecer na névoa púrpura em direção a Capri.

Um centurião da marinha, em uniforme completo de peitoral e elmo decorado com penacho, uma espada balançando no cinto, afastava-se apressado quando o engenheiro chegou. Os restos de uma lauta refeição estavam sendo retirados de uma mesa de pedra sob uma pérgula de treliça. A princípio, ele não viu o almirante, mas, no instante em que o escravo o anunciou — "Marcus Attilius Primus, aguadeiro do Aqua Augusta!" — um homem atarracado, com

cinquenta e poucos anos, que estava na extremidade do terraço, girou sobre os calcanhares e saiu gingando em direção a ele, seguido pelo que Attilius presumiu serem os convidados do jantar abandonado: quatro homens suando debaixo de togas, um dos quais, a Julgar pela faixa púrpura no traje de gala, era um senador. Atrás deles — obsequioso, malevolente, inevitável — vinha Corax.

Por algum motivo Attilius imaginara que o famoso erudito fosse magro, mas Plínio era gordo, a barriga projetando-se de forma acentuada, como o aríete de um de seus navios de guerra. Ele dava batidinhas na testa com o guardanapo.

— Devo prendê-lo agora, aguadeiro? Eu podia, sabe?, isso já está bem claro. — Ele tinha a voz de um homem gordo: um som profundo e grave, que se tornava ainda mais rouco enquanto ele contava nos dedos rechonchudos as acusações. — Para início de conversa, incompetência: quem pode duvidar? Negligência: onde você estava quando o enxofre contaminou a água? Insubordinação: com que autoridade você cortou o nosso abastecimento? Traição: sim, eu podia fazer uma acusação de traição ser aceita. E que tal fomentar rebelião nos estaleiros imperiais? Eu tive de ordenar uma centúria de marinheiros: cinquenta para quebrar algumas cabeças na cidade e tentar restaurar a ordem pública, os outros cinquenta para o reservatório, para proteger a água que restasse. Traição...

Ele parou, sem fôlego. Com as bochechas inchadas, lábios contraídos e esparsos cachos de cabelos grisalhos colados com suor, ele tinha a aparência de um querubim idoso, furioso, caído de um teto pintado que descascava. O mais jovem de seus convidados — um rapaz espinhento que faltava pouco para chegar aos vinte anos — adiantou-se para amparar o braço dele, mas Plínio o afastou com um mexer de ombros. Atrás do grupo, Corax sorria, mostrando uma boca de dentes escuros. Ele tinha sido ainda mais eficiente na propagação do veneno do que Attilius esperara. Que político. Talvez pudesse ensinar ao senador uma ou duas artimanhas.

Attilius percebeu que uma estrela surgira acima do Vesúvio. Ele nunca olhara para o monte como deveria, pelo menos não daquele ângulo. O céu estava escuro, mas o monte estava quase preto, erguendo-se maciçamente acima da baía até um topo

pontudo. E ali estava a fonte do problema, pensou ele. Em algum ponto no monte. Não do lado que dava para o mar, mas para terra, na encosta nordeste.

— Quem é você, afinal? — conseguiu Plínio perguntar com voz irritante. — Eu não o conheço. Você é jovem demais. O que aconteceu com o aguadeiro certo? Qual era o nome dele?

— Exomnius — disse Corax.

— Isso mesmo, Exomnius. Onde está ele? E o que Acilius Aviola pensa que está fazendo, mandando-nos meninos para fazer trabalho de homens? Então? Fale! O que tem a dizer para se defender?

Atrás do almirante, o Vesúvio formava uma perfeita pirâmide natural, com apenas aquela pequena camada de luz das casas à beira-mar contornando a sua base. Em alguns lugares, a linha inchava ligeiramente, e o engenheiro calculou que deviam ser as cidades. Ele as reconhecia pelo que vira no mapa. A mais próxima seria Herculano; a mais distante, Pompeia.

Attilius empertigou-se.

— Eu preciso de um navio emprestado — disse ele.

Ele estendeu o mapa na mesa da biblioteca de Plínio, usando como peso nos dois lados pedaços de magnetita que ele pegou num armário que servia de mostruário. Um escravo idoso arrastou os pés por trás do almirante, acendendo um candelabro de bronze trabalhado. As paredes estavam cobertas de armários de cedro, cheios de rolos de papiro empilhados em pé, em escaninhos cobertos de poeira, e, mesmo com as portas que davam para o terraço escancaradas, nenhuma brisa vinha do mar para dispersar o calor. Os oleosos fios de fumaça que saíam das velas subiam sem serem perturbados. Attilius sentia o suor escorrer pelos lados de sua barriga, irritando-o, como um inseto que rastejava.

— Diga às senhoras que iremos nos juntar a elas daqui a pouco — disse o almirante. Ele deu as costas ao escravo e fez um sinal com a cabeça para o engenheiro. — Está bem.

Prossiga.

Attilius correu os olhos pelos rostos da plateia, atentos à luz das velas. Tinham-lhe dito os nomes de todos antes de se sentarem

e ele queria ter a certeza de que se lembrava: Pedius Cascus, um senador veterano que, Attilius se recordava levemente, tinha sido cônsul havia muitos anos e que era dono de uma grande propriedade na costa, em Herculano; Pomponianus, um antigo colega de Plínio no exército, tinha ido de barco a remo de sua casa em Estábias para o jantar; e Antius, capitão da nau capitânia imperial, o Victoria. O rapaz espinhento era sobrinho de Plínio, Gaius Plinius Caecilius Secundus.

Attilius pôs o dedo no mapa e todos se inclinaram para a frente, até mesmo Corax.

— Aqui é o ponto em que a princípio eu pensei que devia estar o rompimento, almirante, os campos calcinados em torno de Cumas. Isso explicaria o enxofre. Mas depois ficamos sabendo que o fornecimento tinha caído em Nola também, aqui, no leste. Isso foi ao amanhecer. O estabelecimento do momento é crucial, porque, de acordo com uma testemunha que estava em Pompeia quando o dia começou a clarear, as fontes de lá ainda estavam funcionando hoje de manhã. Como os senhores podem ver, Pompeia fica a uma certa distância de Nola, para trás, no alto da matriz, e por isso, logicamente, o Augusta deveria ter falhado lá durante a noite. O fato de não ter falhado só pode significar uma coisa. O rompimento tem de estar aqui. — Ele fez um círculo em torno do ponto. — Em algum lugar daqui, nesta faixa de oito quilômetros, onde ele corre perto do Vesúvio.

Plínio olhou para o mapa com o cenho franzido.

— E o navio? Onde é que ele se encaixa?

— Eu creio que nos resta água para dois dias. Se seguirmos por terra a partir de Miseno para descobrir o que aconteceu, vamos levar pelo menos esse tempo para descobrir onde ocorreu o rompimento. Mas, se formos para Pompeia por mar, se viajarmos sem levar bagagem e pegarmos a maior parte do que precisarmos na cidade, deveremos estar em condições de começar os reparos amanhã.

No silêncio que se seguiu o engenheiro podia ouvir o pingar continuado do relógio de água ao lado das portas. Alguns dos

mosquitos que giravam em torno das velas tinham ficado incrustados na cera.

— Quantos homens você tem? — perguntou Plínio.

— Ao todo, cinquenta, mas a maioria está espalhada ao longo da matriz, mantendo os tanques de recalque e os reservatórios nas cidades. Eu tenho doze em Miseno. Eu levaria metade deles comigo. Qualquer outra mão de obra de que precisássemos eu contrataria localmente em Pompeia.

— Poderíamos dar a ele uma liburna, almirante — sugeriu Antius. — Se partisse à primeira luz, ele poderia estar em Pompeia quando a manhã estivesse no meio.

Corax pareceu entrar em pânico só pela simples sugestão. — Mas, com todo o respeito, isso é apenas mais uma das fantasias dele, almirante. Eu não daria atenção a nada disso. Para início de conversa, gostaria de saber como ele pode estar tão certo assim de que a água ainda está correndo em Pompeia.

— Eu encontrei um homem no cais, almirante, quando vinha para cá. Um adivinho. A barca local acabara de atracar. Ele me disse que esteve em Pompeia hoje de manhã.

— Um adivinho! — zombou Corax. — Pois então é uma pena ele não ter previsto tudo isso! Mas está bem. Digamos que ele esteja dizendo a verdade. Digamos que é ali que está o rompimento. Eu conheço melhor do que ninguém essa parte da matriz. São oito quilômetros de comprimento e cada metro debaixo da terra. Vamos levar mais de um dia só para descobrir onde ela se rompeu.

— Isso não é verdade — objetou Attilius. — Com toda essa água escapando da matriz, um cego poderia achar o rompimento.

— Com toda essa água atirada de novo no túnel, como vamos entrar nele para fazer os reparos?

— Escute aqui — tornou o engenheiro. — Quando chegarmos a Pompeia, nós nos dividiremos em três grupos. — Ele não tinha levado aquele raciocínio até o fim. Precisava criá-lo à medida que falava. Mas sentia que Antius estava com ele e o almirante ainda não tirara os olhos do mapa. — O primeiro grupo vai para o Augusta: segue o ramal de Pompeia até a junção com a matriz e depois segue para oeste. Posso lhes garantir que encontrar o rompimento não

será um grande problema. O segundo grupo fica em Pompeia e reúne homens e ferramentas suficientes para executar os reparos. Um terceiro grupo vai a cavalo para as montanhas, para as fontes em Avelino, com instruções de fechar o Augusta. O senador ergueu os olhos com rapidez.

— Isso pode ser feito? Em Roma, quando um aqueduto tem de ser fechado para reparos, ele fica fechado durante semanas.

— Segundo as plantas, senador, pode ser feito, sim.

O próprio Attilius só tinha percebido aquilo naquele momento, mas agora estava inspirado. Toda a operação tomava forma em sua mente enquanto ele a descrevia.

— Eu nunca vi as fontes do Serinus, mas, segundo esta planta, elas seguem para um reservatório com dois canais. A maior parte da água vem para o oeste, para nós, mas um canal menor corre para o norte, para alimentar Benevento. Se mandarmos toda a água para o norte e deixarmos o canal oeste esvaziar-se, poderemos entrar para repará-lo. O detalhe é que não temos de represá-lo e construir um desvio temporário, que é o que temos de fazer com os aquedutos de Roma antes mesmo de começarmos a manutenção. Podemos trabalhar muito mais depressa.

O senador transferiu os olhos desanimados para Corax.

— É verdade, supervisor?

— Talvez — admitiu Corax, com relutância. Ele parecia sentir que estava derrotado, mas não desistiria sem lutar. — No entanto, ainda afirmo que ele está dizendo bobagem, almirante, se pensa que pode fazer tudo isso num dia ou dois. Como eu disse, conheço este trecho. Tivemos problemas aqui há vinte anos, na época do grande terremoto. Exomnius era o aguadeiro, estava novo no cargo. Acabara de chegar de Roma, seu primeiro comando, e nós trabalhamos nele juntos. Está bem: o serviço não bloqueou a matriz por completo, isso eu admito, mas ainda assim levamos semanas para consertar todas as rachaduras no túnel.

— Que grande terremoto? — Attilius nunca ouvira falar dele.

— Na verdade, foi há 17 anos. — O sobrinho de Plínio falou pela primeira vez. — O terremoto aconteceu nas nonas de fevereiro, durante o consulado de Régulo e Verginius. O imperador Nero estava

em Nápoles, representando no palco na época. Sêneca descreve o incidente. O senhor deve tê-lo lido, tio? O trecho importante está em *Questões naturais*. Livro seis.

— Sim, Gaius, obrigado — disse o almirante, ríspido. — Eu li, embora, é claro, eu agradeça a referência. — Ele olhou para o mapa e estufou os bochechas. — Quem sabe... — sussurrou ele.

Girou o corpo na cadeira e gritou para o escravo. — Dromo! Traga a minha taça de vinho. Rápido!

— O senhor está passando mal, tio?

— Não, não. — Plínio apoiou o queixo nos punhos e voltou a atenção para o mapa. — Então foi isso que danificou o Augusta? Um terremoto?

— Mas então não deveríamos ter sentido? — objetou Antius. — Aquele último terremoto derrubou uma boa parte de Pompeia. Eles ainda estão reconstruindo. Metade da cidade é um canteiro de obras. Nós não recebemos nenhuma informação nessa escala.

— E no entanto — continuou Plínio, quase que consigo mesmo — não há dúvida de que as condições climáticas são de um terremoto. Um mar tranquilo. Um céu tão sem ar que os pássaros mal podem voar. Em épocas normais, iríamos prever uma tempestade. Mas quando Saturno, Júpiter e Marte estão em conjunção com o sol, em vez de ocorrer no ar, às vezes o trovão é desfechado pela natureza no subsolo. Na minha opinião, esta é a definição de um terremoto — um raio lançado do interior do mundo.

O escravo tinha vindo arrastando os pés até parar ao lado dele, carregando uma bandeja, no centro da qual estava uma grande taça de vidro transparente, com três quartos cheios. Plínio resmungou e ergueu o vinho contra a luz da vela.

— Um Cécubo — sussurrou Pomponianus, com reverência. — Quarenta anos, e ainda com um sabor maravilhoso. — Ele passou a língua nos lábios grossos. — Eu não me importaria de tomar mais uma taça, Plínio.

— Daqui a pouco. Vejam. — Plínio oscilou o vinho de um lado para o outro em frente a eles. A bebida estava grossa e xaroposa, cor de mel. Attilius sentiu o doce almiscarado do odor enquanto o

vinho passava sob o seu nariz. — E agora, prestem mais atenção. — Ele colocou o cálice cuidadosamente sobre a mesa.

A princípio, o engenheiro não percebeu o que ele tentava demonstrar, mas, ao estudar o cálice mais atentamente, viu que a superfície do vinho vibrava ligeiramente. Pequenas marolas irradiavam a partir do centro, como o vibrar de uma corda puxada. Plínio apanhou o cálice e o movimento cessou; ele o recolocou no lugar e o movimento recomeçou.

— Eu percebi isso durante o jantar. Aprendi a estar alerta às coisas da natureza que outros homens poderiam não perceber. O tremor não é contínuo. Vejam agora: o vinho está imóvel.

— É realmente fantástico, Plínio — disse Pomponianus. — Eu o cumprimento. Acho que assim que estiver com uma taça na mão, não pretendo colocá-la na mesa enquanto ela não estiver vazia.

O senador estava menos impressionado. Cruzou os braços e afundou mais o corpo na cadeira, como se tivesse feito papel de bobo ao presenciar um truque infantil.

— Eu não sei a importância que isso pode ter. Então a mesa treme? Pode ser qualquer coisa. O vento...

— Não está ventando.

— ... passadas pesadas em algum lugar. Ou talvez Pomponianus estivesse acariciando uma das damas sob a mesa.

Risadas romperam a tensão. Só Plínio não sorriu.

— Nós sabemos que este mundo sobre o qual nos encontramos, que nos parece muito parado, está, na verdade, girando eternamente a uma velocidade indescritível. E é possível que esta massa que se desloca assim pelo espaço produza um ruído de tal volume que esteja acima da capacidade dos nossos ouvidos humanos perceberem. As estrelas lá longe, por exemplo, poderiam estar tilintando como carrilhões tocados pelo vento, se ao menos pudéssemos ouvi-las. Será que os efeitos neste cálice de vinho são a expressão física de alguma harmonia celeste?

— Se forem, por que o efeito para e recomeça?

— Eu não sei responder, Cascus. Talvez a terra deslize em silêncio em um determinado momento e em outro encontre resistência. Há uma escola que alega que os ventos são causados

pela terra seguindo numa direção e as estrelas seguindo em outra. Agudeiro, o que é que você acha?

— Eu sou engenheiro, almirante — disse Attilius, cauteloso — não um filósofo. — Em sua opinião, eles estavam perdendo tempo. Pensou em mencionar o estranho comportamento do vapor na encosta da montanha naquela manhã, mas decidiu não fazê-lo. Estrelas tilintando! Seu pé batia, impaciente. — Tudo o que posso lhe dizer é que a matriz do aqueduto é construída para suportar as forças mais extremas. Nos locais em que o Augusta corre debaixo da terra, que é a maior parte do caminho, ele tem um metro e oitenta de altura e um metro e meio de espessura, com paredes com as mesmas dimensões. A força que rompeu isso, seja ela qual for, tem de ser muito poderosa.

— Mais poderosa do que a força que sacode o meu vinho? — O almirante olhou para o senador. — A menos que não estejamos lidando com um fenômeno da natureza. Neste caso, do que se trata? Um ato de sabotagem proposital, talvez, para atacar a frota? Mas quem teria a ousadia de fazer isso? Desde Aníbal, não tivemos um inimigo estrangeiro pisando nesta parte da Itália.

— E sabotagem não teria como explicar a presença do enxofre.

— Enxofre — repetiu Pomponianus, de repente. — É componente dos raios, não é? E quem dispara raios? — Ele olhou à sua volta, agitado. — Júpiter! Nós devíamos sacrificar um touro branco a Júpiter, como divindade do ar superior, e mandar os arúspices examinarem as entranhas. Eles nos dirão o que fazer.

O engenheiro soltou uma gargalhada.

— O que há de tão engraçado nisso? — perguntou Pomponianus.

— Não é tão engraçado quanto a ideia de que o mundo está voando pelo espaço, o que, se me permite, Plínio, incorre na petição de princípio do motivo pelo qual nós todos não caímos dele.

— Excelente sugestão, meu amigo — disse Plínio em tom apaziguador.

— Como almirante, eu também sou o sacerdote chefe de Miseno e lhe asseguro que, se tivesse um touro branco, eu o mataria

agora mesmo. Mas por enquanto é possível que se precise de uma solução mais prática. — Ele recostou-se na cadeira e passou o guardanapo no rosto, depois desdobrou-o e inspecionou, como se pudesse conter alguma pista vital. — Muito bem, aguadeiro. Eu vou lhe dar o seu navio. — Voltou-se para o capitão. — Antius... qual é a liburna mais veloz da frota?

— Seria a Minerva, almirante. O navio de Torquatus. Acaba de voltar de Ravena.

— Mande aprontá-la para partir à primeira luz.

— Sim, almirante.

— E quero avisos colocados em todas as fontes dizendo aos cidadãos que um racionamento está em vigor. Só será permitido que a água flua duas vezes por dia, exatamente durante uma hora, ao amanhecer e ao anoitecer.

Antius encolheu-se.

— Almirante, o senhor não está se esquecendo de que amanhã é feriado público? É a vulcanália, não se lembra?

— Eu sei perfeitamente que é a vulcanália.

E é mesmo, pensou Attilius. Na pressa de sair de Roma e preocupar-se com o aqueduto, ele perdera por completo a noção do calendário. Vinte e três de agosto, o dia de Vulcano, quando peixes vivos eram atirados nas fogueiras, como um sacrifício, para acalmar o deus do fogo.

— Mas e as termas? — insistiu Antius.

— Fechadas até segunda ordem.

— Eles não vão gostar disso, almirante.

— Ora, não se pode evitar. De qualquer modo, todos nós ficamos indolentes demais. — Ele olhou brevemente para Pomponianus. — O império não foi construído por homens que folgavam em volta dos banhos o dia inteiro. Vai ser bom para algumas pessoas sentir um pouco como era a vida. Gaius, minute uma carta para eu assinar, dirigida aos edis de Pompeia, pedindo que forneçam homens e equipamentos que possam ser necessários para reparar o aqueduto. Você sabe como é. "Em nome do Imperador Titus Caesar Vespasianus Augustus, e de acordo com o poder a mim concedido pelo Senado e pelo Povo de Roma etc.", algo

que os faça entrar logo em ação. Corax, é claro que você conhece o terreno em torno do Vesúvio melhor do que ninguém. Você deve ser o homem para ir procurar o defeito, enquanto o aguadeiro reúne a expedição principal em Pompeia.

A boca do supervisor abriu-se, em sinal de consternação.

— O que foi? Você discorda?

— Não, almirante. — Corax escondeu a angústia com rapidez, mas Attilius percebera. — Eu não me importo de procurar o rompimento. Mesmo assim, não seria mais sensato um de nós ficar no reservatório para supervisionar o racionamento...

Plínio interrompeu-o com impaciência.

— A responsabilidade do racionamento caberá à marinha.

Trata-se, primordialmente, de uma questão de ordem pública.

Por um instante Corax pareceu a ponto de rebater, mas depois curvou a cabeça, franzindo o cenho.

Do terraço veio o som de vozes femininas e uma gargalhada.

Ele não quer que eu vá a Pompeia, pensou Attilius, de repente. Toda a representação desta noite... é para me manter longe de Pompeia.

A cabeça caprichosamente penteada de uma mulher apareceu na porta. Ela devia ter cerca de sessenta anos. As pérolas no pescoço eram as maiores que Attilius já vira. Ela dobrou o dedo em direção ao senador.

— Cascus, querido, quanto tempo mais você pretende nos fazer esperar?

— Desculpe, Rectina — disse Plínio. — Já estamos quase acabando. Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar? — Ele olhou de um a um. — Não? Neste caso, quanto a mim, eu proponho encerrar o meu jantar.

Ele empurrou a cadeira para trás e todos se levantaram. O lastro de sua barriga tornava difícil ele se levantar. Gaius ofereceu o braço, mas o almirante afastou-o com um aceno da mão. Ele teve de balançar-se para a frente várias vezes e o esforço de finalmente pôr-se de pé deixou-o sem fôlego. Com uma das mãos, agarrou a mesa e, com a outra, tentou apanhar o cálice, mas parou, os dedos estendidos pairando no ar.

O vinho recomeçara seu quase imperceptível tremor.
Ele encheu as bochechas.

— Acho que, no fim das contas, talvez eu vá sacrificar aquele touro branco, Pomponianus. E você — disse ele a Attilius — vai me devolver a minha água em dois dias. — Ele apanhou o cálice e tomou um gole. — Ou então, podem acreditar, todos nós vamos precisar da proteção de Júpiter.

NOCTE INTEMPESTA



23h22

"O movimento do magma também pode perturbar o lençol freático local, e poderão ser registradas alterações no fluxo e na temperatura da água subterrânea."

ENCYCLOPAEDIA OF VOLCANOES

Duas horas depois — sem dormir, nu, estendido no estreito leito de madeira — o engenheiro esperava pelo amanhecer. A conhecida e percussiva canção de ninar do aqueduto acabara, e em seu lugar aglomeravam-se todos os pequeninos ruídos da noite — o estalar das botas das sentinelas na rua lá fora, a atividade dinâmica dos camundongos nos caibros do telhado, a tosse curta e rápida de um dos escravos no andar de baixo, no alojamento. Ele fechou os olhos, só para tornar a abri-los quase que de imediato. No pânico da crise ele conseguira esquecer a visão do cadáver retirado do viveiro de enguias, mas na escuridão viu-se revendo a cena toda — o concentrado silêncio à beira d'água; o corpo pescado e arrastado para a terra; o sangue; os gritos da mulher; a fisionomia angustiada e os pálidos membros brancos da jovem. Exausto demais para

descansar, ele girou os pés descalços para o chão quente. Uma pequena lâmpada a óleo tremeluzia numa mesinha à cabeceira da cama. Sua carta para casa, ainda por terminar, jazia ao lado dela. Não fazia sentido agora, pensou ele, acabá-la. Ou ele reparava o Augusta, caso em que a mãe e a irmã iriam ter notícias suas em pessoa, quando voltasse. Ou então elas iriam ouvir falar dele quando ele fosse mandado de volta para Roma, em desgraça, para enfrentar uma comissão de inquérito — uma desonra para o sobrenome.

Ele pegou a lâmpada e levou-a para a prateleira aos pés da cama, colocando-a entre o pequeno santuário de figuras que representavam os espíritos de seus ancestrais. Ajoelhando— se, estendeu o braço e apanhou a efígie de seu bisavô. Será que o velho podia ter sido um dos engenheiros originais do Augusta? Não era impossível. Os registros do Curator Aquarum mostravam que Agripa despachara uma força de trabalho de quarenta mil homens, escravos e legionários, e construíra o aqueduto em 18 meses. Isso foi depois que ele construiu o Aqua Julia em Roma e sete anos antes de construir o Virgo, e sem dúvida seu bisavô trabalhara naqueles dois. Ele sentia prazer em imaginar que um Attilius mais antigo pudesse ter ido para o sul, para aquela terra de um calor sufocante — pudesse até ter-se sentado naquele mesmo lugar enquanto os escravos cavavam a Piscina Mirabilis. Ele sentiu a coragem se fortalecer. Homens tinham construído o Augusta; homens iriam repará-lo. Ele iria repará-lo. E depois seu pai.

Recolocou uma figura no lugar e pegou outra, passando o polegar carinhosamente pela cabeça lisa.

Seu pai foi um homem corajoso; não deixe de ser, também. Attilius era uma criança de colo quando o pai terminara o Aqua Claudia, mas era tanta a frequência com que lhe tinham contado a história do dia da inauguração — que, com quatro meses de idade, ele tinha sido passado por cima dos ombros dos engenheiros na grande multidão reunida no monte Esquilino — que às vezes parecia que ele podia se lembrar de tudo como se tivesse testemunhado: o idoso Cláudio, contorcendo-se e gaguejando enquanto fazia um sacrifício para Netuno, depois a água aparecendo no canal, como se por um passe de mágica, no exato momento em que ele erguia as

mãos para o céu. Mas aquilo nada tivera a ver com a intervenção dos deuses, apesar dos gritos sufocados das pessoas presentes. Aquilo acontecera porque o pai de Attilius, que conhecia as leis da engenharia, abrira as comportas na cabeceira do aqueduto exatamente 18 horas antes do calculado como o momento em que a cerimônia iria alcançar o clímax e voltara para a cidade a cavalo, mais depressa do que a água podia alcançá-lo.

Attilius contemplou a peça de barro na palma da mão.

E o senhor, pai? Alguma vez veio a Miseno? Conheceu Exomnius? Os aguadeiros de Roma eram sempre uma família — tão chegados quanto uma corte, como o senhor costumava dizer.

Será que Exomnius foi um daqueles engenheiros no Esquilino no seu dia de triunfo? Será que ele me balançou nos braços, como os demais? Attilius olhou para a figura por algum tempo, depois beijou-a e colocou-a com cuidado junto das outras.

Acocorou-se.

Primeiro o aguadeiro desaparece; e depois a água. Quanto mais ele refletia sobre isso, mais convencido ficava de que os dois fatos tinham de ter uma ligação. Mas como? Ele correu os olhos pelas paredes rebocadas de forma imperfeita. Ali não havia pista alguma, disso ele tinha certeza. Nenhum traço do caráter de qualquer homem deixado naquela cela simples. No entanto, segundo Corax, Exomnius chefiara o Augusta durante vinte anos.

Ele tornou a apanhar a lâmpada e saiu para a passagem, protegendo a chama com a mão.

Afastando a cortina oposta, voltou a luz para o cubículo onde estavam guardados os pertences de Exomnius. Dois baús de madeira, um par de candelabros de bronze, uma capa, sandálias, um urinol. Não era grande coisa para mostrar em relação a uma vida inteira. Ele percebeu que nenhum dos baús estava trancado.

Olhou em direção à escada, mas o único som que vinha lá de baixo era o de roncões. Ainda segurando a lâmpada, ergueu a tampa do baú que estava mais perto e começou a revistá-lo com a mão livre. Roupas — a maioria velha — que, enquanto ele as remexia, liberavam um forte cheiro de suor. Duas túnicas, tangas, uma toga,

dobradas com perfeição. Ele fechou a tampa sem fazer barulho e levantou a outra. Também não havia grande coisa naquele baú.

Uma raspadeira de pele para retirar óleo nos banhos. Uma figura jocosa de Príapo com um pênis enorme, ereto. Um copo grande de barro para jogar dados, com mais pênis entalhados em torno da borda. Os dados. Alguns potes de vidro contendo várias ervas e unguentos. Duas placas— Um pequeno cálice de bronze, terrivelmente sem brilho.

Attilius sacudiu os dados no copo, com a delicadeza possível, e jogou-os. Estava com sorte.

Quatro seis — a jogada de Vênus. Ele tentou outra vez e tirou outra Vênus. A terceira Vênus resolveu a questão. Dados viciados.

Ele guardou os dados e apanhou o cálice. Seria bronze de verdade? Agora que o examinava mais de perto, não tinha tanta certeza. Sopesou-o na mão, virou-o de cabeça para baixo, bafejou-o e esfregou a base com o polegar. Uma mancha de ouro surgiu e parte de uma letra P entalhada. Tornou a esfregar, aumentando gradativamente o raio de metal brilhante, até conseguir distinguir todas as iniciais.

N. P. N. L. A.

O L significava libertas e mostrava que a peça pertencia a um escravo liberto. Um escravo que fora libertado por um patrão cujo sobrenome começava com um P e que era rico o bastante, e vulgar o bastante, para beber vinho num cálice de ouro.

De repente a voz dela ficou tão clara em sua mente como se ela estivesse ao seu lado.

"Meu nome é Corelia Ampliata, filha de Numeríus Popidius Ampliatus, dono da Villa Hortênsia..."

O luar iluminava as lisas pedras pretas da rua estreita e destacava a silhueta das filas de telhados planos. Fazia tanto calor quanto fizera no fim da tarde; a lua brilhava tanto quanto o sol.

Enquanto subia os degraus entre as casas trancadas, silenciosas, Attilius a via disparando à frente dele — o movimento dos quadris sob o vestido branco liso.

"Algumas centenas de passos — é, mas cada um deles morro acima!" Ele chegou outra vez ao terreno plano e ao muro alto da

grandiosa propriedade. Um gato cinza correu junto ao muro e desapareceu do outro lado. Os brilhantes golfinhos de metal pulavam e se beijavam em cima do portão fechado com uma corrente. Ele ouvia o mar ao longe, movendo-se de encontro à costa, e a vibração das cigarras no jardim. Sacudiu as barras de ferro e apertou o rosto no metal morno. O quarto do porteiro estava fechado e trancado. Não se via luz alguma.

Attilius se lembrava da reação de Ampliatus quando ele surgira à beira-mar: "O que houve com o Exomnius? Mas sem dúvida Exomnius ainda é o aguadeiro?" Havia surpresa no seu tom de voz e, agora que Attilius pensava no caso, possivelmente algo mais: alarme.

— Corelia! — ele chamou o nome dela baixinho. — Corelia Ampliata!

Nenhuma resposta. E então um sussurro no escuro, tão baixo que ele quase não ouviu: — Foi embora.

Voz de mulher. Vinha de algum ponto à esquerda. Ele recuou do portão e perscrutou as sombras. Não conseguiu ver nada, exceto um pequeno monte de trapos empilhados junto ao muro pelo vento. Chegou mais perto e viu que os trapos se mexiam ligeiramente. Um pé magro projetava-se, como um osso. Era a mãe do escravo morto. Ele se ajoelhou num só joelho e, cauteloso, tocou o tecido rude do vestido dela. Ela tremeu, depois gemeu e murmurou alguma coisa. Ele retirou a mão. Seus dedos estavam pegajosos de sangue.

— A senhora pode ficar em pé?

— Foi embora — repetiu ela.

Ele a ergueu com cuidado até ela ficar sentada, encostada no muro. A cabeça inchada pendeu para a frente e ele viu que os cabelos emaranhados tinham deixado uma marca molhada na pedra. Ela fora chicoteada e gravemente agredida, e depois expulsa da casa para morrer.

N. P. N. L. A: Numeríus Popidius Numerí Libertus Ampliatus. Recebeu a liberdade da família Popidius. Era uma realidade da vida que não havia patrão mais cruel do que um ex-escravo.

Attilius apertou de leve o pescoço dela com os dedos, para ter a certeza de que ela ainda estava viva. Depois, passou um braço sob

a dobra dos joelhos dela e com o outro agarrou-a pelos ombros. Não foi preciso esforço algum para levantá-la. Ela era só trapos e ossos. Em algum lugar, nas ruas próximas ao porto, o vigia noturno anunciava a quinta divisão da escuridão: "Media noctis inclinatio" — meia-noite.

O engenheiro retesou as costas e começou a descer o monte enquanto o dia de Marte se transformava no dia de Mercúrio.

MERCURIO

23 DE AGOSTO



O DIA ANTERIOR À ERUPÇÃO

DILUCULUM

6h

"Antes de 79 d.C., um reservatório de magma se acumulava embaixo do vulcão. Não é possível dizer quando essa câmara de magma começou a se formar, mas tinha um volume de pelo menos 3,6 quilômetros cúbicos, estava cerca de três quilômetros abaixo da superfície e composicionalmente estratificada, com um magma alcalino ricamente volátil (55% SiO₂ e quase 10% de K₂O, cobrindo um magma ligeiramente mais denso, mais maléfico."

Peter Francis

VOLCANOES: A PLANETARY PERSPECTIVE

Do alto do imponente farol de pedra, escondido atrás da crista do promontório do sul, os escravos apagavam as fogueiras para saudar o amanhecer. Segundo Virgílio, aquele era o ponto em que Miseno, o arauto dos troianos, abatido por Tritão, o deus do mar, estava enterrado com seus remos e sua trombeta. Attilius observou o brilho vermelho desaparecer atrás do promontório com a crista arborizada enquanto, no porto, as silhuetas dos navios de guerra tomavam forma contra o céu cinza-perolado.

Ele se virou e caminhou ao longo do cais, de volta para o ponto em que os outros estavam esperando. Finalmente, conseguiu distinguir o rosto deles: Musa, Becco, Corvinus, Polites — que estavam se tornando tão conhecidos seus como se fossem da família. Por enquanto, nenhum sinal de Corax.

— Nove bordéis! — dizia Musa. — Podem acreditar! Se quiserem trepar, Pompeia é o lugar. Até o Becco pode dar um descanso à mão dele. Ei, aguadeiro! — gritou ele, quando Attilius chegou mais perto. — Diga ao Becco que ele pode trepar!

A beira do cais fedia a fezes e peixe destripado. Attilius viu um melão podre e a carcaça inchada, embranquecida, de um rato batendo a seus pés entre os pilares do cais. Os poetas eram assim! Ele sentiu uma repentina ânsia por um daqueles mares frios, do norte, dos quais ouvira falar — o Atlântico, talvez, ou o Germânico* — uma terra onde a maré de alto-mar varria todos os dias a areia e as pedras; algum lugar mais saudável do que aquele tépido lago romano. [* *Germânico* — *Atual Mar do Norte. (N. do T.)*]

— Contanto que consertemos o Augusta — retrucou Attilius, pouco me importa se o Becco foder todas as jovens da Itália.

— Está aí, Becco. Em breve, o seu pau vai ficar do tamanho do nariz... A embarcação que o almirante prometera estava atracada diante deles: a Minerva, assim chamada em homenagem à deusa da sabedoria, com uma coruja, o símbolo da divindade dela, entalhada na proa. Uma liburna. Menor do que as grandes trirremes. Construída para ser veloz. O alto cadaste da popa se elevava atrás dela e depois espiralava pelo convés baixo como o ferrão de um escorpião se preparando para atacar. O navio estava deserto.

— ... Cuculla e Zmyrina. E depois tem aquela judia ruiva, Marta. E uma garotinha grega, se vocês gostam desse tipo de coisa; a mãe dela nem deve ter completado vinte anos...

— Do que adianta um navio sem tripulação? — resmungou Attilius. Ele já estava se preocupando. Não podia perder uma hora.
— Polites, seja camarada e corra até o alojamento e descubra o que está acontecendo.

— ... Aegle e Maria...

O jovem escravo pôs-se de pé.

— Não é preciso — disse Corvinus e fez um gesto com a cabeça em direção à entrada do porto. — Aí vêm eles.

— Seus ouvidos devem ser mais sensíveis do que os meus...
— disse Attilius, mas então ele também ouviu. Cem pares de pés, marchando em passo duplo pela rua que vinha da escola militar. Quando os que marchavam atravessaram a ponte de madeira do caminho elevado, o ritmo forte se tornou um trovejar contínuo de couro sobre madeira, e então duas tochas apareceram e a unidade entrou na rua que levava à frente do porto. Eles chegaram, cinco na frente, três oficiais usando armadura de corpo inteiro e elmos com penachos à frente. A uma primeira ordem de comando gritada, a coluna parou; a uma segunda, dissolveu-se e os marinheiros seguiram em direção ao navio. Nenhum deles falou. Attilius recuou para deixá-los passar. Em suas túnicas sem mangas, os ombros deformados e braços enormemente musculosos dos remadores pareciam grotescamente desproporcionais à parte inferior do corpo.

— Olhe para eles — disse o mais alto dos oficiais, com voz arrastada. — A nata da marinha: bois humanos. — Ele se voltou para Attilius e ergueu o punho em saudação. — Torquatus, capitão da Minerva.

— Marcus Attilius. Engenheiro. Vamos.

Não demorou muito para carregar o navio. Attilius não vira senso algum em arrastar as pesadas ânforas de cal virgem e sacos de puteolano lá de cima, do reservatório, e transportá-los para o outro lado da baía. Se Pompeia estava, como diziam, fervilhando de construtores, ele usaria a carta do almirante para requisitar o que fosse preciso.

Ferramentas, porém, eram outra história. O homem sempre deve usar as suas. Ele providenciou uma corrente para transferi-las a bordo, entregando cada uma a Musa, que as passava para Corvinus — machados, marretas, serras, picaretas e pás, bandejas de madeira para depositar cimento fresco, enxadas para misturá-lo e as pesadas chapas de ferro que usavam para forçar o cimento a ficar no lugar — até que, por fim, tudo tivesse chegado a Becco, que estava em pé no convés da Minerva. Eles trabalharam com rapidez, sem trocar palavra, e quando terminaram já estava claro e o navio se preparava para partir.

Attilius subiu pela prancha e pulou para o convés. Uma fila de marinheiros com bicheiros esperava para empurrar o navio para longe do cais. De sua plataforma embaixo do cadaste de popa, ao lado do timoneiro, Torquatus gritou "Está pronto, engenheiro?" e Attilius gritou que sim.

Quanto mais cedo partissem, melhor.

— Mas Corax não está aqui — objetou Becco.

Ele que vá para o inferno, pensou Attilius. Aquilo foi quase um alívio. Ele daria conta do serviço.

— Isso é problema do Corax.

As cordas de amarração foram retiradas. Os bicheiros caíram como lanças e fizeram contato com o cais. Sob seus pés, Attilius sentiu o convés tremer quando os remos foram desarmados e a Minerva começou a se mexer. Ele se voltou para olhar para a costa. Uma multidão se reunira em torno da fonte pública, esperando a água aparecer. Ele se perguntou se não deveria ter-se demorado no reservatório o tempo suficiente para supervisionar a abertura das comportas. Mas ele deixara seis escravos para manobrar a Piscina, e o prédio estava cercado por marinheiros de Plínio.

— Lá está ele! — gritou Becco. — Olhe! É o Corax! — Ele começou a agitar os braços acima da cabeça. — Corax! Aqui! — Becco lançou a Attilius um olhar acusador. — Está vendo? Você devia ter esperado! O supervisor passara pela fonte andando devagar, uma sacola no ombro, parecendo profundamente concentrado. Mas quando ergueu o olhar e os viu começou a correr. Ele se movia depressa para um homem na casa dos quarenta. A distância entre o

navio e o cais aumentava depressa — noventa centímetros, um metro e vinte — e para Attilius parecia impossível que ele fosse conseguir, mas, quando chegou à beira do cais, jogou a sacola e saltou atrás.

Dois dos marinheiros se inclinaram, agarraram-lhe os braços e o alçaram para bordo. Ele caiu em pé, perto da popa, olhou fixo para Attilius e mostrou-lhe o dedo médio erguido. O engenheiro se afastou.

A Minerva estava saindo do porto, proa primeiro, com remos brotando, duas dúzias de cada lado do casco estreito. Um tambor soou sob o convés e as pás mergulharam. Ele tornou a soar e elas agitaram a superfície, dois homens puxando em cada remo. O navio deslizou para a frente — imperceptivelmente no início, mas adquirindo velocidade à medida que o andamento das batidas do tambor se acelerava. O piloto, inclinado para fora acima do aríete, e olhando bem para a frente, apontou para a direita; Torquatus gritou uma ordem e o timoneiro puxou com força o enorme remo que servia de leme, governando o navio por um curso entre duas trirremes ancoradas. Pela primeira vez em quatro dias, Attilius sentiu uma leve brisa no rosto.

— O senhor tem uma plateia, engenheiro! — gritou Torquatus e gesticulou na direção do morro acima do porto. Attilius reconheceu o comprido terraço branco da vila do almirante em meio aos bosquetes de murta e, debruçada na balaustrada, a figura corpulenta de Plínio.

Ele se perguntou o que estaria passando pela mente do velho. Hesitante, ergueu o braço.

Um momento depois, Plínio respondeu. Então a Minerva passou entre os dois grandes navios de guerra, o Concórdia e o Neptune; e quando ele tornou a olhar, o terraço estava deserto.

Ao longe, atrás do Vesúvio, o sol começava a aparecer.

Plínio ficou vendo a liburna ganhar velocidade enquanto seguia para o mar aberto.

Contra o fundo cinza, os remos lançavam faíscas brancas, despertando em algum lugar uma lembrança havia muito esquecida do Reno de chumbo ao amanhecer — em Vetera deve ter sido há

trinta anos — e a barca que transportava soldados da Legião V, "As Cotovias", levando a sua cavalaria para a margem distante. Que época! O que ele não daria para tornar a embarcar numa viagem à primeira luz do dia ou, ainda melhor, comandar uma frota em ação, o que ele nunca fizera nos seus dois anos de almirante. Mas o esforço de simplesmente sair de sua biblioteca e passar para o terraço para ver a Minerva partir — de se levantar da cadeira e dar uns poucos passos curtos — o deixara ofegante, e quando ergueu o braço para responder ao aceno do engenheiro, ele sentiu como se estivesse levantando um peso próprio para exercício.

"A natureza não deu melhor dom ao homem do que o curto tempo de vida. Os sentidos ficam insensíveis, os membros ficam dormentes, a visão, a audição, o andar, até os dentes e os órgãos alimentares morrem antes de nós e, no entanto, este período é considerado como parte da vida." Bravas palavras. Fáceis de escrever quando se era jovem e a morte ainda espreitava de uma montanha em algum lugar; menos fáceis quando se estava com 56 anos e o inimigo avançava à plena vista pela planície.

Ele encostou a gorda barriga na balaustrada, esperando que nenhum dos secretários tivesse percebido sua fraqueza, depois empurrou o corpo para se afastar e voltou para dentro a passos pesados.

Plínio sempre gostara de jovens do tipo de Attilius. Não à nojenta maneira grega, é claro — ele nunca tivera tempo para nenhuma daquelas besteiras, embora tivesse visto muitas no exército — mas sim espiritualmente, como a corporificação das musculares virtudes romanas.

Senadores podiam sonhar com impérios; soldados podiam conquistá-los; mas eram os engenheiros, os sujeitos que abriam as estradas e cavavam os aquedutos, que realmente os construíam e davam a Roma o seu alcance global. Ele prometera a si mesmo que quando o aguadeiro voltasse iria convidá-lo para jantar e sondá-lo para descobrir exatamente o que tinha acontecido com o Augusta. E depois, juntos, iriam consultar alguns textos na biblioteca do almirante e ele iria ensinar a Attilius certos mistérios da natureza, cujas surpresas eram intermináveis. Aqueles tremores intermitentes,

harmônicos, por exemplo — o que era isso? Ele deveria registrar o fenômeno e incluí-lo na próxima edição da História natural. Todos os meses ele descobria algo novo que exigia explicação.

Os dois escravos gregos estavam em pé, esperando com paciência ao lado da mesa — Alcman para ler em voz alta, Alexion para o ditado. Eles estavam à sua disposição desde pouco depois da meia-noite, porque há muito tempo o almirante se disciplinara para funcionar sem muito descanso. "Estar acordado é estar vivo" era o seu lema. O único homem que ele conheceria que podia viver dormindo menos era o falecido imperador Vespasiano. Os dois costumavam se encontrar altas horas da noite para tratar de assuntos oficiais. Tinha sido por isso que Vespasiano o colocara no comando da frota: "Meu sempre vigilante Plínio", como ele o chamara, naquele sotaque interiorano, e lhe beliscara a bochecha.

Plínio correu os olhos pela sala, para os tesouros acumulados durante as viagens pelo império.

Cento e sessenta cadernos de notas, nos quais ele registrara todos os fatos interessantes que lera ou ouvira (Larcus Licinius, o governador de Hispania Tarraconensis, oferecera quatrocentos mil sestércios pelo conjunto, mas ele não ficara tentado). Dois pedaços de magnetita, extraídos na Dácia e grudados um no outro pela sua misteriosa mágica. Um fragmento de uma brilhante rocha cinza da Macedônia, que se dizia ter caído das estrelas. Um âmbar alemão com um antigo mosquito preso em sua translúcida célula.

Um pedaço de vidro côncavo, apanhado na África, que recolhia os raios do sol e os dirigia para um ponto de tamanho calor concentrado que fazia com que a mais dura das madeiras escurecesse e ardesse em fogo lento. E aquele relógio de água, o mais preciso de Roma, construído de acordo com as especificações de Ctesíbio de Alexandria, inventor do órgão hidráulico, com as aberturas feitas em ouro e pedras preciosas para evitar corrosão e entupimento.

Era do relógio que ele precisava. Dizia-se que os relógios eram como os filósofos: nunca se conseguia achar dois que estivessem de acordo. Mas um relógio de Ctesíbio era o Platão dos relógios.

— Alcman, traga-me uma tigela com água. Não... — Ele mudou de ideia quando o escravo já estava a meio caminho da porta. Porque não tinha sido o geógrafo Estrabão que descrevera a luxuriante baía de Nápoles como "a tigela de vinho"? — Pensando bem, vinho seria mais adequado. Mas algo barato. Um Sorrento, talvez. — Sentou-se pesadamente. — Está bem, Alexion... onde estávamos?

— Redigindo um sinal para o imperador, almirante.

— Ah, é. Isso mesmo.

Agora que estava claro, ele teria de enviar um despacho por sinais ao novo imperador, Tito, para alertá-lo sobre o problema no aqueduto. O despacho seria disparado, de torre sinaleira para torre sinaleira, até Roma e estaria nas mãos do imperador ao meio-dia. E ele se perguntava o que o novo Senhor do Mundo iria concluir sobre aquilo.

— Vamos passar o sinal ao imperador e, depois de fazê-lo, acho que começaremos um novo caderno de notas e registraremos algumas observações científicas. Isso o interessaria?

— Interessaria, almirante. — O escravo apanhou seu estilo e o tablete de cera, esforçando-se para abafar um bocejo. Plínio fingiu que não viu. Deu panelinhas com o dedo nos lábios. Ele conhecia bem Tito. Tinham servido juntos na Germânia. Encantador, culto, inteligente... e totalmente cruel. A notícia de que um quarto de milhão de pessoas estavam sem água poderia facilmente fazê-lo perder as estribeiras e ter um de seus letais acessos de raiva. Aquilo exigiria um cuidadoso uso de palavras.

— A Sua Eminentíssima Alteza, o imperador Tito, do comandante-em-chefe em Miseno — começou ele. — Saudações!

A Minerva passou entre os grandes molhes de concreto que protegiam a entrada do porto e saiu para a amplidão da baía. A luz cor de limão do amanhecer brilhava na água.

Atrás do bosque de varas que marcavam os viveiros de ostras, onde as gaivotas se lançavam rapidamente sobre a presa e grassavam, Attilius via o viveiro de peixes da Villa Hortênsia.

Ele se pôs de pé para ver melhor, segurando-se para resistir ao movimento do navio. Os terraços, os caminhos do jardim, a

encosta onde Ampliatus instalara sua cadeira para assistir à execução, as rampas ao longo da linha da costa, as pontes entre os viveiros de peixes, o grande viveiro de enguias afastado dos demais — todos desertos. O cruzador vermelho e dourado já não estava mais atracado no fim do píer.

Era exatamente como Atia dissera: eles tinham ido embora. A senhora ainda não tinha recuperado os sentidos quando ele deixara o reservatório antes do amanhecer. Ele a deitara num colchão de palha em um dos quartos ao lado da cozinha e dissera ao escravo doméstico, Phylo, que chamasse um médico e providenciasse para que ela fosse bem tratada.

Phylo fizera uma careta, mas Attilius lhe dissera, ríspido, que obedecesse. Se ela morresse — bem, isso poderia ser uma liberação misericordiosa. Se se recuperasse — então, no que dizia respeito a ele, ela poderia ficar. Fosse como fosse, ele teria de comprar um outro escravo, para cuidar da alimentação e das roupas dele. Suas necessidades eram poucas; o trabalho seria leve. Ele nunca prestara muita atenção àquelas coisas. Sabina cuidara da casa quando ele era casado; depois que ela se fora, a mãe dele assumira a tarefa.

A grande propriedade parecia escura e trancada, como se para um funeral; os grasnados das gaivotas pareciam os gritos dos presentes ao velório.

— Ouvi dizer que ele pagou dez milhões por ela — disse Musa. Attilius respondeu à observação com um resmungo, sem tirar os olhos da casa.

— Bem, ele agora não está lá.

— Ampliatus? Claro que não. Ele nunca está. Aquele cara tem casas em toda parte. A maior parte do tempo ele fica em Pompeia.

— Pompeia?

Agora o engenheiro olhou ao redor. Musa estava sentado com as pernas cruzadas, as costas apoiadas nas ferramentas, comendo um figo. Ele sempre parecia estar comendo. Todos os dias, sua mulher o despachava para o trabalho com comida suficiente para alimentar meia dúzia de pessoas. Musa meteu o último pedaço da fruta na boca e chupou os dedos.

— É de lá que ele é. Foi em Pompeia que ele ganhou dinheiro.

— E, no entanto, nasceu escravo.

— É o que acontece — disse Musa, amargurado. — O escravo come num prato de prata, enquanto o cidadão que nasceu livre trabalha do amanhecer ao anoitecer por uma ninharia.

Os outros homens estavam sentados de frente para a popa, reunidos em volta de Corax, que estava com a cabeça inclinada para a frente e falava baixinho -contando alguma história que exigia muitos gestos enfáticos com a mão e muito sacudir vigoroso de cabeça. Attilius imaginou que ele estivesse descrevendo o encontro com Plínio na noite anterior.

Musa desarrolhou o odre de água e bebeu um gole, depois limpou a abertura e ofereceu-o a Attilius. O engenheiro pegou o odre e agachou-se ao lado de Musa. A água tinha um gosto vagamente amargo. Enxofre. Ele engoliu um pouco, mais para ser amável do que por estar com sede, limpou a abertura e devolveu o odre.

— Você tem razão, Musa — tornou ele, cauteloso. — Que idade tem o Ampliatus? Nem chegou aos cinquenta. No entanto, foi de escravo a senhor da Hortênsia no espaço de tempo que você ou eu precisaria para juntar com dificuldade o suficiente para comprar um apartamento infestado de percevejos. Como alguém pode fazer isso honestamente?

— Um milionário honesto? É tão raro quanto dentes numa galinha! Ouvi dizer — Musa olhou por cima do ombro e abaixou a voz — ele começou a fazer dinheiro logo depois do terremoto. Ele recebeu a liberdade no testamento do velho Popidius. Ampliatus era um rapaz bonito, e não havia nada que ele não fizesse pelo seu senhor. O velho era um libertino, acho que ele não abandonaria o cachorro. E Ampliatus cuidava da mulher dele também, se é que me entende. — Musa deu uma piscada. — Seja como for, Ampliatus ganhou a liberdade e um pouco de dinheiro de alguma fonte, depois Júpiter resolveu agitar um pouco as coisas. Isso foi na época de Nero. Foi um terremoto muito forte — o pior de que se tem lembrança. Eu estava em Nola e posso lhe dizer que pensei que minha vida chegara ao fim. — Ele beijou o amuleto da sorte — um pênis e colhões, feito de bronze, que estava pendurado em seu pescoço por uma tira de couro. — Mas o senhor sabe o que se diz: o

prejuízo de um é o lucro de outro. Pompeia foi a que mais sofreu. Mas, enquanto todo mundo saía, dizendo que a cidade estava acabada, Ampliatus circulava, comprando as ruínas.

Adquiriu algumas daquelas grandes propriedades quase de graça, reformou-as, dividiu-as em três ou quatro e vendeu por uma fortuna. — Mas isso nada tem de ilegal.

— Talvez não. Mas será que ele era realmente o dono quando vendeu? Aí é que está a coisa. — Musa deu umas batidinhas no lado do nariz.

— Donos mortos. Donos desaparecidos. Herdeiros legais no outro lado do império. Não se esqueça de que metade da cidade estava em escombros. O imperador mandou um comissário de Roma para separar quem era dono do quê. Ele se chamava Suedius Clemens.

— E Ampliatus o subornou?

— Digamos que o Suedius partiu mais rico do que quando chegou. Ou é o que dizem.

— E o Exomnius? Ele era o aguadeiro na época do terremoto; ele deve ter conhecido Ampliatus.

Attilius percebeu, imediatamente, que tinha cometido um erro. A ansiosa luz da intriga se extinguiu logo nos olhos de Musa.

— Eu não sei de nada sobre isso — murmurou ele e ocupou-se com o seu saco de comida. — Exomnius era um homem muito bom. Era bom trabalhar com ele.

Era, pensou Attilius. Era um homem muito bom. Era bom trabalhar com ele. Ele tentou fazer uma piada com aquilo.

— Quer dizer que ele não vivia arrastando você da cama antes do amanhecer?

— Não. Eu quero dizer que ele era correto e jamais tentaria enganar um homem honesto e fazer ele dizer mais do que devia.

— Ei, Musa! — gritou Corax. — O que você está fazendo aí? Você é fofoqueiro como uma mulher! Venha tomar um gole!

Musa se levantou de imediato, balançando pelo convés para se juntar aos outros. Quando Corax jogou o odre de vinho, Torquatus saltou da popa e seguiu para o centro do convés, onde o mastro e as velas estavam guardados.

— Acho que não vamos precisar deles. — Ele era um homem grande. Com as mãos nos quadris, correu os olhos pelo céu. O sol novo e forte brilhava no seu peitoral; já fazia calor. — Está certo, engenheiro. Vamos ver o que os meus bois podem fazer.

Ele se dirigiu à escada e desceu pela escotilha para o convés inferior. Um instante depois, o andamento do tambor aumentou e Attilius sentiu o navio dar uma leve guinada. Os remos faiscaram. A silenciosa Villa Hortênsia ficou ainda menor ao longe, atrás deles. A Minerva avançava em ritmo constante enquanto o calor da manhã se instalava sobre a baía. Durante duas horas os remadores mantiveram o mesmo ritmo inabalável. Nuvens de vapor subiam em espirais dos terraços de banhos ao ar livre na Baía. Nas montanhas acima de Putéolos, as chamas das minas de enxofre ardiavam num verde pálido.

O engenheiro se sentou isolado, as mãos entrelaçadas envolvendo os joelhos, o chapéu puxado bem baixo para proteger os olhos, observando a costa passar, perscrutando a paisagem à procura de alguma pista sobre o que acontecera com o Augusta.

Tudo o que se relacionava com esta parte da Itália era estranho, pensou ele. Até o solo vermelho-ferrugem em torno de Putéolos possuía uma certa qualidade de magia, de modo que, quando era misturado com cal e jogado no mar, virava pedra. Esse puteolano, como o chamavam em homenagem ao local de nascença, fora a descoberta que transformara Roma.

E também dera à família de Attilius a profissão, porque aquilo que antigamente precisava de uma trabalhosa construção em pedra e tijolo podia agora ser erguido de um dia para o outro.

Com suporte temporário de concreto e cimento, Agripa implantara os grandes ancoradouros de Miseno e irrigara o império com aquedutos — o Augusta aqui em Campânia, o Julia e o Virgo em Roma, e Nemausus na Gália do sul. O mundo fora refeito. Mas em nenhuma parte aquele cimento hidráulico tinha sido usado com mais efeito do que na terra em que tinha sido descoberto. Píeres e cais, terraços e encostas, quebra-mares e viveiros de peixes tinham transformado a baía de Nápoles. Vilas inteiras pareciam saltar das ondas e flutuar na margem. O que outrora tinha sido o reino dos

super-ricos — César, Crasso, Pompeu — fora inundado por uma nova classe de milionários, homens como Ampliatus.

Attilius se perguntava quantos dos proprietários, à vontade e tórridos enquanto aquele causticante agosto se esticava, bocejava e se acomodava ao entrar na sua quarta semana, estariam cientes, naquele momento, da pane no aqueduto. Ele calculava que não eram muitos. A água era levada por escravos ou aparecia milagrosamente do esguicho de um dos chuveiros de Sergius Orata. Mas eles ficariam sabendo dentro em pouco. Iriam saber assim que tivessem de começar a beber suas piscinas.

Quanto mais para o leste eles remavam, mais o Vesúvio dominava a baía. Suas encostas mais baixas eram um mosaico de campos cultivados e vilas, mas a partir da metade surgia uma floresta verde-escura, virgem. Alguns tufo de nuvem pendiam imóveis em torno do pico que se afunilava.

Torquatus declarou que a caça lá em cima era excelente — javali, cervo, lebre. Ele tinha ido lá muitas vezes com os cães, a rede e também o arco. Mas era preciso ficar de olho nos lobos. No inverno, o topo ficava coberto de neve.

Acocorado ao lado de Attilius, Torquatus tirou o elmo e enxugou a testa.

— É difícil imaginar neve neste calor — disse ele.

— E é difícil de subir?

— Não muito. Mais fácil do que parece. O topo é bem plano quando se chega lá em cima. Spartacus o transformou no acampamento do seu exército rebelde. Deve ter sido uma fortaleza natural excelente. Não é de admirar que a escória conseguisse manter as legiões afastadas por tanto tempo. Quando o céu está claro, é possível enxergar até oitenta quilômetros ao longe.

Eles tinham passado pela cidade de Nápoles e seguiam em paralelo a uma cidade menor que Torquatus disse ser Herculano. Por ser a costa uma faixa contínua de construções — paredes ocre e telhados vermelhos, de vez em quando perfurada pelos avanços verdes dos ciprestes — nem sempre era possível dizer onde uma cidade acabava e outra começava. Herculano parecia imponente e satisfeita consigo mesma aos pés da luxuriante montanha, as janelas

dando para o mar. Barcos de lazer de cores brilhantes, alguns com a forma de seres do mar, balançavam nos baixios. Havia guarda-sóis nas praias, pessoas lançando linhas de pescar dos cais. Música e gritos de crianças jogando bola eram levados pelo ar sobre a água plácida.

— Aquela é a mais imponente vila à margem da baía — disse Torquatus.

Ele fez com a cabeça um gesto em direção a uma imensa propriedade com uma colunata que se espalhava pela costa e se erguia em terraços acima do mar. — É a Villa Calpurnia. Eu tive a honra de levar o novo imperador até lá, no mês passado, numa visita ao ex-cônsul Pedius Cascus.

— Cascus? — Attilius imaginou o senador que parecia um camaleão que ele vira na noite anterior, enfaixado na sua túnica de listras vermelhas. — Eu não fazia ideia de que ele era tão rico assim.

— Herdou por intermédio da mulher dele, Rectina, que tinha certas ligações com o clã dos Piso. O almirante vem aqui com frequência, para usar a biblioteca. Está vendo aquele grupo de figuras, lendo à sombra ao lado da piscina? São filósofos. — Torquatus achava aquilo muito engraçado. — Alguns homens criam pássaros como passatempo, outros têm cães. O senador sustenta filósofos!

— E de que espécie são esses filósofos?

— Seguidores de Epicuro. Segundo Cascus, eles afirmam que o homem é mortal, os deuses são indiferentes quanto ao seu destino e, portanto, a única coisa a fazer na vida é aproveitar.

— Eu poderia ter dito isso a ele de graça.

Torquatus tornou a rir e depois colocou o elmo e apertou a correia.

— Agora não falta muito para Pompeia, engenheiro. Acho que mais meia hora. Ele seguiu de volta à popa.

Attilius protegeu os olhos e contemplou a vila. Ele nunca gostara muito de filosofia. Por que um ser humano devia herdar um palácio daqueles e um outro ser feito em pedaços por enguias, e um terceiro arruinar as costas na escuridão sufocante remando numa liburna — um homem podia ficar louco ao tentar achar uma

explicação para o fato de o mundo ser composto dessa maneira. Por que teria ele de ver sua mulher morrer quando ela era pouco mais que uma menina? Que lhe mostrassem os filósofos que podiam responder, e ele começaria a entender a existência deles.

Ela sempre quisera ir de férias à baía de Nápoles, e ele sempre se recusara, dizendo que estava muito ocupado. E agora era tarde demais. A dor pelo que tinha perdido e o arrependimento pelo que deixara de fazer, seus assaltantes gêmeos, tornaram a pegá-lo desprevenido e, como sempre, o deixaram deprimido. Ele sentiu um aperto no peito.

Olhando para a costa, lembrou-se da carta que um amigo mostrara no dia do enterro de Sabina; ele a decorara. O jurista Servius Sulpicus, há mais de um século, estava navegando de volta da Ásia para Roma, dominado pela dor, quando se viu contemplando a costa do Mediterrâneo. Depois, descreveu seus sentimentos a Cícero, que acabara de perder a filha:

Lá, atrás de mim, estava Egina, à minha frente Megara, à direita Pireu, à esquerda Corinto; outrora cidades progressistas, agora caídas em ruínas aos nossos olhos, e eu comecei a pensar comigo mesmo: "Como podemos reclamar se um de nós morre ou é morto, criaturas efêmeras que somos, quando os cadáveres de tantas cidades jazem abandonados num só lugar? Contenha-se, Servius, e lembre-se de que você nasceu um homem mortal. Será que pode ficar tão entristecido com a perda do frágil espírito de uma pobre mulherzinha"?

Ao que, para Attilius, a resposta ainda continuava sendo, mais de dois anos depois: sim.

Ele deixou que o calor lhe encharcasse o corpo e o rosto por alguns instantes e, contra a vontade, deve ter deslizado para o sono, porque quando abriu os olhos a cidade desaparecera e havia mais uma enorme vila dormitando à sombra de seus gigantescos pinheiros, com escravos regando o gramado e recolhendo folhas da superfície da piscina. Ele sacudiu a cabeça para clarear o raciocínio e apanhou a sacola de couro na qual levava o que precisava — a carta de Plínio aos edis de Pompeia, um pequeno saco de moedas de ouro e o mapa do Augusta.

O trabalho sempre fora seu consolo. Attilius desenrolou o mapa, apoiando-o nos joelhos, e sentiu um súbito toque de angústia. Percebeu que nem todas as proporções do esboço estavam corretas. O mapa não transmitia a imensidão do Vesúvio, pelo qual eles ainda não tinham passado e que, sem dúvida, agora que olhava para ele, devia ter 11 ou 13 quilômetros de largura. O que parecera apenas a largura de um polegar no mapa era, na realidade, metade de uma poeirenta trilha na montanha durante metade da manhã, no calor escaldante do sol. Attilius recriminou-se pela ingenuidade — jactando-se para um cliente, no conforto da biblioteca dele, do que podia ser feito, sem primeiro verificar a verdadeira situação do terreno. O erro clássico do novato.

Ele se levantou e se dirigiu para perto dos homens, que estavam agachados formando um círculo, jogando dados. Corax estava com a mão tapando o copo e o sacudia com força.

Não ergueu os olhos quando a sombra de Attilius caiu sobre ele.

— Vamos lá, Fortuna, sua puta velha — murmurou ele e jogou os dados. Tirou o máximo em todos — um cão — e soltou um gemido.

Becco deu um grito de alegria e recolheu a pilha de moedas de cobre.

— Minha sorte estava boa até ele aparecer. — Corax agitou o dedo em direção a Attilius. — Ele é pior do que um corvo, rapazes. Guardem o que eu digo: ele vai nos levar à morte.

— Não sou como o Exomnius — disse o engenheiro, agachando-se ao lado deles. — Aposto que ele sempre ganhava. — Ele apanhou os dados.

— De quem são?

— Meus — respondeu Musa.

— Vou dar uma sugestão. Vamos jogar um jogo diferente.

Quando chegarmos a Pompeia, Corax vai seguir primeiro para o lado mais distante do Vesúvio, para procurar o rompimento no Augusta. Alguém terá de ir com ele. Por que vocês não jogam para ver quem tem o privilégio?

— Quem ganhar vai com o Corax! — exclamou Musa.

— Não — disse Attilius. — Quem perder.

Todos riram, exceto Corax.

— Quem perder! — repetiu Becco. — Essa é boa!

Eles se revezaram na jogada dos dados, cada homem tapando o copo com a mão enquanto sacudia, cada qual sussurrando uma oração especial para ter sorte.

Musa foi o último, e ganhou um cão. Ficou desconcertado.

— Você perdeu! — cantou Becco. — Musa, o derrotado!

— Está bem — disse Attilius — os dados decidiram. Corax e Musa vão localizar o defeito.

— E quanto aos outros? — resmungou Musa.

— Becco e Corvinus vão seguir a cavalo para Avelino e fechar as comportas.

— Não entendo por que é preciso que dois vão a Avelino. E o que é que o Polites vai fazer?

— Polites fica comigo em Pompeia e organiza as ferramentas e o transporte.

— Ah, isso é justo! — disse Musa, ríspido. — O homem livre sua nas entranhas da montanha, enquanto o escravo vai foder as putas de Pompeia! — Ele agarrou os dados e atirou-os no mar. — É isso que eu penso da minha sorte!

Do piloto na proa do navio veio um grito de aviso: — Pompeia à frente! — e seis cabeças se voltaram como se fossem uma só, para olhar.

Ela surgiu lentamente por trás de um promontório, e não era nada do que o engenheiro esperara — não era um balneário amplo como a Baía ou Nápoles, estendida ao longo da costa da baía, mas uma cidade-fortaleza, construída para suportar um cerco, recuada uns quatrocentos metros em relação ao mar, em terreno mais alto, o porto espalhado abaixo dela.

Só quando chegaram mais perto foi que Attilius viu que os muros já não eram contínuos — que os longos anos da paz romana tinham persuadido os fundadores da cidade a baixarem a guarda.

Tinha sido permitido que casas surgissem acima das defesas e se derramassem em terraços que se ampliavam e eram sombreados por pinheiros, em direção às docas.

Dominando a fila de telhados planos estava um templo, dando para o mar. Brilhantes pilares de mármore tinham no topo o que a princípio parecia um friso de figuras de ébano. Mas o friso, pelo que ele percebeu, estava vivo. Artesãos, quase nus e escurecidos pelo sol, deslocavam-se de um lado para o outro contra a pedra branca — trabalhando, muito embora fosse um feriado público. O soar de talhadeiras na pedra e o raspar das serras eram ouvidos com clareza no ar quente.

Atividade por toda parte. Gente andando em cima do muro e trabalhando nos jardins que davam para o mar. Gente seguindo em grande quantidade pela estrada na frente da cidade — a pé, a cavalo, em bigas e em carroças — levantando uma névoa de poeira e entupindo as trilhas íngremes que levavam do porto às duas enormes portas da cidade. Quando a Minerva virou para a estreita entrada do porto, o alarido da multidão ficou alto — uma multidão de feriado, ao que parecia, indo para a cidade e vinda do interior para celebrar o festival de Vulcano. Attilius correu os olhos pelo cais à procura de fontes, mas não viu nenhuma.

Os homens estavam todos calados, de pé em fila, cada um com seus pensamentos.

Ele se voltou para Corax.

— Em que ponto a água entra na cidade?

— No outro lado da cidade — respondeu Corax, olhando atentamente para a Pompeia. — Ao lado da Porta Vesúvio. Se — deu forte ênfase à palavra — ela ainda estiver correndo.

Aquilo seria uma piada, pensou Attilius, se se descobrisse que a água não estava correndo e ele os tivesse levado até ali com base apenas na palavra de um velho maluco adivinho.

— Quem trabalha lá?

— Só um escravo da cidade. Você não vai achar que ele sirva para muita coisa.

— Por quê?

Corax sorriu e abanou a cabeça. Ele não ia dizer. Uma piada pessoal.

— Está bem. Então, é na Porta Vesúvio que vamos começar.

— Attilius bateu palmas. — Vamos, rapazes. Vocês já viram uma

cidade antes. O cruzeiro terminou.

Eles agora estavam no porto. Armazéns e guindastes se apertavam à beira da água.

Atrás deles havia um rio — o Sarno, segundo o mapa de Attilius, — entupido de balsas esperando descarga. Torquatus, berrando ordens, percorreu toda a extensão do navio. As batidas de tambor reduziram o ritmo e cessaram. Os remos foram recolhidos. O timoneiro virou o leme ligeiramente e eles deslizaram pelo cais a um ritmo de caminhar, não mais de trinta centímetros de água clara entre o convés e o cais. Dois grupos de marinheiros levando amarras saltaram e enrolaram-nas rapidamente nos postes de pedra. Um instante depois as cordas esticaram com um estalar e, com um tranco que quase derrubou Attilius, a Minerva parou.

Ele a viu enquanto recuperava o equilíbrio. Um grande e liso plinto de pedra com uma cabeça de Netuno jorrando água da boca para uma cuba que tinha a forma de uma concha de ostra, e a cuba transbordando — era disso que ele nunca se esqueceria — caindo em cascata para enxaguar as pedras do pavimento e escorrer, despercebida, para o mar. Ninguém estava entrando em fila para beber. Ninguém prestava atenção alguma. Por que iriam fazê-lo? Era apenas um milagre comum. Ele saltou do lado baixo do navio de guerra e seguiu oscilante em direção a ela, sentindo a estranha solidez do terreno depois da travessia da baía. Largou a sacola e colocou as mãos no arco claro de água, fez uma concha com elas e levou-as aos lábios. A água estava com um sabor doce e puro e ele quase soltou uma gargalhada de prazer e alívio. Depois enfiou a cabeça embaixo do cano e deixou a água correr por toda parte — para dentro da boca e das narinas, dos ouvidos, pela nuca — sem se importar com as pessoas que o olhavam como se ele tivesse ficado louco.

HORA QUARTA



9h48

"Estudos do isótopo do magma vulcânico napolitano mostram sinais de importante mistura com a rocha à sua volta, indicando que o reservatório não é um só corpo continuamente derretido. Em vez disso, o reservatório poderia parecer-se mais com uma esponja com o magma escorrendo por inúmeras fraturas na rocha. A maciça camada de magma pode penetrar em vários reservatórios menores que estejam mais próximos da superfície e sejam pequenos demais para serem identificados com técnicas sísmicas (...)"

American Association for the Advancement of Science, news bulletin

MASSIVE MAGMA LAYER FEEDS MT. VESUVIUS

16 de novembro de 2001

Era possível comprar qualquer coisa de que se precisasse no porto de Pompeia. Papagaios indianos, escravos núbios, sais dos lagos próximos ao Cairo, canela chinesa, macacos africanos, jovens escravas orientais famosas pelas técnicas sexuais... Cavalos eram tão fáceis de achar quanto moscas. Meia dúzia de vendedores

circulavam do lado de fora do galpão da alfândega. O mais próximo estava sentado num banco embaixo de um cartaz primitivamente desenhado com o alado Pégaso, com os dizeres: "Baculus: Cavalos Rápidos o Bastante para os Deuses."

— Eu preciso de cinco — disse Attilius ao vendedor. — E nada dos seus exaustos pôneis. Eu quero animais bons, fortes, capazes de trabalhar o dia inteiro. E preciso deles agora.

— Não tem problema, cidadão. — Baculus era um homem pequeno, careca, com o rosto vermelho e os olhos vidrados de um grande bebedor. Usava um anel de ferro muito grande para o dedo, que ele torcia nervosamente, sem parar. — Nada é problema em Pompeia, desde que você tenha dinheiro. Veja bem, eu vou exigir um depósito. Um dos meus cavalos foi roubado na semana passada.

— E eu também quero bois. Duas juntas e duas carroças.

— Num feriado público? — Ele estalou a língua. — Isso, eu acho, vai demorar mais.

— Quanto tempo?

— Deixe eu ver. — Baculus olhou para o sol com os olhos semicerrados. Quanto mais difícil ele fizesse parecer, mais poderia cobrar. — Duas horas. Talvez três.

— Combinado.

Barganharam o preço, o vendedor pedindo uma quantia absurda que Attilius imediatamente dividiu por dez. Mesmo assim, quando por fim os dois se apertaram as mãos, ele estava certo de que tinha sido roubado e aquilo o irritou, como acontecia com qualquer tipo de desperdício. Mas ele não tinha tempo para procurar uma oferta melhor. Disse ao vendedor que levasse imediatamente quatro dos cavalos à Porta Vesúvio e depois abriu caminho por entre os vendedores e seguiu em direção à Minerva.

Aquela altura a tripulação já tivera permissão para subir ao convés. A maioria tinha tirado as túnicas ensopadas e o fedor de suor dos corpos espalhados era forte o bastante para competir com o mau cheiro da fábrica de molho de peixe ali perto, onde vísceras que se liquefaziam decompunham-se em tanques ao sol. Corvinus e Becco pisavam com cautela por entre os remadores, levando as ferramentas, jogando-as pela balaustrada para Musa e Polites. Corax

estava de pé, de costas para a embarcação, olhando para a cidade, de vez em quando erguendo-se na ponta dos pés para olhar por cima da multidão.

Ele percebeu a presença de Attilius e parou.

— Com que então a água está correndo — disse ele e cruzou os braços. Havia algo de quase heroico em sua teimosia, em sua recusa a admitir que estivera errado. Foi aí que Attilius percebeu, sem dúvida alguma, que, tão logo tudo aquilo acabasse, teria de se livrar dele.

— É, está correndo — concordou ele.

Acenou para os outros, mandando que parassem o que estavam fazendo e fossem reunir-se com ele. Ficou combinado que eles deixariam Polites para acabar de descarregar o material e vigiar as ferramentas no cais; Attilius lhe mandaria um recado, dizendo onde eles iriam se encontrar mais tarde. Então os cinco restantes partiram em direção à porta mais próxima, Corax vindo por último; sempre que Attilius olhava para trás parecia que Corax estava procurando por alguém, o pescoço se esticando de lado a lado.

O engenheiro os conduziu pela rampa que ia do porto para o muro da cidade, embaixo do semiacabado templo de Vênus e dentro do túnel escuro da porta. Um funcionário da alfândega lançou-lhes um olhar superficial, para verificar se não estavam levando nada que pudessem vender, e depois fez um gesto com a cabeça, deixando-os entrar na cidade.

A rua do outro lado da porta não era tão íngreme quanto a rampa do lado de fora, ou tão escorregadia, mas era mais estreita, de modo que eles quase foram esmagados pelo peso de corpos entrando como um vagalhão em Pompeia. Attilius se viu levado em frente, passando por lojas e por mais um grande templo — este dedicado a Apoio — e entrando num ofuscante espaço aberto e na enorme atividade do fórum.

Para uma cidade provinciana, era imponente: basílica, mercado coberto, mais templos, uma biblioteca pública — todos brilhantemente coloridos e tremeluzindo à luz do sol; três ou quatro dúzias de estátuas de imperadores e outras pessoas ilustres bem

alto em seus pedestais. Nem tudo estava terminado. Uma teia de andaimos de madeira cobria alguns dos prédios grandes.

Os muros altos atuavam para pegar o barulho da multidão e refleti-lo de volta para eles — as flautas e os tambores dos músicos itinerantes, os gritos dos pedintes e mascates, o chiado do cozinhar de alimentos. Vendedores de frutas ofereciam figos verdes e fatias rosadas de melões.

Comerciantes de vinho se agachavam ao lado de fileiras de ânforas vermelhas apoiadas em ninhos de palha amarela. Aos pés de uma estátua próxima, um encantador de serpentes sentava-se de pernas cruzadas, tocando uma flauta, uma serpente cinzenta erguendo-se estonteada da esteira à sua frente, uma outra enrolada no pescoço dele. Escravos, curvados sob o peso de molhes de madeira, apressavam-se, revezando-se, a empilhá-los na grande fogueira que estava sendo armada no centro do fórum para o sacrifício a Vulcano que ocorreria logo depois de anoitecer. Um barbeiro anunciava-se como perito em arrancar dentes e tinha uma pilha de uns trinta centímetros de altura de ameias cinza e pretas para prová-lo.

O engenheiro tirou o chapéu e enxugou a testa. Já havia algo em relação à cidade de que ele não gostava muito. Uma cidade de caloteiros, pensou ele. Cheia de gente aproveitando qualquer oportunidade para melhorar de vida. Ela receberia de bom grado um visitante pelo tempo que fosse preciso para espoliá-lo. Attilius fez sinal chamando Corax para perguntar onde poderia encontrar os edis — ele teve de encostar as mãos em concha no ouvido do homem para se fazer ouvir — e o supervisor apontou para uma fileira de três pequenos escritórios na borda sul da praça, todos fechados por causa do feriado. Um longo quadro de avisos estava coberto de proclamações, prova de uma florescente burocracia. Attilius xingou a si mesmo. Nada era fácil, nunca.

— Você conhece o caminho para a Porta Vesúvio — gritou ele para Corax. — Vá na frente.

Água corria pela cidade. Enquanto abriam caminho à força para chegar ao outro extremo do fórum, ele a ouvia lavando a grande latrina pública ao lado do templo de Júpiter e borbulhando

nas ruas mais adiante. Ele se mantinha junto a Corax, e uma ou duas vezes viu— se espadanando nas pequenas torrentes que corriam nas sarjetas, levando embora a poeira e o lixo, encosta abaixo, até o mar. Ele contou sete fontes, todas transbordando. Estava claro que o prejuízo do Augusta era lucro para Pompeia. Toda a força do aqueduto não tinha outro lugar para onde correr, exceto ali. Por isso, enquanto as outras cidades em torno da baía ficavam secas no calor, as crianças de Pompeia patinhavam nas ruas.

Era duro subir a montanha. A massa de gente estava, na maior parte, deslocando-se na direção oposta, descendo em direção às atrações do fórum. Quando eles chegaram à grande porta norte, Baculus já os esperava com os cavalos. Ele os amarrara a um poste ao lado de um pequeno prédio encostado ao muro da cidade.

— O castelo de água? — perguntou Attilius e Corax confirmou com a cabeça.

O engenheiro absorveu tudo num olhar — a mesma construção de tijolos vermelhos que a Piscina Mirabilis, o mesmo som abafado de água correndo. Parecia ser o ponto mais elevado da cidade, e isso fazia sentido: invariavelmente, um aqueduto entrava por baixo dos muros de uma cidade no ponto em que a elevação fosse a maior de todas. Olhando para trás, encosta abaixo, ele via as torres de água que regulavam a pressão do fluxo. Mandou que Musa entrasse no castelo para buscar o escravo encarregado do controle da água, enquanto voltava a atenção para os cavalos. Pareciam razoáveis. Não se ia querer inscrevê-los numa corrida no Circo Máximo, mas fariam o serviço. Contou uma pequena pilha de moedas de ouro e deu-as a Baculus, que testou uma a uma com os dentes.

— E os bois?

Esses, prometeu Baculus, com uma pressão muito solene das mãos no coração e um erguer de olhos para o céu, estariam prontos na sétima hora. Ele iria providenciar tudo agora mesmo. Desejou-lhes todas as bênçãos de Mercúrio na viagem e se afastou — mas só, pelo que Attilius percebeu, até o bar do outro lado da rua.

Attilius distribuiu os cavalos com base na força. Os melhores ele deu a Becco e Corvinus, pelo simples fato de que teriam de

cavalgar mais tempo. Ainda estava explicando seus motivos a Corax quando Musa reapareceu para anunciar que o castelo de água estava deserto.

— O quê? — Attilius girou nos calcanhares. — Não há ninguém lá?

— Lembre-se de que é a vulcanália.

— Eu lhe disse que ele não adiantaria nada — disse Corax.

— Feriados públicos! — Attilius sentiu vontade de esmurrar a parede de tijolos de tanta frustração. — Em algum lugar desta cidade é melhor que tenha alguém disposto a trabalhar.

Ele contemplou, inquieto, sua insignificante expedição e tornou a pensar no quanto tinha sido imprudente na biblioteca do almirante, confundindo o que era teoricamente possível com o que realmente poderia ser realizado. Mas agora não havia outra coisa a fazer. Ele pigarreou.

— Está bem. Vocês todos sabem o que têm de fazer? Becco, Corvinus, algum de vocês já esteve em Avelino antes?

— Eu já — disse Becco.

— Como é que funciona?

— As fontes nascem sob um templo dedicado às deusas da água e correm para uma bacia dentro do ninfeu. O aguadeiro em exercício é Probus, que também serve como sacerdote.

— Um aguadeiro como sacerdote! — Attilius riu com amargura e abanou a cabeça. — Pois pode dizer a esse engenheiro celestial, seja lá quem for, que as deusas, em sua celestial sabedoria, mandam que ele feche a comporta principal e desvie toda a água dele para Benevento. Providencie para que isso seja feito no momento em que você chegar. Becco, você vai ficar em Avelino e vigiar para que a comporta fique fechada durante doze horas. Depois torne a abri-la. Doze horas, com o máximo de exatidão que lhe for possível. Entendeu?

Becco confirmou com a cabeça.

— E se, por uma chance remota, não pudermos fazer os reparos em doze horas? — perguntou Corax, sarcástico — o que é que se faz?

— Eu já pensei nisso. Assim que a água for fechada, Corvinus deixa Becco na bacia e segue o curso do Augusta montanha abaixo, até chegar até nós, a nordeste do Vesúvio. A essa altura estará claro o volume de trabalho que precisa ser feito. Se não pudermos resolver o problema em doze horas, ele poderá levar o recado a Becco para manter a comporta fechada até terminarmos. É muito terreno para cavalgar, Corvinus. Você está em condições?

— Estou, aguadeiro.

— Ótimo.

— Doze horas! — repetiu Corax, abanando a cabeça. — Isso significa entrar pela noite trabalhando.

— O que há, Corax? Medo do escuro? — Uma vez mais Attilius conseguiu provocar uma risada dos outros homens. — Quando localizar o problema, faça uma avaliação do quanto de material vamos precisar para o serviço de reparo, e de quantos trabalhadores. Você fica aqui e manda o Musa de volta com um relatório. Vou requisitar aos edis tochas em quantidade suficiente com tudo o mais de que precisarmos. Assim que eu tiver carregado as carroças, vou esperar aqui no castelo de água por notícias suas.

— E se eu não localizar o problema?

Passou pela cabeça de Attilius que o supervisor, na sua amargura, poderia tentar sabotar toda a missão.

— Neste caso, nós partiremos de qualquer maneira e chegaremos até você antes do cair da noite. — Ele sorriu. — Por isso, não tente me foder.

— Tenho certeza de que há muita gente que gostaria de te foder, bonitinho, mas eu não sou um deles. — Corax olhou com malícia para ele. — Você está muito longe de casa, jovem Marcus Attilius. Aceite o meu conselho. Nesta cidade, proteja as costas. Se é que me entende.

E ele agitou a virilha para trás e para a frente no mesmo gesto obsceno que fizera na encosta da montanha no dia anterior, quando Attilius estivera procurando pela fonte.

Ele os viu partir do pomério, a sagrada fronteira situada logo depois da Porta Vesúvio, mantida isenta de construções em honra das divindades protetoras da cidade.

A estrada corria em torno da cidade como uma pista de corridas, passando ao lado de obras de bronze e atravessando um enorme cemitério. Enquanto os homens montavam em seus cavalos, Attilius achou que devia dizer alguma coisa — um discurso como os de César, na véspera de uma batalha — mas nunca encontrava aquele tipo de palavras.

— Quando isso acabar, vou comprar vinho para todos. No lugar mais elegante de Pompeia — acrescentou ele, pouco convincente.

— E uma mulher — disse Musa, apontando para ele. — Não se esqueça das mulheres, aguadeiro!

— As mulheres você pode pagar com o seu dinheiro.

— Se ele conseguir achar uma puta que vá com ele!

— Vai se foder, Becco. Até logo, babacas!

E antes que Attilius pudesse pensar em qualquer outra coisa para dizer eles estavam batendo com os calcanhares nos lados dos cavalos, afastando-se por entre as multidões que entravam em peso na cidade — Corax e Musa para a esquerda, para tomarem a trilha de Nola; Becco e Corvinus para a direita, em direção a Nuceria e Avelino. Enquanto entravam na necrópole trotando, só Corax olhou para trás — não para Attilius, mas acima da cabeça dele, para os muros da cidade. Seu olhar percorreu defesas e torres de vigilância uma última vez, depois instalou-se mais firmemente na sela e virou em direção ao Vesúvio.

O engenheiro acompanhou o avanço dos cavaleiros enquanto desapareciam atrás dos túmulos, deixando apenas uma mancha de poeira marrom acima dos sarcófagos brancos para mostrar por onde tinham passado.

Ficou parado por alguns instantes — ele praticamente não os conhecia, e ainda assim tantas de suas esperanças e tanto do seu futuro os acompanhavam! Depois voltou para a porta da cidade pelo mesmo caminho por onde viera.

Só quando se juntou à fila de pedestres formada na porta notou a ligeira corcunda no terreno no ponto em que o túnel do aqueduto passava por baixo do muro da cidade. Ele parou e mudou de direção, seguindo a linha do túnel em direção ao tampão de

inspeção mais próximo e viu, com surpresa, que o caminho do túnel apontava diretamente para o cume do Vesúvio. Através da névoa de poeira e calor, a montanha erguia-se ainda mais maciçamente sobre o campo do que se erguera acima do mar, mas de modo menos distinto; mais cinza-azulado do que verde.

Era impossível que o ramal seguisse até o próprio Vesúvio. Attilius calculou que o ramal devia se desviar para o leste na beira das encostas mais baixas e viajar para o interior, para se juntar à linha principal do Augusta. Ele se perguntou qual seria esse ponto exato. Quem dera ele conhecesse a forma da terra, a qualidade da rocha e do solo.

Mas para ele Campânia era um mistério.

Attilius passou de volta pela porta que estava na sombra e seguiu para o forte brilho da pequena praça, agudamente cômico, de repente, de estar sozinho numa cidade desconhecida. O que Pompeia sabia ou achava sobre a crise fora de seus muros? A despreocupada atividade no lugar parecia zombar deliberadamente dele, que caminhou seguindo o lado do castelo de água e pelo curto beco que levava à entrada.

— Tem alguém aí?

Nenhuma resposta. Naquele ponto ele ouvia com nitidez muito maior o curso do aqueduto.

Quando empurrou e abriu a porta baixa de madeira, foi atingido imediatamente pelo forte borribo e aquele penetrante, grosseiro e doce cheiro — o cheiro que o perseguira a vida toda — de água doce em pedra quente.

Ele entrou. Dedos de luz vindos de duas pequenas janelas situadas bem alto, acima de sua cabeça, furavam a fria escuridão. Mas ele não precisava de luz para saber como o castelo fora construído, porque já vira dúzias deles ao longo dos anos — todos idênticos, dispostos de acordo com os princípios de Vitruvius. O túnel do ramal de Pompeia era menor do que a matriz principal do Augusta, mas ainda de tamanho suficiente para que um homem se esgueirasse ao longo dele para fazer reparos. A água se projetava da boca do túnel através de uma tela de bronze, caindo num raso reservatório de concreto dividido por portas de madeira que, por sua

vez, alimentavam um conjunto de três grandes canos de chumbo. O duto central levava o abastecimento para os bebedouros; o da esquerda seria para as casas particulares; o da direita, para as termas e os teatros. O que era fora do comum era a força do fluxo. Ele não apenas encharcava as paredes. Também arrastava uma massa de detritos pelo túnel, prendendo-a na tela de metal. Attilius identificou folhas e galhos e até mesmo algumas pedras. Manutenção descuidada. Não era de admirar que Corax dissesse que o escravo de água era inútil.

Attilius passou uma das pernas sobre a parede de concreto do reservatório, depois a outra, e arriou o corpo na piscina agitada. A água chegou-lhe quase até a cintura. Era como entrar num monte de seda quente. Ele deu alguns passos até a grade e passou as mãos embaixo da água, em torno da borda da moldura da tela, Tateando à procura dos prendedores. Quando os encontrou, desaparafusou-os. Havia mais dois no alto. Ele os abriu também, ergueu a tela e afastou-se para deixar o lixo passar por ele, veloz.

— Tem alguém aí?

A voz o assustou. Um rapaz estava em pé na porta.

— Claro que tem alguém aqui, seu idiota. O que você acha?

— O que você está fazendo?

— Você é o escravo-aguadeiro? Pois então eu estou fazendo a porra do seu trabalho para você; é o que eu estou fazendo. Espere aí.

Attilius recolocou a tela no lugar e tornou a prendê-la, andou para o lado do reservatório e, com um impulso, saiu da água.

— Eu sou Marcus Attilius. O novo aguadeiro do Augusta. E como chamam você, a não ser de idiota preguiçoso?

— Tiro, aguadeiro. — Os olhos do rapaz estavam arregalados de medo, as pupilas pulando rápidas de um lado para o outro. — Perdão. — Ele caiu de joelhos. — O feriado público, aguadeiro, eu dormi além da hora, eu...

— Está bem. Isso não tem importância. — O rapaz tinha apenas uns 16 anos de idade, um fragmento de humanidade, magro como cachorro vadio, e Attilius se arrependeu da grosseria. — Vamos. Levante-se do chão. Eu preciso de você para me levar aos

magistrados. — Ele estendeu a mão, mas o escravo a ignorou, os olhos ainda faiscando alucinadamente de um lado para o outro. Attilius abanou a palma em frente ao rosto de Tiro.

— Você é cego?

— Sou, aguadeiro.

Um guia cego. Não era de admirar que Corax tivesse sorrido quando Attilius perguntara a respeito dele. Um guia cego numa cidade inamistosa!

— Mas como você desempenha suas funções?

— Eu ouço melhor do que qualquer pessoa. — Apesar do nervosismo, Tiro falou com um traço de orgulho. — Pelo barulho da água, eu posso dizer se ela está correndo bem e se está obstruída. Eu sinto o cheiro dela. Posso prová-la para ver se contém impurezas. — Ele ergueu a cabeça, cheirando o ar. — Esta manhã eu não preciso ajustar as comportas. Nunca ouvi o fluxo tão forte.

— É verdade. — O engenheiro confirmou com a cabeça: ele subestimara o rapaz.

— A linha principal está bloqueada em algum ponto entre aqui e Nola. Foi por isso que eu vim, tentar ajuda para fazer o reparo. Você é propriedade da cidade?

Tiro confirmou com a cabeça.

— Quem são os magistrados?

— Marcus Holconius e Quintus Brittius — respondeu Tiro prontamente. — Os edis são Lucius Popidius e Gaius Cuspius.

— Quem é o responsável pelo abastecimento de água?

— Popidius.

— Onde eu posso achá-lo?

— Hoje é feriado...

— Onde é a casa dele?

— Descendo direto a montanha, aguadeiro, em direção à Porta Estabiana. À esquerda. Logo depois do grande entroncamento. — Tiro se levantou desajeitado e ansioso. — Eu posso lhe mostrar, se quiser.

— Eu poderia encontrá-la sozinho?

— Não, não. — Tiro já estava no beco, ansioso por mostrar-se útil. — Eu posso levar o senhor até lá. O senhor vai ver.

Os dois desceram para a cidade juntos. Ela se espraiava, desajeitada, abaixo deles, uma confusão de telhados de terracota descendo para um mar cintilante. Emoldurando a vista à esquerda estava a crista azul da península de Sorrento; à direita ficava o flanco do Vesúvio coberto de árvores. Attilius achou difícil imaginar um ponto mais perfeito para se construir uma cidade, alta o bastante em relação à baía para ser bafejada pela brisa ocasional, perto da costa o bastante para desfrutar dos benefícios do comércio mediterrâneo.

Não era de admirar ela ter sido reerguida tão rapidamente depois do terremoto.

A rua era margeada por casas, não os dispersos blocos de apartamentos de Roma, mas moradias de frente estreita, sem janelas, que pareciam ter voltado as costas para o populoso tráfego e estar olhando para dentro de si mesmos. Portas abertas revelavam um relance ocasional do que ficava do outro lado -frescos vestíbulos de mosaicos, um jardim ensolarado, uma fonte — mas, fora essas impressões rápidas, o único alívio da monotonia das paredes sem vida eram dísticos relacionados com as eleições, escritos com tinta vermelha.

"A MASSA TODA APROVOU A CANDIDATURA DE CUSPIUS PARA O CARGO DE EDIL."

"OS FRUTEIROS, COM HELVIUS VESTALIS, SÃO UNÂNIMES EM RECOMENDAR A ELEIÇÃO DE MARCUS HOLCONIUS PRISCUS COMO MAGISTRADO COM PODER JUDICIAL."

"OS ADORADORES DE ÍSIS RECOMENDAM UNANIMEMENTE A ELEIÇÃO DE LUCIUS POPIDIUS SECUNDUS PARA EDIL."

— A sua cidade inteira parece obcecada com as eleições, Tiro. É pior do que Roma.

— Os homens livres votam nos novos magistrados todo mês de março, aguadeiro.

Eles caminhavam depressa, Tiro se mantendo um pouco à frente de Attilius, enfiando-se pelo pavimento lotado de gente, de vez em quando pisando na sarjeta para seguir espadanando pela corrente. O engenheiro teve de pedir-lhe que diminuísse o passo. Tiro pediu desculpas. Ele ficara cego de nascença, disse ele, alegre:

tinha sido jogado num depósito de lixo do lado de fora dos muros da cidade e deixado para morrer. Mas alguém o apanhara e, desde os seis anos, ele vivera fazendo pequenas tarefas para a cidade. Ele sabia se locomover por instinto.

— Esse edil, Popidius — disse Attilius, quando eles passaram pelo nome dele pela terceira vez. — Deve ser a família dele que teve Ampliatus como escravo, muito tempo atrás.

Mas Tito, apesar da agudeza dos ouvidos, pareceu que, pela primeira vez, não tinha ouvido.

Eles chegaram a um grande cruzamento, dominado por um enorme arco triunfal, apoiado em quatro pilares de mármore. Uma junta de quatro cavalos, imobilizados em pedra, mergulhava e empinava-se contra o brilhante céu azul, puxando a figura da Vitória em sua biga de ouro. O monumento era dedicado a mais um Holconius — Marcus Holconius Rufus, morto havia sessenta anos — e Attilius fez uma pausa suficiente para ler a inscrição: tribuno militar, sacerdote de Augusto, cinco vezes magistrado, patrono da cidade. Sempre os mesmos poucos nomes, pensou ele. Holconius, Popidius, Cuspius... Os cidadãos comuns podiam vestir suas togas toda primavera, sair para ouvir os discursos, atirar seus tabletas nas urnas e eleger um novo conjunto de magistrados. Mas, ainda assim, os rostos conhecidos estavam sempre voltando. O engenheiro ligava para os políticos quase tão pouco quanto ligava para os deuses.

Ele estava para pôr o pé para atravessar a rua quando o recuou de repente. Pareceu-lhe que as grandes pedras do pavimento estavam oscilando levemente. Uma grande onda seca estava passando pela cidade. Um instante depois ele cambaleou, como fizera quando a Minerva atracara, e teve de agarrar o braço de Tiro para evitar que caísse. Algumas pessoas gritaram; um cavalo refugou. Na esquina oposta do cruzamento, uma telha escorregou por um telhado bem inclinado e estilhaçou-se no chão. Por alguns instantes, o centro de Pompeia ficou quase silencioso. Depois, aos poucos, a atividade recomeçou. Respirações soltaram-se. As conversas foram retomadas. O cocheiro agitou o chicote sobre a anca do cavalo nervoso e a carroça saltou para a frente.

Tiro aproveitou-se do intervalo no tráfego para atravessar correndo para o outro lado e, depois de uma curta hesitação, Attilius foi atrás, meio na expectativa de que as grandes pedras elevadas tornassem a ceder sob suas solas de couro. A sensação o deixou mais nervoso do que ele gostaria de admitir. Se não era possível confiar no terreno em que se andava, no que mais se podia confiar? O escravo esperou por ele. Os olhos velados, interminavelmente à procura do que ele não podia ver, davam-lhe uma expressão de constante aflição.

— Não se preocupe, aguadeiro. Neste verão, isso acontece o tempo todo. Cinco vezes, dez vezes até, nos últimos dois dias. O chão está reclamando do calor!

Ele estendeu a mão, mas Attilius fez que não a viu — achou humilhante o cego tranquilizar aquele que podia ver — e subiu ao pavimento elevado sem ajuda.

— Onde fica essa maldita casa? — perguntou ele, irritado, e Tiro fez um gesto vago para uma porta do outro lado da rua, um pouco adiante.

A casa não parecia grande coisa. As paredes brancas de costume. Uma padaria de um lado, uma fila de fregueses esperando para entrar numa confeitaria. Um fedor de urina vindo da lavanderia em frente, com urinóis deixados na rua para os transeuntes usarem (nada limpava roupas tão bem quanto o mijo humano). Ao lado da lavanderia, um teatro. Acima da grande porta da casa estava mais uma das ubíquas faixas pintadas em vermelho:

"SEUS VIZINHOS INSISTEM NA ELEIÇÃO DE LUCIUS POPIDIUS SECUNDUS PARA EDIL. ELE MOSTRARÁ SER DIGNO PARA o CARGO."

Attilius nunca teria achado a casa sozinho.

— Aguadeiro, posso perguntar uma coisa?

— O quê?

— Onde está Exomnius?

— Ninguém sabe, Tiro. Ele desapareceu.

O escravo absorveu aquilo, sacudindo a cabeça. — Exomnius era como o senhor. Ele também não se acostumava com os

tremores. Dizia que eles o faziam lembrar da época antes do grande terremoto, há muitos anos. O ano em que eu nasci.

Ele parecia estar à beira das lágrimas. Attilius colocou uma das mãos no seu ombro e estudou-o com atenção.

— Exomnius esteve em Pompeia recentemente?

— Claro. Ele morava aqui.

Attilius aumentou a pressão.

— Ele morava aqui? Em Pompeia? — O engenheiro ficou perplexo, mas também percebeu logo que aquilo devia ser verdade. Explicava por que os aposentos de Exomnius em Miseno tinham estado tão desprovidos de pertences pessoais, por que Corax não queria que ele fosse ali e por que o supervisor se portara de modo tão estranho em Pompeia — todo aquele olhar em volta, procurando um rosto conhecido em meio à multidão.

— Ele tinha quartos na casa de Africanus — disse Tiro. — Ele não estava aqui o tempo todo. Mas com frequência.

— E quanto tempo faz que você falou com ele?

— Eu não me lembro.

O rapaz, agora, começava a ficar com medo. Voltou a cabeça como se tentasse olhar para a mão de Attilius em seu ombro. O engenheiro largou-o, rápido, e deu-lhe uns tapinhas no braço para tranquilizá-lo.

— Tente se lembrar, Tiro. Pode ser importante.

— Eu não sei.

— Depois do Festival de Netuno, ou antes?

A netunália era no dia 23 de julho: a data mais sagrada do calendário para os homens dos aquedutos.

— Depois. Sem dúvida alguma. Talvez duas semanas atrás.

— Duas semanas? Neste caso, você deve ter sido uma das últimas pessoas a falar com Exomnius. E ele estava preocupado com os tremores?

Tiro tornou a confirmar com a cabeça.

— E Ampliatus? Ele era um grande amigo de Ampliatus, não era? Os dois estavam juntos com frequência?

O escravo fez um gesto indicando os olhos. — Eu não enxergo...

Não, pensou Attilius, mas aposto que você os ouvia: não há muita coisa que escape desses seus ouvidos. Ele olhou para a casa de Popidius, do outro lado da rua.

— Está bem, Tiro. Pode voltar para o castelo. Faça o seu serviço. Eu lhe agradeço pela ajuda.

— Obrigado, aguadeiro.

Tiro fez uma pequena mesura, segurou a mão de Attilius e a beijou. Depois, voltou-se e começou a subir a montanha, em direção à Porta Vesúvio, dançando de um lado para o outro ao passar pela multidão que festejava o feriado.

HORA QUINTA



11h207

"Injeções de novo magma também podem provocar erupções ao perturbarem o equilíbrio térmico, químico ou mecânico do magma mais antigo num reservatório raso. Novos magmas, vindos de fontes mais profundas e mais quentes, podem elevar de repente a temperatura do magma residente, que é mais fria, fazendo-o entrar em convecção e vesicar."

VOLCANOLOGY (segunda edição).

A casa tinha uma porta dupla — tachonada, dobradiças de bronze, firmemente trancada. Attilius bateu nela algumas vezes com o punho. O barulho que ele fez parecia fraco demais para ser ouvido acima da algazarra da rua. Mas, quase que de imediato, a porta se abriu ligeiramente e o porteiro apareceu -um núbio, muito alto e largo numa túnica vermelha sem mangas. Os grossos braços negros e o pescoço, sólidos como troncos de árvore, brilhavam de óleo, como alguma madeira africana envernizada.

— Um guardião digno de sua porta, pelo que vejo — cumprimentou Attilius alegre.

O porteiro não sorriu.

— Diga a que veio.

— Marcus Attilius, aguadeiro do Aqua Augusta, deseja apresentar seus cumprimentos a Lucius Popidius Secundus.

— Hoje é feriado público. Ele não está em casa.

Attilius colocou o pé contra a porta.

— Agora ele está. — O engenheiro abriu a sacola e tirou a carta do almirante. — Está vendo este selo? Entregue a ele. Diga que é do comandante-em-chefe de Miseno. Diga que preciso falar com ele sobre um assunto de interesse do imperador.

O porteiro olhou para o pé de Attilius. Se ele tivesse batido a porta, teria quebrado o pé como se fosse um graveto. Uma voz de homem atrás dele se intrometeu: — Interesse do imperador, foi o que ele acabou de dizer, Massavo? É melhor deixá-lo entrar.

O núbio hesitou — Massavo era o nome certo para ele, pensou Attilius — depois deu um passo para trás e o engenheiro passou rápido pela abertura. A porta foi fechada e trancada depois que ele passou; os sons vindos da rua foram extintos.

O homem que havia falado usava o mesmo uniforme vermelho que o porteiro. Estava com um punhado de chaves presas ao cinto — era de se presumir que fosse o administrador da casa. Ele pegou a carta e passou o polegar pelo lacre, para ver se estava quebrado. Satisfeito, estudou Attilius.

— Lucius Popidius está recebendo convidados para a vulcanália. Mas eu vou providenciar para que ele receba a carta.

— Não — disse Attilius. — Eu mesmo faço isso.

Imediatamente.

Ele estendeu a mão. O administrador deu umas batidinhas com a missiva nos dentes, tentando decidir o que fazer.

— Muito bem. — Devolveu a carta a Attilius. — Acompanhe-me.

Ele seguiu na frente pelo estreito corredor do vestíbulo em direção a um átrio iluminado pelo sol, e pela primeira vez Attilius começou a avaliar a imensidão da velha casa. A fachada estreita era uma ilusão. Por cima do ombro do administrador, ele podia ver o interior, cerca de 45 metros, vistas sucessivas de luz e cor — a passagem na sombra com o chão de mosaico em preto-e-branco; o

ofuscante brilho do átrio com a fonte de mármore; um tablino para receber visitas, protegido por dois bustos de bronze; e depois uma piscina com colunata, os pilares envoltos em trepadeiras. Ele ouvia tentilhões chilreando num aviário em algum ponto e vozes femininas rindo.

Os dois chegaram ao átrio e o administrador disse, rude, "Espere aqui" antes de desaparecer à esquerda, atrás de uma cortina que encobria uma passagem estreita. Attilius olhou à sua volta.

Ali havia dinheiro, dinheiro antigo, usado para comprar uma privacidade absoluta no meio da cidade movimentada. O sol estava quase que diretamente acima, brilhando através de uma abertura quadrada no teto do átrio, e o ar era quente e doce com o perfume de rosas. Da posição em que ele se encontrava, dava para ver quase toda a piscina. Estátuas de bronze trabalhadas decoravam os degraus na parte mais próxima — um javali, um leão, uma cobra erguendo-se de suas espirais e Apoio tocando citara. No outro extremo, quatro mulheres reclinavam-se em sofás, abanando-se com leques, cada qual com sua criada em pé atrás. Elas perceberam Attilius olhando e ouviu-se um pequeno trinado de risos por trás dos leques. Ele sentiu o rubor do constrangimento e deu rapidamente as costas para elas, justamente quando a cortina se abriu e o administrador reapareceu, chamando-o com um gesto.

Attilius logo percebeu, pela umidade e pelo cheiro de óleo, que estava sendo conduzido para as termas privadas da casa. E, claro, pensou ele, devia ser uma suíte própria, porque, com todo aquele dinheiro, não havia razão para se misturar com a plebe comum. O administrador levou-o para o vestiário e disse-lhe que tirasse os sapatos. Em seguida eles saíram de novo para a passagem e entraram no tepidário, onde um homem idoso imensamente gordo estava deitado de bruços, nu, em uma mesa, sendo atendido por um jovem massagista. As nádegas brancas do homem vibravam enquanto o massagista lhe aplicava cutiladas ao longo da espinha. Ele voltou ligeiramente a cabeça quando Attilius passou, olhou-o com um só olho cinzento, injetado, e depois tornou a fechá-lo.

O administrador abriu uma porta deslizante, liberando uma onda de vapor perfumado do interior sombrio, e afastou-se para deixar o engenheiro entrar.

A princípio, foi difícil enxergar muita coisa no caldário. A única luz vinha de duas tochas presas à parede e das brilhantes pedras de carvão de um braseiro, a fonte do vapor que enchia o aposento. Aos poucos Attilius distinguiu uma grande banheira embutida, com três cabeças de cabelos pretos, aparentemente sem corpos, flutuando no acinzentado. Houve uma marola quando uma das cabeças se mexeu e um levantar de água quando uma das mãos foi erguida e levemente agitada.

— Aqui, aguadeiro — disse uma voz lânguida. — Você tem uma mensagem para mim, creio eu, vinda do imperador? Eu não conheço esses flavianos. Creio que são descendentes de um coletor de impostos. Mas Nero foi um grande amigo meu.

Uma outra cabeça se mexeu.

— Traga-nos uma tocha! — ordenou ela. — Pelo menos, vamos ver quem nos perturba num dia festivo.

Um escravo que estava no canto do aposento, que Attilius não havia percebido, apanhou uma das tochas da parede e manteve-a perto do rosto do engenheiro, para que ele pudesse ser inspecionado. Todas as três cabeças estavam, agora, voltadas para ele. Attilius sentia os poros se abrindo, o suor escorrendo livremente pelo corpo. O piso de mosaico estava quente sob seus pés descalços — um hipocausto, percebeu ele. Não havia dúvida de que luxo se empilhava em cima de luxo na casa dos Popidius. Ficou imaginando se Ampliatus, na época em que tinha sido escravo ali, alguma vez fora obrigado a suar sobre a fornalha no verão.

O calor da tocha no seu rosto estava insuportável.

— Aqui não é lugar para tratar de assuntos de interesse do imperador — disse ele e empurrou o braço do escravo para longe. — Com quem estou falando?

— Não há dúvida de que ele é um sujeito rude — declarou a terceira cabeça.

— Eu sou Lucius Popidius — respondeu a voz lânguida — e estes cavalheiros são Gaius Cuspius e Marcus Holconius. E o nosso

querido amigo no tepidário é Quintus Brittius. Agora você sabe quem nós somos? — Os senhores são os magistrados eleitos de Pompeia.

— Correto — afirmou Popidius. — E esta é a nossa cidade, aguadeiro, de modo que veja lá como fala.

Attilius sabia como o sistema funcionava. Como edis, Popidius e Cuspius davam as licenças para todos os negócios, dos bordéis às casas de banho; eram responsáveis por manter as ruas limpas, a água correndo, os templos abertos. Holconius e Brittius eram o duunvirato — a comissão de dois homens — que presidia o tribunal na basílica e aplicava a justiça do imperador: um açoite aqui, uma crucificação ali e, sem dúvida, uma multa para encher os cofres da cidade sempre que possível. Ele não conseguiria muita coisa sem eles, por isso forçou a si mesmo a ficar calado, esperando que falassem. Tempo, pensou ele: eu estou perdendo muito tempo.

— Bem — disse Popidius depois de um intervalo. — Acho que já cozinhei o suficiente.

Ele suspirou e se levantou, uma figura fantasmagórica no vapor, estendendo a mão para pegar uma toalha. O escravo recolocou a tocha no encaixe, ajoelhou-se diante do senhor e passou-lhe um pano em torno da cintura.

— Está bem. Onde está essa carta?

Ele a apanhou e saiu arrastando os pés para o aposento ao lado. Attilius foi atrás.

Brittius estava deitado de costas. O jovem escravo, obviamente, estivera aplicando mais do que uma massagem, porque o pênis de Brittius estava vermelho e inchado, duro, encostado ao gordo aclave de sua barriga. O homem idoso afastou as mãos do escravo com um tapa e apanhou uma toalha. Seu rosto estava roxo. Ele lançou um olhar mal-humorado para Attilius.

— Quem é esse homem, Popi?

— O novo aguadeiro do Augusta. Substituto de Exomnius. Ele vem de Miseno.

Popidius rompeu o lacre e desenrolou a carta. Ele estava com quarenta e poucos anos e era delicadamente bem-apeesoado.

Os cabelos pretos que corriam lisos para trás, por cima das orelhas pequenas, destacavam o perfil aquilino enquanto ele se

curvava à frente para ler; a pele do corpo era branca, macia, sem pelos. Ele mandou arrancá-los, pensou Attilius com repugnância. Os outros estavam, agora, vindo do caldário, curiosos por descobrirem o que acontecia, salpicando água no piso em preto-e-branco. Pelas paredes corria um afresco de um jardim protegido por uma cerca de madeira.

Numa alcova, sobre um pedestal esculpido para parecer uma ninfa aquática, estava uma bacia redonda de mármore.

Brittius ergueu o corpo, apoiado no cotovelo.

— Leia em voz alta, Popi. O que diz ele?

Um franzir marcou a pele macia de Popidius.

— É de Plínio. "Em nome do Imperador Titus Caesar Vespasianus Augustus, e de acordo com o poder a mim concedido pelo Senado do Povo de Roma..."

— Pule o palavrório! — disse Brittius. — Vá ao que interessa. — Ele esfregou o polegar e o dedo médio, contando dinheiro. — O que ele quer?

— Parece que o aqueduto sofreu um rompimento em algum ponto perto do Vesúvio. Todas as cidades, de Nola para o oeste, estão secas. Ele diz que quer, "ordena", diz ele, que nós forneçamos "imediatamente homens e material suficientes da colônia de Pompeia para efetuar reparos no Aqua Augusta, sob o comando de Marcus Attilius Primus, engenheiro, do Departamento do Curator Aquarum, em Roma".

— Ele quer, é? E posso perguntar quem vai pagar a conta?

— Ele não diz.

Attilius se intrometeu: — Dinheiro não é problema. Eu posso assegurar a vossas excelências que o Curator Aquarum reembolsará quaisquer custos.

— É mesmo? Você tem autoridade para fazer essa promessa?

Attilius hesitou. — O senhor tem a minha palavra.

— Sua palavra? Sua palavra não vai repor o ouro no nosso tesouro depois que ele tiver saído.

— E vejam isso — disse um dos outros homens. Com cerca de 25 anos de idade, era bem musculoso, mas tinha a cabeça pequena: Attilius calculou que se tratasse do magistrado de segunda classe, o

edil Cuspius. O edil girou a torneira acima da bacia redonda e a água jorrou. — Aqui não há seca... está vendo? Por isso, eu lhe digo: o que é que isso tem a ver conosco? Você quer homens e equipamento? Vá a uma das cidades que não têm água. Vá a Nola. Nós estamos nadando nela! Olhe! — E, para confirmar o argumento, ele abriu mais a torneira e deixou a água correr.

— Além do mais — interveio Brittius, matreiro — isso é bom para os negócios. A pessoa que mora à beira da baía e quer tomar banho ou mesmo beber tem de vir a Pompeia. E num feriado público, também. O que me diz, Holconius?

O mais velho dos magistrados ajustou a toalha à sua volta como se fosse uma toga.

— É uma ofensa aos sacerdotes ver homens trabalhando num dia santo — anunciou ele judiciosamente. — As pessoas devem fazer o que nós estamos fazendo: — reunir-se com os amigos e as famílias para observarem os ritos religiosos. Eu voto em favor de que digamos a este jovem, com todo o respeito ao almirante Plínio, que dê o fora daqui.

Brittius soltou uma gargalhada, batendo com o punho no lado da mesa, em sinal de aprovação.

Popidius sorriu e enrolou o papiro.

— Eu acho que você recebeu a resposta, aguadeiro. Por que não volta amanhã, e então vamos ver o que podemos fazer? Ele tentou devolver a carta, mas Attilius estendeu o braço além dele e fechou a torneira.

Que imagem eles formavam, os três, com água pingando — água que era dele — e Brittius, com sua insignificante ereção agora perdida nas dobras flácidas do colo. O calor com cheiro enjoativo estava insuportável. Ele enxugou o rosto com a manga da túnica.

— Escutem-me, excelências. A partir da meia-noite de hoje, Pompeia também vai perder a água. Todo o abastecimento está sendo desviado para Benevento, para que possamos entrar no túnel do aqueduto para repará-lo. Eu já mandei meus homens para as montanhas, a fim de fecharem as comportas. — Houve um murmúrio de irritação.

Attilius ergueu a mão. — Não há dúvida de que cooperar é do interesse de todos os cidadãos que moram na baía. — Ele olhou para Cuspius. — Sim, está certo, eu poderia ir a Nola pedir ajuda. Mas ao custo de pelo menos um dia. E será um dia extra que os senhores ficarão sem água, como eles também.

— Sim, mas com uma diferença — tornou Cuspius. — Nós teremos algum aviso. Que tal essa ideia, Popidius? Poderíamos expedir uma proclamação, dizendo aos nossos cidadãos que encham todos os vasilhames que possuam, e assim a nossa ainda será a única cidade na baía com uma reserva de água.

— Poderíamos até vendê-la — disse Brittius. — E quanto mais a seca durar, melhor o preço que poderemos conseguir por ela.

— Os senhores não podem vendê-la! — Attilius estava achando difícil conter a irritação. — Se os senhores se recusarem a me ajudar, eu juro que a primeira coisa que farei depois que a linha principal estiver reparada é providenciar para que o ramal de Pompeia seja fechado. — Ele não tinha autoridade para fazer tamanha ameaça, mas mesmo assim continuou, pressionando o peito de Cuspius com o dedo. — E vou pedir a Roma um comissário para vir até aqui e investigar o abuso do aqueduto imperial. Vou fazer os senhores pagarem por cada xícara extra que tiverem bebido acima da cota adequada!

— Que insolência! — gritou Brittius.

— Ele me tocou! — disse Cuspius, ultrajado. — Vocês todos viram isso? Esse pedaço de merda pôs a mão nojenta em mim! Ele projetou o queixo para a frente e aproximou-se de Attilius, pronto para uma briga, e o engenheiro poderia ter retaliado, o que teria sido desastroso — para ele, para sua missão — se a cortina não tivesse sido afastada para o lado para revelar um outro homem, que obviamente estivera em pé na passagem, ouvindo a conversa.

Attilius só o encontrara uma vez, mas não iria esquecê-lo depressa: Numerius Popidius Ampliatus.

O que mais deixou Attilius perplexo, assim que se recuperou do choque de vê-lo outra vez, era o quanto todos se submetiam à vontade dele. Até Brittius girou as pernas gordas para o lado da mesa e endireitou as costas, como se fosse um tanto desrespeitoso

ser apanhado deitado na presença daquele ex-escravo. Ampliatus colocou a mão, num gesto de contenção, no ombro de Cuspius, sussurrou algumas palavras no ouvido dele, piscou, descabelou-o, e o tempo todo manteve o olhar em Attilius.

O engenheiro lembrou-se dos ensanguentados restos mortais do escravo no viveiro das enguias, das costas laceradas da escrava.

— Então, o que é isso, cavalheiros? — Ampliatus riu de repente e apontou para Attilius. — Discutindo na sala de banho? Num festival religioso? Isso é indecoroso. Onde todos os senhores foram criados?

— Este é o novo aguadeiro do aqueduto.

— Eu conheço Marcus Attilius. Já nos conhecemos, não, aguadeiro? Posso ver isso?

Ele tirou a carta de Plínio de Popidius e passou rapidamente os olhos por ela, depois olhou para Attilius. Estava usando uma túnica orlada em ouro, os cabelos estavam brilhantes e havia o mesmo cheiro de unguentos caros que o engenheiro notara no dia anterior.

— Qual é o seu plano?

— Seguir o ramal de Pompeia de volta à junção com o Augusta, depois seguir pela linha principal em direção a Nola até encontrar o rompimento.

— E do você precisa?

— Ainda não sei ao certo. — Attilius hesitou. O aparecimento de Ampliatus o desconcertara. — Cal virgem. Puteolano. Tijolos. Madeira. Tochas. Homens.

— Quanto de cada?

— Talvez seis ânforas de cal, para começar. Doze cestos de puteolano. Cinquenta passos de madeira e quinhentos tijolos. Posso precisar de menos, posso precisar de mais. Depende de até que ponto o aqueduto está danificado.

— Quando vai ficar sabendo?

— Um de meus homens vai voltar com a informação hoje à tarde.

Ampliatus fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Bem, se vossas excelências quiserem a minha opinião, penso que todos nós deveremos fazer tudo o que pudermos para

ajudar. Nunca permitam que se diga que a antiga colônia de Pompeia deu as costas a um apelo do imperador. Além disso, tenho um viveiro de peixes em Miseno que bebe água como o Britius bebe vinho. Eu quero aquele aqueduto funcionando outra vez tão logo quanto possível. O que me dizem?

Os magistrados trocaram olhares aflitos. Por fim, Popidius disse: — Talvez tenhamos exagerado na nossa pressa.

Ampliatius o interrompeu.

— Então, está resolvido. Eu posso lhe dar tudo de que precisa, Marcus Attilius, se você quiser ter a bondade de esperar lá fora. — Ele gritou por cima do ombro para o administrador. — Scutarius! Dê ao aguadeiro os sapatos dele!

Nenhum dos outros falou com Attilius ou olhou para ele. Estavam como alunos travessos descobertos brigando.

O engenheiro apanhou os sapatos e saiu do tepidário para a passagem sombria. A cortina foi rapidamente fechada depois que ele passou. Ele se encostou na parede para calçar os sapatos, tentando ouvir o que estava sendo dito, mas não conseguiu captar coisa alguma. Da direção do átrio, ouviu o barulho quando alguém mergulhou na piscina. Aquele lembrete de que a casa estava movimentada para comemorar o feriado tomou a decisão por ele, que não tinha coragem de ser apanhado bisbilhotando. Abriu a segunda cortina e saiu de volta para a ofuscante luz do sol. Do outro lado do átrio, depois do tablino, a superfície da piscina agitava-se graças ao impacto do mergulho. As esposas dos magistrados ainda estavam de intrigas na outra extremidade, onde se juntara a elas uma matrona de meia-idade, mal vestida, que se sentava recatadamente afastada, as mãos entrelaçadas no colo. Dois escravos levando bandejas cheias de pratos passaram atrás delas. Havia um cheiro de cozinha. Era evidente que se preparava uma grande festa.

O olhar dele foi captado por um raio de escuridão embaixo da água brilhante e um instante depois a nadadora rompeu a superfície.

— Corelia Ampliata!

Ele disse o nome dela em voz alta, sem ter tido essa intenção. Ela não o ouviu. Sacudiu a cabeça e afastou os cabelos pretos dos

olhos fechados, reunindo-os atrás da cabeça com as mãos. Os cotovelos estavam bem espalhados, o rosto pálido voltado para o sol, sem perceber que ele a observava.

— Corelia! — Ele sussurrou o nome, sem querer atrair a atenção das outras mulheres, e dessa vez ela se voltou. Demorou um instante para que o distinguisse contra o brilho do átrio, mas quando o achou começou a caminhar dentro d'água em direção a ele. Ela vestia uma camisa de tecido fino que chegava quase aos joelhos. Quando seu corpo surgiu da água ela colocou um antebraço sobre os seios e o outro entre as coxas, como uma Vênus modesta surgindo das ondas.

Attilius passou para o tablino e caminhou em direção à piscina, passando pelas máscaras fúnebres do clã dos Popidius. Fitas vermelhas uniam as imagens dos mortos, mostrando quem era parente de quem, num padrão entrecruzado de poder que recuava a várias gerações.

— Aguadeiro — disse ela, entredentes — você tem de sair daqui! — Ela estava em pé sobre os degraus circulares que levavam para fora da piscina. — Saia! Vá! Meu pai está aqui e, se ele o vir...

— Tarde demais. Já nos encontramos.

Mas ele recuou ligeiramente, para que ficasse escondido das mulheres do outro extremo da piscina. Eu devia desviar os olhos, pensou ele. Seria a coisa honrada a fazer. Mas ele não conseguia tirar os olhos dela.

— O que você faz aqui?

— O que faço aqui? — Ela o olhou como se ele fosse um idiota e inclinou-se em sua direção. — Em que outro lugar eu poderia estar? Meu pai é o dono desta casa.

A princípio ele não assimilou totalmente o que ela dizia.

— Mas me disseram que Lucius Popidius morava aqui...

— Mora.

Ele ainda estava confuso.

— Então...?

— Nós vamos nos casar.

Ela disse aquilo sem emoção e deu de ombros, e havia algo de terrível naquele gesto, uma desesperança extrema, e de repente

ficou tudo claro para ele — o motivo para o aparecimento não anunciado de Ampliatus, a deferência de Popidius para com ele, a maneira de os outros seguirem sua liderança. De algum modo Ampliatus conseguira comprar o teto que estava sobre a cabeça de Popidius e agora iria estender sua propriedade por completo, casando a filha com o seu ex-senhor. A ideia daquele boa-vida idoso, com o corpo depenado e sem pelo dividindo um leito com Corelia encheu Attilius de uma raiva inesperada, muito embora ele dissesse a si mesmo que não tinha nada a ver com aquilo.

— Mas um homem com a idade de Popidius já não é casado?

— Foi. Ele foi obrigado a se divorciar.

— E o que Popidius pensa desse arranjo?

— Ele acha desprezível, claro, casar com uma pessoa tão inferior a ele. Como você acha, é evidente.

— Em absoluto, Corelia — apressou-se em dizer. Ele viu que ela estava com lágrimas nos olhos. — Pelo contrário. Eu diria que você vale cem Popidius. Mil.

— Eu o odeio — disse ela. Se ela se referia a Popidius ou ao pai ele não soube dizer.

Da passagem veio o som de passos rápidos e a voz de Ampliatus, gritando: — Aguadeiro! Ela estremeceu.

— Por favor, vá embora, eu lhe peço. Você foi um homem bom por ter tentado me ajudar ontem. Mas não deixe que ele o prenda como prendeu todos nós.

— Sou um cidadão romano livre, do quadro do Curator Aquarum, a serviço do imperador — disse Attilius. — Estou aqui em missão oficial para reparar o aqueduto imperial. Não um escravo para ser dado de comida às enguias dele. Ou uma senhora de idade, para ser quase morta a pancadas.

Foi a vez de ela ficar chocada e levar as mãos à boca.

— Atia?

— Atia, sim; é este o nome dela? Ontem à noite eu a encontrei deitada na rua e levei-a para os meus aposentos. Ela havia sido chicoteada até perder os sentidos e deixada para morrer como um cachorro velho.

— Monstro! — Corelia recuou, as mãos ainda apertando o rosto, e afundou na água.

— Você se aproveita da minha boa índole, aguadeiro! — Ampliatus avançou pelo tablino. — Eu lhe disse para me esperar, só isso. — Ele olhou fixo para Corelia. — Você devia saber disso, depois do que eu lhe disse ontem! — Então gritou para o outro extremo da piscina e a mulher retraída que Attilius observara antes endireitou o corpo na cadeira. — Celsia, tire a nossa filha da piscina! Não fica bem ela mostrar os peitos em público! — Ele se voltou para Attilius. — Olhe para elas lá, como um bando de galinhas gordas em seus ninhos! — Ele bateu os braços para elas, emitindo uma série de cacarejos e as mulheres ergueram os leques, em sinal de repugnância. — Mas elas não voam. Ah, não. Uma coisa eu aprendi sobre o nosso aristocrata romano: ele vai a qualquer lugar para comer de graça. E suas mulheres são ainda piores. — Em voz alta, disse: — Volto daqui a uma hora! Não sirvam a comida sem mim! — E, com um gesto para que Attilius o seguisse, o novo senhor da Casa dos Popidius girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta.

Enquanto passavam pelo átrio, Attilius olhou para trás, para a piscina onde Corelia ainda estava submersa, como se achasse que ao entrar na água de corpo inteiro ela pudesse lavar o que estava acontecendo.

HORA SEXTA



12h

"À medida que o magma se eleva das profundezas, sofre uma grande redução de pressão. A uma profundidade de 10 metros, por exemplo, as pressões são de cerca de 300 megapascals (MPa), ou 3.000 vezes a pressão atmosférica. Uma alteração assim tão grande da pressão tem muitas consequências para as propriedades físicas e o fluxo do magma."

ENCYCLOPAEDIA OF VOLCANOES

Ampliatius tinha uma liteira e oito escravos esperando do lado de fora, no pavimento, vestidos com a mesma libré vermelha do porteiro e do administrador. Desajeitados, eles se colocaram em posição de sentido quando o senhor deles apareceu, mas este passou direto, assim como ignorou a pequena multidão de pedintes agachados à sombra do muro do outro lado da rua, apesar do feriado público, que gritava seu nome num coro desafinado.

— Vamos a pé — disse ele e partiu pela ladeira em direção ao cruzamento, com o mesmo passo rápido que mantivera na casa. Attilius seguiu junto, colado em seu ombro. Era meio-dia, o ar estava escaldante, as estradas quietas. A maioria dos poucos pedestres que

estavam por lá pulava para a sarjeta ou se refugiava nas portas das lojas quando Ampliatus se aproximava. Ele cantarolava para si mesmo enquanto caminhava, fazendo com a cabeça uma saudação ocasional. Quando o engenheiro olhou para trás, viu que eles estavam rebocando uma comitiva que teria feito a fama de um senador — primeiro, a uma distância discreta, os escravos com a liteira e, atrás deles, o pequeno grupo irregular de suplicantes: homens com a aparência desanimada e exausta que resultava de fazer a corte a um grande homem desde antes do amanhecer, sabendo que estavam condenados à decepção.

Mais ou menos na metade do morro que dava na Porta Vesúvio — o engenheiro contou três quarteirões da cidade — Ampliatus virou à direita, atravessou a rua e abriu uma portinha de madeira instalada em um muro. Pôs a mão no ombro de Attilius para conduzi-lo para dentro e Attilius sentiu a pele encolher ao toque do milionário.

"Não deixe que ele o prenda como prendeu todos nós." Ele se soltou dos dedos que o seguravam. Ampliatus fechou a porta e Attilius se viu em pé num espaço grande, deserto, um canteiro de obras ocupando a maior parte do quarteirão. A esquerda estava uma parede de tijolos tendo em cima um telhado inclinado, de telhas vermelhas — os fundos de uma fileira de lojas — com dois altos portões de madeira no meio; à direita, um complexo de prédios novos, quase acabados, com grandes janelas modernas dando para a grande extensão de entulho. Um tanque retangular estava sendo escavado diretamente embaixo das janelas.

Ampliatus estava com as mãos na cintura e estudava a reação do engenheiro.

— E então? O que acha que estou construindo? Vou lhe dar o direito a apenas um palpite.

— Termas.

— Isso mesmo. O que acha?

— E impressionante — disse Attilius. Era mesmo, pensou ele. Pelo menos tão bom quanto tudo o que ele tinha visto em construção em Roma nos últimos dez anos. A alvenaria e as colunas estavam belamente acabadas. Havia uma sensação de tranquilidade

— espaço, paz e luz. As janelas altas davam para o sudoeste, a fim de aproveitar o sol da tarde, que começava a inundar o interior. — Eu lhe dou os parabéns.

— Tivemos de demolir quase todo o quarteirão para abrir espaço — explicou Ampliatus — e isso não agradou ao povo. Mas vai valer a pena. Serão as mais bonitas termas fora de Roma. E mais modernas do que qualquer coisa que vocês teriam aqui. — Ele correu os olhos à sua volta, orgulhoso. — Sabe, nós os provincianos, quando decidimos fazer alguma coisa, ainda podemos mostrar a vocês, grandes homens da cidade vindos de Roma, algumas coisas. — Ampliatus levou as mãos à boca e gritou: — Januário!

Do outro lado do pátio veio um grito de resposta e um homem alto apareceu acima de um lance de escadas. Ele reconheceu seu senhor e correu escada abaixo e pelo pátio, limpando as mãos na túnica, sacudindo a cabeça numa série de mesuras à medida que se aproximava.

— Januário, este é o meu amigo, o aguadeiro do Augusta. Ele trabalha para o imperador!

— Muita honra. — Januário fez outra mesura para Attilius.

— Januário é um dos meus capatazes. Onde estão os rapazes?

— Nos alojamentos, senhor. — Ele pareceu aterrorizado, como se tivesse sido apanhado vadiando. — É o feriado...

— Esqueça o feriado! Precisamos deles aqui, agora. Dez, foi o que você disse que precisava, aguadeiro? É melhor levar doze. Januário, mande buscar doze dos mais fortes que tivermos. A turma do Brebix. Diga a eles para trazerem comida e bebida para um dia. Do que mais você precisa?

— Cal virgem — começou Attilius — puteolano...

— É isso. Todas essas coisas. Madeira. Tijolos. Tochas... não se esqueça das tochas. Ele deve receber tudo de que precisa. E você vai precisar de transporte, não vai? Duas parelhas de bois?

— Eu já as contratei.

— Mas você vai levar as minhas. Eu insisto.

— Não. — A generosidade de Ampliatus começava a deixar o engenheiro constrangido. Primeiro vinha o presente, depois o

presente viraria um empréstimo e então o empréstimo acabaria sendo uma dívida impossível de pagar. Sem dúvida tinha sido assim que Popidius acabara por perder a casa. Uma cidade de golpistas. Ele olhou para o céu. — É meio-dia. Os bois já devem estar chegando lá no porto. Eu tenho um escravo esperando lá com os nossos apetrechos.

— De quem você os alugou?

— Baculus.

— Baculus! Aquele ladrão beberrão! Meus bois seriam melhores. Pelo menos deixe-me conversar com ele. Eu lhe consigo um belo desconto.

Attilius encolheu os ombros.

— Já que você insiste...

— Insisto. Vá buscar os homens nos alojamentos, Januário, e mande um rapaz até o cais para dizer que tragam as carroças do aguadeiro até aqui, para serem carregadas. Eu vou mostrar as obras enquanto esperamos, aguadeiro. — E uma vez mais a mão dele caiu sobre o ombro do engenheiro. — Venha.

Termas não são um luxo. Termas são a base da civilização. Foram as termas que elevaram até mesmo os piores cidadãos de Roma acima do nível dos mais ricos bárbaros peludos. As termas tinham instilado a tríplice disciplina de limpeza, saúde e rotina rigorosa. Não foi para alimentar as termas que os aquedutos foram inventados? Não tinham as termas espalhado o ethos romano por Europa, África e Ásia com a mesma eficiência das legiões, a ponto de que, fosse lá em que cidade daquele extenso império um homem se encontrasse, ele poderia pelo menos estar certo de que encontraria aquele precioso pedaço da pátria? Essa foi a essência da aula de Ampliatus enquanto conduzia Attilius pela concha vazia de seu sonho. Os quartos não estavam mobiliados e tinham um cheiro forte de tinta e reboco frescos, e seus passos ecoavam enquanto eles passavam pelos cubículos e salas de exercício e saíam na parte principal do prédio. Ali os afrescos já estavam em seus lugares. Vistas do Nilo verde, salpicado com crocodilos aquecendo-se ao sol, corriam para cenas das vidas dos deuses. Tritão nadava ao lado dos argonautas e os levava de volta ao lugar seguro. Netuno

transformava o filho num cisne. Perseu salvava Andrômeda do monstro marinho enviado para atacar os etíopes.

A piscina do caldário fora construída para acomodar vinte e oito fregueses pagantes de cada vez e, enquanto ficassem deitados de costas, os banhistas iriam olhar para um teto de safira, iluminado por quinhentas lâmpadas e cheio de todas as espécies de vida marinha, e iriam acreditar estarem flutuando numa gruta submarina.

Para conseguir o luxo exigido, Ampliatus estava empregando as técnicas mais modernas que existiam, os melhores materiais, os artesãos mais competentes da Itália. Havia janelas de vidro napolitano no domo do laconium — o suadouro — da grossura de um dedo humano. Os pisos, as paredes e os tetos eram ocós, a fornalha que aquecia as cavidades era tão poderosa que, mesmo se houvesse neve no chão, o ar lá dentro estaria quente o bastante para derreter a carne de um homem. Ela era construída para resistir a um terremoto. Todos os principais equipamentos — canos, ralos, grelhas, exaustores, torneiras, registros, chuveiros, até as alavancas para dar descarga nas latrinas — eram de metal. Os assentos dos lavatórios eram de mármore frígio, com apoios para os cotovelos com a forma de golfinhos e quimeras. Água corrente quente e fria em toda parte.

Civilização.

Attilius teve de admirar a visão do homem. Ampliatus estava tão orgulhoso por lhe mostrar tudo que era quase como se estivesse tentando obter um investimento. E a verdade era que se o engenheiro tivesse algum dinheiro — se a maior parte de seu salário já não tivesse sido mandada para a mãe e a irmã — ele poderia ter dado a Ampliatus até a última moeda, porque nunca encontrara um vendedor mais convincente do que Numerius Popidius Ampliatus.

— Quanto falta para acabar?

— Eu diria que um mês. Preciso trazer os carpinteiros. Quero algumas prateleiras, umas cômodas. Pensei em colocar pisos de madeira empenada no vestiário. Eu estava pensando em pinho.

— Não — disse Attilius. — Use amieiro.

— Amieiro? Por quê?

— Não apodrece em contato com a água. Eu usaria pinho, ou talvez um cipreste, para os postigos. Mas precisaria ser algo das terras baixas, onde o sol brilha. Não toque em pinho que venha das montanhas. Pelo menos para um prédio desta qualidade.

— Mais algum conselho?

— Sempre use madeira cortada no outono, não na primavera. As árvores estão férteis na primavera e a madeira é mais fraca. Para fixar, use madeira de oliveira chamuscada. Vai durar um século. Mas é provável que o senhor saiba disso tudo.

— Em absoluto. Eu tenho construído bastante, mas nunca entendi muito sobre madeira e pedra. Entendo é de dinheiro. E a grande vantagem do dinheiro é que não importa quando você o colhe. É uma safra que dura o ano todo.

Ele riu da própria piada e voltou-se para olhar o engenheiro. Havia algo de amedrontador na intensidade daquele olhar, que não era firme, que se desviava, como se ele estivesse constantemente medindo diferentes aspectos da pessoa a quem se dirigia. Attilius pensou: não, não é de dinheiro que você entende, mas de homens — suas forças e fraquezas; quando lisonjear, quando amedrontar.

— E você, aguadeiro? — perguntou Ampliatus baixinho. — O que é que você conhece?

— Água.

— Ora, eis uma coisa que é importante conhecer. A água é, no mínimo, tão valiosa quanto o dinheiro.

— É mesmo? Então, por que não sou um homem rico?

— Talvez pudesse ser. — Ele fez a observação futilmente, deixou-a flutuar por um instante sob o imenso domo e depois continuou: — Você alguma vez parou para pensar como é curiosa a maneira de o mundo ser ordenado, aguadeiro? Quando este lugar for aberto, eu vou fazer mais uma fortuna. E então usarei essa fortuna para fazer outra e outra. Mas sem o seu aqueduto eu não poderia construir minhas termas. Trata-se de um pensamento, não? Sem Attilius não há Ampliatus.

— Só que o aqueduto não é meu. Eu não o construí; foi o imperador.

— É verdade. E a um custo de 1.250.000 por quilômetro! "O falecido e saudoso Augusto"; já houve outro homem mais justamente proclamado uma divindade? Eu acho que o Divino Augusto é sempre superior a Júpiter. Eu rezo para ele todos os dias. — Ampliatus cheirou o ar. — Essa tinta fresca me dá dor de cabeça. Deixe-me mostrar meus planos para os terrenos.

Ele foi na frente, voltando pelo caminho que tinham feito. O sol brilhava em toda a sua plenitude agora, através das grandes janelas abertas.

Os deuses nas paredes opostas pareciam vivos de tanta cor. No entanto, havia algo de assombrado em relação aos aposentos vazios — a modorrenta quietude, a poeira flutuando nos fachos de luz, o arrulho dos pombos no canteiro de obras. Um dos pássaros devia ter voado para dentro do laconium e ficado preso. O súbito bater de asas contra o domo fez o coração do engenheiro dar um salto.

Lá fora, o ar luminoso estava quase sólido com o calor, como vidro derretido, mas Ampliatus parecia não sentir. Ele subiu a escada aberta com facilidade e passou para o pequeno deque para banho de sol. Dali, ele tinha uma vista imponente de seu pequeno reino.

Aquele seria o pátio de exercício, disse ele. Iria plantar plátanos em torno, para fazer sombra.

Estava fazendo experimentos com um método de aquecer a água na piscina externa.

Deu umas batidas com a mão no parapeito.

— Aquele foi o local da minha primeira propriedade. Comprei-a há 17 anos. Se eu lhe dissesse a bagatela que paguei por ela, você não iria acreditar. Veja bem, não restou muita coisa depois do terremoto. Nenhum telhado, só as paredes. Eu estava com 28 anos. Nunca me senti tão feliz, antes ou depois. Recuperei-a, aluguei-a, comprei outra e a aluguei. Algumas daquelas grandes casas velhas, da época da República, eram enormes. Eu as dividi e instalei dez famílias nelas. Desde então, tenho feito isso. Aqui vai um conselho para você, meu amigo: não há investimento mais seguro do que imóveis em Pompeia.

Ele esmagou uma mosca na nuca e inspecionou o cadáver flácido entre os dedos. Com um peteleco, jogou-o fora. Attilius pôde imaginá-lo quando jovem — brutal, enérgico, sem remorso.

— Àquela altura você já tinha sido libertado pelos Popidius?

Ampliatus olhou-o com irritação. Por mais que tente ser afável, pensou Attilius, aqueles olhos irão sempre denunciá-lo.

— Se isso foi dito com a intenção de insultar, aguadeiro, desista. Todo mundo sabe que Numerius Popidius Ampliatus nasceu escravo e não se envergonha disso. Sim, eu estava livre. Fui alforriado no testamento do meu senhor quando tinha 20 anos. Lucius, filho dele, aquele que você acabou de conhecer, me nomeou administrador da casa. Depois, fiz um pouco de cobrança de dívidas de um velho agiota chamado Jucundus e ele me ensinou um bocado. Mas eu nunca teria ficado rico se não fosse o terremoto. —

Ampliatus olhou com carinho em direção ao Vesúvio. A voz se abrandou. — Ele desceu da montanha numa manhã de fevereiro, como um vento sob a terra. Eu o vi chegando, as árvores curvando-se quando ele passava. Quando acabou, esta cidade era um monte de escombros. Na época não importava quem tinha nascido livre ou quem tinha nascido escravo. Podia-se andar pelas ruas durante uma hora e não encontrar ninguém, exceto os mortos.

— Quem estava encarregado de chefiar a reconstrução da cidade?

— Ninguém! Essa é que foi a desgraça. Todas as famílias mais ricas fugiram para suas propriedades no interior. Estavam todas convencidas de que haveria um outro terremoto.

— Inclusive o Popidius?

— Especialmente o Popidius! — Ele torceu as mãos e se lamuriou: — "Oh, Ampliatus, os deuses se esquecerem de nós! Oh, Ampliatus, os deuses estão nos castigando!" Os deuses! Eu lhe digo! Como se os deuses fossem ligar para quem ou o que nós fodemos ou como vivemos. Como se os terremotos não fossem tanto parte da vida em Campânia quanto fontes quentes e secas do verão! Eles voltaram rastejando, é claro, assim que viram que não havia perigo, mas àquela altura as coisas tinham começado a mudar. *Salve lucrum!* "Salve o lucro!" Este é o lema da nova Pompeia. Você vai vê-

lo por toda a cidade. *Lucrum gaudium!* "Lucro é prazer!" Não o dinheiro, veja bem; qualquer idiota pode herdar dinheiro. Lucro: isso exige perícia. — Ele cuspiu por cima da parede baixa para a rua lá embaixo. — Lucius Popidius! Que habilidade ele tem? Ele pode beber água fria e mijar quente, e é só isso. Ao passo que você... — e uma vez mais Attilius se sentiu avaliado — você, eu acho, é um homem de certa capacidade. Eu me vejo em você, quando tinha a sua idade. Eu poderia usar um sujeito como você.

— Usar?

— Aqui, para começar. Essas terras poderiam ter vantagens com um homem que entenda de água. Em troca de sua assessoria, eu poderia lhe dar uma participação nos lucros.

Attilius abanou a cabeça, sorrindo. — Eu acho que não.

Ampliatius também sorriu. — Ah, você é duro na queda! Eu admiro isso num homem. Muito bem... uma participação na propriedade também.

— Não. Obrigado. Eu me sinto lisonjeado. Mas a minha família vem trabalhando nos aquedutos há um século. Eu nasci para ser engenheiro e trabalhar nas matrizes, e vou morrer fazendo isso.

— Por que não fazer as duas coisas?

— O quê?

— Chefiar o aqueduto e me assessorar. Ninguém precisa saber.

Attilius olhou para ele atentamente, para a expressão matreira, ansiosa. Por baixo do dinheiro, da violência e da ânsia pelo poder, na verdade ele não passava de um vigarista de cidade pequena.

— Não, — respondeu, friamente — isso seria impossível.

O desprezo devia ter-se refletido na expressão de seu rosto, porque Ampliatius recuou logo.

— Tem razão — disse ele, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. — Esqueça até mesmo que eu mencionei isso. Às vezes, eu sou um sujeito agressivo. Tenho essas ideias sem sempre pensar em todos os detalhes.

— Como executar um escravo antes de verificar se ele está dizendo a verdade?

Ampliatu sorriu e apontou para Attiliu.

— Muito bom! É isso. Mas como você pode esperar que um homem como eu saiba como se comportar? Você pode ter todo o dinheiro do império, mas isso não faz de você um cavaleiro, certo? Pode pensar que está copiando a aristocracia, mostrando um pouco de classe, mas o resultado é que você é um monstro. Não foi disso que Corelia me chamou? Um monstro?

— E Exomniu? — Attiliu fez a pergunta de chofre. — Você teve uma combinação com ele da qual ninguém soube?

O sorriso de Ampliatu não tremeu. Da rua lá embaixo veio um ruído surdo de pesadas rodas de madeira sobre pedra.

— Ouça... Eu acho que estou ouvindo suas carroças chegando. É melhor descermos para deixá-las entrar.

Era como se a conversa jamais tivesse existido. Novamente cantarolando para si mesmo, Ampliatu esquivou-se atravessando o pátio coberto de entulho. Abriu as pesadas portas e, enquanto Polites conduzia a primeira parelha de bois para dentro da área, fez uma mesura formal. Um homem que Attiliu não reconheceu conduzia a segunda parelha; outros mais estavam sentados na traseira da carroça vazia, as pernas penduradas para fora. Eles desceram de um salto imediatamente, quando perceberam a presença de Ampliatu, e ficaram de pé, olhando respeitosamente para o chão.

— Bom trabalho, rapazes — disse Ampliatu. — Vou mandar recompensá-los por trabalharem num feriado. Mas trata-se de uma emergência, e nós todos temos de nos unir e ajudar a reparar o aqueduto. Para o bem comum; não é isso, aguadeiro? — Ele beliscou a bochecha do homem mais próximo. — Vocês agora estão sob as ordens dele. Sirvam-no bem. Aguadeiro: leve tudo o que quiser. Está tudo no pátio. As tochas estão dentro do depósito. Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você? — Era evidente que ele estava ansioso por ir embora.

— Vou fazer uma lista do que utilizarmos — respondeu Attiliu formalmente. — O senhor será recompensado.

— Não é preciso. Mas, como quiser. Eu não quero mesmo ser acusado de tentar corrompê-lo! — Ele soltou uma gargalhada e

tornou a apontar. — Eu ficaria e ajudaria vocês a carregar; ninguém jamais disse que Numerius Popidius Ampliatus teve medo de sujar as mãos! Mas, sabe como é. Nós vamos almoçar cedo por causa do festival, e eu não devo mostrar minha origem modesta deixando todos aqueles finos cavalheiros e suas senhoras esperando. — Estendeu a mão. — É isso! Eu lhe desejo sorte, aguadeiro.

Attilius apertou-a. O aperto foi seco e firme; a palma e os dedos, como os dele, calejados pelo trabalho duro. Ele inclinou a cabeça.

— Obrigado.

Ampliatus resmungou e, voltando-se, afastou-se. Lá fora, na rua tranquila, a liteira esperava por ele, e dessa vez ele subiu direto para dentro dela. Os escravos correram em volta da liteira para assumir suas posições, quatro de cada lado. Ampliatus estalou os dedos e eles ergueram os varais com as pontas de bronze — primeiro à altura da cintura, depois, fazendo uma careta por causa do esforço, para os ombros. O senhor deles instalou-se nas almofadas, olhando firme para a frente — sem ver nada, matutando. Esticou o braço para trás, soltou a cortina e deixou-a cair. Attilius ficou na porta vendo-o afastar-se, o baldaquino vermelho oscilando enquanto se deslocava montanha abaixo, a pequena multidão de exaustos pedintes seguindo atrás.

Ele voltou para o pátio.

Estava tudo lá, como Ampliatus prometera, e por algum tempo Attilius pôde se entregar ao simples esforço do trabalho físico. Era reconfortante tornar a lidar com o material de sua atividade — os pesados tijolos de bordas agudas, de tamanho que se encaixava na mão de um homem, e o conhecido estalar enquanto eles eram empilhados na parte traseira da carroça; os cestos de puteolano vermelho em pó, sempre mais pesado e mais denso do que se esperava, deslizando pelas tábuas ásperas da carroça; o toque da madeira, quente e suave, no rosto enquanto ele a levava pelo pátio; e finalmente a cal virgem, em suas bulbosas ânforas de barro — difícil de agarrar e erguer para a carroça.

Attilius trabalhou o tempo todo com os outros homens e por fim teve a sensação de que estava progredindo. Ampliatus era

inegavelmente cruel e impiedoso, e só os deuses sabiam o que mais, mas sua natureza era boa e em mãos honestas serviria a finalidades mais dignas.

Attilius pedira seis ânforas de cal, mas quando chegou a vez de carregá-las, decidiu levar uma dúzia e aumentou a quantidade de puteolano na mesma proporção, para vinte cestos.

Ele não queria voltar à presença de Ampliatus para pedir mais; o que não usasse, poderia devolver.

Foi até a casa de banho à procura das tochas e encontrou-as no maior dos depósitos. Até elas eram de qualidade superior — fibra de linho fortemente embuchada e resina impregnada de alcatrão; sólidos punhos de madeira presos com corda. Ao lado delas estavam caixotes de madeira com lamparinas, a maioria de terracota, mas algumas de metal, e velas suficientes para iluminar um templo. Qualidade, como dissera Ampliatus: não se pode fazer melhor. Era evidente que aquele seria um estabelecimento muitíssimo luxuoso.

"Vão ser as melhores termas fora de Roma..." De repente Attilius ficou curioso e, com os braços cheios de tochas, deu uma espiada em alguns dos outros depósitos. Pilhas de toalhas em um, potes de óleo de massagem perfumado em outro, pesos de chumbo para exercícios, rolos de corda e bolas de couro num terceiro. Tudo pronto e esperando ser usado; tudo ali, exceto pessoas falantes e suando para dar vida àquilo tudo. E água, é claro. Pela porta aberta ele deu uma olhada na sucessão de quartos. Aquele lugar iria gastar um bocado de água. Quatro ou cinco piscinas, chuveiros, latrinas com descarga, um vaporário... Só instalações públicas, como as fontes, eram ligadas ao aqueduto sem pagar nada, a título de presente do imperador. Mas termas particulares como aquelas iriam custar uma pequena fortuna em impostos de água. E se Ampliatus tinha feito dinheiro comprando grandes propriedades, subdividindo-as e depois alugando-as, o seu consumo geral de água devia ser enorme. Attilius se perguntou o quanto ele estava pagando por ela. Era de se presumir que pudesse descobrir assim que voltasse a Miseno e tentasse pôr um pouco de ordem no caos em que Exomnius deixara os registros do Augusta.

Talvez não estivesse pagando coisa alguma.

Ele ficou ali à luz do sol, nas termas que ecoavam, ouvindo os pombos que arrulhavam, remoendo aquela possibilidade na cabeça. O aqueduto sempre estivera escancarado para a corrupção. Agricultores faziam ligações nas linhas principais nos pontos em que elas atravessavam suas propriedades. Cidadãos instalavam um ou dois canos extras e pagavam aos inspetores para que fingissem não ver. Obras públicas eram entregues a empreiteiros privados e contas eram pagas por serviços que nunca eram feitos. Materiais desapareciam.

Attilius desconfiava que a podridão ia até o topo — dizia-se que até Acilius Aviola, o próprio Curator Aquarum, insistia em receber uma porcentagem do total. O engenheiro nunca tivera nada a ver com aquilo. Mas um homem honesto era raro em Roma; um homem honesto era um idiota.

O peso das tochas machucava-lhe os braços. Ele saiu e empilhou-as em uma das carroças, depois encostou-se nela, pensando. Mais homens de Ampliatus tinham chegado. O carregamento terminara e eles estavam deitados na sombra, à espera de ordens. Os bois estavam placidamente parados, abanando os rabos, as cabeças em nuvens de moscas em grande quantidade.

Se as contas do Augusta, na Piscina Mirabilis, estavam em tal confusão, seria porque tinham sido adulteradas? Ele ergueu os olhos para o céu sem nuvens. O sol passara de seu zênite. Becco e Corvinus já deviam ter chegado a Avelino. As comportas já poderiam estar fechadas, o Augusta começando a secar. Ele tornou a sentir a pressão do tempo. Mesmo assim, tomou uma decisão e fez sinal para Polites.

— Vá lá nas termas — ordenou — e pegue mais doze tochas, doze lamparinas, um jarro de óleo de oliva. E um rolo de corda, para aproveitar a ida. Mas, veja lá, nada mais. Depois, quando tiver acabado aqui, leve as carroças e os homens ao castelo de água, ao lado da Porta Vesúvio, e espere por mim. Corax deve estar voltando daqui a pouco. E, aproveitando a espera, veja se consegue comprar um pouco de comida para nós. — Ele entregou sua sacola ao escravo. — Aí dentro tem dinheiro. Tome conta dele para mim. Eu não vou demorar.

Com as mãos, tirou o resíduo de pó de tijolo e de puteolano da frente da túnica e saiu pela porta aberta.

HORA SEPTA



14h10

"Se o magma estiver pronto para ser extraído num reservatório de alto nível, mesmo uma pequena alteração da pressão regional, em geral associada a um terremoto, pode perturbar a estabilidade do sistema e provocar uma erupção."

VOLCANOLOGY (segunda edição).

O banquete de Ampliatus estava entrando na segunda hora e, dos doze convivas reclinados em volta da mesa, só um mostrava sinais de estar realmente gostando, e era o próprio Ampliatus.

Para começo de conversa, estava um calor sufocante, mesmo com uma das paredes da sala de jantar totalmente aberta para entrada do ar e com três escravos em suas librés vermelhas posicionados em torno da mesa agitando leques de penas de pavão. Um harpista à beira da piscina dedilhava tristemente uma canção sem forma.

E quatro comensais para cada sofá! Era, no mínimo, um a mais do que devia, na opinião de Lucius Popidius, que gemia quando cada novo prato era colocado à sua frente. Ele adotava a regra de Varro, segundo a qual o número de convidados num jantar não devia ser inferior ao das Graças (três), nem superior ao das Musas (nove). Significava que a pessoa ficava muito perto dos companheiros de mesa. Popidius, por exemplo, reclinava entre a

horrível esposa de Ampliatus, Celsia, e sua própria mãe, Taedia Secunda -junto bastante para sentir o calor de seus corpos. Repugnante. E, quando ele se apoiava no cotovelo esquerdo e esticava a mão direita para apanhar um alimento que estava na mesa, as costas de sua cabeça raspavam no busto raso de Celsia e — o que era pior — seu anel de vez em quando ficava preso na peruca loura de sua mãe, cortada da cabeça de uma escrava alemã e agora disfarçando as finas mechas grisalhas da senhora.

E a comida! Será que Ampliatus não entendia que o calor pedia pratos simples, frios, e que todos aqueles molhos e refinamentos saíram de moda lá na época de Cláudio? A primeira das entradas não estivera tão ruim assim — ostras criadas em Brundísio e depois despachadas por duzentas milhas em torno da costa para engorda no lago Lucrino, a fim de que os sabores das duas variedades pudessem ser provados imediatamente. Azeitonas e sardinhas; ovos temperados com anchovas fatiadas — aceitáveis. Mas depois vieram lagosta, ouriços-do-mar e, por fim, camundongos enrolados em mel e sementes de papoula. Popidius se sentira na obrigação de engolir pelo menos um camundongo para agradar ao anfitrião e o morder daqueles ossinhos tinha feito com que ele suasse de náusea.

Úbere de porca recheado de rim, com a vulva da porca servida como guarnição, com o sorriso desdentado voltado para os comensais. Javali cozido recheado com tordos vivos, que batiam as asas, desesperados, pela mesa quando a barriga era aberta, defecando enquanto o faziam. (Ampliatus batera palmas e gargalhara ao ver aquilo.) Em seguida, os acepipes: línguas de cegonhas e flamingos (razoáveis), mas a língua de um papagaio falante nunca parecera a Popidius mais do que um gusano e, na verdade, tivera o sabor que ele imaginava que um gusano teria se tivesse sido encharcado de vinagre. Depois um ensopado de fígado de rouxinóis...

Ele olhou à volta para os rostos afogueados dos companheiros convivas. Até mesmo o gordo Britius, que certa vez se jactara de ter comido uma tromba inteira de elefante, e cujo lema era o de Sêneca

— "coma para vomitar, vomite para comer" — começava a ficar verde.

O olhar dele se encontrou com o de Popidius e ele mexeu os lábios dizendo algo em silêncio.

Popidius não conseguiu entender direito o que era. Levou a mão em forma de concha ao ouvido e Brittius repetiu, protegendo a boca com o guardanapo para escondê-la de Ampliatus e enfatizando cada sílaba: "Tri-mal-chi-o".

Popidius quase explodiu numa gargalhada. Trimalchio! Muito boa! O escravo livre com uma riqueza monstruosa na sátira de Titus Petronius, que submete seus convidados a exatamente uma refeição igual e não consegue entender o quanto se mostrava vulgar e ridículo. Rá-rá! Trimalchio! Por um instante, Popidius recuou vinte anos de sua vida como jovem aristocrata na corte de Nero, quando Petrônio, aquele árbitro do bom gosto, mantinha a mesa distraída durante horas com a sua implacável sátira dos novos-ricos.

De repente ele se sentiu piegas. Pobre velho Petrônio. Engraçado e fino demais para seu próprio bem. No fim, Nero, desconfiando que sua imperial majestade estava sendo sutilmente ridicularizada, olhara para ele uma última vez através do monóculo de esmeralda e ordenara que ele se suicidasse. Mas Petrônio conseguira transformar até aquilo numa piada — abriu as veias no início de um jantar em sua casa em Cumas, depois prendeu-as para comer e conversar com os amigos, em seguida tornou a abri-las e então fechá-las, e assim por diante, à medida que, pouco a pouco, ia desfalecendo. Seu último ato consciente fora quebrar uma concha de espato para vinho, valendo trezentos mil sestércios, que o imperador esperava herdar. Aquilo é que era classe. Aquilo é que era distinção.

E o que ele teria feito de mim, pensou Popidius, com amargura. O fato de eu — um Popidius, que tocou e cantou com o Senhor do Mundo — ter chegado a este ponto, aos quarenta e cinco anos de idade: prisioneiro de Trimalchio! Ele olhou para o ex-escravo, que estava diante dele, presidindo a cabeceira da mesa. Ainda não estava inteiramente certo de como aquilo acontecera. Tinha havido o terremoto, é claro. E então, poucos anos depois, a morte de Nero. A seguir, guerra civil, um comerciante de mulas

como imperador e o mundo de Popidius virado de cabeça para baixo. De repente Ampliatus estava em toda parte — reconstruindo a cidade, erguendo um templo, infiltrando o filho infante no conselho municipal, controlando as eleições, até mesmo comprando a casa ao lado. Popidius nunca tivera cabeça para números, de modo que, quando Ampliatus lhe dissera que ele também poderia ganhar algum dinheiro, ele assinara os contratos sem sequer lê-los. E de alguma maneira o dinheiro tinha sido perdido e então se descobrira que a casa da família era a garantia e a única maneira de evitar a humilhação do despejo era casar-se com a filha de Ampliatus. Imagine: seu ex-escravo como sogro! Ele achava que a vergonha daquilo mataria a mãe.

Ele praticamente não falara desde então, o rosto desfigurado pela falta de sono e pela preocupação. Não que não fosse gostar de partilhar o leito com Corelia. Ele a observava, faminto. Ela estava com o corpo esticado, de costas para Cuspius, sussurrando para o irmão. Ele tampouco se importaria de foder o rapaz. Sentiu o membro começar a enrijecer. Talvez ele pudesse sugerir um sexo a três? Não — ela jamais concordaria; era uma puta fria. Mas em breve ele iria esquentá-la.

Seu olhar encontrou uma vez mais o de Brittius. Que sujeito engraçado. Ele piscou e gesticulou com os olhos para Ampliatus e mexeu os lábios concordando: "Trimalchio!"

— O que você está dizendo, Popidius?

A voz de Ampliatus atravessou a mesa como um chicote. Popidius se encolheu.

— Ele estava dizendo: "Que banquete!" — Brittius ergueu sua taça. — É o que todos nós estamos dizendo, Ampliatus. Que banquete magnífico! Um murmúrio de aprovação percorreu a mesa.

— E o melhor ainda está por vir — disse Ampliatus. Bateu palmas e um dos escravos se retirou às pressas da sala de jantar em direção à cozinha.

Popidius conseguiu forçar um sorriso. — Quanto a mim, deixei espaço para a sobremesa, Ampliatus. — Na verdade, ele estava com vontade de vomitar, e também não precisaria da costumeira taça de água do mar quente e mostarda para isso. — O que vai ser, então?

Uma cesta de ameixas do monte Damasco? Ou será que o seu chefe de massas fez uma torta de mel ático?

O cozinheiro de Ampliatus era o grande Gargilius, comprado por 250 mil, com os livros de receita e tudo o mais. Naquela época, era assim ao longo da baía de Nápoles. Os chefs eram mais reverenciados do que as pessoas que eles alimentavam. Os preços tinham sido empurrados para a região da insanidade. O tipo errado de pessoas estava com o dinheiro.

— Ah, ainda não está na hora da sobremesa, meu caro Popidius. Ou será que, se não for muito prematuro, posso chamá-lo de "filho"?

Ampliatus sorriu e apontou. Com um esforço sobre-humano, Popidius conseguiu esconder a revulsão. Ó Trimalchio, pensou ele, Trimalchio... Ouviu-se o som de passos arrastados e então quatro escravos apareceram, levando nos ombros um modelo de uma trirreme, de comprimento equivalente à altura de um homem e feito em prata, deslizando por um mar de safiras incrustadas. Os comensais aplaudiram. Os escravos se aproximaram da mesa de joelhos e, com dificuldade, deslizaram a trirreme, a proa primeiro, pela mesa. Ela estava totalmente tomada por uma enorme enguia. Os olhos tinham sido retirados e substituídos por rubis. As mandíbulas eram mantidas abertas e cheias de marfim. Preso à barbatana dorsal estava um grosso anel de ouro.

Popidius foi o primeiro a falar.

— Ampliatus... isso é um colosso.

— Do meu próprio viveiro em Miseno — disse Ampliatus com orgulho. — Uma moreia. Deve ter trinta anos de idade. Mandei pegá-la ontem à noite. Está vendo o anel? Eu acredito, Popidius, que era este o animal para o qual Nero costumava cantar. — Ele pegou uma grande faca de prata. — Quem vai querer a primeira fatia? Você, Corelia; acho que você devia prová-la primeiro.

Era um belo gesto, pensou Popidius. Até aquele momento, o pai a ignorara visivelmente e Popidius começara a desconfiar de uma hostilidade entre eles, mas ali estava um sinal de preferência. Por isso, foi com uma certa perplexidade que ele viu a jovem lançar um

olhar de puro ódio ao pai, jogar no chão o guardanapo, erguer-se do sofá e deixar a mesa correndo e chorando.

Os primeiros pedestres que Attilius abordou juraram nunca ter ouvido falar da casa de Africanus.

Mas no lotado bar de Hércules, um pouco mais adiante na mesma rua, o homem atrás do balcão lançou-lhe um olhar perscrutador e deu-lhe informações em voz baixa: desça o morro mais um quarteirão, vire à direita, depois na primeira à esquerda e torne a perguntar.

— Mas tenha cuidado com quem fala, cidadão.

Attilius entendeu o que aquilo significava. A partir do momento em que saiu da rua principal, a rua fez uma curva e se estreitou, as casas ficaram mais ameaçadoras e mais cheias de gente.

Gravado em pedra ao lado de várias das esqueléticas entradas estava o letreiro com o pênis e os testículos. Os vestidos de cores brilhantes das prostitutas vicejavam na penumbra como flores azuis e amarelas. Então era ali que Exomnius decidira passar o tempo! As passadas de Attilius reduziram o ritmo. Ele se perguntou se devia fazer meia-volta. Não poderia deixar que nada prejudicasse a prioridade do dia. Mas então ele tornou a pensar no pai, morrendo no colchão no canto da casinha deles — um outro idiota honesto, cuja teimosa retidão deixara pobre a sua viúva — e recomeçou a andar, mas agora mais depressa, irritado.

No fim da rua, uma pesada sacada no primeiro andar se projetava sobre o pavimento, reduzindo a rua para praticamente não mais do que uma passagem. Com os ombros ele abriu caminho por entre um grupo de homens parados, os rostos vermelhos por causa do calor e do vinho, passando pela porta aberta que ficava mais perto e entrando num vestíbulo sombrio. Havia um agudo, quase selvagem, fedor de suor e sêmen. Aqueles lugares eram chamados de lupanares, derivado do uivo da lupa, a loba, no cio. E lupa era o termo das ruas para uma rameira — uma meretriz. A atividade o enojava. Do andar de cima veio o som de uma flauta, uma batida surda nas tábuas do piso, risos masculinos. Dos dois lados, de

cubículos fechados com cortinas, vinham os ruídos da noite — gemidos, sussurros, um choro de criança.

Na semiescuridão, uma mulher num vestido verde curto estava sentada num tamborete, com as pernas bem abertas. Ela se levantou quando o ouviu entrar e foi em direção a ele, ansiosa, braços abertos em sinal de boas-vindas, lábios vermelhos separados num sorriso.

Ela usara antimônio para escurecer as sobrancelhas, esticando as linhas para que se encontrassem sobre a ponte do nariz, marca que alguns homens apreciavam muito como um traço de beleza mas que para Attilius lembravam as máscaras mortais dos Popidius. Ela não tinha idade — quinze ou cinquenta, ele não podia dizer com a luz fraca.

— Africanus? — perguntou ele.

— Quem? — A mulher tinha um sotaque carregado. Talvez cilício. — Não aqui — disse ela, rápida.

— E Exomnius?

Diante da menção do nome a boca pintada se escancarou. Ela tentou bloquear a passagem, mas Attilius, com delicadeza, afastou-a do caminho, as mãos nos ombros nus, e abriu a cortina atrás dela. Um homem nu estava acorado sobre uma latrina aberta, as coxas branco-azuladas e ossudas na escuridão. Ele ergueu o olhar, assustado.

— Africanus? — perguntou Attilius. A expressão do homem foi de quem não entendia nada. — Desculpe, cidadão.

Attilius deixou a cortina cair e deslocou-se para um dos cubículos no lado oposto do vestíbulo, mas a prostituta chegou primeiro, estendendo os braços para lhe bloquear a passagem.

— Não — disse ela. — Não preocupar. Ele não aqui.

— Então, onde?

Ela hesitou.

— Em cima. — Ela gesticulou com o queixo para o teto.

Attilius olhou à sua volta. Não viu escada nenhuma.

— Como é que eu chego lá em cima?

Mostre-me.

Ela não se mexeu e ele avançou para outra cortina, mas uma vez mais ela chegou primeiro.

— Eu mostro. Por aqui.

Ela o conduziu para uma segunda porta. De um cubículo ao lado da porta, um homem gritou de êxtase. Attilius saiu para a rua. Ela foi atrás. À luz do dia, ele viu que os cabelos dela, caprichosamente penteados, tinha traços de cinza. Rios de suor tinham cavado sulcos nas faces encovadas e empoadas. Ela teria sorte se ganhasse seu sustento ali por muito mais tempo. Seu dono iria expulsá-la e então ela ficaria vivendo na necrópole atrás da Porta Vesúvio, abrindo as pernas para os pedintes atrás dos túmulos.

A mulher levou a mão ao pescoço enrugado, como se tivesse adivinhado o que ele estava pensando, apontou para uma escada poucos passos adiante e voltou correndo para dentro.

Quando começou a subir os degraus de pedra ele a ouviu soltar um assobio baixo. Estou como Teseu no labirinto, pensou ele, mas sem o novelo de linha dado por Ariadne para me guiar de volta a lugar seguro. Se um agressor aparecesse acima dele e um outro bloqueasse sua fuga, ele não teria chance alguma. Quando chegou ao alto da escada, não se preocupou em bater, mas abriu a porta de supetão.

Sua presa já estava metade fora da janela, presumivelmente avisado pelo assobio da prostituta idosa. Mas o engenheiro atravessou o quarto e o agarrou pelo cinto antes que ele pudesse saltar para o telhado plano lá embaixo. Ele era leve e magricela e Attilius puxou-o para dentro com a facilidade com que um dono poderia arrastar um cachorro para trás pela coleira. Ele o depositou no tapete.

Attilius tinha perturbado uma festa. Dois homens estavam deitados em sofás. Um rapaz negro apertava uma flauta contra o peito nu. Uma jovem de pele cor de oliva, que não tinha mais de 12 ou 13 anos, e também nua, com mamilos pintados de prata, estava em pé numa mesa, imobilizada em meio a uma dança. Por um instante, ninguém se mexeu. Lamparinas tremeluziam contra cenas eróticas primitivamente pintadas — uma mulher montada num homem, um homem montando uma mulher por trás, dois homens

deitados, os dedos no pênis um do outro. Um dos clientes reclinados começou mexendo a mão devagarinho embaixo do sofá, tateando o chão, em direção a uma faca que estava ao lado de um prato de frutas descascadas.

Attilius plantou o pé firmemente no meio das costas de Africanus, que gemeu, e o homem, rápido, recuou a mão.

— Ótimo. — Attilius fez um gesto com a cabeça. Sorriu. Curvou-se e agarrou Africanus pelo cinto outra vez e arrastou-o porta afora.

— Adolescentes! — exclamou Ampliatus, quando o som das passadas de Corelia morreu. — Tudo não passa de nervosismo antes do casamento. Francamente, eu vou ficar contente, Popidius, quando você for responsável por ela, e não eu. — Ele viu a mulher levantar-se para seguir a filha.

— Não, mulher! Deixe-a! — Celsia deitou-se timidamente, com um sorriso de desculpas para os outros convivas. Ampliatus olhou-a de cenho franzido. Ele gostaria que ela não fizesse aquilo. Por que se submeter à opinião de seus supostos superiores? Ele podia comprar e vender todos eles! Ampliatus enfiou a faca no lado da enguia e torceu-a, depois acenou, irritado, para o escravo mais próximo para que assumisse o corte. O peixe olhava para ele com olhos vermelhos e opacos. O predileto do imperador, pensou ele: um príncipe no seu próprio viveiro pequeno. Já não era mais.

Ele mergulhou o pão numa terrina de vinagre e chupou-o, observando a hábil mão do escravo enquanto este enchia os pratos deles com pedaços de uma carne cinza ossuda.

Ninguém queria comê-la, mas ninguém queria ser o primeiro a recusar. Baixou uma atmosfera de temor dispéptico, tão pesado quanto o ar em torno da mesa, quente e viciado com o cheiro de comida. Ampliatus deixou o silêncio pairar. Por que os deixaria à vontade? Quando ele era um escravo à mesa, tinha sido proibido de falar na sala de jantar na presença de convidados.

Ampliatus foi servido primeiro, mas esperou que todos os demais tivessem seus pratos de ouro colocados à frente antes de estender a mão e partir um pedaço do peixe. Levou-o aos lábios, fez

uma pausa e correu os olhos pela mesa até que, um a um, a começar por Popidius, eles seguiram, relutantes, o seu exemplo.

Ele antegozara aquele momento o dia todo. Veditus Pollio tinha atirado seus escravos às enguias não apenas para desfrutar da novidade de ver um homem ser feito em pedaços debaixo d'água, e não por animais na arena, mas também porque, como gourmet, ele afirmara que a carne humana dava às moreias um sabor mais picante. Ampliatus mastigou com cuidado, mas não sentiu gosto algum. A carne estava insípida e parecendo couro — incomível — e ele teve a mesma sensação de decepção que experimentara na tarde anterior à beira-mar. Uma vez mais, tentara a experiência extrema e uma vez mais agarrara o nada. Ampliatus tirou o peixe da boca com os dedos e atirou-o de volta ao prato, enojado. Tentou levar a coisa na brincadeira: — Pois é! Parece que as enguias, como as mulheres, são mais saborosas quando jovens! Agarrou o vinho para tirar o gosto. Mas não havia como disfarçar que o prazer desaparecera da tarde. Os convidados tossiam polidamente nos guardanapos, ou tiravam os pequeninos ossos dos dentes, e ele sabia que todos estariam rindo dele durante dias, tão logo pudessem sair dali, em especial Holconius e aquele gordo pederasta, Brittius.

"Meu caro, já ouviu a última sobre Ampliatus? Ele acha que o peixe, tal como o vinho, melhora com a idade!" Ele bebeu mais vinho, bochechando, e estava pensando em levantar-se para propor um brinde — ao imperador! ao exército! — quando percebeu seu administrador se aproximar da sala de jantar carregando uma pequena caixa. Scutarius hesitou, visivelmente sem querer perturbar seu senhor com um assunto de negócios durante uma refeição, e Ampliatus teria realmente mandado-o às favas, mas havia algo na expressão do homem...

Amassou o guardanapo, levantou-se, fez um curto gesto com a cabeça para os convidados e acenou para Scutarius, a fim de que o seguisse até o tablino. Assim que chegaram a um ponto em que não podiam ser vistos, ele flexionou os dedos.

— O que é? Me dê isso.

Era uma capsula, um estojo para documentos feito de faia barata, coberta com couro cru, do tipo que um estudante poderia

usar para levar os livros. O fecho tinha sido quebrado.

Ampliatu abriu a tampa. Dentro havia doze pequenos rolos de papiro. Ele tirou um deles aleatoriamente. Estava coberto com colunas de números e por um instante Ampliatu olhou de olhos semicerrados, confuso, mas depois os números assumiram uma forma — sempre teve cabeça para números — e ele entendeu.

— Onde está o homem que trouxe isto?

— Esperando no vestíbulo, senhor.

— Leve-o para o velho jardim. Mande a cozinha servir a sobremesa e diga aos meus convidados que eu voltarei daqui a pouco.

Ampliatu seguiu pelo caminho dos fundos, atrás da sala de jantar, e subiu os largos degraus que levavam para a casa antiga. Era ela, que ele comprara há dez anos, instalando-se deliberadamente vizinho à casa ancestral dos Popidius. Que prazer tinha sido morar em condições iguais às de seus antigos senhores e esperar o momento oportuno, sabendo mesmo naquela época que um dia, de algum modo, ele iria fazer um furo no grosso muro do jardim e atravessar para o outro lado, como um exército vingador capturando uma cidade inimiga.

Sentou-se no banco circular de pedra no centro do jardim, na sombra de uma pérgula coberta de rosas. Era ali que ele gostava de fazer seus negócios mais privados. Ali ele sempre podia conversar sem ser perturbado. Ninguém poderia se aproximar sem ser visto.

Tornou a abrir a caixa, tirou cada um dos rolos de papiro e depois ergueu os olhos para o amplo e imaculado céu. Ele ouvia os pintassilgos de Corelia chilreando no aviário no alto do telhado e, lá adiante, o barulho da cidade se reanimando após a longa sesta. As estalagens e os restaurantes deviam estar se enchendo de dinheiro enquanto as pessoas se despejavam nas ruas prontas para o sacrifício a Vulcano.

Salve lucrum! Lucrum grandium! Ele não ergueu os olhos quando ouviu o visitante se aproximar.

— Então — disse Ampliatu — parece que estamos com um problema.

Corelia ganhara os pintassilgos não muito tempo depois que a família se mudara para a casa, quando fizera dez anos. Ela os alimentara com uma atenção escrupulosa, cuidara deles quando ficaram doentes, vira-os chocar, acasalar, vicejar e morrer. Agora, sempre que queria ficar sozinha, era para o aviário que ela ia. Ele ocupava metade da pequena sacada fora de seu quarto, acima do jardim enclausurado. O topo da gaiola era coberto com um pano para protegê-la do sol.

Ela estava sentada, bem encolhida no canto, na sombra, os braços passados em volta das pernas, o queixo apoiado nos joelhos, quando ouviu alguém entrar no pátio. Arrastou-se sentada para a frente e deu uma olhada por cima da balaustrada baixa. Seu pai se instalara no banco circular de pedra, tendo uma caixa ao lado, e lia alguns papéis. Separou o último e olhou para o céu, voltando— se na direção dela. Rápida, ela recuou a cabeça. Diziam que ela se parecia com ele: "Ah, ela é a imagem do pai!" E, como ele era um homem bonito, normalmente aquilo a deixava orgulhosa.

Ela o ouviu dizer: — Então, parece que estamos com um problema.

Quando era criança ela descobrira que a clausura pregava-lhe uma peça peculiar. As paredes e os pilares pareciam captar o som de vozes e jogá-las para cima, de modo que até mesmo sussurros, praticamente inaudíveis ao nível do chão, ficavam tão distintos ali em cima como os discursos da tribuna no dia das eleições. Naturalmente, isso só aumentava a magia de seu lugar secreto. A maior parte do que ela ouvira enquanto crescia nada significava para ela — contratos, fronteiras, taxas de juro — a emoção fora simplesmente ter uma janela particular dando para o mundo adulto. Ela nem mesmo contara ao irmão o que sabia, porque só nos últimos meses começara a decifrar a linguagem misteriosa dos negócios do pai. E fora ali, um mês atrás, que ouvira seu futuro sendo negociado pelo pai com Popidius: um tanto a ser descontado no anúncio do compromisso, a dívida inteira a ser descontada assim que o casamento fosse realizado, com a propriedade revertendo no caso de um fracasso na produção de um filho, com o referido filho devendo herdar tudo ao atingir a maioridade...

"Minha pequena Vênus" era como ele a chamava. "Minha pequena e brava Diana." ...um extra a ser pago em virtude da virgindade, virgindade atestada pelo cirurgião, Pumponius Magonianus, pagamento suspenso com a assinatura de contratos no período estipulado...

"Eu sempre digo", sussurrara o pai dela, "falando de homem para homem aqui, Popidius, e para não ver demasiadamente o aspecto legal do caso, não se pode estabelecer um preço para uma boa foda."

"Minha pequena Vênus..."

"Parece que temos um problema..."

Uma voz de homem, estridente e que ela não reconheceu, replicou: — É, temos um problema, sem dúvida alguma.

Ao que Ampliatius respondeu: — E o nome dele é Marcus Attilius...

Ela tornou a se inclinar para a frente, para que não perdesse uma só palavra.

Africanus não queria encrenca. Africanus era um homem honesto. Attilius o obrigou a descer a escada, sem ligar muito para o palavrório do protesto, olhando por cima do ombro a intervalos de poucos passos para ter certeza de que não estavam sendo seguidos.

— Eu sou um funcionário a serviço do imperador. Preciso ver o local em que Exomnius morava.

Rápido.

Diante da menção do imperador, Africanus começou uma nova rodada de garantias de seu bom nome.

Attilius o sacudiu.

— Eu não tenho tempo para ouvir isso. Leve-me ao quarto dele.

— Está trancado.

— Onde está a chave?

— Lá embaixo.

— Apanhe-a.

Quando chegaram à rua, Attilius empurrou o dono do bordel de volta para o saguão sombrio e ficou de vigia enquanto ele tirava a sua caixa para dinheiro do esconderijo. A meretriz de vestido verde

curto tinha voltado para o banco: Zmyrina, era como Africanus a chamava.

— Zmyrina, qual é a chave do quarto de Exomnius?

As mãos dele tremiam tanto que, quando finalmente conseguiu abrir a caixa para dinheiro e tirar as chaves, ele as deixou cair e ela teve de se curvar e apanhá-las. Ela separou uma chave do molho e ergueu-a.

— Do que é que você tem tanto medo? — perguntou Attilius.
— Por que tentar fugir ao ouvir a menção de um nome?

— Eu não quero encrenca — repetiu Africanus.

Ele pegou a chave e seguiu na frente, para o bar ao lado. Era um lugar barato, pouco mais de um balcão de pedra não trabalhada com buracos feitos para as jarras de vinho. Não havia lugar para sentar. A maioria dos que bebiam estava do lado de fora, no passeio, encostada na parede.

Attilius calculou que era ali que os fregueses do lupanar aguardavam a vez com uma jovem, depois voltavam para se refazer e se jactar de sua proeza. Tinha o mesmo cheiro fétido do bordel e ele refletiu que Exomnius devia ter caído muito — a corrupção devia ter entrado realmente em sua alma — para que acabasse ali. Africanus era pequeno e lépido, os braços e pernas cabeludos como os de um macaco.

Talvez tivesse sido por isso que ele recebera o seu nome — dos macacos africanos no fórum, realizando proezas presos em correntes para ganhar algumas moedas para os donos. A passos rápidos, passou pelo bar e subiu a escada de madeira, sem segurança, até o primeiro andar.

Fez uma pausa com a chave na mão e inclinou a cabeça para um lado, olhando para Attilius.

— Quem é você? — perguntou.

— Abra.

— Nada foi tocado. Eu dou a minha palavra.

— Que vale muito. Agora, abra.

O explorador de prostitutas voltou para a porta com a chave estendida e então deu um gritinho de surpresa. Fez um gesto para a fechadura. Quando Attilius se aproximou, viu que ela estava

quebrada. O interior do quarto estava escuro, o ar sufocante com cheiro ativo — roupa de cama, couro, comida estragada. Uma fina linha de luz brilhante na parede oposta mostrava onde os postigos estavam fechados. Africanus entrou primeiro, tropeçando em algo na escuridão, e abriu a janela. A luz da tarde inundou uma confusão de roupas espalhadas e móveis virados de cabeça para baixo. Africanus olhou à sua volta, consternado.

— Isso não tem nada a ver comigo... eu juro.

Attilius absorveu tudo num só olhar. Para começo de conversa, não havia muita coisa no quarto — cama e colchão fino com um travesseiro e um cobertor marrom grosso, um jarro para se lavar, um urinol, uma cômoda, um banco — mas nada fora deixado intocado. Até o colchão tinha sido cortado; o forro de crina de cavalo saía em tufo.

— Eu juro — repetiu Africanus.

— Está bem — disse Attilius. — Acredito em você.

E acreditava. Dificilmente Africanus quebraria fechadura, se tinha a chave, ou deixaria o quarto em tamanha desordem. Sobre uma mesa de três pés havia uma massa informe de mármore branco-esverdeado que Attilius descobriu, examinando melhor, ser um pão comido pela metade. Uma faca e uma maçã podre estavam ao lado. Na poeira havia marcas frescas de impressões digitais. Attilius tocou a superfície da mesa e inspecionou a ponta do dedo enegrecida. Aquilo tinha sido feito recentemente, pensou ele. A poeira não tivera tempo de se recompor. Talvez explicasse o motivo pelo qual Ampliatus estivera tão ansioso por lhe mostrar até o último detalhe das termas — para mantê-lo ocupado enquanto o quarto era revistado? Que tolo ele tinha sido ao defender a utilização de pinho das terras baixas e madeira de oliveira chamuscada!

— Por quanto tempo Exomnius alugou este quarto? — perguntou ele.

— Três anos. Talvez quatro.

— Mas ele não ficava aqui o tempo todo?

— Ele vinha e ia embora.

Attilius percebeu que nem mesmo sabia como Exomnius era. Ele estava perseguindo um fantasma.

— Ele não tinha escravo?

— Não.

— Qual foi a última vez em que você o viu?

— Exomnius? — Africanus abriu as mãos. Como iria se lembrar? Eram tantos fregueses. Tantas caras.

— Quando ele pagava o aluguel?

— Adiantado. Nas calendas de cada mês.

— Quer dizer que ele lhe pagou no início de agosto?

Africanus confirmou com a cabeça. Então um detalhe estava resolvido. O que quer que tivesse acontecido com ele, Exomnius não planejava desaparecer. O homem era, obviamente, um sovina. Jamais teria pago por um quarto que não tivesse intenção de usar.

— Pode se retirar — disse ele. — Eu arrumo tudo.

Africanus pareceu querer argumentar, mas quando Attilius deu um passo em sua direção, ele ergueu as mãos em sinal de rendição e retirou-se para o patamar da escada. O engenheiro fechou a porta quebrada e ficou ouvindo as passadas dele descendo para o bar.

Attilius percorreu o quarto, rearrumando-o para que pudesse ter uma impressão de como ele parecera, como se ao fazê-lo pudesse imaginar alguma pista do que mais o quarto abrigara.

Recolocou o colchão estripado na cama e o travesseiro — também cortado — na cabeceira.

Dobrou o cobertor fino. Deitou-se. Quando virou a cabeça, percebeu um conjunto de pequenas marcas pretas na parede e viu que eram feitas por insetos esmagados. Imaginou Exomnius deitado ali no calor, matando percevejos, e ficou imaginando por que, se ele estava recebendo suborno de Ampliatus, decidira viver como um miserável. Talvez tivesse gastado todo o dinheiro com prostitutas? Mas isso não parecia possível. Deitar com uma das garotas de Africanus não poderia ter custado mais do que umas duas moedas de cobre.

Uma tábua do assoalho estalou.

Ele se ergueu lentamente para se sentar e voltou-se para olhar em direção à porta. As sombras moventes de um par de pés apareciam nítidas sob a madeira barata e por um instante ele ficou certo de que devia ser Exomnius, que viera exigir uma explicação

daquele estranho que lhe tirara o cargo e invadira sua propriedade e agora estava deitado na sua cama, no seu quarto revirado.

— Quem está aí? — disse ele e, quando a porta se abriu devagar e ele viu que era apenas Zmyrina, se sentiu estranhamente decepcionado. — O que é? O que quer? Eu disse ao seu patrão que me deixasse em paz.

Ela ficou parada no limiar da porta. O vestido estava dividido, para mostrar as longas pernas. Na coxa, havia uma contusão roxa que ia diminuindo, do tamanho de um punho fechado. Ela correu os olhos pelo quarto e levou as mãos à boca, horrorizada.

— Quem fazer isso?

— Me diga você.

— Ele disse tomar conta de mim.

— O quê?

Ela entrou mais no quarto.

— Ele disse quando voltar ele tomar conta de mim.

— Quem?

— Aelianus. Ele disse.

Attilius levou um segundo para entender o que ela queria dizer — Exomnius. Exomnius, Aelianus.

Ela era a primeira pessoa que Attilius conhecera que usara o nome do aguadeiro, e não o sobrenome. Aquilo praticamente encerrava a análise sobre ele. A única pessoa que lhe era íntima — uma prostituta.

— Bem, ele não vai voltar — disse ele, ríspido — para tomar conta de você. Ou de qualquer outra pessoa.

Ela passou as costas da mão sob o nariz duas vezes e ele percebeu que ela estava chorando.

— Ele morto?

— Diga você. — Attilius abrandou o tom. — A verdade é que ninguém sabe.

— Me comprar do Africanus. Ele disse. Ninguém tem de ser prostituta. Ele especial. Compreende? — Ela tocou o peito e fez um gesto para Attilius, depois tornou a se tocar.

— Compreendo, sim.

Ele olhou para Zmyrina com um novo interesse. Sabia que aquilo não era raro, especialmente naquela parte da Itália. Quando os marinheiros estrangeiros deixavam a marinha depois de vinte e cinco anos de serviço e recebiam cidadania italiana, a primeira coisa que a maioria fazia com o dinheiro da dispensa era dirigir-se para o mercado de escravos mais próximo e comprar uma esposa. A prostituta, agora, estava se ajoelhando, apanhando as roupas espalhadas e dobrando-as, guardando-as na cômoda. Attilius achou que talvez aquilo fosse um ponto em favor de Exomnius — ter decidido escolhê-la em vez de alguém mais jovem e mais bonita. Ou, então, talvez ele estivesse apenas mentindo e jamais pretendesse voltar para buscá-la. Fosse como fosse, o futuro dela desaparecera mais ou menos com o seu principal freguês.

— Ele estava com o dinheiro, não estava? Dinheiro suficiente para comprar você? Só que você não pensaria em procurar aqui.

— Não aqui. — Ela se acorou e olhou para ele com ar zombeteiro. — Aqui dinheiro não seguro. Dinheiro escondido. Bastante dinheiro. Num lugar esperto. Ninguém achar. Ele disse. Ninguém.

— Alguém tentou...

— Dinheiro não aqui.

Ela foi enfática. Sem dúvida, procurara muitas vezes quando ele não estava por perto.

— Alguma vez ele lhe disse onde era esse lugar?

Ela olhou para ele, a boca vermelha escancarada, e de repente curvou a cabeça. Os ombros tremiam. A princípio, ele pensou que ela estivesse chorando outra vez, mas quando ela se virou ele viu que o brilho em seus olhos era de lágrimas de riso.

— Não! — Ela recomeçou a agitar o corpo. Na sua alegria, parecia quase uma criança. Bateu palmas. Aquilo era a coisa mais engraçada que já ouvira, e ele tinha de concordar — a ideia de Exomnius confiar numa prostituta de Africanus e dizer onde escondera o dinheiro era engraçada. Ele mesmo começou a rir, depois girou o corpo e pôs os pés no chão.

De nada adiantaria perder mais tempo ali.

No patamar da escada ele se voltou para olhá-la, ainda acocorada em seu vestido aberto, uma das túnicas de Exomnius apertada contra o rosto.

Attilius seguiu depressa o caminho pelo qual viera, por uma sombria rua lateral.

Esta deve ter sido a rota de Exomnius do bordel para o castelo de água, pensou. Deve ter sido isto que ele via sempre que vinha aqui — as prostitutas e os bêbados, as poças de mijó e pedaços de vômito torrados formando crostas na sarjeta, os grafites nas paredes, as pequenas efígies de Priapo ao lado das portas, com o enorme pênis tendo sinetas penduradas na ponta para afastar o mal. Por isso, o que passaria pela cabeça dele enquanto ele percorria aquele caminho pela última vez? Zmyrina? Ampliatus? A segurança do dinheiro escondido? O aguadeiro olhou por cima do ombro, mas ninguém estava prestando atenção a ele. Ainda assim, ficou satisfeito por chegar à larga avenida central e à segurança de sua luz ofuscante.

A cidade continuava muito mais calma do que de manhã, o calor do sol mantendo a maioria das pessoas fora da rua, e ele subiu depressa o morro em direção à Porta Vesúvio. Enquanto se aproximava da pequena praça em frente ao castelo de água, ele viu os bois e as carroças, agora plenamente carregadas com instrumentos e materiais. Uma pequena multidão de homens se espalhava na terra do lado de fora de um bar, rindo de alguma coisa. O cavalo que Attilius alugara estava amarrado ao seu poste. E ali estava Polites — o fiel Polites, o mais confiável membro da equipe — avançando para recebê-lo.

— Você demorou bastante, aguadeiro.

Attilius fez que não ouviu o tom de reprovação.

— Eu agora estou aqui. Onde está Musa?

— Ainda não chegou.

— O quê? — Ele praguejou e levou a mão em forma de concha aos olhos para verificar a posição do sol. Devia fazer quatro horas, talvez cinco, que os outros tinham partido. Ele esperara receber algum aviso até aquela hora. — Quantos homens temos?

— Doze. — Polites esfregou as mãos, inquieto.

— O que há com você?

— Eles são um grupo mal-encarado, aguadeiro.

— São mesmo? Os modos deles não me preocupam. Desde que saibam trabalhar.

— Já faz uma hora que estão bebendo.

— Neste caso, é melhor pararem.

Attilius atravessou a praça até o bar. Ampliatus havia prometido doze de seus escravos mais fortes e, uma vez mais, ultrapassara a promessa feita. Parecia que tinha fornecido uma tropa de gladiadores. Um frasco de vinho estava sendo passado entre eles, de um par de braços tatuados para outro, e, para passar o tempo, eles tinham mandado chamar Tiro no castelo e estavam fazendo uma brincadeira com ele. Um deles tinha arrancado o gorro de feltro do escravo do aqueduto e, sempre que este se voltava, impotente, na direção de quem quer que ele pensava estar com o gorro, este era jogado para outro homem.

— Parem com isso — disse o engenheiro. — Deixem o garoto em paz.

Eles não ligaram. Ele falou mais alto: — Eu sou Marcus Attilius, aguadeiro do Aqua Augusta, e vocês agora estão sob o meu comando. — Ele agarrou o gorro de Tiro e apertou-o na mão do rapaz. — Volte para o castelo, Tiro. — E depois, para o bando de escravos: — Já chega de beber. Vamos partir.

O homem cuja vez de beber o vinho chegara olhou para Attilius com indiferença. Levou o pote de barro à boca, jogou a cabeça para trás e bebeu. Vinho escorreu pelo queixo e seguiu para o peito.

Houve um grito de aplauso e Attilius sentiu a raiva disparar dentro de si.

— Quem é o superior hierárquico entre vocês?

O bebedor arriou o frasco. — "O superior hierárquico" — repetiu ele, zombando. — O que é isto? A porra do exército?

— Você está bêbado — disse Attilius em voz baixa. — Mas eu estou sóbrio, e com pressa. Andem! Ele deu um golpe com o pé e atingiu o frasco, derrubando-o da mão do bebedor. O frasco girou e caiu de lado, onde ficou, sem quebrar, esvaziando-se nas pedras. Por

um instante, no silêncio, o derramar do vinho era o único barulho, e então houve uma grande agitação — os homens se levantando, gritando, o bebedor lançando-se para a frente, com a aparente intenção de enfiar os dentes na perna de Attilius. Em meio a toda aquela comoção, uma voz trovejante soou mais alto do que as demais: — Parem!

— Um homem enorme, com muito mais de 1,80 metro de altura, atravessou a praça correndo e se plantou entre Attilius e os outros. Estendeu os braços para detê-los.

— Eu sou Brebix. Um liberto. — Ele tinha uma barba espessa, aparada, em forma de pá. — Se alguém é superior hierárquico, sou eu.

— Brebix. — Attilius meneou a cabeça. Ele se lembraria daquele nome. Aquele homem, pelo que viu, era um gladiador ou, melhor, um ex-gladiador. Tinha a marca de sua tropa no braço, uma cobra inclinando-se para trás a fim de atacar. — Você devia ter chegado aqui uma hora atrás. Diga a esses homens que, se tiverem quaisquer reclamações, devem levá-las a Ampliatus. Diga-lhes que ninguém é obrigado a me acompanhar, mas quem não for terá de responder por isso perante seu senhor. Agora levem essas carroças pela Porta. Eu os encontro do outro lado do muro da cidade.

Ele girou nos calcanhares e a multidão de bebedores dos outros bares, que tinha ido em massa para a praça na esperança de assistir a uma briga, afastou-se para deixá-lo passar. Ele estava tremendo e teve de fechar o punho com força para impedir que seu estado fosse percebido.

— Polites! — chamou.

— Pronto? — O escravo abriu caminho por entre a multidão.

— Traga o meu cavalo. Já perdemos tempo demais aqui.

Polites olhou aflito na direção de Brebix, que agora liderava o relutante grupo de operários até as carroças.

— Esses homens, aguadeiro, eu não confio neles.

— Nem eu. Mas o que podemos fazer? Vamos. Pegue o meu cavalo. Vamos encontrar Musa no caminho.

Enquanto Polites se afastava às pressas, Attilius olhou montanha abaixo. Pompeia parecia mais uma guarnição de fronteira

do que um balneário à beira-mar,: uma cidade em franco progresso. Ampliatus a estava reconstruindo à sua própria imagem. Attilius não ficaria com pena se nunca mais tornasse a vê-la — exceto quanto a Corelia. Ficou imaginando o que ela estaria fazendo, mas até mesmo quando a imagem dela andando em sua direção pela brilhante piscina começou a se formar em sua mente ele obrigou a si mesmo a eliminá-la.

Sair dali, chegar ao Augusta, fazer a água correr, depois voltar para Miseno e examinar os registros do aqueduto à procura do que Exomnius andara fazendo. Estas eram as suas prioridades. Pensar em qualquer outra coisa era tolice.

Na sombra do castelo de água, Tiro estava agachado e Attilius estava a ponto de erguer a mão num adeus, até que viu aqueles olhos brilhantes, cegos.

O relógio de sol público mostrava que a nona hora ia adiantada quando Attilius passou a cavalo sobre o longo vão da Porta Vesúvio. O soar das patas batendo nas pedras ecoava como um pequeno destacamento de cavalaria. O funcionário da alfândega pôs a cabeça de fora da cabine para ver o que acontecia, bocejou e se afastou.

O engenheiro nunca fora um cavaleiro inato. Mas pela primeira vez ele estava contente por estar montado. Aquilo lhe dava altura e ele precisava de todas as vantagens que pudesse obter.

Quando trotava até Brebix e os homens, estes eram obrigados a erguer os olhos para ele, semicerrando-os para protegê-los do brilho do céu.

— Nós seguimos a linha do aqueduto em direção ao Vesúvio — disse ele. O cavalo girou e ele teve de gritar por cima do ombro. — E nada de fazer corpo mole. Eu quero a gente em posição antes do anoitecer.

— Em posição onde? — perguntou Brebix.

— Ainda não sei. Deve ser óbvio quando nós o virmos.

A imprecisão dele provocou uma agitação de desconforto entre os homens — e quem poderia culpá-los? Ele mesmo gostaria de ter sabido para onde estava indo. Maldito Musa! Attilius controlou a montaria e virou-a para a região aberta. Levantou-se da sela para

que pudesse ver o caminho seguido pela estrada depois da necrópole. Ela ia direto em direção à montanha, através de campos bem cuidados e retangulares de oliveiras e milho, separados por muros baixos de pedra e valas — terra centuriada, doada a legionários desmobilizados décadas atrás.

Não havia muito tráfego na estrada pavimentada — uma carroça ou duas, poucos pedestres.

Nenhum sinal de qualquer penacho de poeira que poderia ser levantado por um cavaleiro a galope. Maldito fosse, maldito...

— Alguns dos rapazes não estão muito animados em ficar perto do Vesúvio depois do anoitecer — disse Brebix.

— Por quê?

— Os gigantes! — bradou um dos homens.

— Gigantes?

Quase em tom de pedido de desculpa, Brebix disse: — Têm sido vistos gigantes, aguadeiro, maiores do que qualquer homem. Perambulando pela terra de dia e de noite. Às vezes viajando no ar. As vozes parecem estouros de trovões.

— Talvez sejam mesmo estouros de trovões — retrucou Attilius. — Já pensou nisso? Pode haver trovoada sem chuva.

— E, mas esse trovão nunca acontece no ar. É no chão. Ou até mesmo no subsolo.

— Então é por isso que vocês bebem? — Attilius fez força para rir. — Porque têm medo de ficar fora dos muros da cidade depois do anoitecer? E você foi gladiador, Brebix? Ainda bem que eu nunca apostei dinheiro em você! Ou será que a sua tropa só enfrentou rapazes cegos? — Brebix começou a praguejar, mas o engenheiro falou acima dele, para a equipe de serviço. — Eu pedi ao senhor de vocês que me emprestasse homens, não mulheres! Já discutimos demais! Temos de seguir oito quilômetros antes que escureça. Talvez dezesseis. Conduza esses bois para a frente e siga-me.

Ele enfiou o calcanhar nos flancos do cavalo e este começou a andar num trote lento.

Attilius passou pela avenida entre os túmulos. Flores e pequenas oferendas de alimento tinham sido deixadas em alguns deles, para assinalar o Festival de Vulcano. Algumas pessoas faziam

piquenique na sombra dos ciprestes. Pequenos lagartos pretos espalhavam-se pelas câmaras mortuárias de pedra, como rachaduras que aumentavam. Ele não olhou para trás. Estava certo de que os homens viriam atrás. Ele os provocara, e eles tinham medo de Ampliatus.

A beira do cemitério, ele puxou as rédeas e esperou até ouvir o estalar das carroças rolando sobre as pedras. Eram apenas carroças rústicas de fazendas -o eixo girava com as rodas, que não eram mais do que simples partes de troncos de árvores, com cerca de trinta centímetros de espessura. O ruído surdo delas era ouvido a quase dois quilômetros de distância. Primeiro os bois passaram por ele, cabeças baixas, cada parilha conduzida por um homem com uma vara, e depois as carroças, seguindo pesadamente, e enfim o resto da equipe de trabalho. Ele os contou. Estavam todos ali, inclusive Brebix. Ao lado da estrada, as pedras que marcavam o aqueduto, uma a cada cem passos, diminuía de tamanho ao longe. Perfeitamente espaçadas entre elas estavam as redondas coberturas de pedra para inspeção, que davam acesso ao túnel.

A regularidade e a precisão daquilo deu ao engenheiro um fugaz senso de confiança. Quando nada, ele sabia como aquilo funcionava. Ele cutucou o cavalo.

Uma hora depois, com o sol da tarde mergulhando em direção à baía, eles tinham avançado metade da planície — os campos tostados e estreitos e valas secas espalhavam-se por todos os lados em volta deles, os muros e torres de vigia na cor ocre de Pompeia dissolvendo-se na poeira às suas costas, a linha do aqueduto levando-os sem piedade para a frente, em direção à pirâmide azul-acinzentada do Vesúvio, erguendo-se muitíssimo imponente diante deles.

HORA DUODÉCIMA

18h47

"Embora as rochas sejam extremamente fortes na compressão, na tensão elas são fracas (forças de cerca de 1,5 x 1 f bares). Assim, a força das rochas que cobrem um corpo de magma que está esfriando e vesiculando é facilmente excedida muito antes

de o magma ficar sólido. Quando isso acontece, ocorre uma erupção explosiva.”

VOLCANOES: A PLANETARY PERSPECTIVE

Plínio estivera acompanhando a frequência dos tremores o dia todo — ou, mais precisamente, seu secretário Alexion fizera isso para ele, sentado à mesa na biblioteca do almirante, com o relógio de água de um lado e a poncheira de vinho do outro.

O fato de ser um feriado público não fazia diferença para a rotina do almirante. Ele trabalhava, qualquer que fosse o dia. Só interrompera a leitura e o ditado uma vez, quando a manhã ia ao meio, para se despedir dos convidados, e insistira em acompanhá-los até o porto para levá-los a bordo dos respectivos barcos. Lucius Pomponianus e Livia estavam indo para Estábias, na outra ponta da baía, e ficara combinado que levariam Rectina com eles em seu modesto iate, até a Villa Calpurnia, em Herculano. Pedius Cascus, sem a mulher, tomaria sua liburna totalmente equipada para Roma, para uma reunião do conselho com o imperador. Velhos e queridos amigos! Ele os abraçara com entusiasmo. Pomponianus podia bancar o bobo, era verdade, mas seu pai, o grande Pomponianus Secundus, tinha sido o patrono de Plínio, e ele sentia uma dívida de honra para com a família. Quanto a Pedius e Rectina — a generosidade deles para com ele fora ilimitada. Teria sido difícil, para ele, terminar a História natural vivendo fora de Roma, sem o uso da biblioteca deles.

Pouco antes de entrar no navio, Pedius o tomara pelo braço.

— Eu não quis falar nisso antes, Plínio, mas você tem certeza de que está perfeitamente bem?

— Gordo demais — disse Plínio, ofegante — é só.

— O que dizem os médicos?

— Médicos? Eu não vou deixar esses trapaceiros gregos sequer se aproximarem de mim. Só os médicos podem assassinar um homem com impunidade.

— Mas olhe para você, homem, seu coração...

— "Na doença cardíaca, a única esperança de alívio é, sem dúvida alguma, o vinho." Você devia ler o meu livro. E este, meu caro Pedius, é um remédio que eu mesmo posso ministrar.

O senador olhou para ele e depois disse, grave: — O imperador está preocupado com você.

Aquilo provocou em Plínio um remorso, sem dúvida alguma. Ele mesmo era membro do conselho imperial. Por que não tinha sido convidado para aquela reunião, para a qual Pedius se apressava em ir?

— O que está querendo dizer? Que ele pensa que eu já estou acabado?

Pedius não disse nada — um nada que dizia tudo. De repente ele abriu os braços e Plínio inclinou-se para a frente e o abraçou, batendo nas rígidas costas do senador com a mão rechonchuda.

— Cuide-se bem, amigo velho.

— Você também.

Para sua vergonha, quando Plínio se afastou do abraço, tinha o rosto molhado. Ele ficou na beira do cais, olhando até que os navios desapareceram.

Aquilo era tudo que ele parecia fazer na vida: ver os outros partirem.

A conversa com Pedius ficara na sua cabeça o dia inteiro, enquanto ele arrastava os pés, andando de um lado para o outro no terraço, periodicamente entrando na biblioteca para verificar as bem feitas colunas de números de Alexion. "O imperador está preocupado com você." Tal como a dor que ele sentia no lado, aquilo não iria embora.

Como sempre, ele se refugiava em suas observações. O número de episódios harmônicos, como ele decidira chamar os tremores, tivera um aumento constante. Cinco na primeira hora, sete na segunda, oito na terceira e assim por diante. Ainda mais notável tinha sido a duração, que aumentava. Pequenos demais para serem medidos no início do dia, com o avançar da tarde Alexion conseguira usar a precisão do relógio de água para fazer uma estimativa - primeiro na décima parte da hora, depois um quinto, até que por fim, por toda a décima primeira hora, ele registrou apenas um único tremor. A vibração do vinho era contínua.

— Temos de mudar a nossa nomenclatura — murmurou Plínio, inclinando-se por cima do ombro de Alexion. — Chamar esses

movimentos de episódios já não será suficiente.

E, aumentando em proporção ao movimento da Terra, como se homem e natureza estivessem ligados por um elo invisível, chegavam notícias de agitação na cidade — uma briga nas fontes públicas quando a descarga da primeira hora terminara e nem todos tinham enchido seus potes; um tumulto fora das termas quando estas não se abriram na sétima hora; uma mulher morta a facadas por causa de duas ânforas de água — água! — por um bêbado do lado de fora do Templo de Augustus; agora dizia-se que bandos armados rondavam as fontes, esperando por uma briga.

Plínio nunca tivera qualquer dificuldade em dar ordens. Aquilo era a essência do comando.

Ele decretou que o sacrifício a Vulcano daquela noite deveria ser cancelado e que a fogueira no fórum devia ser desmontada imediatamente. Uma grande reunião de pessoas à noite era uma receita de confusão. Fosse como fosse, não era seguro acender uma fogueira daquele tamanho no centro da cidade, quando os canos e as fontes estavam secos e a seca tornara as casas tão inflamáveis quanto gravetos.

— Os sacerdotes não vão gostar — disse Antius.

O capitão da nau Capitaria juntara-se a Plínio na biblioteca. A irmã viúva do almirante, Júlia, que agia como governanta para ele, também estava no aposento, segurando uma bandeja de ostras e uma botija de vinho para o jantar.

— Diga aos sacerdotes que nós não temos escolha. Estou certo de que Vulcano, em sua forja na montanha, vai nos perdoar, só por esta vez. — Plínio massageou o braço, irritado. O braço estava dormente. — Mande todos os homens, exceto as patrulhas de sentinelas, recolherem-se aos seus alojamentos a partir do anoitecer.

Na verdade, quero que seja imposto um toque de recolher por toda Miseno, da véspera ao amanhecer. Quem for encontrado nas ruas deverá ser preso e multado. Entendido? — Sim, almirante.

— Já abrimos as comportas do reservatório?

— Isso deve estar acontecendo agora, almirante.

Plínio matutou. Eles não suportariam um outro dia igual àquele. Tudo dependia de quanto a água iria durar. Tomou uma

decisão.

— Vou dar uma olhada.

Júlia foi na direção dele, aflita, com a bandeja.

— Será que isso é sensato, irmão? Você devia comer e repousar...

— Não me aborreça, mulher!

A fisionomia dela se abateu e de imediato ele se arrependeu do seu tom de voz. A vida já a castigara bastante — humilhada pelo marido perdulário e sua horrível amante, e depois deixada viúva com um menino para criar. Aquilo deu a ele uma ideia.

— Gaius — disse ele, com voz mais branda. — Desculpe, Júlia. Eu fui muito ríspido. Vou levar o Gaius comigo, se isso a deixar mais feliz.

Na saída, ele bradou para seu outro secretário, Alcman: — Já recebemos algum sinal de Roma?

— Não, almirante.

"O imperador está preocupado com você." Ele não gostava daquele silêncio.

Plínio ficara gordo demais para uma liteira. Em vez disso, ele agora viajava num coche de dois lugares, com Gaius encaixado junto dele. Ao lado do tio vermelho e corpulento, Gaius parecia pálido e insubstancial como um fantasma. O almirante apertou carinhosamente o joelho dele.

Fizera o rapaz seu herdeiro e contratara os melhores tutores de Roma — Quintiliano para literatura e história; o esmirneu Nicetes Sacerdos para retórica.

Aquilo lhe custava uma fortuna, mas eles lhe diziam que o rapaz era brilhante. Mas nunca seria um soldado. Para ele seria a vida de advogado.

Uma escolta de marinheiros usando elmos trotava a pé nos dois lados do coche, abrindo caminho pelas ruas estreitas. Algumas pessoas zombaram. Alguém cuspiu.

— E a nossa água?

— Olhem o gordo bastardo! Aposto que ele não está passando sede!

— Quer que eu feche as cortinas? — perguntou Gaius.

— Não, garoto. Nunca deixe que eles percebam que você está com medo.

Ele sabia que haveria muita gente irritada nas ruas naquela noite. Não só ali, mas em Nápoles, em Nola e todas as outras cidades, especialmente num festival público. Talvez a Mãe Natureza esteja nos castigando, pensou ele, pela nossa ganância e pelo nosso egoísmo. Nós torturamos o tempo todo com ferro e madeira, fogo e pedra. Nós a escavamos e a jogamos no mar. Furamos poços de minas nela e arrancamos-lhe as entranhas — e tudo por uma joia para usar num belo dedo. Quem pode culpá-la se, de vez em quando, ela trema de raiva? Percorreram a beira do porto. Uma imensa fila de pessoas se formara para o bebedouro.

Cada uma tivera permissão para apenas um receptáculo, e para Plínio era evidente que uma hora jamais seria suficiente para que todas recebessem a sua medida. Aqueles que estavam no início da fila já tinham recebido sua ração e afastavam-se depressa, sobraçando potes e panelas como se estivessem carregando ouro.

— Vamos ter de prorrogar o fluxo hoje à noite — disse ele — e confiar em que aquele jovem aguadeiro faça os reparos como prometeu.

— E se ele não fizer, tio?

— Neste caso, metade desta cidade estará fervendo amanhã.

Uma vez livre da multidão e a caminho da pista elevada, o coche aumentou a velocidade. Chocalhou sobre a ponte de madeira e depois tornou a reduzir a velocidade enquanto subiam o morro em direção à Piscina Mirabilis. Sacudido na parte de trás, Plínio teve a certeza de que estava prestes a desmaiar.

Seja como for, ele afastou a sensação movimentando a cabeça. Quando percebeu, eles estavam entrando no pátio do reservatório, passando pelos rostos rubros de meia dúzia de marinheiros. Ele respondeu à saudação deles e desceu, inseguro, apoiado no braço de Gaius.

Se o imperador me tirar o comando, pensou ele, eu morro, com tanta certeza quanto se ele mandar um de seus guardas pretorianos me arrancar a cabeça dos ombros. Nunca mais vou escrever outro livro. Minha força vital desapareceu. Estou liquidado.

— O senhor está bem, tio?

— Estou perfeitamente bem, Gaius, obrigado.

Que idiota!, repreendeu a si mesmo. Velho estúpido, crédulo! Uma frase de Pedius Cascus, uma reunião rotineira do conselho imperial para a qual não foi convidado e você desmorona.

Ele insistiu em descer sem ajuda os degraus que levavam ao reservatório. A luz diminuía e um escravo seguiu na frente com uma tocha. Havia anos ele não descia até ali. Naquela ocasião, os pilares estavam, em sua maioria, submersos, e o barulho do Augusta abafava qualquer tentativa de conversa. Agora, o reservatório ecoava como um túmulo. Seu tamanho era impressionante. O nível da água caíra tanto sob seus pés que Plínio praticamente não a via, até que o escravo segurou a tocha sobre a superfície espelhada e então ele viu o reflexo do próprio rosto — lamurioso, abatido. Percebeu que o reservatório também vibrava ligeiramente, tal como o vinho.

— Qual é a profundidade?

— Quase cinco metros, almirante — respondeu o escravo.

Plínio contemplou o seu reflexo.

— Nunca houve no mundo inteiro coisa mais impressionante — murmurou ele.

— O que foi, tio? — "Quando consideramos o abundante fornecimento de água em prédios públicos, termas, piscinas, canais abertos, casas particulares, jardins e propriedades campestres, e quando pensamos nas distâncias atravessadas pela água antes de chegar, o erguimento de arcos, a abertura de túneis nas montanhas e a construção de rotas planas cortando vales profundos, admitimos de imediato que nunca houve nada mais impressionante do que os nossos aquedutos no mundo inteiro." Eu cito a mim mesmo. Como sempre. — Ele ergueu a cabeça. — Deixe que metade da água escoe esta noite. Vamos liberar o resto de manhã.

— E depois?

— E depois, meu caro Gaius? E depois, temos de esperar que amanhã seja um dia melhor.

Em Pompeia, a fogueira em homenagem a Vulcano deveria ser acesa assim que escurecesse.

Antes disso, deveria haver a costumeira diversão no fórum, supostamente paga por Popidius mas, na realidade, financiada por Ampliatus -uma tourada, três duplas de gladiadores em luta, alguns boxeadores ao estilo grego. Nada muito elaborado, apenas cerca de uma hora de diversão para os eleitores enquanto eles esperavam a chegada da noite, o tipo de espetáculo que se esperava que um edil preparasse em troca do privilégio do cargo.

Corelia fingiu estar enjoada.

Estava de cama, observando as linhas de luz vindas dos postigos fechados rastejarem subindo pela parede à medida que o sol mergulhava, pensando na conversa que ouvira e no engenheiro, Attilius. Ela percebera o modo de ele olhar para ela, tanto em Miseno no dia anterior, como na manhã daquele dia, quando ela se banhava. Amante, vingador, salvador, vítima trágica — em sua imaginação, ela o imaginava rapidamente em todos aqueles papéis, mas sempre a fantasia se dissolvia no mesmo brutal casamento dos fatos: ela o levava para a órbita do pai dela, que agora planejava matá-lo. A culpa por sua morte seria dela.

Corelia ouvia os sons dos outros preparando-se para sair. Ouviu a mãe chamar por ela, depois os passos dela na escada. Rápida, procurou a pena que escondera debaixo do travesseiro.

Abriu a boca e coçou o fundo da garganta, vomitou fazendo bastante barulho e, quando Celsia apareceu, enxugou os lábios e fez um gesto fraco para os conteúdos da terrina.

A mãe sentou-se na beira do colchão e pôs a mão na testa de Corelia.

— Oh, minha pobre filha. Você está quente. Vou chamar o médico.

— Não, não o incomode. — Uma visita de Pumponius Magonianus, com suas poções e purgantes, era suficiente para deixar qualquer pessoa doente.

— Eu só preciso dormir. Foi aquela refeição interminável, horrível. Eu comi demais.

— Mas minha querida, você praticamente não comeu nada!

— Não é verdade...

— Silêncio! — A mãe ergueu um dedo. Alguém mais estava subindo a escada, com um passo mais pesado, e Corelia preparou-se para uma confrontação com o pai. Ele não seria tão fácil de tapear. Mas era apenas seu irmão, nos longos robes brancos de sacerdote de Isis. Ela sentiu o cheiro de incenso nele.

— Ande logo, Corelia. Ele está nos chamando aos gritos. Não era preciso dizer quem era ele.

— Ela está doente.

— Está? Mesmo assim, tem de ir. Ele não vai gostar.

Ampliatus gritou do andar de baixo e as duas deram um pulo. Olharam para a porta.

— Sim, você não pode fazer um esforço, Corelia? — perguntou a mãe. — Por ele? Houve época em que os três tinham formado uma aliança: tinham rido dele pelas costas — seus estados de espírito, acessos de raiva e obsessões. Ultimamente, porém, aquilo acabara. O triunvirato doméstico dissolvera-se sob a inflexível fúria dele. Tinham sido adotadas estratégias individuais para a sobrevivência.

Corelia observara a mãe tornar-se a perfeita matrona romana, com um santuário para Lúvia no quarto de vestir, enquanto o irmão se subordinara em seu culto egípcio. E ela? O que deveria fazer? Casar-se com Popidius e adotar um segundo senhor? Tornar-se mais uma escrava na família, mais do que Ampliatus jamais fora? Ela se parecia demais com o pai para não lutar.

— Vão logo, vocês dois — disse ela, amargurada. — Se quiserem, levem minha terrina de vômito e mostrem a ele. Mas eu não vou a esse estúpido espetáculo.

Ela rolou para o lado, voltada para a parede. Mais um rugido veio lá de baixo. A mãe soltou o seu suspiro de mártir.

— Pois muito bem. Eu digo a ele.

Era exatamente como o engenheiro desconfiara. Depois de guiá-los quase diretamente para o norte, em direção ao topo, por alguns quilômetros, o ramal do aqueduto virava de repente para o leste, justamente quando o terreno começava a subir em direção ao Vesúvio. A estrada virava com ele e, pela primeira vez, eles estavam

de costas para o mar e apontavam para o interior, para os distantes sopés dos Apeninos.

O ramal de Pompeia afastava-se da estrada com mais frequência, agora colado na linha do terreno, oscilando de um lado para o outro, cortando o caminho deles. Attilius apreciou aquela sutileza dos aquedutos. As grandes estradas romanas passavam como um rodo pela natureza em linha reta, sem tolerar oposição alguma. Mas os aquedutos, que tinham de ter uma queda equivalente à largura de um dedo a cada cem metros — qualquer coisa a mais e o fluxo romperia as paredes; qualquer coisa a menos, e a água ficaria estagnada -eram obrigados a seguir os contornos do terreno. As maiores glórias deles, como a ponte de três estrados no sul da Gália, a mais alta do mundo, que levava o aqueduto de Nemauso, frequentemente ficavam fora do alcance da visão humana. As vezes só as águias, voando alto no ar quente acima de alguma solitária paisagem montanhosa, podiam apreciar a verdadeira majestade do que homens tinham construído.

Eles tinham atravessado a malha de campos centuriados e estavam entrando na área vitivinícola, propriedade das grandes mansões. As cabanas em ruínas dos pequenos proprietários da planície, com seus bodes amarrados e sua meia dúzia de galinhas de má aparência bicando a poeira, tinham dado lugar a belas casas de fazenda com telhados de telhas vermelhas que pontilhavam as encostas mais baixas da montanha.

Examinando os vinhedos montado em seu cavalo, Attilius ficou quase deslumbrado pela visão de tamanha abundância, pela fertilidade tão impressionante, mesmo em meio a uma seca. Ele estava na profissão errada. Devia abandonar a água e passar para o vinho. As videiras tinham fugido ao cultivo comum e se agarrado a cada muro e árvore disponível, chegando ao topo dos mais altos galhos, envolvendo-os em luxuriantes cascatas de verde e roxo. Pequenas caras de Baco, feitas de mármore para afastar o mal, com olhos e bocas perfurados, pendiam imóveis no ar parado, olhando de dentro das folhagens como se estivessem de emboscada, prontos para atacar. Era época de colheita, e os campos estavam cheios de escravos — trepados em escadas ou curvados pelo peso dos cestos

de uvas que levavam às costas. Mas ele ficou imaginando como iriam conseguir colher tudo antes que apodrecesse.

Chegaram a uma grande propriedade de frente para a planície, tendo ao longe a baía, e Brebix perguntou se não podiam parar para descansar um pouco.

— Está bem. Mas não por muito tempo.

Attilius desmontou do cavalo e esticou as pernas. Quando enxugou a testa, as costas da mão saíram cinzentas de poeira, e quando ele tentou beber, descobriu que seus lábios estavam crestados de barro. Polites comprara dois pães e algumas salsichas gordurosas, e ele comeu como um faminto. Impressionantes, sempre, os efeitos de um pouco de comida num estômago vazio. Ele sentiu o espírito animar-se a cada bocado. Era sempre ali onde ele preferia estar — não em alguma cidade imunda, mas no interior, com as veias ocultas da civilização, sob um céu limpo. Ele percebeu que Brebix estava sentado sozinho e foi até lá; partiu metade do pão e estendeu-a a ele, com duas salsichas.

Uma oferenda de paz.

Brebix hesitou, acenou com a cabeça e pegou-as. Ele estava nu da cintura para cima, o torso suado coberto de cicatrizes que se entrecruzavam.

— Que classe de lutador você era?

— Adivinhe.

Fazia muito tempo que Attilius não ia ver as lutas.

— Não foi um retiário — disse ele, depois de um certo intervalo. — Eu não o vejo dançando de um lado para o outro com uma rede e um tridente.

— Até aí, você está certo.

— Então, um trácio. Ou um mirmilão, talvez. — Um trácio usava um pequeno escudo e uma espada curta e curva; um mirmilão era um lutador mais pesado, armado como um soldado de infantaria, com um gládio e um escudo retangular. Os músculos do braço esquerdo de Brebix, talvez o braço do escudo, ressaltavam com a mesma força do direito. — Eu diria um mirmilão. — Brebix confirmou com a cabeça.

— Quantas lutas? — Trinta.

Attilius ficou impressionado. Não eram muitos os que sobreviviam a trinta lutas. Aquilo representava oito ou dez anos de comparecimento à arena.

— A que tropa você pertencia?

— De Alleius Nigidius. Eu lutei em toda a orla da baía. A maioria em Pompeia. Nucéria. Nola. Depois que ganhei a liberdade, fui trabalhar com Ampliatus.

— Não virou treinador?

Brebix respondeu com calma: — Eu já vi matança demais, aguadeiro. Obrigado pelo pão.

Ele se pôs de pé com agilidade, num único movimento fluido, e foi juntar-se aos outros. Não era preciso esforço algum para imaginá-lo na poeira do anfiteatro. Attilius imaginava o erro que os adversários dele tinham cometido. Deviam ter pensado que ele era maciço, lento, desajeitado.

Mas era ágil como um gato.

O engenheiro tomou outro gole. Ele podia ver perfeitamente as ilhas rochosas ao largo de Miseno, do outro lado da baía — a pequena Próquita e a alta montanha de Enária — e pela primeira vez percebeu que havia um ondular na água. Flocos de espuma branca tinham aparecido em meio aos pequeninos barcos que estavam espalhados como limalhas pelo mar brilhante, metálico. Mas nenhum deles içara uma única vela. E aquilo era estranho, pensou — era muito estranho — mas era uma realidade: não havia vento.

Ondas, mas não vento.

Mais um truque da natureza para o almirante avaliar.

O sol começava a cair atrás do Vesúvio. Uma espécie de águia — pequena, preta, poderosa, famosa por nunca emitir um grito — volteava e voava em silêncio acima da espessa floresta.

Dali a pouco eles estariam seguindo para a sombra. O que era bom, pensou ele, porque seria mais fresco, e também ruim, porque significava que o crepúsculo não estava muito longe.

Attilius bebeu o resto da água e mandou que os homens seguissem em frente.

Silêncio também na casa grande.

Ela sempre sabia quando o pai tinha ido embora. A casa toda parecia soltar a respiração.

Colocou a capa sobre os ombros e ficou ouvindo de novo junto aos postigos antes de abri-los.

Seu quarto dava para o oeste. No outro lado do pátio o céu estava tão vermelho quanto o telhado de terracota, o jardim abaixo de sua sacada na sombra. Um lençol ainda estava em cima do aviário e ela o tirou para dar aos passarinhos um pouco de ar, e depois — seguindo um impulso: aquilo nunca lhe ocorrera antes daquele momento — soltou o trinco e abriu a porta do lado da gaiola. Voltou para dentro do quarto.

Os hábitos de cativo são difíceis de mudar. Algum tempo se passou antes que os pintassilgos percebessem a oportunidade. Em dado momento, um dos passarinhos, mais ousado do que os demais, deslizou pelo poleiro e saltou para a base da moldura da porta.

Inclinou para ela a cabeça cujo topo era vermelho e preto e piscou um olho brilhante e lançou-se no ar. As asas estalaram. Houve um lampejo de ouro na sombra. Passou pelo jardim e foi pousar nas telhas da borda em frente. Um outro passarinho esvoaçou até a porta e levantou vôo, depois outro.

Ela teria gostado de ficar e vê-los fugir, mas, em vez disso, fechou os postigos.

Ela dissera à empregada que fosse para o fórum com os demais escravos. A passagem do lado de fora do seu quarto estava deserta, como a escada e como o jardim no qual o pai havia tido o que pensara ser uma conversa secreta. Ela o atravessou depressa, mantendo-se junto aos pilares para o caso de encontrar alguém. Entrou no átrio da velha casa e virou em direção ao tablino. Era ali que o pai fazia seus negócios — acordando para receber os clientes ao amanhecer, reunindo-se com eles isoladamente ou em grupos até que os tribunais abrissem, ocasião em que ele saía às pressas para a rua, seguido pela costureira corte aflita de pedintes.

Era um símbolo do poder de Ampliatus o fato de a sala conter não o cofre de costume, mas três, feitos de madeira resistente presa com metal, seguros ao chão de pedra por hastes de ferro.

Corelia sabia onde as chaves eram guardadas porque em dias mais felizes — ou seria simplesmente um stratagem para convencer os sócios de como ele era um sujeito encantador? — ela tivera permissão para entrar de gatinhas e sentar-se aos pés dele enquanto ele trabalhava. Ela abriu a gaveta da pequena mesa, e lá estavam elas.

A pasta de documentos estava no segundo cofre. Ela não se preocupou em desenrolar os pequenos papiros, mas simplesmente meteu-os nos bolsos da capa, fechou o cofre e recolocou a chave no lugar. A parte mais arriscada terminara e ela se permitiu relaxar um pouco. Estava com uma história pronta para o caso de ser detida — de que agora estava recuperada e decidira juntar-se aos demais no fórum — mas não havia ninguém por perto.

Atravessou o pátio e desceu a escada, passou pela piscina com a sua fonte que corria fracamente e pela sala de jantar na qual suportara aquela terrível refeição, deslocando-se com rapidez em volta da colunata em direção à sala de estar dos Popidius pintada de vermelho. Em breve ela seria a senhora de tudo aquilo: um pensamento aterrorizante.

Um escravo estava acendendo um dos candelabros de metal mas recuou respeitosamente contra a parede para deixá-la passar. Uma cortina. Mais um lance de escada, mais estreita. E de repente ela estava num mundo diferente — tetos baixos, paredes rebocadas de forma imprecisa, um fedor de suor: os alojamentos dos escravos. Ela ouviu homens conversando em algum ponto, um barulho de jarros de ferro e depois, para seu alívio, o relinchar de um cavalo.

Os estábulos ficavam no fim do corredor, e eram como ela imaginara — seu pai decidira levar os convidados de liteira até o fórum, deixando todos os cavalos em casa. Ela acariciou o focinho de sua favorita, uma égua baia, e sussurrou para ela. Se-lá-la era tarefa dos escravos, mas ela os observara vezes suficientes para saber como fazê-lo. Enquanto apertava o arnês de ouro sob a barriga, a égua deslocou-se ligeiramente e bateu na baia de madeira. Ela prendeu a respiração, mas ninguém apareceu.

— Calma, menina, sou eu, está tudo bem — sussurrou de novo. A porta do estábulo abria-se diretamente para a rua lateral.

Todos os sons pareciam absurdamente altos para ela — o estalar da barra de ferro quando ela a levantou, o ranger das dobradiças, o tropel das patas da égua enquanto era levada para a rua. Um homem corria pela calçada do outro lado e voltou-se para olhar para ela, mas não parou — estava atrasado, ao que parecia, e seguia para o sacrifício. Da direção do fórum veio o barulho de música e depois um ronco baixo, como o arrebentar de uma onda.

Corelia girou o corpo para montar na égua. Naquela noite, nada da montaria decorosa, feminina, de lado. Ela abriu as pernas e montou como um homem. A sensação de liberdade ilimitada quase a dominou. Aquela rua — aquela rua extremamente comum, com suas lojas de sapateiros e costureiros, pela qual ela caminhara tantas vezes — tornara-se a beira do mundo. Ela sabia que, se hesitasse mais um pouco, o pânico iria dominá-la por completo. Apertou os joelhos nos flancos da égua e puxou com força as rédeas para a esquerda, seguindo para longe do fórum.

No primeiro cruzamento, tornou a virar à esquerda. Manteve-se cuidadosamente nas ruas secundárias, desertas, e só quando achou que estava longe o bastante de casa para ser improvável encontrar alguém que conhecia, ela passou para a estrada principal. Outra onda de aplauso veio do fórum.

Lá se foi ela montanha acima, passando as termas desertas que o pai estava construindo, o castelo de água, e por baixo do arco da porta da cidade. Abaixou a cabeça quando passou pelo posto aduaneiro, puxando bem o capuz da capa para a frente, e então viu-se fora de Pompeia e a caminho do Vesúvio

VÉSPERA

20h

"A chegada do magma na quase superfície incha o reservatório e infla a superfície [...]"

ENCYCLOPAEDIA OF VOLCANOES

Attilius e sua expedição chegaram à matriz do Aqua Augusta justamente quando o dia terminava. Num instante o engenheiro via o sol desaparecer atrás da imponente montanha, tornando-a uma silhueta contra um céu vermelho, fazendo com que as árvores parecessem estar pegando fogo, e no outro ela não existia mais.

Olhando para a frente ele viu, erguendo— se da planície que escurecia, o que pareciam pilhas brilhantes de areia clara. Olhou para elas com os olhos semicerrados e depois esporeou o cavalo e galopou à frente das carroças.

Quatro pirâmides de cascalho estavam agrupadas em torno de um muro circular de tijolos, sem telhado, mais ou menos da altura da cintura de um homem. Era um tanque de decantação. Ele sabia que deveria haver pelo menos uma dúzia deles ao longo de todo o Augusta — lugares em que a velocidade da água era reduzida de propósito para coletar impurezas quando elas desciam para o fundo. Massas de pequeninos seixos, deixados perfeitamente redondos e lisos enquanto eram levados pela matriz, tinham de ser retiradas a intervalos de poucas semanas e empilhadas ao lado do aqueduto. Um tanque de decantação sempre fora um lugar preferido de onde instalar uma linha secundária e, quando desmontou e caminhou até ele, Attilius percebeu que era realmente aquilo que acontecera ali. O solo sob seus pés era esponjoso, a vegetação mais verde e mais luxuriante, o solo murmurando de r saturação. Água borbulhava por cima da carapaça do tanque em todos os pontos, lavando a alvenaria de tijolos com uma película tremeluzente, translúcida. O último postigo de inspeção do ramal de Pompeia ficava diretamente em frente da parede.

Attilius apoiou as mãos na borda e olhou por cima dela. O tanque tinha quase sete metros de diâmetro e, segundo seus cálculos, pelo menos cinco de profundidade. Sem o sol, estava muito escuro para enxergar até o fundo de cascalho, mas ele sabia que deveria haver três bocas de túneis lá embaixo -uma onde o Augusta entrava, outra onde ele saía e uma terceira ligando r Pompeia ao sistema. Água subiu por entre seus dedos. Ele se perguntou quando Corvinus e Becco tinham fechado as comportas em Avelino. Com sorte, o fluxo deveria começar a diminuir muito em breve.

Ele ouviu pés chapinhando o terreno atrás dele. Brebix e dois dos outros homens estavam vindo das carroças.

— Então é aqui, aguadeiro?

— Não, Brebix. Ainda não. Mas agora não está longe. Está vendo isso? Como a água está jorrando lá de baixo? É porque a linha

principal está bloqueada em algum ponto ao longo do caminho. — Ele enxugou as mãos na túnica. — Temos de seguir em frente de novo.

Não era uma decisão popular, e logo ficou ainda menos, quando eles descobriram que as carroças estavam afundando na lama até os eixos. Houve uma onda de imprecações e foi preciso usar de toda a força deles — ombros e costas aplicados primeiro numa das carroças e depois na outra — para erguê-las para um terreno mais firme. Seis dos homens esparramaram-se no chão e ali ficaram, recusando-se a se mexer, e Attilius teve de sair dando a mão e puxando-os para ficarem de pé. Eles estavam cansados, eram supersticiosos e estavam com fome — era pior do que guiar uma parilha de mulas geniosas. Attilius amarrou o cavalo na traseira de uma das carroças e quando Brebix lhe perguntou o que estava fazendo, respondeu: — Vou seguir a pé com vocês.

O engenheiro pegou o cabresto do boi mais próximo e puxou-o para a frente. Era a mesma história de quando saíram de Pompeia. A princípio ninguém se mexeu, mas depois, relutantes, eles o seguiram. O impulso natural dos homens é seguir, pensou ele, e aquele que tiver mais força de vontade sempre dominará os demais. Ampliatus compreendia isso melhor do que qualquer outra pessoa que ele já conhecesse.

Eles estavam atravessando uma planície estreita, entre elevações do terreno. O Vesúvio estava à esquerda; à direita, os rochedos íngremes dos Apeninos erguiam-se como uma muralha. A estrada, uma vez mais, separara-se do aqueduto e eles estavam seguindo por uma trilha, arrastando-se com dificuldade ao lado do Augusta — pedra marcadora, postigo de inspeção, pedra marcadora, postigo de inspeção e assim por diante — através de antigos pomares de oliveira e limoeiros, à medida que poças de escuridão começavam a reunir-se embaixo das árvores. Havia pouca coisa a ouvir acima do ranger das rodas, exceto o som ocasional de sinos de cabras no crepúsculo.

Attilius continuou a olhar para a linha do aqueduto. Água borbulhava em torno das beiras de alguns dos postigos de inspeção e aquilo era agourento. O túnel do aqueduto tinha 1,80 metro de

altura. Se a força da água fosse suficiente para deslocar as pesadas tampas de inspeção, a pressão seria imensa, o que, por sua vez, indicava que a obstrução da matriz devia ser igualmente enorme, caso contrário teria sido levada. Onde estavam Corax e Musa? Um estrondo forte, como um trovão, veio da direção do Vesúvio. Pareceu passar por eles e reverberar na face rochosa dos Apeninos com um estouro seco. O solo se deslocou e os bois se encolheram, voltando-se instintivamente para longe do barulho, arrastando Attilius. Ele fincou os calcanhares na trilha. Quando acabou de fazê-los parar, um dos homens soltou um berro e apontou.

— Os gigantes!

Enormes criaturas brancas, fantasmagóricas no crepúsculo, pareciam estar saindo de dentro da terra diante deles, como se o telhado do inferno tivesse rachado e os espíritos dos mortos estivessem voando para o céu. Até Attilius sentiu os cabelos se eriçarem na nuca e foi Brebix que acabou soltando uma gargalhada, dizendo: — São apenas pássaros, seus bobos! Olhem! Pássaros — pássaros imensos: flamingos, será? — ergueram-se às centenas, como um grande lençol branco, e esvoaçaram, mergulharam e depois voltaram a desaparecer. Flamingos, pensou Attilius: pássaros aquáticos.

Ao longe, ele viu dois homens, acenando.

O próprio Nero, se tivesse passado um ano trabalhando naquilo, não poderia ter desejado um lago artificial mais bonito do que aquele que o Augusta criara em apenas um dia e meio. Uma depressão rasa ao norte da matriz enchera-se a uma profundidade de um metro ou um metro e trinta. A superfície estava levemente luminosa ao crepúsculo, interrompida aqui e ali por ilhas informes criadas pela escura folhagem de oliveiras semissubmersas. Aves aquáticas corriam entre elas; flamingos assinalavam a margem distante.

Os homens da equipe de trabalho de Attilius não pararam para esperar permissão. Arrancaram as túnicas e correram nus para o lago, os corpos queimados do sol e as nádegas dançantes, brancas como neve, dando-lhes a aparência de uma exótica manada de antílopes parando para uma bebida noturna e um banho. Gritos e

espadanas chegavam até onde Attilius estava, ao lado de Musa e Corvinus. Ele não fez tentativa alguma para detê-los. Que desfrutassem enquanto pudessem. Além do mais, ele tinha um novo mistério a enfrentar.

Corax desaparecera.

Segundo Musa, ele e o supervisor tinham descoberto o lago em menos de duas horas depois de saírem de Pompeia — devia ter sido por volta do meio-dia — e era exatamente como Attilius previra: como alguém poderia deixar de ver uma inundação daquele tamanho? Após uma breve inspeção do dano, Corax tornara a montar seu cavalo e partira de volta a Pompeia para avisar sobre a escala do problema, como combinado.

O queixo de Attilius estava apertado em sinal de irritação.

— Mas isso deve ter sido há sete ou oito horas. — Ele não podia acreditar. — Vamos, Musa, o que foi que aconteceu de verdade?

— Eu estou dizendo a verdade, aguadeiro. Eu juro! — Os olhos de Musa estavam arregalados num alarma aparentemente sincero. — Pensei que ele estaria voltando com o senhor. Alguma coisa deve ter acontecido a ele!

Ao lado do postigo de inspeção aberto, Musa e Corvinus tinham acendido uma fogueira, não para se manterem aquecidos — o ar ainda estava abafado — mas para afastar o mal. A madeira que eles tinham achado estava seca como pavio, as chamas brilhantes na escuridão, cuspidas fontes de centelhas vermelhas que subiam rodopiando com a fumaça. Enormes mariposas brancas misturavam-se com os flocos de cinza.

— Talvez tenhamos nos desencontrado dele na estrada por algum motivo. Attilius olhou para trás, para a sombra que se instalava. Mas, mesmo enquanto disse aquilo, sabia que não podia estar certo. E, de qualquer modo, um homem a cavalo, mesmo que tivesse tomado um caminho diferente, sem dúvida teria tido tempo de chegar a Pompeia, descobrir que eles tinham partido e alcançá-los.

— Isso não faz sentido. Além do mais, eu pensei que tivesse deixado claro que você, e não Corax, deveria nos trazer o recado.

— Deixou.

— E daí?

— Ele insistiu em ir buscar o senhor.

Fugiu, pensou Attilius. Tinha de ser a explicação mais provável. Ele e seu amigo Exomnius, juntos, tinham fugido.

— Este lugar. — Musa olhou à sua volta. — Vou ser honesto com o senhor, Marcus Attilius: ele me deixa morto de medo. Aquele barulho agora. O senhor ouviu?

— É claro que ouvimos. Devem ter ouvido em Nápoles.

— E espere até ver o que aconteceu com a matriz.

Attilius foi até uma das carroças e apanhou uma tocha. Voltou e enfiou-a nas chamas. Ela acendeu imediatamente. Os três reuniram-se em volta da abertura na terra e uma vez mais ele percebeu a exalação de enxofre vindo da escuridão.

— Pegue uma corda para mim — disse ele a Musa. — Está com as ferramentas. — Ele olhou para Corvinus. — E como você se saiu? Fechou as comportas?

— Fechei, aguadeiro. Tivemos de discutir com o sacerdote, mas Becco o convenceu.

— A que horas você as fechou?

— Na sétima hora.

Attilius massageou as têmporas, tentando fazer o cálculo. O nível de água no túnel inundado começaria a cair dentro de umas duas horas. Mas, a menos que mandasse Corvinus de volta para Avelino quase imediatamente, Becco seguir suas instruções, esperaria 12 horas e reabriria as comportas na sexta vigília da noite. Estava tudo desesperadamente apertado. Eles jamais conseguiriam.

Quando Musa voltou, Attilius entregou-lhe a tocha. Amarrou uma das pontas da corda na cintura e sentou-se na borda do postigo de inspeção que estava aberto.

— Teseu no labirinto — murmurou ele.

— O quê?

— Nada, nada. Apenas faça o favor de não largar a outra ponta. Um metro de terra, pensou Attilius, depois sessenta centímetros de alvenaria, depois dois metros de nada do alto do telhado do túnel até o chão. Ao todo, três metros e sessenta. É

melhor eu descer com cuidado. Ele voltou-se e deixou o corpo arriar dentro do poço estreito, os dedos firmes na borda do postigo de inspeção, e ficou ali por um instante, pendurado. Quantas vezes já fizera aquilo? E no entanto nunca, em mais de uma década, perdera a sensação de pânico ao ver-se sepultado embaixo da terra. Era o seu medo secreto, jamais confessado a ninguém, nem mesmo a seu pai.

Especialmente ao pai. Ele fechou os olhos e deixou-se cair, flexionando os joelhos ao chegar ao fundo, para absorver o impacto. Ficou agachado ali por um instante, recuperando o equilíbrio, o fedor do enxofre nas narinas, e então tateou à frente com cautela. O túnel tinha apenas um metro de largura. Cimento seco sob os dedos. Escuridão quando ele abriu os olhos — tão escuro como quando estavam fechados. Levantou-se, deu um passo atrás para se apertar bem nas costas e gritou para Musa: — Jogue a tocha! A chama pingou enquanto caía e, por um instante, ele teve medo de que tivesse apagado, mas quando se curvou para segurar o cabo ela voltou a brilhar, iluminando as paredes. A parte inferior estava coberta por uma crosta de lodo depositado pela água ao longo dos anos. A superfície áspera, saliente, parecia mais uma parede de caverna do que qualquer coisa feita pelo homem, e Attilius pensou na rapidez com que a natureza retomava o que havia cedido — alvenaria de tijolos era reduzida a escombros pela chuva e pela geada, estradas eram enterradas sob verdes ondas de ervas, aquedutos eram entupidos pela própria água que tinham sido construídos para transportar. Raspou o lodo com a unha do polegar. Ali estava outro exemplo da ociosidade de Exomnius. O lodo estava quase da grossura do seu dedo. Devia ter sido raspado de dois em dois anos. Nenhum trabalho de manutenção tinha sido feito naquele trecho há pelo menos uma década.

Ele se voltou, desajeitado, no espaço confinado, segurando a tocha à frente e forçando os olhos para penetrar a escuridão. Não conseguia ver nada. Começou a andar, contando cada passo. Quando chegou a dezoito soltou um murmúrio de surpresa. Não era apenas o fato de o túnel estar bloqueado por completo — isso ele tinha esperado — mas parecia que o piso tinha sido levantado,

empurrado por baixo por alguma força irresistível. O grosso leito de concreto sobre o qual o canal repousava tinha sido rasgado e uma seção dele inclinava-se em direção ao teto.

Ele ouviu a voz abafada de Musa: — Está vendo?

— Sim, estou! O túnel estreitava-se dramaticamente. Ele teve de ficar de joelhos e engatinhar para a frente. A fratura da base, por sua vez, vergara as paredes e derrubara o teto. Água escorria por uma comprimida massa de tijolos e terra e pedaços de concreto. Ele raspou a massa com a mão livre, mas o fedor do enxofre estava no seu mais alto grau ali e as chamas da tocha começaram a diminuir. Ele recuou depressa, voltando até o poço do postigo de inspeção. Olhando para cima, deu apenas para distinguir os rostos de Musa e Corvinus emoldurados pelo céu noturno. Apoiou a tocha na parede do túnel.

— Segurem bem a corda. Eu vou sair. — Ele desamarrou a corda da cintura e deu um forte puxão. — Prontos?

— Prontos! Tentou não pensar no que poderia acontecer se o deixassem cair. Agarrou a corda com a mão direita e ergueu o corpo, depois agarrou-a com a mão esquerda e tornou a erguer o corpo. A corda sacudia bastante. Ele meteu a cabeça e os ombros no poço de inspeção e por um instante pensou que a força iria abandoná-lo, mas outro impulso com cada uma das mãos colocou os joelhos em contato com a abertura e ele conseguiu encaixar as costas no lado do poço. Decidiu que era mais fácil largar a corda e subir sozinho, empurrando o corpo com os joelhos e depois com as costas, até que os braços ficaram por cima do lado do postigo e ele conseguiu se projetar no ar fresco da noite.

Ficou deitado no chão, recuperando o fôlego, enquanto Musa e Corvinus o observavam. Uma lua cheia nascia.

— E então? — perguntou Musa. — Qual a sua conclusão?

O engenheiro sacudiu a cabeça.

— Eu nunca enfrentei nada igual. Já vi tetos desabarem e já vi terra deslizar por encostas de montanhas. Mas isso? Parece que toda uma seção do piso foi levantada. Para mim, isso é novidade.

— Corax disse exatamente a mesma coisa.

Attilius pôs-se de pé e olhou pelo poço. Sua tocha ainda estava acesa no piso do túnel.

— Esta terra — disse ele, com amargura. — Ela parece perfeitamente sólida. Mas não é mais firme do que a água.

Ele começou a andar, desfazendo os passos que dera ao longo do caminho do Augusta.

Contou dezoito passos e parou. Agora que examinava o terreno mais detalhadamente, viu que ele estava com uma ligeira elevação. Com a borda do pé, fez uma marca e seguiu andando, tornando a contar. O trecho inchado não parecia muito largo. Seis metros, talvez, ou oito. Era difícil ser exato. Fez outra marca. Ao longe, à sua esquerda, os homens de Ampliatus ainda brincavam no lago.

Attilius sentiu uma súbita onda de otimismo. Na verdade, aquele bloqueio não era muito grande.

Quanto mais ele raciocinava, menos provável lhe parecia que fosse obra de um terremoto, que poderia facilmente ter sacudido e derrubado o teto ao longo de toda uma seção — isso sim, teria sido um desastre. Mas aquilo estava muito mais localizado: era mais como se a terra, por algum motivo estranho, tivesse se erguido um ou dois metros ao longo de uma linha estreita.

Ele fez um círculo completo. Sim, agora entendia. O terreno se deslocara. A matriz tinha sido obstruída. Ao mesmo tempo, a pressão do movimento provocara uma rachadura na parede do túnel. A água escapara para dentro da depressão e formara um lago. Mas se eles pudessem desobstruir o bloqueio e deixar o Augusta esvaziar...

Naquele momento ele decidiu que não iria mandar Corvinus de volta a Avelino. Iria tentar reparar o Augusta durante a noite. Confrontar o impossível: este era o estilo romano! Levou as mãos em forma de concha à boca e gritou para os homens: — Está bem cavalheiros! Os banhos vão fechar! Vamos trabalhar!

Não era frequente mulheres viajarem sozinhas pelas estradas públicas de Campânia e, quando Corelia passava, os camponeses que trabalhavam nos campos secos e estreitos voltavam-se para olhar para ela, espantados. Até mesmo alguma vigorosa mulher de

agricultor, que tivesse tanto de largura quanto de altura e armada de uma enxada comprida, teria hesitado quanto a se aventurar a sair desprotegida na hora da véspera. Mas uma jovem obviamente rica? Numa bela égua? Que prêmio valioso era aquilo! Por duas vezes homens foram para a estrada e tentaram bloquear-lhe o caminho ou agarrar as rédeas, mas nas duas ela esporeara a montaria para a frente e, depois de algumas centenas de passos, eles desistiram de persegui-la.

Ela conhecia o caminho que o aguadeiro tinha tomado graças ao que ela ouvira escondida naquela tarde. Mas o que parecera uma simples viagem num jardim banhado de sol — seguir a linha do aqueduto de Pompeia até o ponto em que ele se juntava ao Augusta — era um empreendimento aterrorizante quando tentado ao crepúsculo. Quando chegou aos vinhedos no sopé do Vesúvio, ela desejou não ter ido. Era verdade o que o pai dizia dela -cabeçuda, desobediente, bobinha, que agia primeiro e pensava depois. Essas eram as conhecidas acusações que ele lançara sobre ela na noite anterior em Miseno, depois da morte do escravo, quando eles embarcavam para Pompeia. Mas agora era tarde demais para voltar.

O trabalho do dia estava terminando. Filas de escravos exaustos, silenciosos, seguiam arrastando os pés à beira da estrada à luz do crepúsculo. O tilintar de suas correntes contra as pedras e o estalar do chicote do supervisor nas costas eram os únicos sons. Ela ouvira falar naqueles miseráveis, apinhados em blocos de prisão anexos às fazendas maiores e obrigados a trabalhar até morrer em um ano ou dois: ela nunca os vira de perto. De vez em quando um escravo encontrava energia para erguer os olhos da poeira e encará-la; era como olhar para o inferno por um buraco.

Mesmo assim ela não iria desistir, ainda que o anoitecer esvaziasse a estrada e a linha do aqueduto ficasse mais difícil de ser seguida. A visão reconfortante das vilas nas encostas mais baixas da montanha foi desaparecendo pouco a pouco, para ser substituída por pontos isolados de luzes de tochas e lanternas, piscando na escuridão. A égua reduziu o ritmo para o passo e ela oscilou na sela acompanhando o penoso movimento.

Fazia calor. Corelia estava com sede. (Naturalmente, esquecera-se de levar água: aquilo era uma coisa que os escravos sempre levavam para ela.) Ela estava dolorida nos pontos em que a roupa se esfregava na pele suada. Só o pensamento no aguadeiro e no perigo que ele corria fazia-a seguir em frente. Talvez fosse chegar tarde demais? Talvez ele já tivesse sido assassinado? Estava justamente começando a se perguntar se conseguiria alcançá-lo quando o ar carregado pareceu ficar sólido e zumbir em volta dela e, um instante depois, lá de dentro da montanha à sua esquerda, ouviu-se um grande estalo. A égua empinou, jogando-a para trás, e ela quase foi derrubada, as rédeas escaparam pelos dedos suados, as pernas molhadas não conseguindo agarrar os flancos agitados. Quando a égua tornou a lançar-se para a frente e saiu num galope, ela só se salvou apertando com os dedos a crina espessa e agarrando-se para salvar a vida.

A égua deve ter disparado quase dois quilômetros; quando finalmente começou a reduzir o ritmo, Corelia pôde erguer a cabeça e ver que tinham saído da estrada e estavam seguindo a meio galope em campo aberto. Ela ouvia o barulho de água em algum ponto por perto, e o animal também devia ter ouvido, ou cheirado, porque se voltou e começou a andar a passo em direção ao som. A face de Corelia tinha estado colada ao pescoço da égua, os olhos bem apertados, mas agora, ao levantar a cabeça, ela conseguiu distinguir pilhas brancas de pedras e um muro baixo de tijolos que parecia cercar um enorme poço. A égua curvou-se para beber.

Corelia sussurrou-lhe alguma coisa e, devagar, para não assustá-la, desmontou. Ela tremia por causa do choque.

Seus pés afundaram na lama. Lá ao longe ela viu as luzes de fogueiras de acampamentos.

O primeiro objetivo de Attilius era retirar o entulho de dentro da terra: o que não era fácil. O túnel só tinha largura para um homem de cada vez enfrentar a obstrução, manejar uma picareta e cavar com uma pá; e assim que um cesto estivesse cheio, tinha de ser passado ao longo da matriz de mão em mão até chegar ao fundo do poço de inspeção, depois preso a uma corda e erguido para a

superfície, esvaziado e mandado de volta, momento em que um segundo cesto já tinha sido cheio e despachado.

Attilius, no seu estilo costumeiro, ficara com o primeiro turno com a picareta. Rasgou uma tira da túnica e amarrou-a em volta da boca e do nariz, para reduzir o cheiro do enxofre. Retalhar os tijolos e a terra com a picareta e depois, com a pá, jogar o resultado no cesto já era ruim. Mas tentar manejar o machado no espaço apertado e ainda encontrar forças para esmagar o concreto em pedaços manobráveis era um trabalho digno de Hércules. Eram precisos dois homens para levar alguns dos fragmentos, e não demorou muito para que ele ficasse com os cotovelos em carne viva por causa do atrito com as paredes do túnel. Quanto ao calor, aumentado pela noite sufocante, pelos corpos suados e pelas tochas acesas — era pior do que ele imaginara, mesmo nas minas de ouro da Espanha. Ainda assim Attilius tinha uma sensação de progresso e isso lhe dava uma força extra. Ele encontrara o ponto em que o Augusta estava entupido. Todos os seus problemas estariam resolvidos se ele conseguisse desobstruir aqueles poucos e estreitos metros.

Depois de um certo tempo, Brebix bateu-lhe no ombro e ofereceu-se para assumir o serviço.

Agradecido, Attilius entregou-lhe a picareta e observou, com admiração, quando o grandalhão, apesar de seu corpo encher por completo o túnel, manobrou-a com facilidade, como se ela fosse um brinquedo. O engenheiro esgueirou-se na volta ao longo da fila e os outros se deslocavam para deixá-lo passar. Eles agora trabalhavam como uma equipe, como um só corpo: mais uma vez ao estilo romano. Seja o efeito restaurador do banho que tomaram ou o alívio por terem uma tarefa específica para ocupar a mente, o fato é que a disposição dos homens parecia transformada. Attilius começou a pensar que, no fim das contas, eles não eram tão maus assim.

Podia-se dizer o que se quisesse sobre Ampliatus: pelo menos ele sabia como treinar uma equipe de escravos. Attilius pegou o pesado cesto do homem ao seu lado — o mesmo homem, pelo que ele percebeu, cujo vinho ele chutara — voltou-se e andou com o cesto até o próximo da fila.

Aos poucos ele perdeu a noção do tempo, seu mundo restrito àqueles poucos centímetros de túnel, às sensações da dor nos braços e nas costas, aos cortes nas mãos causados pelos entulhos afiados, à dor nos cotovelos esfolados, ao calor sufocante. Estava tão absorto que a princípio não ouviu Brebix gritar para ele.

— Aguadeiro! Aguadeiro!

— Eu! — Ele se colou na parede e esgueirou-se, passando pelos homens, cômico pela primeira vez de que a água do túnel chegava-lhe à altura dos tornozelos. — O que é?

— Veja você mesmo.

Attilius apanhou a tocha do homem que estava atrás e manteve-a perto da massa compactada do bloqueio. À primeira vista, ela parecia bem sólida, mas então ele viu que deixava passar água por todo canto. Pequeninhas filetes desciam pela massa que vazava, como se ela tivesse começado a suar bastante.

— Está vendo o que eu quero dizer? — Brebix cutucou-a com o machado. — Se isso tudo ceder, nós vamos morrer afogados como ratos num esgoto.

Attilius percebeu o silêncio atrás de si. Os escravos todos tinham parado de trabalhar e estavam escutando. Olhando para trás, ele viu que eles já tinham tirado quatro ou cinco metros de entulho. Por isso, o que restaria para deter o peso do Augusta? Poucos metros? Ele não queria parar. Mas também não queria matar todos eles.

— Está bem — disse ele, relutante. — Saiam do túnel.

Eles não precisaram de um segundo aviso, encostando as tochas nas paredes, largando as ferramentas e cestos e fazendo fila para usar a corda. Assim que um homem subia, os pés desaparecendo no poço de inspeção, outro agarrava a corda e subia para local seguro. Attilius seguiu Brebix pelo túnel e, quando chegaram ao postigo de inspeção, os dois eram os únicos que restavam abaixo da superfície.

Brebix ofereceu-lhe a corda. Attilius recusou-a.

— Não. Vá você. Eu vou ficar aqui embaixo e ver o que mais se pode fazer.

Attilius percebeu que Brebix o olhava como se ele estivesse maluco. — Vou amarrar a corda em mim por questão de segurança. Quando chegar ao alto, desamarre-a da carroça e solte o suficiente para que eu chegue ao fim do túnel. Segure bem.

— Brebix deu de ombros.

— A escolha é sua.

Quando ele se voltou para subir, Attilius segurou-lhe o braço. — Você é forte o bastante para me aguentar, Brebix?

O gladiador deu um sorriso curto.

— Você... e a porra da sua mãe!

Apesar do peso, Brebix subiu pela corda com a facilidade de um macaco e então Attilius ficou sozinho. Enquanto amarrava a corda na cintura pela segunda vez, ele pensou que talvez estivesse maluco, mas parecia não haver alternativa, porque, até que o túnel fosse drenado, eles não poderiam repará-lo, e ele não tinha tempo para esperar que toda a água vazasse pela obstrução. Deu um puxão na corda.

— Tudo bem, Brebix?

— Pronto!

Attilius apanhou a tocha e começou a se deslocar de volta pelo túnel, a água agora acima dos tornozelos, batendo em volta da batata das pernas enquanto ele passava por cima das ferramentas e dos cestos abandonados. Ele andava devagar, para que Brebix pudesse soltar a corda; e quando chegou ao entulho, estava suando, graças tanto aos nervos quanto ao calor.

Ele sentia o peso do Augusta atrás do entulho. Transferiu a tocha para a mão esquerda e, com a direita, começou a puxar a ponta exposta de um tijolo que estava à altura do seu rosto, mexendo para cima e para baixo e de um lado para o outro. Um pequeno furo era do que ele precisava: uma controlada liberação de pressão de um ponto perto do topo. No princípio, o tijolo não cedeu. Depois, a água começou a borbulhar em volta dele e de repente ele se projetou para os dedos de Attilius, impulsionado por um jato que o disparou rente à sua cabeça, tão perto que lhe raspou a orelha.

Ele soltou um grito e recuou enquanto a área em torno do vazamento inchou e depois saltou em pedaços, descascando para

fora e para baixo, em forma de V — tudo isso acontecendo num instante, mas suficientemente devagar para que ele registrasse cada etapa isolada do colapso — antes que uma parede de água descesse sobre ele, atirando-o para trás, arrancando a tocha de sua mão e submergindo-o na escuridão. Ele se deslocava muito depressa debaixo d'água — de costas e de cabeça — impulsionado pelo túnel, tentando agarrar um ponto de apoio no revestimento liso de cimento da matriz, mas não havia nada que ele pudesse agarrar. A forte corrente o fez rolar, virou-o de barriga para baixo e ele sentiu uma dor forte quando a corda se apertou abaixo das costelas, dobrando-o e atirando-o para cima, apenas para a corda tornar a ficar frouxa e para ele mergulhar para o fundo do túnel, a corrente continuando a levá-lo — como uma folha na sarjeta — para a escuridão.

NOCTE CONCUBIA

22h07

"Muitos observadores têm comentado sobre a tendência de as erupções serem iniciadas ou tornarem-se mais fortes em períodos de lua cheia, quando as pressões das marés na crosta são as maiores de todas."

VOLCANOLOGY (segunda edição)

Ampliatu nunca ligara muito para a vulcanália. O festival assinalava o ponto no calendário em que as noites chegavam perceptivelmente mais cedo e as manhãs tinham de começar à luz de velas: o fim da promessa de verão e o começo do longo e melancólico declínio para o inverno. E a cerimônia era de muito mau gosto. Vulcano morava numa caverna sob uma montanha e espalhava um fogo devorador pela terra. Todas as criaturas tinham medo dele, exceto os peixes, e por isso — com base no princípio de que os deuses, tal como os seres humanos, desejam mais aquilo que é mais difícil de obter — ele tinha de ser satisfeito por um sacrifício de peixes atirados vivos numa pira acesa.

Não que Ampliatu fosse totalmente desprovido de sentimento religioso. Ele sempre gostara de ver um animal bonito abatido — a plácida maneira de um touro, digamos, enquanto seguia lenta e pesadamente para o altar, e o jeito divertido de olhar para o sacerdote; depois, o estonteante e inesperado golpe do martelo do

assistente e o lampejo da faca enquanto a garganta era cortada; a maneira de ele cair, duro como uma mesa, as patas esticadas; as gotas vermelhas de sangue coagulando na poeira e o saco amarelo de entranhas saindo da barriga aberta para a inspeção pelos arúspices. Isso sim é que era religioso. Mas ver centenas de peixes pequenos atirados nas chamas pelos cidadãos supersticiosos que passavam em fila perto do fogo sagrado, ver os corpos prateados agitando-se e saltando no calor: no que lhe dizia respeito, aquilo nada tinha de nobre.

E naquele ano era particularmente tedioso graças ao número recorde de pessoas que queriam oferecer um sacrifício. A interminável seca, a falha das fontes e o secar dos poços, o sacudir do chão, as aparições vistas e ouvidas na montanha — tudo isso era tido como obra de Vulcano, e havia uma grande apreensão na cidade. Ampliatus podia vê-la nos rostos avermelhados, suados, da multidão enquanto caminhava a passos arrastados pela margem do fórum, olhando para a fogueira. O medo no ar era palpável.

Ele não estava numa posição muito boa. Os governantes da cidade, como mandava a tradição, estavam reunidos nos degraus do Templo de Júpiter — os magistrados e os sacerdotes na frente, os membros do Ordo, inclusive o filho dele, agrupados atrás, enquanto Ampliatus, como liberto, sem reconhecimento oficial, era invariavelmente banido pelo protocolo para a última fila. Não que se importasse. Pelo contrário. Ele sentia prazer pelo fato de o poder, poder de verdade, ter de ser mantido oculto: uma força invisível que permitia ao público aqueles cerimoniais públicos enquanto o tempo todo agitava os participantes como se eles fossem marionetes. Além do mais, e isso era o que era realmente requintado, a maioria das pessoas sabia que era ele — aquele terceiro sujeito a partir do fundo na décima fila — que realmente mandava na cidade. Popidius e Cuspius, Holconius e Brittius sabiam disso, e ele achava que eles sentiam mal-estar, mesmo enquanto agradeciam o tributo da plebe. E a maioria da plebe também sabia, e por isso o tratava com um respeito maior. Ele via as pessoas procurando por seu rosto, cutucando e apontando.

"Aquele é Ampliatus", imaginava-os dizendo, "que reconstruiu a cidade quando os outros fugiram! Salve Ampliatus! Salve Ampliatus! Salve Ampliatus!" Ele escapuliu antes do término.

Uma vez mais ele decidiu seguir a pé em vez de na liteira, descendo os degraus do templo entre as fileiras de espectadores — um aceno com a cabeça aqui, um cotovelo apertado ali — ao longo do lado do prédio que estava na sombra, sob o arco triunfal de Tibério e entrando na rua deserta. Seus escravos levavam a liteira atrás dele, agindo como guarda-costas, mas ele não tinha medo de Pompeia depois do anoitecer. Conhecia cada pedra da cidade, cada ressalto ou buraco da estrada, cada frente de loja, cada ralo. A enorme lua cheia e a ocasional luz da rua — outra de suas inovações — mostravam-lhe perfeitamente o caminho de casa. Mas não eram só os prédios de Pompeia que ele conhecia. Eram o povo e o misterioso funcionamento da alma da cidade, especialmente nas eleições: cinco bairros — forenses, campanienses, salinienses, urbulanenses, paganos — em cada um dos quais ele tinha um agente; e todas as guildas de artesãos — donos de lavanderias, padeiros, pescadores, fabricantes de perfumes, ourives e os demais — que ele também controlava. Ele podia até entregar metade dos adoradores de Isis, o templo dele, como um voto em bloco. E em troca de colocar qualquer trouxa que escolhia num cargo ele recebia aquelas licenças e autorizações, permissões de planejamento e despachos favoráveis na basílica, que eram a moeda invisível do poder.

Desceu o morro em direção à sua casa — suas casas, deveria ele dizer — e parou por um instante para saborear o ar noturno. Ele adorava aquela cidade. De manhã cedo, o calor poderia ser opressivo, mas normalmente, da direção de Capri, uma fila de pequenas ondas azuis aparecia pouco depois; quando chegava a quarta hora uma brisa vinda do mar estaria soprando sobre a cidade, farfalhando as folhas, e pelo resto do dia Pompeia teria um cheiro tão doce quanto a primavera. Era verdade que quando a cidade ficava quente e apática, como naquela noite, as pessoas mais nobres reclamavam que ela fedia.

Mas ele quase a preferia quando o ar estava mais pesado — o estrume dos cavalos nas ruas, a urina nas lavanderias, as fábricas de molho de peixe no porto, o suor de vinte mil corpos humanos apertados dentro dos muros da cidade. Para Ampliatus, aquilo era o cheiro da vida: de atividade, dinheiro, lucro.

Ele continuou a caminhada e, quando chegou à sua porta da frente, parou embaixo da lanterna e bateu com força. Ainda era um prazer entrar pela porta que não pudera usar quando escravo, e ele recompensou o porteiro com um sorriso. Estava em excelente estado de espírito, tanto assim que se voltou quando estava na metade do vestíbulo e disse: — Você conhece o segredo de uma vida feliz, Massavo?

O porteiro abanou a enorme cabeça.

— Morrer. — Ampliatus deu-lhe um soco de brincadeira no estômago e encolheu-se. Era como dar um soco em madeira. — Morrer, depois voltar à vida e desfrutar de cada dia como uma vitória sobre os deuses.

Ele não tinha medo de nada, de ninguém. E a piada estava em que ele não era nem de perto tão rico quanto todos pensavam. A vila em Miseno — dez milhões de sestércios, caríssima, mas ele simplesmente tinha de possuí-la! — só tinha sido comprada levantando um empréstimo, a maior parte garantida por aquela casa, que por sua vez fora paga com uma hipoteca das termas, e estas nem mesmo tinham ficado prontas. Mas Ampliatus mantinha tudo funcionando de algum modo pela força de vontade, pela esperteza e pela confiança do público, e se aquele bobo do Lucius Popidius pensava que ia receber de volta a antiga casa da família quando se casasse com Corelia... bem, era lamentável, mas ele devia ter arranjado um bom advogado antes de assinar o acordo.

Ao passar pela piscina, iluminada por tochas, ele parou para examinar a fonte. O nevoeiro da água se misturava ao perfume das rosas, mas mesmo enquanto ele a observava parecia que ela estava começando a perder a força, e ele pensou no solene e jovem aguadeiro, que estava em algum lugar na escuridão, tentando reparar o aqueduto. Ele não voltaria. Era uma pena. Eles poderiam ter feito negócios juntos. Mas ele era honesto, e o lema de

Ampliatus sempre fora "Que os deuses nos protejam de um homem honesto". Àquela altura ele podia até já estar morto.

A debilidade da fonte começou a perturbá-lo. Pensou nos peixes prateados saltando e chiando nas chamas e tentou imaginar a reação dos habitantes da cidade quando descobrissem que o aqueduto estava falhando. É claro, concluiu ele, que eles — idiotas supersticiosos — iriam pôr a culpa de tudo em Vulcano. Ele não tinha pensado nisso. Caso em que amanhã poderia ser o momento adequado para finalmente apresentar a profecia de Biria Onomastia, a sibila de Pompeia, que ele tivera a precaução de encomendar no início do verão. Ela morava numa casa perto do anfiteatro e à noite, entre nuvens de fumaça, comunicava-se com o antigo deus Sabázio, ao qual sacrificava serpentes — um ato nojento — sobre um altar que sustentava duas mágicas mãos de bronze. Toda a cerimônia o deixara arrepiado de medo, mas a sibila previra um futuro impressionante para Pompeia, e seria útil espalhar a notícia. Ele decidiu que convocaria os magistrados na manhã seguinte.

Naquele momento, enquanto os outros ainda estavam no fórum, ele tinha assuntos mais urgentes a tratar.

Seu pênis começou a endurecer enquanto ele subia a escada para os aposentos privados dos Popidius, caminho que seguira tantas vezes, há muito tempo, quando o velho senhor o usara como se fosse um cachorro. Que secretos e frenéticos acasalamentos aquelas paredes tinham testemunhado ao longo dos anos, que piegas expressões de carinho elas ouviam enquanto Ampliatus se submetia aos dedos exploradores e se abria para o chefe da casa... Na época ele tinha menos idade do que Celsinus agora, menos até do que Corelia; quem era ela para reclamar de um casamento sem amor? Veja bem, o senhor sempre sussurrara que o amava, e talvez tivesse amado — afinal, deixara-lhe a liberdade em seu testamento. Tudo o que Ampliatus fora ao crescer tivera origem na semente quente derramada ali. Ele nunca esqueceria isso.

A porta do quarto não estava trancada e ele entrou sem bater. Uma lâmpada a óleo ardia baixo na penteadeira. Luar derramava-se pelos postigos abertos, e ao brilho suave ele viu Taedia Secunda prostrada na cama, como um cadáver no esquite. Ela virou a cabeça

quando ele apareceu. Estava nua; tinha, no máximo, sessenta anos. A peruca estava numa cabeça de manequim ao lado da lâmpada, espectadora cega do que iria acontecer. Antigamente era ela que sempre dava as ordens — aqui, lá, acolá — mas agora os papéis estavam invertidos e ele não estava certo de que ela não gostasse mais, embora nunca dissesse uma só palavra. Calada, ela se virou e se ergueu de quatro, oferecendo a ele as ancas ossudas, azuladas pela lua, esperando, imóvel, enquanto seu ex-escravo subia na cama.

Duas vezes depois que a corda cedeu Attilius conseguiu apertar os joelhos e cotovelos contra as estreitas paredes da matriz, num esforço para se agarrar bem, e duas vezes só conseguiu ser solto de um golpe pela pressão da água e atirado mais adiante pelo túnel. Membros enfraquecendo-se, pulmões estourando, ele sentiu que tinha uma última chance e tentou outra vez, e desta vez ficou grudado, esparramado como uma estrela do mar. A cabeça rompeu a superfície e ele engasgou e gaguejou, arfando para recuperar a respiração. Na escuridão ele não fazia ideia de onde estava ou a que distância tinha sido levado. Não conseguia ver ou ouvir nada, sentir nada a não ser cimento pressionado contra as mãos e os joelhos e a pressão da água até o pescoço, martelando seu corpo. Não fazia ideia de quanto tempo ficou ali agarrado, mas aos poucos percebeu que a pressão diminuía e que o nível da água estava baixando.

Quando sentiu o ar nos ombros, viu que o pior havia passado. Pouco depois, seu peito estava acima da superfície. Com cautela, soltou as paredes e ficou de pé. Oscilou para trás na corrente que se movia devagar e depois ficou ereto, como uma árvore que sobrevivera a uma inundação repentina e violenta.

A mente começou a funcionar outra vez. As águas recuadas estavam escoando e, porque as comportas tinham sido fechadas em Avelino doze horas antes, não restava nada para reabastecê-las. O que restava estava sendo dominado e reduzido pelo infinitesimal declive do aqueduto. Ele sentiu algo puxando com força a sua cintura. A corda estava sendo levada atrás dele. Desajeitado, tentou alcançá-la na escuridão e puxá-la, enrolando-a no braço. Quando esta chegou ao fim, passou os dedos por ele. Liso. Nada puído ou

cortado. Brebix devia ter simplesmente largado a corda. Por quê? De repente ele entrou em pânico, ansioso por escapar.

Inclinou-se para a frente e começou a caminhar, mas aquilo era como um pesadelo — as mãos estendidas, invisíveis à sua frente, tateando pelas paredes na infinita escuridão, as pernas incapazes de se mover mais depressa do que o arrastar de pés de um homem idoso. Sentiu-se duplamente prisioneiro, pela terra fazendo pressão em toda a sua volta, pelo peso da água lá na frente. As costelas doíam. O ombro parecia ter sido marcado a fogo.

Ele ouviu uma pancada na água e então, ao longe, uma alfinetada de luz amarela caiu como uma estrela cadente. Ele parou e ficou ouvindo, respirando com força. Ouviram-se gritos, seguidos por uma segunda pancada na água, e então outra tocha apareceu. Estavam procurando por ele, que ouviu fracamente um grito, "Aguadeiro!", e tentou decidir se devia responder. Sem dúvida, ele estava se assustando com sombras. A parede de entulho cedera tão de repente e com tamanha força que nenhum homem normal teria tido força para segurá-lo. Mas Brebix não era um homem de força normal e o que acontecera não era inesperado: o gladiador devia estar preparado para resistir.

— Aguadeiro!

Ele hesitou. Não existia outra saída do túnel, quanto a isso não havia dúvida. Ele teria de continuar e enfrentá-los. Mas o instinto lhe disse que guardasse as suspeitas consigo mesmo. Ele gritou "Estou aqui!" e avançou espadanando pela água que diminuía, em direção às luzes que ondulavam.

Eles o saudaram com uma mistura de espanto e respeito — Brebix, Musa e o jovem Polites juntos, avançando para recebê-lo — porque, disseram, a eles parecera que nada poderia ter sobrevivido à inundação. Brebix insistia em que a corda disparara em suas mãos como uma serpente e, como prova, ele mostrou as palmas das mãos. A luz das tochas, cada uma estava cortada por uma viva marca de queimadura. Talvez ele estivesse falando a verdade. Parecia estar pesaroso. Mas acontece que qualquer assassino ficaria envergonhado se a vítima voltasse à vida.

— Se bem me lembro, Brebix, você disse que podia aguentar a mim e minha mãe.

— É, mas sua mãe é mais pesada do que eu pensava.

— Você é protegido dos deuses, aguadeiro — declarou Musa.
— Eles têm um destino planejado para você.

— O meu destino — disse Attilius — é reparar essa porcaria de aqueduto e voltar para Miseno.

Ele desamarrou a corda da cintura, pegou a tocha de Polites e passou pelos homens de lado, projetando a luz pelo túnel.

Como a água escoava depressa! Já estava abaixo dos joelhos. Imaginou a corrente redemoinhando por ele a caminho de Nola e das outras cidades. Ele acabaria seguindo por todo o contorno da baía, passando pelas arcadas ao norte de Nápoles e por cima do grande arco em Cumas, descendo pela espinha da península para Miseno. Em breve aquela seção estaria completamente seca. Não haveria nada mais do que poças no fundo. O que quer que tivesse acontecido, ele cumprira a promessa feita ao almirante. Desobstruía a matriz.

O ponto em que o túnel tinha sido bloqueado ainda estava uma bagunça, mas a força da inundação tinha feito a maior parte do trabalho que caberia a eles. Agora era uma questão de tirar o resto de terra e detritos, alisar o piso e as paredes, assentando uma camada de concreto e um novo revestimento de tijolos, depois uma demão de cimento — nada de especial: apenas reparos temporários até que eles pudessem voltar no outono para um serviço adequado. Ainda era trabalho bastante para completar numa noite, antes que as primeiras línguas de água doce chegassem até eles vindas de Avelino, depois de Becco ter reaberto as comportas. Ele disse aos homens o que queria e Musa começou a acrescentar sugestões. Se levassem os tijolos agora, disse ele, poderiam empilhá-los ao longo da parede e estar prontos para usá-los quando a água baixasse. Podiam começar por misturar o cimento na superfície imediatamente. Era a primeira vez que Musa mostrara o desejo de cooperar desde que Attilius assumira a chefia do aqueduto. Parecia estupefato com a sobrevivência do engenheiro.

Preciso voltar dos mortos com mais frequência, pensou Attilius.

— Pelo menos, o fedor acabou — disse Brebix.

Attilius não tinha percebido antes. Cheirou o ar. Era verdade. O penetrante fedor de enxofre parecia ter sido levado pela água. Ele se perguntou o que de fato acontecera — para início de conversa, de onde o cheiro tinha vindo, por que devia ter-se evaporado — mas naquele momento ele não tinha tempo para refletir sobre aquilo. Ouviu seu nome ser chamado e abriu caminho a pontapés pela água, para voltar ao postigo de inspeção.

Era a voz de Corvinus: — Aguadeiro!

— O que é? — O rosto do escravo aparecia em silhueta devido a um brilho vermelho. — O que é?

— Acho que o senhor deve vir ver. — A cabeça dele desapareceu de repente.

E agora? Attilius pegou a corda e testou-a com cuidado, então começou a subir. Em seu estado esfolado e exausto, aquilo foi mais difícil do que antes. Ele subiu devagar — mão direita, mão esquerda, mão direita, puxando o corpo no estreito poço de acesso, subindo, metendo os braços por cima da borda do postigo e lançando-se para a noite quente.

No tempo em que ele ficara debaixo da terra, a lua se erguera — enorme, cheia e vermelha. Ela era como as estrelas naquela parte do mundo — como tudo, na verdade — anormal e exagerada.

Aquela altura, acontecia uma grande operação na superfície: as pilhas de entulho escavado do túnel, duas grandes fogueiras cuspidas centelhas contra a lua cheia do equinócio do outono, tochas enfiadas na terra para fornecer mais luz, as carroças posicionadas e, na maior parte, carregadas. Ele viu uma grossa borda de lama ao luar em torno do lago raso, onde este já secara em sua maior parte. Os escravos da força de trabalho de Ampliatus estavam encostados nas carroças, à espera de ordens. Eles o observaram com curiosidade enquanto ele se erguia e se punha de pé. Percebeu que devia estar uma figura, encharcado e sujo. Gritou para dentro do túnel para que Musa subisse e os fizesse voltar ao trabalho, depois olhou em volta, à procura de Corvinus. Ele estava a

cerca de trinta passos de distância, perto dos bois, de costas para o postigo de inspeção. Attilius gritou para ele, impaciente.

— Então?

Corvinus se voltou e à guisa de explicação deu um passo para o lado, revelando atrás de si uma figura numa capa com capuz. Attilius seguiu em direção a eles. Só quando chegou mais perto, e o estranho jogou o capuz para trás, ele a reconheceu. Não podia ter ficado mais perplexo se a própria Egéria, a deusa da fonte de água, tivesse se materializado ao luar. Seu primeiro instinto foi de que ela devia ter ido ali com o pai, e ele olhou em volta à procura de outros cavaleiros, outros cavalos. Mas havia apenas uma égua, mastigando placidamente o ralo capim. Ela estava sozinha. Ao chegar perto dela ele ergueu as mãos, impressionado.

— Corelia... O que é isso?

— Ela não quis me dizer o que quer — interrompeu Corvinus.

— Disse que só vai falar com o senhor.

— Corelia?

Ela acenou com a cabeça em direção a Corvinus, com ar de desconfiança, levou o dedo aos lábios e abanou a cabeça.

— Está vendo? No instante em que ela apareceu ontem eu soube que ia provocar encrenca...

— Está bem, Corvinus. Já chega. Volte para o trabalho.

— Mas...

— Trabalho!

Enquanto o escravo se afastava de ombros caídos, Attilius examinou-a mais de perto. Faces manchadas, cabelos desgrenhados, capa e vestido salpicados de lama. Mas eram os olhos, de um tamanho e um brilho fora do comum, os pontos mais perturbadores. Ele segurou a mão dela.

— Isto aqui não é lugar para você — disse, delicado. — O que você está fazendo aqui?

— Eu queria lhe trazer isto — sussurrou ela e, das dobras da capa, começou a tirar pequenos cilindros de papiro.

Os documentos eram de diferentes épocas e condições. Seis ao todo, pequenos bastante para caberem no berço de um só braço. Attilius pegou uma tocha e, com Corelia ao lado, afastou-se da

atividade em torno do aqueduto para um ponto isolado atrás de uma das carroças, de frente para o terreno alagado. Do lado oposto do que restava do lago corria uma trilha ondulante de luar, larga e reta como uma estrada romana. Do outro extremo chegava o farfalhar de asas e os gritos das aves aquáticas.

Ele tirou a capa dos ombros dela e espalhou-a para que ela se sentasse. Depois, enfiou o punho da tocha na terra, acocorou-se e desenrolou o mais antigo dos documentos. Era uma planta de uma seção do Augusta — exatamente aquela: Pompeia, Nola e Vesúvio estavam todos assinalados a tinta, que desbotara de preto para cinza-claro. Estava autenticada com o selo imperial do Divino Augusto como se tivesse sido inspecionada e oficialmente aprovada. Um desenho feito por um supervisor. Original. Feito há mais de um século. Talvez o grande Marcus Agrippa em pessoa o tivesse segurado? Attilius virou-o de borco. Um documento daqueles só podia ter saído de um entre dois lugares, o arquivo do Curator Aquarum em Roma ou a Piscina Mirabilis em Miseno. Ele o enrolou com cuidado.

Os três papiros seguintes consistiam, em sua maioria, em colunas de números e ele levou algum tempo para entendê-los. Um tinha como cabeçalho Colônia Veneria Pompeianorum e estava dividido em anos — DCCCXIV, DCCCXV e assim por diante — recuando a quase duas décadas, com outras subdivisões de anotações, números e totais. As quantidades aumentavam anualmente até que, no ano que terminara em dezembro passado — o 833 de Roma — tinham duplicado. O segundo documento parecia, à primeira vista, idêntico até que ele o examinou mais detalhadamente e viu que os números em todo o documento eram mais ou menos a metade dos do primeiro. Por exemplo, para o último ano, o total geral de 352.000 registrados no primeiro papiro tinha sido reduzido no segundo para 178.000.

O terceiro documento era menos formal. Parecia o registro mensal da renda de um homem. Uma vez mais havia quase duas décadas de números e uma vez mais subiam aos poucos até chegarem quase ao dobro. E era uma boa renda -talvez cinquenta

mil sestércios só no último ano, talvez um terço de um milhão ao todo.

Corelia estava sentada com os joelhos erguidos, observando-o.

— E então? O que significam?

Ele esperou um pouco para responder. Sentia-se infectado: a vergonha de um homem era a vergonha de todos. E quem poderia dizer até onde a podridão se espalhara? Mas então ele pensou: não, não teria chegado até Roma, porque, se Roma tivesse participação naquilo, Aviola jamais o teria enviado ao sul, para Miseno.

— Parecem os números verdadeiros relativos à quantidade de água consumida em Pompeia. — Ele mostrou a ela o primeiro papiro. — Trezentos e cinquenta mil quinários no ano passado, o que seria praticamente correto para uma cidade do tamanho de Pompeia. E este segundo conjunto de registros eu presumo que seja o que meu predecessor, Exomnius, submeteu oficialmente a Roma. Eles não iriam saber a diferença, em especial depois do terremoto, a menos que enviassem um inspetor para verificar. E este — Attilius não tentou esconder o desprezo enquanto brandia o terceiro documento — é o que seu pai pagou a ele para ficar de boca fechada.

Ela olhou para ele, perplexa.

— A água é cara — explicou — especialmente quando se está reconstruindo metade de uma cidade. "Quase tão valiosa quanto dinheiro", foi o que seu pai me disse. — Não há dúvida de que isto teria feito a diferença entre lucro e prejuízo. *Salve lucrum!*

Attilius enrolou os papiros. Eles deviam ter sido roubados do esquálido quarto em cima do bar.

Ele se perguntou por que Exomnius teria corrido o risco de guardar um registro tão incriminador assim em um lugar tão fácil de achar. Mas então supôs que incriminação fora exatamente o que Exomnius teria tido em mente. Os papiros teriam dado a ele um poderoso controle sobre Ampliatus: Nunca pense em tentar fazer algo contra mim — em me silenciar, tirar-me do trato ou me ameaçar com revelação — porque, se ficar arruinado, eu poderei arruiná-lo comigo.

— E esses dois? — perguntou Corelia.

Os dois últimos documentos eram tão diferentes dos outros que era como se não fizessem parte deles. Em primeiro lugar, eram muito mais recentes e, em vez de números, estavam cobertos de texto. O primeiro estava em grego.

O cume é, em sua maioria, plano e totalmente árido. O solo se assemelha a cinza e há covas como cavernas de rocha escurecida, parecendo corroídas pelo fogo. Essa área deve ter sofrido um incêndio no passado e ter tido crateras de chamas que depois foram extintas por falta de combustível. Sem dúvida este é o motivo da fertilidade da área que o cerca, como em Catânia, onde dizem que o solo cheio da cinza atirada pelas chamas do Etna torna a terra notadamente boa para videiras. O solo enriquecido contém matéria que queima e matéria que estimula a produção. Quando ela fica sobrecarregada com a substância enriquecedora, está pronta para pegar fogo, como acontece com todas as substâncias sulfurosas, mas quando esta substância é exsudada e o fogo é extinto, o solo se torna parecido com cinza e próprio para produzir.

Attilius teve de ler todo o texto duas vezes, mantendo-o à luz da tocha, antes de ter certeza de que percebera o sentido. Ele o passou a Corelia. O cume? O cume de quê? Do Vesúvio, provavelmente — era o único cume daquela área. Mas será que Exomnius — o preguiçoso, o idoso, o beberrão, o amante de prostitutas Exomnius — teve realmente forças para subir até o topo do Vesúvio, numa seca, para registrar suas impressões em grego? Aquilo desafiava a credibilidade. E a linguagem — "covas parecidas com cavernas de rocha escurecida [...] fertilidade da área que o cerca" — não parecia a voz de um engenheiro. Era literário demais, nada do tipo de frases que viriam naturalmente a um homem como Exomnius, que sem dúvida não era mais fluente naquela língua dos helenos do que o próprio Attilius. Ele devia tê-lo copiado de algum lugar. Ou mandado copiá-lo para ele. Talvez por um dos escribas daquela biblioteca pública no fórum de Pompeia.

O último papiro era mais longo e estava em latim. Mas o conteúdo era igualmente estranho:

Lucilius, meu bom amigo, eu acabo de saber que Pompeia, a famosa cidade em Campânia, foi dizimada por um terremoto que também afetou todos os distritos adjacentes. E também que parte da cidade de Herculano está em ruínas e até mesmo as estruturas que ficaram de pé estão abaladas. Nápoles também perdeu muitas moradias privadas. A essas calamidades juntaram-se outras: dizem que um rebanho de centenas de ovelhas foi morto, estátuas racharam e algumas pessoas ficaram perturbadas, perambulando de um lado para o outro, incapazes de agir.

Eu disse que um rebanho de centenas de ovelhas morreu no distrito de Pompeia. Não há motivo para que você pense que isso aconteceu com aquelas ovelhas por causa do medo. Porque dizem que geralmente acontece uma praga depois de um grande terremoto, e isto não é de surpreender. Porque muitos elementos portadores da morte jazem escondidos nas profundezas.

A própria atmosfera de lá, que está estagnada graças a uma falha na terra ou à inatividade e à eterna escuridão, é danosa para quem a respira. Não me surpreende que ovelhas tenham sido infectadas — ovelhas que têm uma constituição delicada — quanto mais aproximavam a cabeça do chão, já que receberam a inspiração do ar maculado perto do próprio solo. Se o ar tivesse saído em maior quantidade, teria afetado seres humanos também; mas a abundância de ar puro extinguiu-o antes que ele subisse a uma altura suficiente para ser respirado por pessoas.

Uma vez mais, a linguagem parecia floreada demais para ser um trabalho de Exomnius, a execução do roteiro demasiado profissional. De qualquer maneira, por que Exomnius teria alegado que acabara de ouvir falar num terremoto que acontecera dezessete anos antes? E quem era Lucilius? Corelia se inclinara para a frente para ler o documento por cima do ombro dele. Attilius sentia o cheiro do perfume dela, sentia a respiração dela no rosto, o seio apertado contra seu braço.

— E você tem certeza de que estes estavam junto com os outros papiros?, — perguntou ele. — Não podiam ter vindo de algum outro lugar?

— Eles estavam na mesma caixa. O que significam?

— E você não viu o homem que levou a caixa ao seu pai?

Corelia abanou a cabeça. — Eu pude ouvir a voz dele. Eles falaram sobre você. Foi o que disseram que me fez decidir procurá-lo. — Ela chegou uma fração mais perto dele e abaixou a voz. — Meu pai disse que não queria que você voltasse vivo desta expedição.

— É mesmo? — Ele fez um esforço para sorrir. — E o que foi que o outro homem disse?

— Ele disse que não seria problema.

Silêncio. Attilius sentiu a mão de Corelia tocar a sua — os dedos frios dela sobre os cortes e arranhões em carne viva — e então ela repousou a cabeça em seu peito. Estava exausta. Por um instante, pela primeira vez em três anos, ele se permitiu desfrutar a sensação de ter um corpo de mulher perto do seu. Aquilo era estar vivo, pensou. Ele se esquecera.

Depois de um certo tempo ela adormeceu. Com cuidado, para não acordá-la, ele livrou o braço.

Deixou-a e voltou para o aqueduto.

O trabalho de reparo atingira um ponto decisivo. Os escravos tinham parado de tirar entulho do túnel e começado a arriar tijolos dentro dele. Attilius balançou a cabeça, cansado, para Brebix e Musa, que estavam em pé, conversando. Os dois se calaram quando ele se aproximou e olharam atrás dele para o local em que Corelia estava deitada, mas ele fez que não percebeu a curiosidade deles.

Sua cabeça estava num torvelinho. Que Exomnius era corrupto, não era surpresa alguma — já se resignara com aquilo. E presumira que a desonestidade explicava o desaparecimento dele. Mas os outros documentos, aquele texto em grego e aquele trecho de uma carta, punham o mistério sob uma luz inteiramente diferente. Agora parecia que Exomnius estivera preocupado com o solo pelo qual o Augusta passava — o solo sulfuroso, infectado — pelo menos três semanas antes de o aqueduto ter sido contaminado. Preocupado o suficiente para procurar um conjunto de plantas originais e ir pesquisar na biblioteca de Pompeia.

Attilius olhou, distraído, para as profundezas da matriz. Ele se lembrava da conversa com Corax na Piscina Mirabilis na tarde

anterior: o sarcasmo de Corax — "Ele conhecia esta água melhor do que qualquer homem vivo. Ele teria visto que isso ia acontecer" — e a sua réplica, irrefletida — "Talvez tivesse visto, e foi por isso que fugiu." Pela primeira vez ele teve o pressentimento de algo terrível. Não sabia como defini-lo. Mas estavam acontecendo coisas demais que eram fora do normal — a falha da matriz, o tremor do solo, fontes correndo para trás, de volta à terra, envenenamento por enxofre...

Exomnius também sentira isso. O fogo das tochas brilhou no túnel.

— Musa?

— O que é, aguadeiro?

— De onde era o Exomnius? Onde ele nasceu?

— Na Sicília, aguadeiro.

— Sim, sim, eu conheço a Sicília. De que parte, exatamente?

— Eu acho que do leste. — Musa franziu o cenho. — Catânia.

Por quê?

Mas o engenheiro, olhando para a sombria massa do Vesúvio do outro lado da estreita planície iluminada pelo luar, não respondeu.

JUPITER

24 DE AGOSTO



O DIA DA ERUPÇÃO

HORA PRIMA



6h20

"Em algum ponto, magma quente interagiu com água do solo escorrendo pelo vulcão, iniciando o primeiro acontecimento, a pequena erupção freato-magmática que aspergiu terra cinza de grãos finos sobre os flancos orientais r do vulcão. E provável que isso tenha acontecido durante a noite ou na manhã de 24 de agosto."

VOLCANOES: A PLANETARY PERSPECTIVE

Atilius guardou a crescente ansiedade para si mesmo por toda a noite sufocante, enquanto trabalhavam à luz de tochas para reparar a matriz. Na superfície, ajudou Corvinus e Polites a misturar os cochos de madeira de cimento, despejando a cal virgem e o puteolano em pó e uma pequenina porção de água — não mais do que uma xícara porque era este o primeiro segredo de fazer um bom cimento: quanto mais seca a mistura, mais forte ele ficava — depois ajudou os escravos a descer na matriz com o cimento em cestos e espalhá-lo para formar uma nova base para o aqueduto. Ajudou Brebix a esmagar o entulho que eles tinham escavado antes, acrescentando duas camadas daquilo na base, para dar força. Ajudou a serrar as tábuas que usaram para fechar as paredes e rastejar por cima do cimento fresco.

Passou tijolos para Musa enquanto este os colocava. Por fim, ficou ombro a ombro com Corvinus para aplicar a fina camada de reboco. (E ali estava o segundo segredo do cimento perfeito: bater nele com a força que for possível, "golpeá-lo como se golpeia madeira", para retirar até a última bolha de água ou ar que mais tarde possa vir a ser uma fonte de fraqueza.) Quando o céu acima do postigo de inspeção ia se tornando cinzento, ele viu que talvez tivessem feito o suficiente para levar o Augusta a tornar a funcionar. Ele teria de voltar para repará-lo como devia.

Mas, por enquanto, com um pouco de sorte, o aqueduto aguentaria. Ele andou com a tocha até o fim da seção remendada, inspecionando cada palmo. O reboco à prova d'água estaria secando mesmo quando o aqueduto começasse a fluir outra vez. Ao fim do primeiro dia, estaria duro; ao fim do terceiro, estaria mais forte do que uma rocha.

Como se ser mais forte do que uma rocha significasse alguma coisa. Mas ele guardou o pensamento consigo mesmo.

— Cimento que seca debaixo d'água — disse ele a Musa quando voltou. — Isso sim é que é milagre.

Attilius deixou que os outros subissem antes dele. O dia que nascia mostrou que eles tinham instalado o acampamento numa pastagem acidentada, coberta de pedras grandes, flanqueada por montanhas. Ao leste ficavam os íngremes rochedos dos Apeninos, com uma cidade — Nola, presumivelmente — tornando-se visível à luz do amanhecer a cerca de oito ou dez quilômetros de distância. Mas o choque foi descobrir como estavam perto do Vesúvio. Este ficava diretamente a oeste e a terra começava a subir quase que de imediato, a algumas centenas de passos do aqueduto, inclinando-se para um ponto tão alto que o engenheiro teve de inclinar bem a cabeça para trás para ver o cume. E o que era muitíssimo perturbador, agora que as sombras se levantavam, eram as listras de um branco acinzentado que começavam a aparecer em um dos flancos. Elas se destacavam nitidamente contra a floresta em volta, com a forma de pontas de flechas, apontando para o cume. Se não estivesse no mês de agosto, ele teria jurado que eram feitas de neve. Os outros também as tinham percebido.

— Gelo? — perguntou Brebix, olhando boquiaberto para a montanha. — Gelo em agosto?

— Já viu uma coisa dessas, aguadeiro? — perguntou Musa.

Attilius abanou a cabeça. Ele estava pensando na descrição contida no papiro em grego:

"A cinza lançada pelas chamas do Etna torna a terra muito boa para videiras".

— Será — disse ele, hesitante, quase que para si mesmo — será que talvez possa ser cinza?

— Mas como pode haver cinza sem fogo? — objetou Musa. — E, se tivesse havido um incêndio daquele tamanho na escuridão, nós teríamos visto.

— É verdade.

Attilius correu os olhos pelos rostos exaustos, amedrontados. A prova do trabalho deles estava por toda parte — pilhas de entulho, ânforas vazias, tochas apagadas, trechos chamuscados onde as fogueiras da noite tinham sido deixadas para queimar até o fim. O lago desaparecera e, com ele, percebeu Attilius, os pássaros. Ele não os ouvira ir embora. Ao longo da cadeia de montanhas em frente do

Vesúvio o sol começava a aparecer. Havia uma estranha imobilidade no ar. Ele percebeu que não havia pássaro de qualquer tipo. Nada de coro ao amanhecer.

Aquilo faria com que os profetas tivessem um ataque.

— E tem certeza de que aquilo não estava lá ontem, quando você chegou com Corax?

— Tenho. — Musa olhava fixo para o Vesúvio, petrificado. Enxugou as mãos, aflito, na túnica imunda. — Deve ter acontecido ontem à noite. O estouro que sacudiu o chão, lembra? Deve ter sido ele. A montanha rachou e vomitou.

Houve um murmurar geral de desconforto entre os homens e alguém bradou: — Só podem ser os gigantes!

Attilius enxugou o suor dos olhos. Já estava começando a fazer calor. Mais um dia escaldante em perspectiva. E algo mais do que calor — uma tensão, como o couro de um tambor esticado demais. Seria a sua mente, ou estaria o chão vibrando ligeiramente? Uma pontada de medo agitou os cabelos em sua nuca. Etna e Vesúvio — ele começava a sentir a mesma conexão terrível que Exomnius devia ter reconhecido.

— Está bem — disse ele bruscamente. — Vamos sair daqui. — Ele se afastou em direção a Corelia. — Tragam para cima tudo de dentro da matriz — bradou, por cima do ombro. — E andem depressa. Nós já terminamos aqui.

Ela ainda dormia, ou pelo menos foi o que ele pensou. Estava deitada ao lado da mais distante das duas carroças, encolhida, de lado, as pernas puxadas para cima, as mãos erguidas em frente do rosto e fechadas. Ele olhou para ela por um instante, deleitando-se com a incongruência de sua beleza naquele local solitário — Egéria entre os instrumentos monótonos da profissão dele.

— Estou acordada há horas. — Corelia rolou para ficar deitada de costas e abriu os olhos. — O serviço terminou?

— O suficiente. — Attilius se ajoelhou e começou a reunir os papiros. — Os homens vão voltar para Pompeia. Quero que você vá antes deles. Vou mandar uma escolta com você.

Ela se sentou de repente. — Não! Ele sabia de que modo ela reagiria. Passara metade da noite pensando naquilo. Mas que outra

opção ele tinha? — Você tem de devolver estes documentos ao lugar em que os achou. Se partir agora, deverá estar de volta a Pompeia muito antes do meio-dia. Com sorte, ele nunca precisará saber que você os tirou ou os trouxe para mim aqui.

— Mas eles são a prova da corrupção dele...

— Não. — Ele ergueu a mão para acalmá-la. — Não, não são. Por si sós, eles nada significam. Prova seria Exomnius prestar depoimento perante um magistrado. Mas eu não disponho dele. Não tenho o dinheiro que seu pai pagou a Exomnius ou mesmo uma única prova de que ele tenha gastado parte dele. Exomnius foi muito cuidadoso. No que se refere ao mundo, ele era tão honesto quanto Catão. Além do mais, isso não é tão importante quanto tirar você daqui. Alguma coisa aconteceu na montanha. Não tenho certeza do quê. Exomnius desconfiou disso semanas atrás. É como se... — Ele parou. Não sabia como expressar aquilo em palavras. — E como se ela estivesse... adquirindo vida. Você estará mais segura em Pompeia.

Ela estava abanando a cabeça. — E o que você vai fazer?

— Voltar para Miseno. Informar o almirante. Se alguém pode entender o que está acontecendo, é ele.

— Assim que você ficar sozinho, eles vão tentar matá-lo.

— Acho que não. Se quisessem fazer isso, teriam feito ontem à noite. Quando nada, estarei mais seguro. Eu tenho um cavalo. Eles estão a pé. Mesmo que tentassem, não conseguiriam me pegar.

— Também tenho uma égua. Leve-me com você.

— E impossível.

— Por quê? Eu sei montar.

Por um instante, ele brincou com a imagem dos dois aparecendo em Miseno juntos. A filha do dono da Villa Hortênsia partilhando dos apertados aposentos dele na Piscina Mirabilis. Escondendo-a quando Ampliatus chegasse procurando por ela. Por quanto tempo poderiam ficar assim? Um ou dois dias. E depois o quê? As leis da sociedade eram tão inflexíveis quanto as da engenharia.

— Corelia, escute. — Ele segurou as mãos dela. — Se eu pudesse fazer qualquer coisa para ajudá-la, em troca do que você

tem feito por mim, eu faria. Mas desafiar seu pai é uma loucura.

— Você não compreende. — O aperto dela sobre os dedos dele era feroz. — Eu não posso voltar. Não me faça voltar. Eu não suporto tornar a ver aquele homem... ou me casar com ele.

— Mas você conhece a lei. Quando se trata de casamento, você é tanto propriedade de seu pai quanto qualquer um daqueles escravos de lá. — O que mais poderia dizer? Ele odiou as palavras, mesmo enquanto as pronunciava: — É possível que não venha a ser tão ruim quanto você receia.

Ela gemeu, soltou as mãos e cobriu o rosto. Ele continuou a falar sem pensar. — Não podemos fugir do destino. E, pode acreditar, existem coisas piores do que se casar com um homem rico. Você poderia estar trabalhando nos campos e ser morta aos vinte anos. Ou ser uma prostituta nas ruelas de Pompeia. Aceite o que tem de acontecer. Viva com isso. Você vai sobreviver.

Ela lhe lançou um olhar demorado, aborrecido — desprezo, será?, ou ódio? — Eu juro que prefiro ser prostituta.

— E eu juro que não prefere. — Ele falou em tom mais ríspido. — Você é jovem. O que sabe sobre como as pessoas vivem?

— Sei que não posso me casar com alguém que eu desprezo. Você pode? — Ela lançou um olhar penetrante. — Talvez você pudesse.

Ele lhe deu as costas. — Não, Corelia.

— Você é casado?

— Não.

— Mas foi casado?

— Sim — disse ele, tranquilo — fui casado. Minha mulher morreu.

Aquilo a fez calar-se por um instante.

— E você a desprezava?

— Claro que não.

— Ela o desprezava?

— Talvez.

Ela tornou a se calar por um breve instante.

— Como ela morreu?

Ele nunca falava naquilo. Nem mesmo pensava a respeito. E se acontecia, especialmente nas horas acordadas antes do amanhecer, de seu pensamento começar por aquela triste estrada, ele tinha aprendido a mandá-lo de volta e colocá-lo num caminho diferente. Mas agora havia algo em relação a Corelia: ela o conquistara. Para sua surpresa, viu-se contando a ela.

— Ela se parecia um pouco com você. E também tinha gênio, como você. — Ele deu um sorriso curto, lembrando. — Ficamos casados três anos. — Aquilo era uma loucura; ele não conseguia parar. — Ela estava dando à luz. Mas a criança saiu do ventre com os pés primeiro, como Agripa. É isso que Agripa significa: *aegre partus*, "nascido com dificuldade", sabia? Primeiro eu pensei que fosse um bom agouro para um futuro aguadeiro nascer como o grande Agripa. Eu estava certo de que era um menino. Mas o dia foi passando, era junho em Roma e fazia calor: estava quase tão quente como aqui e, mesmo com um médico e duas mulheres ajudando, o bebê não saía. — Attilius fechou os olhos. — Eles vieram me procurar antes do anoitecer. "Marcus Attilius, escolha entre sua mulher e seu filho!" Eu respondi que escolhia os dois. Mas eles me disseram que isso não seria possível e então eu disse, claro que disse, "Minha mulher". Fui para o quarto para ficar com ela, que estava muito fraca, mas não concordou. Discutindo comigo, mesmo numa hora daquelas! Eles tinham uma tesoura grande, sabe? Do tipo que um jardineiro usava? E uma faca. E um gancho. Cortaram um dos pés, depois o outro, e usaram a faca para esquartejar o corpo, depois o gancho para tirar o crânio. Mas o sangramento de Sabina não parou, e na manhã seguinte ela também morreu. Por isso eu não sei. Talvez no fim ela tenha mesmo me desprezado.

Attilius a mandou de volta para Pompeia com Polites. Não porque o escravo grego fosse o acompanhante mais forte disponível, ou o melhor cavaleiro, mas porque era o único em quem Attilius confiava. Deu a ele a montaria de Corvinus e disse-lhe que não a perdesse de vista enquanto ela não chegasse sã e salva em casa.

Corelia acabou indo docilmente, sem dizer mais nenhuma palavra, e ele sentiu vergonha do que tinha dito. Ele a silenciara muito bem, mas de uma maneira covarde, indigna de um homem.

Será que um dia algum advogado melífluo e falsamente fervoroso em Roma usou um truque mais barato de retórica para influenciar um tribunal do que aquele horrível desfile de fantasmas de uma esposa e um filho mortos? Ela jogou a capa em torno do corpo e depois levantou a cabeça, agitando os cabelos compridos por cima da gola; e havia algo de impressionante naquele gesto: ela iria fazer o que ele pedia, mas nunca admitir que ele estava certo. Nenhum olhar na direção dele enquanto ela subia com facilidade para a sela. Corelia estalou a língua, puxou as rédeas e partiu pela trilha atrás de Polites.

Foi preciso todo o seu autocontrole para não correr atrás dela. Uma recompensa muito pequena, pensou, por todos os riscos que ela correria por minha causa. Mas o que mais ela esperara dele? Quanto ao destino — o assunto de sua piedosa pequena palestra — ele acreditava no destino. A pessoa estava acorrentada a ele desde que nascia, como se a uma carroça em movimento. O destino da viagem não podia ser alterado, só a maneira de abordá-la — se a pessoa preferisse caminhar ereta ou ser arrastada, reclamando.

Ainda assim, ele se sentia mal enquanto a via partir, o sol avivando a paisagem à medida que aumentava a distância entre eles, de modo que ele pôde vê-la por um longo tempo, até que finalmente os cavalos passaram atrás de um arvoredo de oliveiras e ela desapareceu.

Em Miseno, o almirante estava deitado em seu colchão no quarto sem janelas, recordando-se.

Estava se lembrando das florestas planas e lamacentas da Alta Alemanha e dos grandes carvalhos que cresciam ao longo da costa do mar do norte — se é que se podia falar de costa num lugar em que o mar e a terra praticamente não conheciam uma fronteira — a chuva e o vento, e a maneira pela qual, numa tempestade, as árvores, com um terrível estilhaçar, às vezes se soltavam da margem, ilhas imensas de solo preso dentro das raízes, e à deriva em pé, a folhagem espalhada como se fossem velas, aproximando-se por barlavento das frágeis galés romanas. Ele ainda podia ver, em pensamento, o relâmpago difuso e o céu escuro e os rostos pálidos dos guerreiros chauci entre as árvores, o cheiro da lama e da chuva,

o terror das árvores chocando-se com os navios ancorados, seus homens se afogando naquele imundo mar bárbaro... Ele estremeceu e abriu os olhos para a luz fraca, ergueu-se e perguntou onde estava. O secretário, sentado ao lado do sofá perto de uma vela, o estilo parado no ar, olhou para seu tablete de cera.

— Estávamos com Domitius Corbulo, almirante — disse Alexion — quando o senhor estava na cavalaria, lutando contra os chauci.

— Ah, é. Isso mesmo. Os chauci. Eu me lembro...

Mas será que se lembrava? Há meses o almirante vinha tentando escrever as memórias — seu último livro, disso ele estava certo — e voltar a ele era uma boa distração para não pensar na crise do aqueduto.

Mas o que ele tinha visto e feito e o que tinha lido ou ouvido pareciam, agora, estar juntos, numa espécie de sonho ininterrupto. As coisas que ele tinha visto! As imperatrizes — Lollia Paulina, mulher de Calígula, brilhando como uma fonte à luz de velas no banquete de noivado, com uma cascata de pérolas e esmeraldas no valor de quarenta milhões de sestércios. E a imperatriz Agripina, casada com Cláudio, o que babava: ele a vira passar com uma capa feita inteiramente de ouro. E quando era procurador no norte da Espanha ele tinha visto, claro, a mineração de ouro — os mineiros cortando a encosta da montanha, pendurados em cordas, de modo que de longe pareciam uma espécie de pássaro gigante bicando a superfície da rocha. Que trabalho, que perigo — e com que finalidade? Pobre Agripina, assassinada ali, naquela cidade, por Ancietus, predecessor dele como almirante da Frota de Miseno, por ordem do filho dela, o imperador Nero, que colocou a mãe no mar num barco que virou e depois mandou que ela fosse morta a facadas por marinheiros quando conseguira, com muitas dificuldades, chegar à costa.

Histórias! Aquele era o maior problema dele. Eram histórias demais para encaixar em apenas um volume.

— Os chauci... — Que idade ele tinha na época? Vinte e quatro? Era a sua primeira campanha.

Ele recomeçou. — Os chauci, eu me lembro, viviam em altas plataformas de madeira para escapar das traiçoeiras marés daquela região. Apanhavam lama com as mãos e a secavam no gélido vento norte e queimavam como combustível. Para beber, consumiam apenas a água da chuva, que recolhiam em tanques em frente das casas — sinal claro da falta de civilização.

Os chauci eram malditos bastardos miseráveis. — Ele fez uma pausa. — Corte esta última parte.

A porta se abriu por pouco tempo, admitindo uma brilhante luz branca. Ele ouviu o barulho do Mediterrâneo, o martelar dos estaleiros. Com que então já era de manhã. Ele devia estar acordado havia horas. A porta tornou a se fechar. Um escravo atravessou o aposento na ponta dos pés e sussurrou alguma coisa ao ouvido do secretário. Plínio rolou o corpo gordo para um dos lados, a fim de ver melhor.

— Que horas são?

— O fim da primeira hora, almirante.

— As comportas do reservatório foram abertas?

— Foram, almirante. Recebemos um recado de que o que restava da água já escoou.

Plínio gemeu e caiu de novo sobre o travesseiro. — E parece, senhor, que acaba de ser feita uma notável descoberta.

A equipe de trabalho tinha partido meia hora depois de Corelia. Não houve despedidas demoradas: o contágio do medo espalhara-se por todos os homens para infectar Musa e Corvinus, e todos estavam ansiosos por voltar à segurança de Pompeia. Até Brebix, o ex-gladiador, o invicto herói de trinta lutas, estava sempre virando, nervoso, os pequenos olhos negros na direção do Vesúvio. Eles limpavam a matriz e jogaram as ferramentas, os tijolos que não tinham sido usados e as ânforas vazias nas carroças. Por fim, dois escravos, com as pás, jogaram terra em cima dos restos das fogueiras noturnas e cobriram as cicatrizes cinzentas deixadas pelo cimento. Quando o serviço terminou, era como se eles nunca tivessem estado lá.

Precavido, Attilius ficou ao lado do poço de inspeção, de braços cruzados, vendo-os se prepararem para partir. Aquele era o

momento de maior perigo, agora que o trabalho terminara.

Seria típico de Ampliatus não deixar de extrair uma última fração de uso do engenheiro antes de despachá-lo. Ele estava pronto para lutar, para vender-se caro se fosse preciso.

Musa estava com o único cavalo; e assim que se instalou na sela, perguntou a Attilius: — Você vem?

— Ainda não. Mais tarde eu alcanço vocês.

— Por que não vem agora?

— Porque vou subir a montanha.

Musa olhou para ele, perplexo.

— Por quê?

Boa pergunta. Porque a resposta para o que tem acontecido lá embaixo deve estar lá em cima. Porque é meu dever manter a água correndo. Porque estou com medo. O engenheiro deu de ombros.

— Curiosidade. Não se preocupe. Eu não me esqueci de minha promessa, se é isso que o está incomodando. Tome. — Ele jogou a bolsa de couro. — Vocês trabalharam bem. Compre comida e vinho para os homens.

Musa abriu a bolsa e inspecionou o conteúdo.

— Aqui tem bastante, aguadeiro. O bastante para uma mulher também.

Attilius riu. — Vá em paz, Musa. Vejo você em breve. Em Pompeia ou em Miseno.

Musa lançou-lhe um outro olhar e pareceu que ia dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Girou o cavalo, partiu atrás das carroças e Attilius ficou sozinho.

Uma vez mais, ficou impressionado com a estranha quietude do dia, como se a natureza estivesse com a respiração presa. O barulho das pesadas rodas de madeira morreu ao longe e tudo o que ouvia agora era o ocasional tilintar do sino de uma cabra e o ubíquo estrilo das cigarras. O sol estava bem alto. Ele correu os olhos pelo campo vazio, depois deitou-se de bruços e olhou para o interior da matriz. O calor pressionava com força as costas e os ombros.

Ele pensou em Sabina, em Corelia e na terrível imagem do filho morto. Chorou. Não tentou se conter, mas pela primeira vez

rendeuse, engasgando e vibrando de dor, engolindo o ar do túnel, inalando o frio e amargo odor de cimento fresco. Sentia-se estranhamente separado de si mesmo, como se estivesse dividido em duas pessoas, uma chorando e outra vendo-a chorar.

Depois de algum tempo, parou e levantou-se para enxugar o rosto com a manga da túnica: e só quando tornou a olhar para baixo, seu olhar foi atraído por alguma coisa — um brilho de luz refletida na escuridão. Ele afastou a cabeça um pouco para trás, a fim de deixar o sol brilhar diretamente pelo poço, e viu muito fracamente que o piso do aqueduto estava brilhando.

Esfregou os olhos e tornou a olhar. Enquanto olhava, a qualidade da luz pareceu mudar e ficar mais substancial, encrespando-se e alargando-se enquanto o túnel começava a encher-se de água.

— Está funcionando! — sussurrou para si mesmo.

Quando ficou convencido de que não estava enganado e que o Augusta realmente tornara a fluir, rolou a pesada tampa do postigo de inspeção até o poço. Devagar, arriou-a, tirando os dedos no último instante para deixá-la cair os poucos centímetros que restavam. Com um barulho surdo, o túnel foi fechado.

Attilius desamarrou o cavalo e subiu para a sela. No calor tremeluzente, os marcos de pedra do aqueduto diminuía ao longe como uma fila de rochas submersas. Ele puxou as rédeas e deu as costas ao Augusta para ficar de frente para o Vesúvio. Esporeou o cavalo que seguiu a passo lento pela trilha que levava à montanha, mas aumentando para um trote quando o terreno começou a se elevar.

Na piscina Mirabilis o resto da água se esgotara e o grande reservatório estava vazio — uma visão rara. A última vez em que se deixara aquilo acontecer havia sido há uma década, e para manutenção, a fim de que os escravos pudessem tirar com pás o sedimento e examinar as paredes à procura de sinais de rachaduras. O almirante ouviu com atenção enquanto o escravo explicava o funcionamento do sistema. Ele sempre se interessava por assuntos técnicos.

— E com que frequência isso deve acontecer?

- A praxe seria de dez em dez anos, almirante.
- Quer dizer que isso seria repetido em breve?
- Sim, almirante.

Eles estavam em pé na escada do reservatório, mais ou menos na metade — Plínio, o sobrinho Gaius, o secretário Alexion e o escravo encarregado da água, Dromo. Plínio expedira ordens para que nada fosse mexido até ele chegar e uma guarda de marinheiros tinha sido colocada na porta, para evitar o acesso não autorizado. Mas a notícia da descoberta vazara e no pátio estava a costumeira multidão de curiosos.

O fundo da Piscina parecia uma praia lamacenta após o recuo da maré. Havia algumas poças aqui e ali, onde o sedimento era ligeiramente oco, e um entulho de objetos — ferramentas enferrujadas, pedras, sapatos — que tinham caído dentro d'água ao longo dos anos e afundado, alguns totalmente envolvidos, de modo que pareciam nada mais do que pequenas protuberâncias na superfície lisa. O barco a remo estava encalhado. Vários conjuntos de pegadas seguiam da base da escada para o centro do reservatório, onde estava um objeto maior, e depois voltavam. Dromo perguntou se o almirante gostaria que ele fosse apanhá-lo.

— Não — respondeu Plínio — eu mesmo quero vê-lo lá. Ajude-me, Gaius, por favor.

Plínio apontou para os próprios sapatos e o sobrinho ajoelhou-se e desafiou-os enquanto o almirante se encostava em Alexion para se apoiar. Ele sentia uma expectativa quase infantil, e a sensação se intensificava enquanto ele descia o último dos degraus e arriava com cautela os pés no sedimento. Lodo preto escorreu-lhe por entre os dedos, deliciosamente frio, e de imediato Plínio voltou a ser um menino, lá na casa da família em Como, na Itália transpadana, brincando nas margens do lago, e os anos intermediários — quase meio século — eram tão insubstanciais quanto um sonho. Quantas vezes aquela situação ocorria todos os dias? Não costumava acontecer antes. Ultimamente, porém, quase tudo podia provocá-la — um toque, um cheiro, um som, uma cor percebida de relance — e no mesmo instante lembranças que ele não sabia que ainda tinha voltavam avassaladoras, como se dele não

restasse mais coisa alguma, a não ser um exânime saco de impressões relembradas.

Ele ergueu as dobras da toga e começou a andar desajeitadamente pela superfície, os pés afundando na lama, que então fazia um delicioso barulho de sucção todas as vezes que ele os levantava. Ouviu Gaius gritar atrás dele: "Cuidado, tio!" mas abanou a cabeça, rindo. Manteve-se afastado das marcas que outras pessoas tinham feito: era mais divertido romper a crosta de lama onde ela ainda estava fresca e mal começava a endurecer no ar quente. Os outros o seguiam a uma distância reverente.

Que obra extraordinária, pensou ele, aquela abóbada subterrânea com seus pilares dez vezes mais altos do que um homem! Que imaginação a projetara, que vontade e força tinham-na levado à construção — e tudo para armazenar uma água que já fora transportada por 96 quilômetros! Ele jamais fizera qualquer objeção a endeusar imperadores. "Deus é homem ajudando o homem" era a sua filosofia. O Divino Augusto merecia seu lugar no panteão só por encomendar o aqueduto campaniano e a Piscina Mirabilis. Quando chegou ao centro do reservatório, Plínio estava ofegante graças ao esforço de levantar seguidas vezes os pés do sedimento que grudava neles. Apoiou-se num pilar quando Gaius chegou ao seu lado. Mas estava satisfeito por ter feito o esforço. O escravo encarregado da água fora inteligente ao mandar chamá-lo. Aquilo era algo que merecia ser visto, sem dúvida alguma: um mistério da natureza tornara-se, também, um mistério do homem.

O objeto na lama era uma ânfora para guardar cal virgem. Estava quase que perfeitamente em pé, a base enterrada no leito macio do reservatório. Uma corda comprida e fina fora amarrada às alças e jazia, confusa, à sua volta. A tampa, que tinha sido vedada com cera, fora arrancada.

Espalhadas, brilhando na lama, havia talvez cem pequenas moedas de prata.

— Nada foi tirado, almirante — disse Dromo, aflito. — Eu disse a eles que deixassem exatamente como encontraram.

Plínio encheu as bochechas de ar.

— Gaius, quanto você diria que tem ali?

O sobrinho enfiou as duas mãos na ânfora, formou uma concha com elas e mostrou-as ao almirante. Estavam cheias de denários de prata.

— Uma fortuna, tio.

— E ilegal, podemos ter certeza. Ela corrompe a lama honesta. Nem o vaso de cerâmica nem a corda tinham uma cobertura de sedimento muito espessa, o que significava, refletiu ele, que não podiam ter ficado muito tempo no fundo do reservatório — um mês, no máximo. Ele olhou para o teto abobadado.

— Alguém deve ter remado até aqui e arriado o vaso pelo lado do barco.

— E depois largou a corda? — Gaius olhou para ele, maravilhado. — Mas quem teria feito uma coisa dessas? Como poderia esperar retirá-la? Nenhum mergulhador poderia ir tão fundo assim!

— É verdade.

Plínio mergulhou a mão nas moedas e examinou-as na palma rechonchuda, afastando-as com o polegar. O conhecido e carrancudo perfil de Vespasiano decorava um dos lados, os sagrados implementos do profeta ocupavam o outro. A inscrição na borda — IMP CAES VESP AVG COS IN — mostrava que elas tinham sido cunhadas durante o terceiro consulado do imperador, oito anos antes.

— Neste caso, devemos presumir que o dono delas não pretendia recuperá-las mergulhando, Gaius, mas esvaziando o reservatório. E o único homem com autoridade para esvaziar a piscina quando quisesse era o nosso aguadeiro desaparecido, Exomnius.

HORA QUARTA



10h37

"As taxas médias de ascensão do magma obtidas em estudos recentes sugerem que o magma na câmara sob o Vesúvio pode ter começado a subir a uma velocidade de 0,2 metro por segundo para dentro do duto do vulcão cerca de quatro horas antes da erupção — ou seja, aproximadamente às 9 horas da manhã de 24 de agosto."

Burkhard Muller-Ullrich (org.)

DYNAMICS OF VOLCANISM

O quadrunvirato — junta dos Quatro, os magistrados eleitos de Pompeia — estava reunido em sessão de emergência na sala de visitas de Lucius Popidius. Os escravos tinham levado uma cadeira para cada um e uma pequena mesa, em torno da qual eles estavam sentados, a maior parte do tempo calados, braços cruzados, esperando. Ampliatus, em deferência ao fato de não ser magistrado, reclinava-se num sofá a um canto, comendo um figo, observando-os. Pela porta aberta ele via a piscina e sua fonte silenciosa e também, a um canto do jardim ladrilhado, um gato brincando com um passarinho. Aquele ritual de morte demorada o deixava intrigado. Os egípcios afirmavam que o gato era um animal sagrado: de todas as criaturas, a mais próxima do homem no que referia à inteligência. E, em toda a natureza, só gatos e homens — pelo que ele se lembrava — sentiam um evidente prazer na crueldade. Será que isso

significava que crueldade e inteligência estavam inevitavelmente entrelaçadas? Interessante.

Ele comeu outro figo. O barulho da sucção fez com que Popidius se encolhesse.

— Você parece estar muitíssimo confiante, Ampliatus. — Havia uma ponta de irritação na voz dele.

— Estou muitíssimo confiante. Você deve relaxar.

— Para você é fácil dizer isso. Seu nome não está em cinquenta avisos espalhados pela cidade garantindo a todo mundo que a água estará correndo de novo até o meio-dia.

— Responsabilidade pública, o preço do cargo eleito, meu caro Popidius.

Ampliatus estalou os dedos sujos de suco e um escravo levou-lhe uma pequena tigela de prata. Ele mergulhou as mãos e enxugou-as na túnica do escravo.

— Tenham fé na engenharia romana, meritíssimos. Vai ficar tudo bem.

Fazia quatro horas que Pompeia acordara para mais um dia sem nuvens e para descobrir a interrupção de seu fornecimento de água. O instinto de Ampliatus para o que aconteceria em seguida mostrara estar certo. Acontecendo na manhã seguinte ao dia em que a maior parte da cidade comparecera para fazer um sacrifício a Vulcano era difícil, até para os menos supersticiosos, não ver aquilo como mais uma prova da contrariedade do deus. Grupos nervosos tinham começado a se formar nas esquinas logo depois do amanhecer. Cartazes, assinados por Popidius Secundus, colocados no fórum e nas fontes maiores, anunciavam que estavam sendo executados reparos no aqueduto e que o abastecimento iria recomeçar até a sétima hora. Mas não era muita garantia para aqueles que se lembravam do terrível terremoto que acontecera há 17 anos — a água também faltara naquela ocasião — e durante toda a manhã houve aflição na cidade inteira. Algumas lojas não abriram. Algumas pessoas tinham ido embora, seus pertences empilhados em carroças, proclamando em voz alta que Vulcano estava para destruir Pompeia uma segunda vez. E agora correra a notícia de que o quadrunvirato estava reunido na Casa de Popidius. Uma multidão se

reunira na rua em frente. De vez em quando, na confortável sala de estar, podia-se ouvir o barulho da turba: um grunhido, como o som dos animais em suas jaulas nos túneis do anfiteatro, imediatamente antes de serem soltos para enfrentar os gladiadores.

Brittius estremeceu.

— Eu lhe disse que nós nunca deveríamos ter concordado em ajudar aquele engenheiro.

— É verdade — concordou Cuspius. — Eu disse isso desde o começo. Veja aonde isso nos levou.

Podia-se aprender muito com a expressão facial de um homem, pensou Ampliatus. O quanto ele se dedicava a comer e beber, que tipo de trabalho fazia, seu orgulho, a covardia, a força.

Popidius, agora: ele era bonito e fraco; Cuspius, como o pai, valente, brutal e estúpido; Brittius, arqueado de tanto amor à boa vida; Holconius, avinagrado e astuto — anchovas demais e molho de garos naquela dieta.

— Bobagem — disse Ampliatus, afável. — Pensem nisso. Se não o tivéssemos ajudado, ele simplesmente teria ido a Nola em busca de auxílio e nós ainda teríamos perdido a nossa água, só que um dia depois. E o que isso teria parecido quando Roma soubesse? Além do mais, assim nós sabemos onde ele está. Está em nosso poder.

Os outros não perceberam, mas o velho Holconius voltou-se de imediato.

— E por que é tão importante sabermos onde ele está? Ampliatus ficou momentaneamente sem resposta. Afastou o problema com uma gargalhada.

— Ora vamos, Holconius! Não é sempre bom saber o máximo possível? Isso vale o preço de emprestar a ele alguns escravos e cal. Assim que um homem lhe deve alguma coisa, não fica mais fácil controlá-lo?

— Claro que isso é verdade — disse Holconius secamente e olhou para Popidius, que estava diante dele à mesa.

Até Popidius não era estúpido o bastante para não perceber o insulto. Ficou escarlate.

— O que significa...? — perguntou ele. Empurrou a cadeira para trás.

— Escutem! — ordenou Ampliatus. Ele queria acabar com aquela conversa antes que ela avançasse mais. — Eu quero lhes contar uma profecia que encomendei no verão, quando os tremores começaram.

— Uma profecia? — Popidius tornou a sentar-se. Ficara logo interessado. Ampliatus sabia que ele adorava aquelas coisas: a velha Biria com as duas mãos mágicas de bronze, coberta de símbolos místicos, a jaula cheia de cobras, os olhos de um branco leitoso que não enxergavam o rosto de um homem mas podiam ver o futuro. — Você consultou a sibila? O que foi que ela disse?

Ampliatus assumiu uma expressão solene, adequada à situação.

— Ela sacrificou serpentes para Sabázio e tirou o couro delas para ver o significado. Eu estive presente o tempo todo.

Ele se lembrou das chamas no altar, da fumaça, das mãos brilhantes, do incenso, da voz trêmula da sibila: aguda, mal parecendo humana — como a maldição daquela velha cujo filho ele atirara para ser comido pelas enguias. Mesmo contra a vontade, ele tivera um temor respeitoso pelo espetáculo.

— Ela viu uma cidade, a nossa cidade, daqui a muitos anos. Daqui a mil anos, talvez mais. — Deixou a voz baixar para um sussurro. — Ela viu uma cidade famosa no mundo inteiro. Nossos templos, nosso anfiteatro, nossas ruas, cheios de gente de todas as línguas. Foi isso que ela viu nas entranhas das cobras. Muito tempo depois de os césaes virarem poeira e o império se acabar, o que tivermos construído permanecerá.

Ele se recostou na cadeira. Quase convencera a si mesmo. Popidius suspirou.

— Biria Onomastia nunca se engana — disse ele.

— E ela repetirá tudo isso? — perguntou Holconius, cético. — Ela vai nos deixar usar a profecia?

— Vai — afirmou Ampliatus. — É melhor que deixe. Paguei muito por isso.

Ele pensou ter ouvido alguma coisa. Levantou-se do sofá e saiu para a luz do sol do jardim. A fonte que alimentava a piscina tinha a forma de uma ninfa despejando uma botija. Ao chegar mais perto ele ouviu o barulho outra vez, um leve gorgolejar, e então começou a escorrer água da borda do vaso. O fluxo gaguejou, jorrou, pareceu parar, mas depois começou a correr com força. De repente Ampliatus sentiu-se dominado pelas forças místicas que ele desencadeara.

Acenou para os outros, para que fossem ver.

— Estão vendo? Eu lhes disse. A profecia está correta!

Em meio às exclamações de prazer e alívio, até Holconius conseguiu um fraco sorriso.

— Que bom!

— Scutarius! — gritou Ampliatus para o administrador. — Traga o nosso melhor vinho para o quadrunvirato, o céculo, por que não? Agora, Popidius, devo dar a notícia à turba ou você vai dar?

— Conte você, Ampliatus. Eu preciso de uma bebida.

Ampliatus saiu depressa pelo átrio em direção à grande porta da frente.

Fez um gesto para que Massavo a abrisse e saiu para o limiar. Talvez umas cem pessoas — a sua gente, que era como ele gostava de pensar nelas — estavam agrupadas na rua. Ele ergueu os braços pedindo silêncio.

— Vocês todos sabem quem eu sou — gritou, depois que o murmúrio de vozes se calou — e todos vocês sabem que podem confiar em mim!

— Por que confiaríamos? — gritou alguém lá de trás.

Ampliatus fez que não ouviu.

— A água está correndo outra vez! Se não acreditam em mim, como aquele sujeito insolente ali, vão olhar as fontes e ver por vocês mesmos. O aqueduto está consertado! E mais tarde, hoje, uma profecia maravilhosa, feita pela sibila Biria Onomastia, será tornada pública. Vão ser precisos mais do que alguns tremores de terra e um verão quente para amedrontar a colônia de Pompeia!

Algumas pessoas deram vivas. Ampliatus estava radiante e acenava.

— Bom dia para vocês todos, cidadãos! Vamos voltar às nossas atividades. *Salve lucrum! Lucrum gaudium!*

Ele se agachou para voltar ao vestíbulo.

— Jogue algum dinheiro para eles, Scutarius — sibilou ele, ainda sorrindo para a turba. — Veja lá, não jogue demais. Só o bastante para um pouco de vinho para todos.

Ele se demorou o tempo suficiente para ouvir os efeitos de sua liberalidade, enquanto a turba brigava pelas moedas, depois voltou para o átrio, esfregando as mãos de satisfação. O desaparecimento de Exomnius abalara sua equanimidade, isso ele não negava, mas em menos de um dia ele enfrentara o problema, a fonte parecia estar correndo com força e, se aquele jovem aguadeiro ainda não estivesse morto, em breve estaria. Um motivo para comemorar! Da sala de estar veio o som de risos e do tilintar de copos de cristal. Ele estava para contornar a piscina para se juntar a eles quando, a seus pés, percebeu o corpo do passarinho que ele vira ser morto. Cutucou-o com a ponta do pé e se abaixou para apanhá-lo. O pequenino corpo ainda estava quente. Um topo da cabeça vermelho, faces brancas, asas pretas e amarelas. Havia uma gota de sangue no olho.

Um pintassilgo. Não havia nada nele, a não ser penas. Ampliatus sopou-o na mão por um instante, um pensamento sombrio movimentando-se no fundo da mente, então largou-o e subiu rápido os degraus que davam para o jardim colunado de sua antiga casa. O gato o viu se aproximar e lançou-se depressa para trás de um arbusto, mas Ampliatus não estava interessado em persegui-lo. Seus olhos estavam fixos na gaiola vazia da varanda de Corelia e nas janelas escurecidas, com os postigos fechados, do quarto dela.

— Celsia! — gritou ele, e sua mulher veio correndo. — Onde está Corelia?

— Ela estava passando mal. Eu a deixei dormir...

— Vá buscá-la! Agora! — Ele a empurrou na direção da escada, voltou-se e correu para o estúdio.

Não era possível...

Ela não teria coragem...

Ampliatu sabia que havia algo de errado no instante em que apanhou a lâmpada e levou-a até a mesa. Era um truque antigo, aprendido com o seu ex-senhor — um fio de cabelo na gaveta para dizer a ele se mãos curiosas estiveram se metendo em seus negócios — mas funcionava muito bem, e ele deixara claro que crucificaria o escravo em que não pudesse confiar.

Não havia fio de cabelo algum. E quando ele abriu o cofre e tirou a pasta de documentos, tampouco havia papiros. Ficou ali como um idiota, virando a capa vazia e sacudindo-a como um mágico que tivesse esquecido o resto do truque, e depois atirou-a no outro lado do aposento, onde ela se espatifou contra a parede. Correu para o pátio. A mulher abrira os postigos do quarto de Corelia e estava na varanda, as mãos apertando as faces.

Corelia estava de costas para a montanha quando passou pela Porta Vesúvio e entrou na praça ao lado do castelo de água. As fontes tinham começado a correr de novo, mas o fluxo ainda estava fraco, e daquele ponto elevado era possível ver que um manto empoeirado se formara sobre Pompeia, levantado pelo tráfego nas ruas sem água. O barulho de atividade erguia-se como um sussurro geral acima dos telhados vermelhos.

Ela não se apressara na viagem para casa, sem jamais esporear a água acima do passo lento enquanto ela contornava o Vesúvio e atravessava a planície. Não via motivos para correr agora.

Enquanto descia o morro em direção ao grande cruzamento, Polites seguindo fielmente atrás, os muros sem abertura das casas pareciam erguer-se dos dois lados para cercá-la como uma prisão. Lugares que ela gostava de frequentar — as piscinas escondidas e os jardins de flores perfumadas, as lojas com suas quinquilharias e tecidos, os teatros e as termas barulhentas estavam tão mortos, agora, para ela, quanto a cinza. Ela percebeu as fisionomias zangadas, frustradas, das pessoas nas fontes, lutando para meter seus potes debaixo do fio de água, e voltou a pensar no aguadeiro. Ficou imaginando onde estaria ele naquele momento e o que estaria fazendo. A história que ele contara sobre a esposa e o filho a perseguira durante toda a volta para Pompeia.

Corelia sabia que ele tinha razão. Não havia como fugir ao destino. Ela já não se sentia zangada nem com medo enquanto se aproximava da casa do pai, apenas morta para tudo aquilo — exausta, suja, com sede. Talvez aquela fosse a sua vida dali por diante, o corpo fazendo os movimentos rotineiros da existência e a alma em outro lugar qualquer, vigilante e separada? Ela via uma multidão na rua adiante, maior do que a costumeira coleção de parasitas que esperavam horas para falar com o pai dela. Enquanto olhava, eles pareceram irromper numa dança maluca, ritualista, dando pulos com os braços abertos e depois caindo de joelhos para andar às apalpadelas nas pedras. Ela não demorou a perceber que estavam jogando dinheiro para eles. Aquilo era típico de seu pai, pensou ela — o César provinciano, tentando comprar o afeto da turba, acreditando estar agindo como um aristocrata, jamais reconhecendo sua vulgaridade inflada.

O desprezo dela ficou repentinamente maior do que o ódio e fortaleceu sua coragem. Ela cavalgou para os fundos da casa, em direção aos estábulos, e, ao som das patas nas pedras arredondadas do pavimento, um cavaliariço idoso apareceu. Olhou com olhos arregalados de surpresa para a sua aparência desgrenhada, mas ela não ligou. Pulou da sela e entregou as rédeas a ele.

— Obrigada — disse ela a Polites e depois, para o cavaliariço: — Providencie para que deem alimento e bebida a este homem.

Corelia passou depressa do brilho da rua para a sombra da casa, subindo a escada que saía do alojamento dos escravos. Enquanto andava, tirou os rolos de papiro de debaixo da capa.

Marcus Attilius dissera que os recolocasse no estúdio do pai e esperasse que a retirada deles não tivesse sido percebida. Mas não faria aquilo. Ela mesma os entregaria.

Melhor ainda, diria onde estivera. Ele saberia que ela descobrira a verdade, e depois ele poderia fazer com ela o que quisesse. Ela não se importava. O que poderia ser pior do que o destino que ele já planejara? Não se pode punir os mortos.

Foi com a excitação da rebelião que ela passou pela cortina e entrou na Casa de Popidius e seguiu para a piscina que formava o coração da vila. Ouviu vozes à direita e viu, na sala de estar, seu

futuro marido e os magistrados de Pompeia. Eles se voltaram para olhá-la no exato momento em que seu pai, com a mãe e o irmão atrás, aparecia nos degraus que levavam à antiga casa. Ampliatus entendeu logo o que ela levava e por um glorioso instante Corelia viu o pânico no rosto dele.

Ele gritou "Corelia!" e partiu em sua direção, mas ela se desviou e correu para a sala de estar, espalhando os segredos dele pela mesa e sobre o tapete antes que ele tivesse a chance de detê-la.

Ao engenheiro parecia que o Vesúvio estava lhe pregando peças, nunca chegando mais perto, por mais que ele se esforçasse para cavalgar em sua direção. Só ocasionalmente, quando olhava para trás, protegendo os olhos contra o sol, ele percebia o quanto estava subindo. Pouco depois ele via Nola nitidamente. Os campos irrigados em volta da cidade pareciam um quadrado verde, nítido, que não era maior do que o lenço de uma boneca aberto na parda planície campaniana. E a própria Nola, antiga fortaleza samnita, não parecia mais ameaçadora do que uma porção de tijolinhos de brinquedo de criança jogados da crista da distante cadeia de montanhas. Àquela altura, os cidadãos já estariam com a água correndo. Aquele pensamento renovou-lhe a confiança.

Ele seguira de propósito para a borda da faixa branco-acinzentada mais próxima e alcançou-a logo depois que a manhã chegara ao meio, no ponto em que a área de pastagem nas encostas mais baixas acabava e a floresta começava. Não passou por nenhuma criatura viva, homem ou animal. A casa de fazenda que aparecia de vez em quando à beira da trilha estava deserta.

Calculou que todos deviam ter fugido durante a noite, quando ouviram a explosão, ou à primeira luz, quando acordaram para aquela fantasmagórica cobertura de cinzas. Ela jazia no chão, como neve em pó, perfeitamente imóvel, porque não havia um só sopro de vento para perturbá-la.

Quando saltou do cavalo, levantou uma nuvem que se agarrou a suas pernas suadas. Com a mão em concha, apanhou uma boa quantidade. Era inodora, fina e estava quente por causa do sol. Nas

árvores distantes ela cobria a folhagem exatamente como aconteceria com uma leve queda de neve.

Attilius pôs um pouco no bolso, para mostrar ao almirante, e bebeu um pouco d'água, lavando da boca o gosto seco da poeira. Olhando encosta abaixo, viu um outro cavaleiro, talvez a pouco mais de um quilômetro e meio de distância, também seguindo firme para aquele mesmo ponto, presumivelmente levado por uma curiosidade similar para descobrir o que acontecera. Attilius pensou se deveria esperá-lo, para trocar opiniões, mas decidiu contra. Queria seguir em frente.

Cuspiu a água, tornou a montar e voltou pelo flanco da montanha, para longe da cinza, a fim de pegar outra vez a trilha que levava para dentro da floresta.

Assim que se viu entre as árvores, a floresta fechou-se a sua volta e rapidamente ele perdeu o senso de direção. Não havia outra coisa a fazer, a não ser seguir a trilha dos caçadores que serpenteava pelas árvores, sobre leitos secos de rios, oscilando de um lado para o outro mas sempre levando-o mais para cima. Desmontou para urinar. Lagartos fugiram por entre as folhas mortas. Ele viu pequenas aranhas vermelhas e suas frágeis teias, lagartas cabeludas do tamanho do seu dedo indicador. Havia moitas de bagas vermelhas que tinham um sabor doce quando ele as comeu. A vegetação era comum — amieiro, silva, hera. Achou que Torquatus, o capitão da liburna, estava certo: era mais fácil subir o Vesúvio do que parecia. E quando os rios estivessem cheios haveria o suficiente, lá em cima, para comer e beber a ponto de sustentar um exército. Veio-lhe logo à mente o gladiador trácio Spartacus, liderando seus seguidores por aquela mesma trilha um século e meio antes, subindo para o santuário do cume.

Talvez tivesse sido preciso mais uma hora para atravessar a floresta. Ele tinha pouca noção de tempo. O sol estava, a maior parte do tempo, escondido pelas árvores, caindo em fachos através da espessa copa de folhas. O céu, feito em fragmentos pela folhagem, formava um padrão de azul brilhante, sempre se alterando. O ar estava quente, perfumado com o cheiro de pinho e ervas secas. Borboletas adejavam por entre as árvores. Não havia

barulho algum, exceto o ocasional arrulhar dos torcazes. Balançando na sela, no calor, ele se sentia sonolento. A cabeça oscilava. Uma vez, pensou ouvir um animal maior seguindo a trilha atrás dele, mas quando parou para prestar atenção o som desaparecera. Pouco depois a floresta começou a rarear. Ele chegou a uma clareira.

E agora era como se o Vesúvio tivesse decidido fazer uma brincadeira diferente com ele.

Depois de horas sem nunca parecer ter chegado mais perto, de repente o pico erguia-se diretamente à sua frente — pouquíssimas centenas de metros de altura, uma inclinação mais íngreme, a maioria de rocha, sem solo suficiente para sustentar grande coisa em forma de vegetação, exceto esparsos arbustos e plantas com pequenas flores amarelas. E era exatamente como o escritor grego descrevera: um cume preto, há muito tempo chamuscado pelo fogo. Em alguns pontos a rocha se projetava para fora, quase como se estivesse sendo empurrada por baixo, enviando pequenas torrentes de pedras chocalhando encosta abaixo.

Mais ao longo da crista tinham ocorrido deslizamentos maiores de pedras. Pedras enormes, do tamanho de um homem, haviam sido atiradas nas árvores — e há pouco tempo, pela aparência.

Attilius se lembrou da relutância dos homens em deixar Pompeia.

"Gigantes viajavam pelo ar, suas vozes parecendo trovões [...] O som deve ter sido ouvido a quilômetros de distância."

Para o cavalo dele, a subida era muito íngreme. Ele desmontou e encontrou um ponto sombrio onde pôde amarrar as rédeas a uma árvore. Procurou em volta por um galho e escolheu um que tinha a grossura da metade do seu pulso — liso, cinzento, morto havia muito tempo — e, com ele sustentando seu peso, começou a ascensão final.

O sol, lá em cima, era implacável, o céu brilhava tanto que estava quase branco. Ele passava de rocha para rocha coberta de cinza no calor sufocante, e o próprio ar parecia queimar-lhe os pulmões, um calor seco, como uma lâmina retirada de uma fogueira. Não havia lagartos embaixo, nem pássaros por cima — era uma subida direta para o sol. Ele sentia o calor através da sola dos

sapatos. Esforçou-se para continuar a seguir em frente, sem olhar para trás, até que o chão parou de subir e o que estava à sua frente não era mais rocha preta, mas céu azul. Ele passou desajeitado pela crista e olhou para o outro lado do telhado do mundo.

O cume do Vesúvio não era o pico afiado que parecera visto da base, mas uma planície irregular e circular, talvez duzentos passos de diâmetro, uma imensidão de rocha preta com alguns trechos de uma vegetação pálida que enfatizava a sua morte. Não apenas ela parecia ter pegado fogo no passado, como diziam os papiros gregos, mas estar pegando fogo naquele momento. Em pelo menos três pontos subiam finas colunas de vapor cinzento, agitando-se e chiando no silêncio. Havia o mesmo fedor amargo de enxofre que ele se sentira nos canos da Villa Hortênsia. E aqui, pensou Attilius. Este é o centro do mal. Ele sentia algo enorme e maléfico. Podia ser Vulcano ou o nome que se quisesse.

Podia-se adorá-lo como se fosse um deus. Mas era uma presença palpável. Attilius teve um arrepio.

Manteve-se perto da borda do cume e começou a andar com dificuldade em torno dele, mesmerizado primeiramente pelas nuvens sulfurosas que saíam suspirando do solo e depois pelos impressionantes panoramas vistos da borda. Lá, à direita, a rocha nua descia para a borda da floresta e depois não havia nada a não ser um ondulante cobertor verde. Torquatus dissera que se podia ver até oitenta quilômetros, mas para Attilius parecia que a Itália inteira estava espalhada abaixo dele. Quando se deslocou de norte para oeste, a baía de Nápoles entrou no seu ângulo de visão. Ele conseguia distinguir com facilidade o promontório de Miseno e as ilhas ao largo de sua ponta, o refúgio imperial de Capri e, atrás deles, precisa como se cortada a navalha, a linha fina na qual o azul-escuro do mar se encontrava com o azul mais claro do céu.

A água ainda estava salpicada pelas ondas que ele percebera na noite anterior — ondas que corriam num mar sem vento — embora, agora que ele pensava naquilo, talvez houvesse uma brisa começando a se formar. Ele a sentia no rosto: a que era chamada de Caurus, soprando do noroeste, em direção a Pompeia, que aparecia aos pés dele como nada mais de uma mancha arenosa afastada da

costa. Attilius imaginou Corelia chegando lá, agora absolutamente inatingível, um ponto dentro de um ponto, perdido para sempre.

Só olhar para a cidade o deixava contente, como se ele mesmo não passasse de uma partícula de pólen que poderia ser levantada a qualquer momento pelo ar quente e soprada para o azul.

Ele sentia um impulso avassalador de se render àquilo — uma ânsia por aquele perfeito olvido azul, tão forte que ele teve de forçar a si mesmo a afastar-se. Abalado, começou a escolher o caminho para o outro lado do cume, de volta para o ponto em que começara, mantendo-se afastado dos penachos de enxofre que pareciam estar se multiplicando em toda a volta. O terreno tremia, inchava. Ele queria fugir dali agora, o mais rápido possível. Mas o terreno era difícil, com fundas depressões de ambos os lados do seu caminho — "covas semelhantes a cavernas de rocha enegrecida", como dissera o escritor grego — ele tinha de tomar cuidado com o lugar em que pisava. E foi por causa disso — porque estava de cabeça baixa — que ele sentiu o cheiro do corpo antes de vê-lo. Aquilo o fez parar de imediato — um fedor doce e enjoativo que entrou pela boca e pelas narinas e as cobriu com uma película gordurosa. O fedor emanava da grande concavidade de terra diretamente à sua frente, que tinha dois metros de profundidade e dez de largura, tremeluzindo como um caldeirão na névoa do calor, e o que era muitíssimo horrível, quando ele espiou pela borda, era que tudo o que estava lá dentro estava morto: não apenas o homem, que vestia uma túnica branca e cujos membros estavam com um tom tão preto-avermelhado que a princípio Attilius pensou se tratar de um núbio, mas outras criaturas — uma cobra, um pássaro grande, uma confusão de pequenos animais — todos espalhados naquela cova da morte. Até a vegetação estava descorada e envenenada.

O cadáver jazia no fundo, de lado, os braços estendidos para a frente, uma cabaça de água e um chapéu de palha quase ao seu alcance, como se ele tivesse morrido esforçando-se para pegá-los. Devia estar caído ali pelo menos havia duas semanas, apodrecendo no calor. No entanto, o impressionante era o quanto restara dele. Não tinha sido atacado por insetos ou picado até o osso por

pássaros e animais. Não havia nuvens de moscas varejeiras cobrindo a carne meio cozida. Em vez disso, a carne queimada parecia ter envenenado tudo o que tentara se banquetear com ela.

Attilius engoliu com força para conter o vômito. Ele percebera logo que aquilo tinha de ser Exomnius. Ele tinha desaparecido havia duas semanas ou mais, e que outra pessoa teria se arriscado a subir até ali em agosto? Mas como podia ter certeza? Nunca vira o homem. No entanto, relutava em descer até o tapete da morte. Fez um esforço para acocorar-se na borda da cova e olhou com olhos semicerrados para o rosto enegrecido. Viu uma fileira de dentes que riam, como caroços numa fruta que estourara; um olho opaco, entreaberto, olhando ao longo do comprimento do braço que tentava agarrar alguma coisa. Não havia sinal de ferimento. Mas acontece que o corpo todo era um ferimento, aberto e supurando. O que poderia tê-lo matado? Talvez tivesse sucumbido ao calor. Talvez o coração tivesse parado. Attilius se inclinou ainda mais e tentou cutucá-lo com a vara, e imediatamente sentiu-se começava a desmaiar. Luzes brilhantes agitavam-se e dançavam à sua volta e ele quase caiu para a frente. Andou às apalpadelas na terra e conseguiu impulsionar-se para trás, ofegante para recuperar a respiração.

"A inspiração do ar poluído próximo ao próprio chão [...]"

A cabeça batia. Ele vomitou — um fluido desagradável, de gosto horrível — e ainda tossia e cuspiam muco quando ouviu, à sua frente, o estalar de vegetação seca sendo quebrada por uma pisada. Ergueu o olhar, tonto. Do outro lado da cova, a não mais de cinquenta passos de distância, um homem se deslocava pelo cume em sua direção. A princípio ele pensou que aquilo podia fazer parte das visões provocadas pelo ar poluído e ergueu-se com esforço, balançando como se estivesse bêbado, piscando para tirar o suor dos olhos, tentando focalizar, mas ainda assim o vulto continuou a avançar, emoldurado pelos jatos de enxofre que chiavam, com o brilho de uma faca na mão.

Era Corax. Attilius não estava em condições de brigar. Teria de correr. Mas mal podia levantar os pés.

O supervisor se aproximou da cova com cautela — bem abaixado, os braços bem abertos, mudando com agilidade de pé em

pé, relutando em tirar os olhos do engenheiro, como se desconfiasse de um truque. Lançou um olhar rápido para o cadáver, olhou de cenho franzido para Attilius e depois tornou a olhar para baixo.

— Então, o que é isso, bonitinho? — perguntou ele, baixinho. O supervisor parecia quase ofendido.

Planejara aquele assalto com cuidado, viajara muito para executá-lo, esperara na escuridão que o dia amanhecesse e seguira a presa — deve ter sido o cavaleiro que eu vi atrás de mim, pensou Attilius — o tempo todo deliciando-se com a perspectiva de vingança, só para ver seus planos darem errado no último instante. Não era justo, dizia sua expressão — mais um de uma longa série de obstáculos que a vida atirara no caminho de Gavius Corax.

— Eu lhe perguntei: o que é isso?

Attilius tentou falar. A voz saiu grossa e arrastada. Ele queria dizer que Exomnius não estivera errado, que ali existia um terrível perigo, mas não conseguia pronunciar as palavras. Corax olhava para o cadáver e balançava a cabeça.

— O velho bastardo estúpido subindo até aqui na sua idade! Preocupado com a montanha. E para quê? Para nada! Nada, exceto fazer a gente ter de aturar você. — Ele voltou a atenção para Attilius. — Um jovem veado esperto vindo de Roma para nos ensinar nosso trabalho. Ainda tem ilusões sobre as suas chances, bonitinho? Pelo que vejo, nada tem a dizer agora. Ora, por que eu não abro em você mais uma boca e vamos ver o que vai sair dela?

Ele se curvou para a frente, jogando a faca de uma mão para a outra, fisionomia fechada e pronto para o golpe fatal. Começou a contornar a cova, e tudo o que Attilius conseguiu fazer foi seguir cambaleando na direção oposta. Quando o supervisor parou Attilius parou, e quando ele inverteu os passos e começou a seguir para o outro lado Attilius fez o mesmo. Aquilo aconteceu durante algum tempo, mas era evidente que a tática irritou Corax.

— Foda-se — gritou ele — eu não vou entrar no seu jogo estúpido!

E de repente avançou rápido contra a presa. O rosto vermelho, ofegante no calor, ele desceu correndo pelo lado da cova e atravessou-a. Acabara de chegar à outra encosta quando parou.

Baixou o olhar para as pernas, surpreso. Com terrível lentidão, tentou avançar, abrindo e fechando a boca como um peixe fora d'água. Largou a faca e caiu de joelhos, agitando fracamente os braços, e então desabou para a frente, caindo de bruços.

Não havia nada que Attilius pudesse fazer, exceto vê-lo afogar-se no calor seco. Corax fez algumas tentativas para se mexer, todas as vezes parecendo estender os braços para algo fora do alcance, como Exomnius devia ter feito. Então desistiu e, calado, deitou-se de lado. A respiração ficou mais fraca e parou, mas muito antes de ela cessar por completo Attilius o abandonara — cambaleando pelo cume da montanha que inchava e tremia, através dos penachos de enxofre que ficavam mais grossos, agora achatados pela brisa que se formava apontando na direção de Pompeia.

Lá embaixo, na cidade, o vento leve, chegando durante a parte mais quente do dia, viera como um alívio agradável. O Caurus levantava pequeninos redemoinhos de poeira nas ruas enquanto estas se esvaziavam para a sesta, agitando os toldos coloridos dos bares e lanchonetes, mexendo a folhagem dos enormes plátanos perto do anfiteatro. Na Casa de Popidius ele encrespava a superfície da piscina. As pequenas máscaras dos faunos e bacantes dançantes pendurados entre os pilares agitavam-se e tilintavam. Um dos papiros que estava sobre o tapete foi apanhado pela lufada e rolou em direção à mesa. Holconius esticou o pé para detê-lo.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. Ampliatus ficou tentado a bater em Corelia ali mesmo, mas conteve-se, percebendo que de certo modo seria uma vitória para ela se ele fosse visto batendo nela em público. O raciocínio dele andou rápido. Ele sabia tudo o que era possível saber sobre o poder. Sabia que havia momentos em que o mais prudente era manter seus segredos bem guardados: possuir conhecimentos só para você, como uma amante favorita, para não serem compartilhados com ninguém. Sabia também que havia momentos em que segredos, revelados com cuidado, podiam atuar como arcos de aço, prendendo terceiros a você. Num raio de inspiração, ele percebeu que aquela era uma dessas ocasiões.

— Leiam! Eu não tenho nada a esconder dos meus amigos. — Ele se curvou, recolheu os papiros e os empilhou na mesa.

— Nós temos de ir — disse Brittius. Esvaziou seu copo de vinho e começou a se levantar.

— Leia-os! — ordenou Ampliatus. O magistrado sentou-se rápido.

— Desculpem. Por favor. Eu insisto. — Ele sorriu. — Eles vieram do quarto de Exomnius. Já é hora de os senhores saberem. Sirvam-se de mais vinho. Volto daqui a um instante. Corelia, venha comigo.

Ele a agarrou pelo cotovelo e a dirigiu para os degraus. Ela arrastou os pés, mas ele era forte demais para ela e estava vagamente ciente de que a mulher e o filho vinham atrás. Quando dobraram o canto e já não podiam ser vistos, no jardim colunado da casa antiga, ele torceu a carne dela entre os dedos.

— Você pensou, mesmo — sibilou ele — que uma garota fraca como você podia me atingir?

— Não — disse ela, encolhendo-se e debatendo-se para escapar. — Mas pelo menos achei que podia tentar.

A serenidade dela o desconcertou.

— Ah? — Ele a puxou para junto de si. — E como é que você se propunha a fazer isso?

— Mostrando os documentos ao aguadeiro. Mostrando-os a todo mundo. Para que todos pudessem ver você como você é.

— E como eu sou? — O rosto dela estava muito perto do dele.

— Um ladrão. Um assassino. Mais baixo do que um escravo.

Ela proferiu a última palavra com veemência. Ele recuou a mão, e dessa vez sem dúvida teria batido nela, mas Celsinus agarrou-lhe o pulso por trás.

— Não, pai — disse ele. — Não vamos mais suportar isso.

Por um instante, Ampliatus ficou surpreso demais para falar.

— Você? — perguntou ele. — Você também? — Ele sacudiu a mão para soltá-la e olhou feroz para o filho. — Você não tem nenhum rito religioso para ir? E você? — Ele se voltou para a mulher. — Você não devia estar rezando para a sua santa padroeira, Livia,

pedindo orientação? Ah — fez ele com violência — saiam da minha frente, vocês dois.

Ele arrastou a filha pelo caminho e empurrou-a de graus acima, ao longo da passagem, e para dentro do quarto dela. Corelia caiu de costas na cama.

— Filha traiçoeira, ingrata! Ampliatus correu os olhos em volta à procura de algo com que castigá-la, mas tudo o que viu foram pertences frágeis, femininos, perfeitamente arrumados — um pente de marfim, um xale de seda, uma sombrinha, colares de contas — e alguns velhos brinquedos que tinham sido guardados para serem oferecidos a Vênus antes do casamento dela. Apoiada num canto estava uma boneca de madeira com membros móveis, que ele comprara para o aniversário dela havia muito tempo, e a visão dela o abalou. O que acontecera com ela? Ele a amara tanto — sua filhinha! — e como aquilo se tornara ódio? De repente, ficou pasmo. Ele não tinha feito tudo, construído tudo aquilo, saído da lama, por ela e pelo irmão? Ele ficou ali ofegante, derrotado, enquanto da cama ela olhava para ele, que não sabia o que dizer.

— Você vai ficar aqui — tornou ele, pouco convincente — até eu decidir o que deve ser feito com você.

Ele se retirou, trancando a porta por fora.

A mulher e o filho tinham deixado o jardim. Rebeldes típicos, fracos, pensou ele. Corelia sempre tivera mais coragem do que todos eles juntos. Sua garotinha! Na sala de estar, os magistrados estavam inclinados por cima da mesa, sussurrando. Calaram-se quando ele se aproximou e voltaram-se para observá-lo enquanto ele se dirigia ao aparador e servia-se de um pouco de vinho. A boca da garrafa retiniu contra o copo. Será que sua mão estava tremendo? Ele a examinou, dos dois lados. Aquilo não era normal nele: a mão parecia perfeitamente firme.

Sentiu-se melhor depois de beber tudo o que estava no copo. Serviu-se de mais outro, armou um sorriso e enfrentou os magistrados.

— Então?

Foi Holconius que falou primeiro.

— Onde você arranjou isso?

— Corax, o supervisor do Augusta, trouxe-os para mim ontem à tarde. Ele os achou no quarto de Exomnius.

— Quer dizer que ele os roubou?

— Achou, roubou... — Ampliatus agitou a mão.

— Isso devia ter sido trazido ao nosso conhecimento imediatamente.

— E por que, meritíssimos?

— Não é evidente? — intrometeu-se Popidius, agitado. — Exomnius acreditava que estava para acontecer outro grande terremoto!

— Acalme-se, Popidius. Você vem se queixando de terremotos há dezessete anos. Eu não levaria toda essa história a sério.

— Exomnius a levava a sério.

— Exomnius! — Ampliatus olhou para ele com desprezo. — Exomnius sempre foi muito nervoso.

— Talvez. Mas por que estava copiando documentos? Isto, em particular. O que você acha que ele queria com isto? — Ele agitou um dos papiros.

Ampliatus olhou para o papiro e tomou outro gole de vinho.

— Ele está em grego. Eu não leio grego. Você se esquece, Popidius: eu não tive o benefício da sua instrução.

— Pois eu leio grego e creio que reconheço este texto. Acho que é de autoria de Estrabo, o geógrafo, que viajou por estas paragens na época do Divino Augusto. Ele escreve aqui sobre um cume que é plano e estéril e pegou fogo no passado. Com toda a certeza, deve ser o Vesúvio. Ele diz que o solo fértil em torno de Pompeia o faz lembrar-se de Catânia, onde a terra está coberta com a cinza lançada pelas chamas do Etna.

— E daí?

— Exomnius não era siciliano? — perguntou Holconius. — De que cidade ele era?

Ampliatus agitou o copo como que para rejeitar a teoria.

— Creio que de Catânia. Mas o que tem isso?

Ele tinha de aprender os rudimentos de grego, pensou. Se um idiota como Popidius podia dominá-lo, qualquer um podia.

— Quanto ao documento em latim, eu o reconheço sem dúvida, — continuou Popidius. — É trecho de um livro, e eu conheço tanto o homem que o escreveu como o homem a quem o trecho é dirigido. É de autoria de Annaeus Sêneca — o mentor de Nero. Sem dúvida, até você deve ter ouvido falar nele.

Ampliatius enrubesceu.

— Meu negócio é construção, não livros. — Por que estariam eles continuando com tudo aquilo?

— O Lucilius a quem ele se refere é Lucilius Júnior, natural desta cidade. Ele tinha uma casa perto do teatro. Era procurador no além-mar, na Sicília, segundo me lembro. Sêneca está descrevendo o grande terremoto campaniano. É do livro dele, *Questões naturais*. Creio que até existe um exemplar na nossa biblioteca no fórum. Ele lança as fundações do estoicismo.

— "O estoicismo" — macaqueou Ampliatius. — E o que o velho Exomnius estaria fazendo com o "estoicismo"?

— Uma vez mais — repetiu Popidius, com irritação cada vez maior — não é evidente? — Ele colocou os dois documentos lado a lado. — Exomnius acreditava que havia uma ligação, entende? — Ele gesticulou de um para o outro. — Etna e Vesúvio. A fertilidade da terra em torno de Catânia e a terra em torno de Pompeia. Os terríveis agouros de dezessete anos atrás — o envenenamento das ovelhas e os agouros a toda a nossa volta neste verão. Ele era da Sicília. Viu sinais de perigo. E agora ele desapareceu.

Por algum tempo ninguém falou. As efígies em volta da piscina tilintavam com a brisa.

Brittius quebrou o silêncio: — Acho que esses documentos deviam ser examinados por uma reunião plena do Ordo. O mais cedo possível.

— Não — disse Ampliatius.

— Mas o Ordo é o conselho que governa a cidade! Eles têm o direito de serem informados...

— Não! — Ampliatius foi enfático. — Quantos cidadãos são membros do Ordo?

— Oitenta e cinco — respondeu Holconius.

— Aí está. Dentro de uma hora, a cidade toda vai ficar sabendo. Vocês querem provocar pânico, justamente no momento em que começamos a nos recuperar? Quando temos a profecia da sibila para dar a eles, para mantê-los calmos? Lembrem-se de quem votou nos senhores, meritíssimos: os comerciantes. Não ficarão agradecidos se se afastarem de seus negócios por medo. Os senhores viram o que aconteceu hoje de manhã, só porque as fontes pararam de funcionar algumas horas. Além do mais, qual a importância disso? Exomnius estava preocupado com tremores de terra? Campânia tem solo cinéreo como a Sicília, e fumarolas fedorentas? E daí? As fumarolas têm feito parte da vida na orla da baía desde a época de Rômulo. — Ele via que suas palavras atingiam o alvo. — Além do mais, este não é o verdadeiro problema.

— E qual é o verdadeiro problema? — perguntou Holconius.

— Os outros documentos, os que mostram quanto Exomnius recebeu para dar a esta cidade uma água barata.

— Tenha cuidado, Ampliatus — apressou-se a dizer Holconius. — Seus pequenos acordos não nos interessam.

— Meus pequenos acordos! — Ampliatus soltou uma gargalhada.

— Esta é boa! Ele pousou o copo e ergueu a garrafa para se servir de mais uma dose. Uma vez mais o pesado cristal vibrou. Ele estava ficando de cabeça leve, mas não se importava.

— Vamos, meritíssimos, não finjam que não sabiam! Como acham que esta cidade reviveu tão depressa depois do terremoto? Eu lhes poupei uma fortuna com os meus "pequenos acordos". Sim, e aproveitei para ajudar a mim mesmo a fazer outra, isso eu não nego. Mas vocês não estariam aqui sem mim! Suas preciosas termas, Popidius, onde o Brittius aqui gosta de ser masturbado por seus meninos, quanto você paga por elas? Nada! E você, Cuspius, com suas fontes? E você, Holconius, com a sua piscina? E todas as termas privadas e os jardins regados e a grande piscina pública na palestra e canos nos novos apartamentos?! Esta cidade tem sido mantida funcionando há mais de uma década pelo meu "pequeno acordo" com Exomnius. E agora um intrometido bastardo de um

aguadeiro de Roma tinha de ficar sabendo disso. Este é o verdadeiro problema.

— Um ultraje! — disse Brittius, com a voz tremendo. — Um ultraje, ver um escravo arrivista dirigir-se a mim dessa maneira.

— Arrivista, eu? Eu não era tão arrivista quando paguei pelos jogos que garantiram a sua eleição, Brittius. *"Aço frio, sem quartel, e o matadouro bem no centro, onde todos os palanques podem ver"* foi o que você pediu e foi o que eu dei."

Holconius ergueu as mãos. — Está bem, cavalheiros. Vamos nos manter calmos.

Cuspius disse: — Mas sem dúvida podemos fazer um trato com esse novo aguadeiro, como o que você tinha com o outro sujeito?

— Parece que não. Ontem eu fiz uma insinuação, mas tudo o que ele fez foi olhar para mim como se eu tivesse posto a mão no pau dele. Eu me senti insultado pela minha generosidade. Não, acho que reconheço o tipo dele. Ele vai submeter isso a Roma, eles vão investigar as contas e nós teremos uma comissão imperial aqui antes do fim do ano.

— Neste caso, o que vamos fazer? — perguntou Popidius. — Se isso for divulgado, vai ficar ruim para todos nós.

Ampliatius sorriu para ele por cima da borda do copo. — Não se preocupe. Eu resolvi o caso.

— Como?

— Popidius! — aconselhou Holconius. — Cuidado!

Ampliatius fez uma pausa. Eles não queriam saber. Afinal de contas, eram os magistrados da cidade. A inocência da ignorância — era isso que eles queriam com ansiedade. Mas por que eles deveriam ter paz de espírito? Ele mergulharia as mãos deles no sangue, com as suas.

— Ele vai se encontrar com seus ancestrais. — Ele olhou em volta. — Antes de voltar para Miseno. Um acidente no interior. Alguém discorda? Falem, se discordarem. Popidius? Holconius? Brittius? Cuspius? — Ele esperou. Era tudo uma charada. O aguadeiro, àquela altura, já estaria morto, não importava o que eles dissessem: Corax estava aflito para lhe cortar a garganta. — Tomo

isso como uma concordância. Vamos beber para comemorar? Ampliatus estendeu a mão para a garrafa, mas parou, a mão em pleno ar. O pesado copo de cristal agora não estava só tremendo: estava se deslocando para o lado, pela envernizada superfície de madeira. Ele olhou para o copo de cenho franzido, com ar de estúpido. Aquilo não podia estar certo. Mesmo assim, o copo chegou ao fim do aparadouro e espatifou-se no chão.

Ele olhou para os ladrilhos. Havia uma vibração sob seus pés. Ela foi aumentando de força aos poucos e então uma lufada de ar quente atravessou a casa, com força suficiente para bater os postigos. Um instante depois, bem de longe — mas muito distinto, diferente de qualquer coisa que tivesse ouvido — veio o barulho de um estouro duplo.

HORA SEXTA



12h57

"A superfície do vulcão rompeu-se pouco depois do meio-dia, permitindo a explosiva descompressão do principal corpo de magma [...] A velocidade de saída do magma foi aproximadamente de 1.440 quilômetros por hora (Mach 1). A convecção levou gás incandescente e clastos de pedra-pomes a uma altura de 28 quilômetros".

Ao todo, a energia térmica liberada durante a erupção inteira pôde ser calculada usando-se a seguinte fórmula: $E_{th} = V \times d \times T \times K$ onde E_{th} é em joules, V é o volume em quilômetros cúbicos, d é a gravidade específica (1,0), T é a temperatura do ejeto (500 graus centígrados), e K é uma constante incluindo o calor específico do magma e o equivalente mecânico do calor ($8,37 \times 10^{14}$).

Assim, a energia térmica liberada durante a erupção no ano 79 d.C. deve ter sido aproximadamente 2×10^8 joules — ou cerca de 100.000 vezes a da bomba atômica de Hiroshima.

Depois, sempre que comparavam suas histórias, os sobreviventes se perguntavam como o momento soara diferente para cada um deles. A 190 quilômetros de distância, em Roma, ele foi ouvido como uma batida seca, como se uma estátua pesada ou uma árvore tivesse caído.

Os que escaparam de Pompeia, que ficava a oito quilômetros em favor do vento, sempre juravam que tinham ouvido dois estrondos fortes, enquanto em Cápua, distante cerca de 32 quilômetros, o barulho desde o início foi uma trovoadas contínua, violenta. Mas em Miseno, que ficava mais perto do que Cápua, não se ouviu barulho algum, só a súbita aparição de uma estreita coluna de escombros pardo, jorrando silenciosamente no céu sem nuvens.

Para Attilius, foi como uma grande e seca onda que chegou estourando acima de sua cabeça.

Ele estava uns três quilômetros distante do cume, seguindo antiga trilha de caça pela floresta, descendo rápido a cavalo o flanco oeste da montanha. Os efeitos do envenenamento tinham sido reduzidos a uma pequena pontada de dor atrás dos olhos e, em lugar da sonolência, tudo parecia estranhamente nítido e realçado. Ele não tinha dúvida nenhuma quanto ao que ia acontecer. Seu plano era pegar a estrada costeira em Herculano e cavalgar direto para Miseno, a fim de avisar o almirante. Ele calculava que chegaria lá até o meio da tarde. A baía brilhava ao sol entre as árvores, perto o bastante para ele poder distinguir linhas individuais de ondas. Ele estava observando o padrão brilhante das teias de aranha que pendiam livres da folhagem e uma onda especial de maruins, girando embaixo de um galho à sua frente, quando de repente eles desapareceram.

O choque do estrondo atingiu-o pelas costas e derrubou-o para a frente. Ar quente, como a abertura da porta de uma fornalha. Depois, algo pareceu estalar em seus ouvidos e o mundo tornou-se um lugar sem som, de árvores que se curvavam e folhas que giravam. O cavalo tropeçou e quase caiu, e ele se agarrou ao pescoço do animal enquanto mergulhavam pela trilha, ambos seguindo na crista da onda escaldante, e então de repente ela

acabou. As árvores se endireitaram, o entulho assentou e o ar se tornou respirável outra vez. Ele tentou falar com o cavalo, mas estava sem voz, e quando olhou para trás, na direção do topo da montanha, viu que ele tinha desaparecido e, em seu lugar, uma haste de rocha e terra jorrava para cima.

Visto de Pompeia, parecia que um forte braço pardo tinha dado um golpe e rompido o pico e pretendia fazer um buraco no teto do céu — bang-bang: aquele estalo duplo — e então um ronco forte, diferente de qualquer outro som da natureza, chegou rolando pela planície. Ampliatus correu para fora com os magistrados. Da padaria ao lado e pela rua toda pessoas saíam para olhar o Vesúvio, protegendo os olhos, o rosto virado para aquele novo sol escuro que nascia no norte sobre seu trovejante plinto de rocha. Ouviram-se alguns gritos, mas não houve um pânico geral. Ainda estava cedo demais, a coisa era muito apavorante — muito estranha e remota — para ser percebida como uma ameaça imediata.

Ampliatus pensou que aquilo fosse acabar a qualquer momento. Ele queria que fosse assim.

Deixe isso amainar e a situação ainda poderá ser controlada. Ele tinha a ousadia, a força de caráter; era tudo uma questão de apresentação. Podia resolver até mesmo aquilo: "Os deuses nos deram um sinal, cidadãos! Prestemos atenção à instrução deles! Vamos construir uma grande coluna, imitando a inspiração celestial! Nós vivemos num local privilegiado!" Mas a coisa não parava. Subia cada vez mais. Mil cabeças inclinaram-se para trás, como se fossem uma, para seguir a trajetória e aos poucos os gritos isolados tornaram-se mais espalhados. O pilar, estreito na base, alargava-se à medida que subia, seu ápice achatando-se pelo céu.

Alguém gritou que o vento o trazia na direção deles.

Foi naquele momento que ele percebeu que perdera. A turba possuía alguns instintos simples — ganância, luxúria, crueldade — e ele sabia tocá-las como as cordas de uma harpa porque ele era da turba e a turba era ele. Mas o medo agudo abafou qualquer outra nota. Ainda assim, ele tentou.

— Esperem! — gritou. — Cuspius, Brittius, vocês todos, deem a mão! Deem o exemplo a eles!

Os covardes nem mesmo olharam para ele. Holconius saiu primeiro, enfiando os ossudos cotovelos na massa de corpos para forçar a descida pela montanha. Brittius foi atrás e depois Cuspius. Popidius deu meia-volta e disparou para dentro da casa. Lá na frente a multidão tornara-se uma massa sólida, enquanto pessoas corriam das ruas laterais para juntar-se a ela, que agora estava de costas para a montanha, de frente para o mar, e seu único impulso: fugir.

Ampliatus teve um último olhar do rosto branco de sua mulher na porta, depois foi engolfado pela multidão em debandada, girou como um dos modelos giratórios de madeira usados para treino da escola de gladiadores. Foi atirado para o lado, esbaforido, e teria desaparecido sob os pés da multidão se Massavo não o tivesse visto cair, agarrando-o e o levando para lugar seguro no degrau. Ele viu uma mãe largar o filhinho e ouviu os gritos dele enquanto era pisoteado, viu uma matrona idosa ser atirada de cabeça contra o muro em frente e depois escorregar, inconsciente, desaparecendo de vista, enquanto a turba passava correndo, indiferente. Alguns gritavam. Outros soluçavam. A maioria estava de boca bem fechada, preocupada em poupar forças para a batalha na base do morro, onde teriam de abrir caminho à força na Porta Estabiana.

Ampliatus, encostado no batente da porta, sentiu uma umidade no rosto; quando tocou no nariz com as costas da mão, esta saiu manchada de sangue.

Olhou por cima da multidão para a montanha, mas esta já desaparecera. Uma imensa parede preta de nuvem avançava em direção à cidade, tão escura quanto uma tempestade. Mas não era uma tempestade, pelo que ele percebeu, e não era uma nuvem; era uma tonitruante cascata de pedras. Ampliatus olhou rápido na outra direção. Ele ainda tinha o barco dourado e vermelho ancorado no porto. Ainda poderiam sair para o mar, tentar seguir para a vila em Miseno, procurar abrigo lá. Mas o amontoado de corpos na rua que levava à porta começava a estender-se morro acima. Ele jamais chegaria ao porto. E, mesmo que chegasse, a tripulação estaria correndo como pudesse para se salvar.

A decisão fora tomada por outros. Então, está resolvido, pensou ele. Aquilo era exatamente como fora dezessete anos antes.

Os covardes tinham fugido, ele ficara, depois todos tinham rastejado de volta! Sentiu a velha energia e confiança voltando. Uma vez mais, o ex-escravo daria aos senhores uma aula da coragem romana. A sibila jamais se enganava. Ele lançou um último e insolente olhar para o rio de pânico que passava por ele correndo, recuou e mandou que Massavo fechasse a porta. Fechasse e trancasse. Iriam ficar e resistir.

Em Miseno, aquilo parecia fumaça. A irmã de Plínio, Julia, passeando no terraço com a sombrinha, colhendo as últimas rosas do verão para a mesa de jantar, presumiu que devia ser mais um dos incêndios nas encostas que tinham castigado a baía o verão inteiro. Mas a altura da nuvem, seu volume e a velocidade de subida não pareciam nada com o que ela já vira na vida. Decidiu que era melhor acordar o irmão, que tirava uma soneca em cima dos livros no jardim abaixo.

Mesmo na carregada sombra da árvore, o rosto dele estava tão vermelho quanto as rosas na cesta dela. Julia hesitou em perturbá-lo, porque estava claro que ele começaria logo a ficar agitado. Plínio a fazia lembrar-se de como o pai deles ficara nos dias que antecederam sua morte — a mesma obesidade, a mesma dificuldade de respirar, a mesma irritabilidade fora do normal. Mas, se ela o deixasse dormir, sem dúvida ficaria ainda mais furioso por ter perdido a fumaça estranha, e por isso acariciou-lhe os cabelos e sussurrou: — Irmão, acorde. Há uma coisa que você vai gostar de ver.

Ele abriu os olhos de imediato.

— A água... está correndo?

— Não. A água não. Parece um grande incêndio na baía, vindo do Vesúvio.

— Vesúvio? — Ele piscou os olhos, depois gritou para um escravo que estava perto: — Meus sapatos! Depressa!

— Vamos, meu irmão, não se esforce demais...

Plínio nem mesmo esperou pelos sapatos. Em vez disso, pela segunda vez naquele dia, saiu descalço, atravessando desajeitado a grama seca, em direção ao terraço. Quando lá chegou, a maior parte dos escravos da casa estava alinhada na balaustrada, olhando para o

leste, do outro lado da baía, para o que parecia um gigantesco pinheiro de copa umbeliforme feito de fumaça que crescia sobre a costa. Um grosso tronco marrom, com nódoas pretas e brancas, rolava quilômetros para o ar, fazendo brotar, na coroa, um feixe de galhos emplumados. As largas folhas pareciam, por sua vez, estar se dissolvendo ao longo das margens inferiores, começando a jorrar de volta para a terra um nevoeiro fino, cor de areia.

Um axioma do almirante, que ele gostava de repetir, era que quanto mais ele observava a natureza, menos sujeito ficava a considerar impossível qualquer afirmativa a respeito dela. Mas não havia dúvida de que aquilo era impossível. Nada do que havia lido — e ele lera tudo — chegava perto de igualar-se àquele espetáculo. Talvez a natureza estivesse lhe dando o privilégio de testemunhar algo nunca antes registrado na história? Aqueles longos anos de acumular fatos, a oração com que ele terminara a *História natural* — "Salve a Natureza, mãe de toda a criação, e lembrando-se de que só eu, entre os homens de Roma, elogiei-a em todas as suas manifestações, tenha misericórdia de mim" — será que finalmente tudo estava sendo recompensado? Se não estivesse tão gordo, ele teria caído de joelhos.

— Obrigado — sussurrou ele. — Obrigado.

Ele tinha de começar a trabalhar imediatamente. Pinheiro de copa umbeliforme... tronco grosso... galhos emplumados... Precisava anotar tudo aquilo para a posteridade, enquanto as imagens ainda estavam frescas em sua mente. Gritou para Alexion, mandando que ele apanhasse pena e papel, e para Julia, pedindo que fosse buscar Gaius.

— Ele está lá dentro, trabalhando na tradução que você o mandou fazer.

— Pois diga-lhe para vir aqui fora imediatamente. Ele não vai querer perder isso.

Não podia ser fumaça, pensou ele. Era espessa demais. Além disso, não havia sinal algum de incêndio na base. Mas, se não era fumaça, o que seria?

— Calem a boca, seus danados! Ele fez sinal para que os escravos parassem de tagarelar. Ouvindo com atenção, era possível

distinguir um ronco baixo e incessante vindo do outro lado da baía. Se era assim que ele soava a uma distância de vinte e quatro quilômetros, como seria de perto? Fez um gesto para que Alcman se aproximasse.

— Mande um mensageiro até a escola naval para procurar o capitão da nau capitânia. Diga-lhe que eu quero uma liburna preparada e colocada à minha disposição.

— Irmão... não!

— Julia! — Ele ergueu a mão. — Eu sei que você é bem-intencionada, mas poupe o fôlego. Este fenômeno, seja lá o que for, é um aviso da natureza. Este é meu.

Corelia abriu os postigos e estava de pé na varanda. A sua direita, acima do telhado plano do átrio, uma gigantesca nuvem avançava, preta como tinta, como uma pesada cortina sendo fechada no céu. O ar vibrava com trovoadas. Ela ouvia gritos vindos da rua. No jardim do pátio, escravos corriam de um lado para o outro, sem finalidade aparente. Eles a faziam lembrar-se de arganazes numa jarra, antes de serem pescados para serem cozidos. Sentia-se um tanto separada da cena — uma espectadora num camarote situado no fundo de um teatro, assistindo a uma produção requintada. A qualquer momento um deus seria baixado dos bastidores para apanhá-la e levá-la para um lugar seguro.

— O que está acontecendo? — gritou ela lá de cima, mas ninguém prestou atenção. Tentou de novo e percebeu que tinha sido esquecida.

O rufar da nuvem ia ficando mais alto. Ela correu para a porta e tentou abri-la, mas a tranca era forte demais para ser quebrada. Corelia correu de volta para a varanda, mas esta era muito alta.

Lá embaixo, à esquerda, ela viu Popidius subindo os degraus que saíam da sua parte na casa, guiando a mãe idosa, Taedia Secunda, que ia na frente. Alguns dos escravos, carregados de sacolas, seguiam atrás.

— Popidius! — gritou ela. Ao som de seu nome ele parou e olhou em volta. Ela acenou. — Me ajude! Ele me trancou aqui!

Popidius abanou a cabeça, desesperado.

— Ele está tentando trancar todos nós aqui! Ele ficou doido!

— Por favor... suba e abra a porta! Ele hesitou. Queria ajudá-la. E teria ajudado. Mas, no momento em que dava meio passo na direção dela, algo atingiu o telhado e quicou para o jardim. Uma pedra pequena, do tamanho de um punho de criança. Ele a viu bater no chão. Uma outra atingiu a pérgula. E de repente escureceu e o ar ficou cheio de mísseis. Ele estava sendo atingido repetidas vezes na cabeça e nos ombros. Pareciam pedras espumosas: uma esponja esbranquiçada, petrificada. Não eram pesadas, mas machucavam. Era como ser apanhado numa repentina chuva de granizo — uma chuva de granizo quente, escura e seca, se é que se podia imaginar uma coisa dessas.

Popidius correu para a proteção do átrio, não ligando para os gritos de Corelia, empurrando a mãe à frente. A porta adiante — a antiga entrada da casa de Ampliatius — estava aberta e ele saiu cambaleando para a rua.

Corelia não o viu sair. Ela se abaixou e correu de volta para o quarto, para fugir ao bombardeio.

Teve uma última impressão do mundo lá fora, sombrio na terra, e então todas as luzes foram extintas e não havia nada a não ser uma escuridão total, nem mesmo um grito, só o ronco da cascata de pedra.

Em Herculano a vida estava singularmente normal. O sol brilhava, o céu e o mar estavam de um azul brilhante. Quando Attilius chegou à estrada costeira, podia até ver pescadores em seus barcos jogando as redes. Era como um truque do tempo, pelo qual metade da baía estava oculta por uma violenta tempestade, enquanto a outra metade abençoava a boa sorte e continuava a aproveitar o dia. Até mesmo o barulho vindo da montanha parecia não ser ameaçador — um ronco ao fundo, seguindo com o véu de fragmentos de rocha para a península de Sorrento.

Do lado de fora das portas de Herculano, uma pequena multidão se reunira para assistir aos acontecimentos, e alguns comerciantes empreendedores estavam instalando barracas para vender massas e vinho. Uma fila de viajantes sujos de poeira já se arrastava pela estrada, a maioria a pé e levando bagagem, alguns com carroças com grandes pilhas de pertences.

Crianças iam correndo atrás, desfrutando a aventura, mas a expressão facial de seus pais estava rígida de medo. Attilius sentiu como se estivesse num sonho. Um homem gordo, a boca cheia de bolo, sentado num marco de distância, gritou, alegre, para perguntar como estava lá atrás.

— Tão preto quanto a meia-noite em Oplontis — respondeu alguém — e Pompeia deve estar ainda pior.

— Pompeia? — disse Attilius, rápido. Aquilo o despertou. — O que está acontecendo em Pompeia? O viajante abanou a cabeça, passando o dedo pela garganta, e Attilius recuou, lembrando-se de Corelia. Quando ele a obrigara a deixar o aqueduto, pensava estar mandando-a para um lugar seguro. Mas agora, enquanto seus olhos seguiam a curva da estrada para Pompeia, até o ponto em que ela desaparecia nas trevas, percebeu que tinha feito o contrário. O jato que saía do Vesúvio, apanhado pelo vento, estava soprando diretamente sobre a cidade.

— Não vá por ali, cidadão — avisou o homem —, não há passagem.

Mas Attilius já estava virando o cavalo para ficar de frente para a corrente de refugiados.

Quanto mais ele avançava, mais obstruída ficava a estrada e mais lamentável ficava o estado da população em fuga. A maioria estava coberta por uma espessa poeira cinzenta, os cabelos crestados, os rostos como máscaras da morte, salpicados de sangue. Algumas pessoas levavam tochas, ainda acesas: um derrotado exército de velhos embranquecidos, de fantasmas, arrastando-se para longe de uma derrota calamitosa, impossibilitados até de falar. Seus animais — bois, burros, cavalos, cachorros e gatos — pareciam figuras de alabastro que, com um som rangente, tinham adquirido vida. Atrás deles, pela estrada, havia uma trilha de marcas de rodas e pegadas nas cinzas. De um lado de Attilius, ouviam— se estalos isolados vindos dos olivais. Do outro, o mar parecia ferver numa miríade de pequeninas fontes. Houve um estrondo de pedras sobre a estrada adiante. O cavalo parou, abaixou a cabeça, recusou-se a andar. De repente, a margem da nuvem, que parecia estar a quase oitocentos metros de distância, pareceu correr na direção deles. O

céu estava escuro, agitando-se com pequeninos projéteis, e num instante o dia passou de sol da tarde para crepúsculo e ele ficou sob um bombardeio. Não pedras duras, mas escumalha branca, pequenos torrões de cinza solidificada, caindo de uma altura tremenda. Eles quicavam na sua cabeça e nos ombros. Pessoas e carroças surgiam da meia-luz. Mulheres gritavam. Tochas reduziam o brilho na escuridão. O cavalo se assustou e se virou. Attilius deixou de ser um salvador e tornou-se mais uma parte da apavorada corrente de refugiados, tentando freneticamente correr mais do que a tempestade de detritos. Seu cavalo escorregou pelo lado da estrada para a vala e seguiu a meio galope por ela. Depois, o ar ficou mais leve, tornou-se pardacento, e de repente eles estavam de volta à luz do sol.

Agora todo mundo se apressava, galvanizado pela ameaça atrás deles. Não apenas a estrada para Pompeia estava intransitável, pelo que Attilius concluiu, mas uma ligeira mudança no vento estava espalhando o perigo para o oeste, em torno da baía. Um casal de idosos estava sentado, chorando, à beira da estrada, exaustos demais para correr além daquele ponto. Uma carroça tinha virado e um homem tentava desesperadamente recolocá-la de pé, enquanto sua mulher acalmava um bebê e uma garotinha agarrava-se às suas saias. A coluna em fuga passou correndo por eles e Attilius foi carregado pelo fluxo, levado de volta pela estrada para Herculano.

O deslocamento do muro de rocha cadente tinha sido percebido nas portas da cidade, e quando ele chegou a elas os comerciantes apressavam-se a empacotar seus produtos. A multidão se dissolvia, algumas pessoas se dirigindo para a proteção da cidade, outras saindo dela em grande quantidade para se juntar ao êxodo na estrada. E ainda assim, em meio a tudo aquilo, Attilius via, por cima dos telhados vermelhos, a normalidade dos pescadores na baía e, mais ao longe, os grandes navios graneleiros vindos do Egito dirigindo-se para as docas em Putédos. O mar, pensou ele: se conseguisse lançar um barco ao mar, bem que poderia contornar a chuva de pedras e aproximar-se de Pompeia pelo sul — por mar. Ele calculou que seria inútil tentar abrir caminho à força até a beira do cais em Herculano, mas a grande vila fora da cidade — a casa do

senador Pedius Cascus, com sua tropa de filósofos — talvez tivesse um barco que ele pudesse usar.

Cavalgou um pouco mais pela estrada lotada, até chegar a um alto par de pilares de portão, que ele imaginou pertencer à Villa Calpurnia. Amarrou o cavalo a uma grade no pátio e correu os olhos em volta procurando algum sinal de vida, mas o enorme palácio parecia deserto.

Atravessou a porta aberta para o grande átrio, depois seguiu pelo lado do jardim fechado.

Ouviu gritos, passos correndo pelos corredores de mármore, e então um escravo apareceu a um canto empurrando um carrinho de mão com grande quantidade de rolos de papiro. Ele não ligou para os gritos de Attilius e passou por uma larga porta para a brilhante luz da tarde enquanto outro escravo, também empurrando um carrinho de mão — vazio — passou correndo pela porta e entrou na casa. O engenheiro bloqueou-lhe o caminho.

— Onde está o senador?

— Ele está em Roma. — O escravo era jovem, estava aterrorizado e suando.

— Sua patroa?

— Na beira da piscina. Por favor... me deixe passar.

Attilius afastou-se para o lado para deixá-lo passar e correu para a luz do sol. Embaixo do terraço estava a enorme piscina que ele tinha visto da liburna na viagem para Pompeia, e havia gente em toda a sua volta: dúzias de escravos e eruditos de mantos brancos, correndo de um lado para o outro levando braçadas de papiros, empilhando-os em caixas à beira d'água, enquanto um grupo de mulheres se mantinha a um lado, olhando ao longo da costa para a tempestade distante, que dali parecia um imenso nevoeiro marítimo. Os barcos ao largo de Herculano eram meros gravetos em contraste com ele. A pesca fora interrompida. As ondas estavam ficando maiores. Attilius as ouvia quebrando na costa em rápida sucessão; assim que uma arrebentava, vinha outra em cima. Algumas das mulheres se lamuriavam, mas a matrona idosa que estava no centro do grupo, num vestido azulmarinho, parecia calma enquanto Attilius

se aproximava. Ele se lembrava dela — a mulher com o colar de pérolas gigantescas.

— A senhora é a esposa de Pedius Cascus? Ela confirmou com a cabeça.

— Marcus Attilius. Engenheiro imperial. Conheci seu marido duas noites atrás, na residência do almirante.

Ela olhou para ele ansiosa.

— Foi Plínio que mandou o senhor aqui?

— Não. Eu vim pedir um favor. Pedir um barco.

Ela assumiu uma expressão desapontada.

— O senhor acha que se eu tivesse um barco estaria aqui? Meu marido o levou ontem para Roma.

Attilius correu os olhos pelo imenso palácio, olhando para as estátuas e os jardins, para os tesouros artísticos e livros empilhados nos gramados. Fez meia-volta para se retirar.

— Espere! — bradou ela. — O senhor tem de nos ajudar.

— Não há nada que eu possa fazer. As senhoras terão de se arriscar na estrada com os demais.

— Eu não tenho medo por mim. Mas a biblioteca, temos de salvar a biblioteca. Há livros demais para transportar pela estrada.

— Estou preocupado com pessoas, não com livros.

— As pessoas morrem. Os livros são imortais.

— Pois então, se os livros são imortais, sobreviverão sem minha ajuda.

Ele começou a subir pela trilha de volta para a casa.

— Espere! — Ela segurou as saias e correu atrás dele.

— Aonde o senhor vai? — Arranjar um barco.

— Plínio tem barcos. Plínio tem a maior frota do mundo sob suas ordens.

— Plínio está do outro lado da baía.

— Olhe para o outro lado do mar! Uma montanha inteira está ameaçando desabar sobre nós! O senhor acha que um homem num barquinho pode fazer alguma coisa? Nós precisamos de uma frota. Venha comigo!

Uma coisa ele reconhecia nela: a força de vontade de um homem. Attilius a seguiu pelo caminho de colunas que cercava a

piscina, subiu um lance de escada e entrou na biblioteca. A maioria dos compartimentos tinha sido esvaziada por completo. Alguns escravos estavam carregando o que restava num carrinho de mão. Cabeças de mármore de antigos filósofos olhavam lá de cima, mudos de espanto com o que estava acontecendo.

— É aqui que guardamos os volumes que meus ancestrais trouxeram da Grécia. Cento e vinte peças de teatro só de Sófocles. Todas as obras de Aristóteles, algumas de próprio punho. Elas são insubstituíveis. Nunca deixamos que fossem copiadas. — Ela agarrou-lhe o braço. — Homens nascem e morrem aos milhares de hora em hora. O que nós valemos? Essas grandes obras são tudo o que restará de nós. Plínio vai compreender.

Ela se sentou a uma pequena mesa, pegou de uma pena e molhou-a num floreado tinteiro de metal. Uma vela vermelha tremeluzia ao lado dela.

— Leve esta carta a Plínio. Ele conhece esta biblioteca. Diga que Rectina implora a ajuda dele.

Atrás dela, do outro lado do terraço, Attilius via a ominosa escuridão deslocando-se com regularidade em torno da baía, como a sombra de um relógio de sol. Ele pensou que ela pudesse diminuir, mas na verdade a força da escuridão se intensificava. Ela estava certa. Seria preciso usar navios grandes — navios de guerra — para fazer qualquer efeito contra um inimigo daquela proporção. Ela enrolou a carta e selou-a com a vela que pingava, apertando seu anel contra a cera macia.

— O senhor tem um cavalo?

— Eu iria mais depressa com um cavalo descansado.

— Vai tê-lo. — Ela chamou um dos escravos. — Leve Marcus Attilius aos estábulos e sele o cavalo mais rápido que tivermos.

Ela entregou a carta a Attilius e, enquanto ele a pegava, segurou-lhe o pulso com os dedos secos e ossudos.

— Não me decepcione, engenheiro.

Ele puxou a mão para soltá-la e correu atrás do escravo.

HORA NONA



15h32

"O efeito da súbita liberação de imensos volumes de magma pode alterar a geometria do sistema de encanamento, desestabilizar o reservatório raso e induzir o colapso estrutural. Uma situação dessas frequentemente aumenta a intensidade da erupção, induzindo o contato entre fluidos freáticos e magma, bem como a descompressão explosiva do sistema hidrotermal associada ao reservatório raso."

ENCYCLOPAEDIA OF VOLCANOES

Para Attilius, foi preciso pouco menos de duas horas de tenaz cavalgar para chegar a Miseno.

A estrada serpenteava ao longo da linha da costa, às vezes correndo diretamente ao lado da beira-mar, outras vezes subindo mais para o interior, passando pelas imensas vilas da elite romana. O tempo todo ele passou por pequenos grupos de espectadores reunidos à beira da estrada para ver o fenômeno distante. Na maior parte do tempo ele ficou de costas para a montanha, mas quando

contornou a margem norte da baía e começou a descer em direção a Nápoles, pôde vê-la de novo, lá ao longe, à sua esquerda — agora uma coisa de extraordinária beleza. Um delicado véu de névoa branca enrolara-se na coluna central, subindo um quilômetro atrás do outro num perfeito cilindro translúcido, esticando-se para roçar a margem inferior da nuvem em forma de cogumelo que tombava sobre a baía.

Não havia sentido de pânico em Nápoles, que na maior parte do tempo era um lugar sonolento.

Ele ultrapassara, de muito, os refugiados cheios de pertences que surgiam por baixo da chuva de pedras, e nenhuma notícia da catástrofe que envolvia Pompeia ainda chegara à cidade. Os templos e teatros em estilo grego, de frente para o mar, brilhavam de tão brancos ao sol da tarde.

Turistas passeavam nos jardins. Nos morros atrás da cidade ele via a arcada de tijolos vermelhos do Aqua Augusta, onde ele surgia acima da superfície. Attilius ficou imaginando se a água ainda corria, mas não teve coragem de parar para descobrir. Na verdade, ele não se importava. Aquilo que antes parecia o problema mais vital do mundo tivera sua importância reduzida a zero. O que eram Exomnius e Corax agora, a não ser pó? Nem mesmo pó; praticamente nem mesmo uma lembrança. Ele se perguntou o que teria acontecido com os outros homens. Mas a imagem da qual não conseguia se livrar era Corelia — a maneira de jogar os cabelos para trás enquanto montava no cavalo, e o modo como desaparecera ao longe, seguindo a estrada que ele preparara para ela -para o destino que ele, e não o Destino, decretara.

Ele atravessou Nápoles e saiu de novo para o campo aberto, entrando no túnel-estrada que Agripa escavara sob o promontório de Pausílipo — no qual as tochas dos escravos das estradas, como Sêneca observara, não tanto furavam a escuridão quanto a revelavam — passando pelos imensos cais de concreto para grãos do porto de Putéolos — mais dos projetos de Agripa — passando pelos arredores de Cumas — onde se dizia que a sibila se pendurava na sua garrafa e desejava a morte — passando pelos enormes viveiros de ostras do lago Averno, passando pelas grandes termas em

terraços de Baía, passando pelos bêbados nas praias e pelas lojas de suvenires com seus vidros pintados de cores vivas, as crianças soltando pipa, os pescadores remendando as redes de linho à beira dos cais, os homens jogando dados à sombra dos oleandros, passando pela centúria de marinheiros em uniforme completo correndo à marcha acelerada pela base naval, passando pela vida movimentada da superpotência romana, enquanto no lado oposto da baía o Vesúvio emitia um segundo e rufante estrondo, transformando a fonte de pedras de cinza para preto e empurrando-a ainda mais alto.

A maior preocupação de Plínio era de que tudo pudesse ter acabado antes mesmo que ele chegasse lá. Com muita frequência ele saía gingando da biblioteca para verificar o avanço da coluna. Todas as vezes, ficava convencido. De fato, quando nada, ela parecia crescer. Era impossível fazer uma estimativa precisa da altura. Posidônio afirmava que nevoeiros, ventos e nuvens não se erguiam a mais de oito quilômetros acima da terra, mas a maioria dos entendidos — e Plínio, depois de analisados todos os pontos relevantes, adotava o ponto de vista da maioria — fixava o número em 178 quilômetros. Fosse qual fosse a verdade, a coisa — a coluna — "a manifestação", como ele se decidira a chamá-la — era enorme.

Para fazer com que suas observações tivessem o grau de precisão possível, ele mandara que seu relógio de água fosse levado para o porto e instalado no tombadilho de popa da liburna. Enquanto aquilo estava sendo feito e o navio era preparado, ele procurava em sua biblioteca referências ao Vesúvio. Ele nunca prestara muita atenção à montanha. Ela era tão grande, tão óbvia, estava tão inevitavelmente lá, que ele preferia se concentrar nos aspectos mais esotéricos da natureza. Mas, o primeiro trabalho que consultou, a *Geografia*, de Estrabo, fez com que ele parasse de repente. "Esta área parece ter pegado fogo no passado e ter tido crateras de chamas [...]"

Por que ele nunca reparara naquilo? Chamou Gaius para dar uma olhada.

— Está vendo aqui? Ele compara a montanha ao Etna. No entanto, como é possível? O Etna tem uma cratera com três

quilômetros de diâmetro. Eu a vi com meus próprios olhos, brilhando mar adentro à noite. E todas aquelas ilhas que cuspiam chamas — Estrongile, governada por Eolo, deus dos ventos, Lipari, e a ilha Santa, onde dizem que mora Vulcano — , pode-se vê-las todas queimando. Ninguém comunicou, algum dia, brasas no Vesúvio.

— Ele diz que as crateras de chamas "acabaram sendo extintas por falta de combustível"— salientou o sobrinho. — Talvez isso signifique que uma nova fonte de combustível foi encontrada pela montanha e a fez reviver. — Gaius ergueu o olhar, agitado. — Será que isso poderia explicar a chegada de enxofre à água do aqueduto?

Plínio o olhou com um novo respeito.

Sim.

O rapaz tinha razão. Devia ser isso. Enxofre era o combustível universal de todos aqueles fenômenos — a espiral de chamas em Comphantium, em Bactriana, o tanque incandescente de peixes na planície babilônia, o campo de estrelas perto do monte Hespério, na Etiópia. Mas as implicações disso foram terríveis: certa vez, Lipari e a ilha Santa arderam dias sem parar no meio do mar, até que uma delegação enviada pelo Senado partiu para realizar uma cerimônia propiciatória. Um incêndio explosivo semelhante no continente italiano, no meio de uma população muito numerosa, poderia ser um desastre. Num impulso, ele se pôs de pé.

— Tenho que descer para o navio. Alexion! — gritou ele ao escravo. — Gaius, por que não vem comigo? Deixe a sua tradução. — Ele estendeu a mão e sorriu. — Eu o libero de sua lição.

— É mesmo, tio? — Gaius olhou para o outro lado da baía e chupou o lábio. Era evidente que ele também percebera as consequências potenciais de um segundo Etna sobre a baía. — É bondade sua, mas para ser sincero, na verdade, cheguei a um trecho muito difícil. Claro, se o senhor insiste...

Plínio percebeu que ele estava com medo, e quem poderia condená-lo? Sentiu uma contração de apreensão no estômago, e era um velho soldado. Passou-lhe pela mente ordenar que o rapaz fosse com ele — jamais um romano devia sucumbir ao medo: o que acontecera com os rígidos valores de sua juventude? — mas então

pensou em Julia. Seria justo expor o único filho dela a um perigo desnecessário?

— Não, não — disse ele, com uma animação forçada. — Eu não vou insistir. O mar parece agitado. Vai deixar você enjoado. Fique aqui e tome conta de sua mãe. — Ele beliscou a bochecha coberta de sinais do sobrinho e agitou os cabelos engordurados. — Você vai dar um bom advogado, Gaius Plinius. Talvez um grande advogado. Posso vê-lo no Senado um dia. Você vai ser meu herdeiro. Meus livros serão seus. O nome de Plínio viverá em você... — Ele parou.

Aquilo começava a parecer um discurso de despedida. Ríspido, ele disse: — Volte aos estudos. Diga a sua mãe que eu estarei de volta ao cair da noite.

Apoiando-se no braço do secretário, e sem olhar para trás, o almirante saiu da biblioteca arrastando os pés.

Attilius tinha passado pela Piscina Mirabilis a cavalo, pela estrada elevada que dava ao porto, e começava a subida da íngreme estrada para a vila do almirante, quando viu um destacamento de marinheiros à frente, abrindo caminho para o coche de Plínio. Só teve tempo de desmontar e entrar na rua antes que o cortejo chegasse até ele.

— Almirante!

Plínio, olhando fixo para a frente, voltou-se vagamente em sua direção. Viu uma figura que não reconheceu, coberta de poeira, a túnica rasgada, o rosto, braços e pernas riscados de sangue seco. A aparição tornou a falar.

— Almirante! É Marcus Attilius!

— Engenheiro? — Plínio fez um sinal para que o coche parasse. — O que houve com você?

— É uma catástrofe, almirante. A montanha está explodindo... chovendo pedra... — Attilius lambeu os lábios rachados. — Centenas de pessoas estão fugindo para o leste pela estrada costeira. Oplontis e Pompeia estão sendo sepultadas. Eu vim a cavalo de Herculano. Tenho uma mensagem para o senhor... — ele procurou no bolso — ... da esposa de Pedius Cascus.

— Rectina? — Plínio tirou a carta das mãos dele e rompeu o laço. Leu-a duas vezes, a expressão se fechando, e de repente pareceu estar passando mal. Debruçou-se no lado do coche e mostrou a apressada garatuja a Attilius: "Plínio, queridíssimo amigo, a biblioteca corre perigo. Eu estou sozinha. Peço-lhe que venha nos buscar por mar imediatamente — se ainda amar estes velhos livros e a sua fiel velha Rectina."

— Isso é mesmo verdade? — perguntou ele. — A Villa Calpurnia está ameaçada?

— A costa inteira está ameaçada, almirante. — O que havia de errado com o velho? Será que a bebida e a idade tinham embotado suas faculdades mentais? Ou ele pensava que tudo aquilo era um espetáculo, um grande espetáculo no anfiteatro, montado para interessá-lo? — O perigo segue o vento. Oscila como um cata-vento. É possível que nem mesmo Miseno esteja a salvo.

— Nem mesmo Miseno esteja a salvo — repetiu Plínio. — E Rectina está sozinha.

Os olhos dele lacrimejavam. Ele enrolou a carta e gesticulou para o secretário, que estivera correndo com os marinheiros ao lado do coche.

— Onde está Antius?

— No cais, almirante.

— Precisamos andar depressa. Suba aqui para o meu lado, Attilius. — Ele bateu com o anel no lado do coche. — Avante! — Attilius apertou-se ao lado dele enquanto o coche disparava morro abaixo. — Agora me conte tudo o que você viu.

Attilius tentou ordenar os pensamentos, mas era difícil falar com coerência. Mesmo assim, tentou passar a força do que ele tinha visto quando o telhado da montanha se levantara. E o estouro do cume, disse ele, era apenas o ponto culminante de uma grande quantidade de outros fenômenos — o enxofre no solo, os poços de gás nocivo, os tremores de terra, o inchaço da terra que cortou a matriz do aqueduto, o desaparecimento de fontes locais. Todas essas coisas estavam interligadas.

— E nenhum de nós reconheceu isso. — Plínio sacudiu a cabeça. — Ficamos tão cegos quanto o velho Pomponianus, que

achava ser obra de Júpiter.

— Não é bem assim, almirante. Um homem reconheceu, um nativo da região perto do Etna: o meu predecessor, Exomnius.

— Exomnius? — disse Plínio, com voz estridente. — O que escondeu duzentos e cinquenta mil sestércios no fundo do reservatório que ele controlava? — Ele percebeu a perplexidade no rosto do engenheiro. — Isso foi descoberto hoje de manhã, depois que o que restava de água escoou. Por quê? Você sabe como ele conseguiu aquele dinheiro?

Estavam entrando nas docas. Attilius viu uma coisa familiar — a Minerva atracada de lado no cais, o mastro principal levantado e pronta para partir — e pensou como era estranha a cadeia de acontecimentos e circunstâncias que o levava até aquele lugar naquele momento. Se Exomnius não fosse siciliano de nascimento, jamais teria se aventurado a subir o Vesúvio e nunca teria desaparecido, Attilius jamais teria sido enviado de Roma, jamais teria posto os pés em Pompeia, jamais teria conhecido Corelia ou Ampliatus ou Corax. Por um curto espaço de tempo ele percebeu a extraordinária e perfeita lógica de tudo aquilo, do peixe envenenado à prata escondida, e tentou pensar na melhor maneira de explicar tudo ao almirante. Mas mal deu para começar antes de Plínio fazer um gesto mandando que parasse.

— A mesquinhez e a avareza do homem! — disse ele, impaciente. — Isso daria um livro específico. O que qualquer detalhe tem de importante agora? Ponha isso num relatório e esteja com ele pronto para quando eu voltar. E o aqueduto?

— Reparado, almirante. Pelo menos estava quando o deixei hoje de manhã.

— Neste caso, você fez um bom trabalho, engenheiro. E isso será comunicado a Roma, eu lhe prometo. Agora volte para seu alojamento e descanse.

O vento fazia com que os cabos batessem no mastro da Minerva. Torquatus estava ao lado da prancha de popa, conversando com o comandante da nau capitânia, Antius, e um grupo de sete oficiais. Eles ficaram em posição de sentido quando o coche de Plínio se aproximou.

— Almirante, com a sua permissão, eu prefiro ir com o senhor. Plínio olhou para ele surpreso, depois sorriu e deu umas batidinhas com a mão rechonchuda no joelho de Attilius.

— Um cientista! Você é igual a mim! Eu sabia, desde que o vi! Nós vamos fazer grandes coisas hoje, Marcus Attilius!

Com voz ofegante, ele dava as ordens mesmo enquanto o secretário o ajudava a sair do coche.

— Torquatus... vamos partir imediatamente. O engenheiro vai conosco. Antius... toque o alarme geral. Transmita uma mensagem a Roma em meu nome: "Vesúvio explodiu pouco antes da sétima hora. A população da baía está ameaçada. Estou pondo a frota inteira ao mar para evacuar sobreviventes."

Antius olhou para ele com os olhos arregalados. — A frota inteira, almirante?

— Tudo o que flutuar. O que você tem lá? — Plínio fixou os olhos míopes no porto externo, onde os navios de guerra estavam ancorados, oscilando com o mar que se agitava. — O Concórdia eu estou vendo, não é ele? O Libertas. Justitia. E qual é aquele lá — o Pieras? O Europa. — Ele abanou a mão. — Todos eles. E tudo o que estiver no porto interno que não esteja em dique seco. Vamos, Antius! Uma noite dessas, você estava reclamando que tínhamos a frota mais poderosa do mundo mas ela jamais entrava em ação! Pois bem, ação é o que você vai ter!

— Mas ação requer um inimigo, almirante!

— Lá está o seu inimigo. — Ele apontou para a nuvem escura que se espalhava ao longe. — Um inimigo mais poderoso do que qualquer força que César já enfrentou.

Por um instante Antius não se mexeu e Attilius se perguntou se ele podia até estar pensando em desobedecer, mas então surgiu um brilho em seus olhos e ele voltou-se para os oficiais.

— Vocês ouviram as ordens. Enviem a mensagem por sinais ao imperador e deem o toque de reunir geral. E avisem que eu corto o saco de qualquer capitão que não estiver no mar dentro de meia hora.

Foi na metade da nona hora, de acordo com o relógio de água do almirante, que a Minerva foi empurrada para longe do cais e

lentamente começou a girar para ficar de frente para o mar aberto. Attilius assumiu a antiga posição, encostado na amurada e fez um sinal com a cabeça para Torquatus. O capitão respondeu com um leve abanar de cabeça, como se para dizer que achava que a aventura era uma loucura.

— Anote a hora — ordenou Plínio, e Alexion, agachado ao lado dele, mergulhou a pena na tinta e escreveu um número.

Uma cadeira confortável, com braços e um espaldar alto, tinha sido instalada para o almirante no pequeno convés, e daquela posição elevada ele examinava o cenário. Nos últimos dois anos ele sonhara comandar a frota em combate — sacar aquela imensa espada de sua bainha — mesmo sabendo que Vespasiano o nomeara apenas como administrador em tempo de paz, para evitar que a lâmina enferrujasse. Mas já chegava de exercícios. Agora, finalmente, ele podia ver como eram realmente as estações de combate: as lancinantes notas das trombetas atraindo homens de todos os cantos de Miseno, os barcos a remo levando os primeiros marinheiros até as imensas quadrirremes, a guarda avançada já embarcando nos navios de guerra e espalhando-se pelos conveses, os grandes mastros sendo erguidos, os remos preparados. Antius prometera-lhe que teria vinte navios prontos imediatamente. Aquilo significava quatro mil homens — uma legião! Quando a Minerva apontou diretamente para leste, a dupla fileira de remos tocou a água, os tambores começaram a bater sob o convés e o navio arrancou para a frente. Plínio ouvia a sua bandeira pessoal, adornada com a águia imperial, pegando o vento do cadaste de popa atrás dele. A brisa batia-lhe no rosto. Sentiu um aperto de expectativa no estômago. A cidade toda saía para assistir. Ele via as pessoas alinhadas nas ruas, debruçadas nas janelas, de pé nos telhados planos. Uma fraca ovação atravessou a baía. Ele procurou na encosta do morro a sua vila, viu Gaius e Julia do lado de fora da biblioteca e ergueu o braço. Uma outra ovação saudou o gesto.

— Está vendo a volubilidade da turba? — bradou ele para Attilius. — Ontem à noite eles cuspiram em mim na rua. Hoje eu sou um herói. Eles só vivem para um espetáculo! — Ele tornou a acenar.

— É... e veja o que vão fazer amanhã — sussurrou Torquatus — se metade dos homens deles for perdida.

Attilius ficou surpreso com a ansiedade dele.

— Acha que corremos tanto perigo assim? — perguntou ele, baixinho.

— Esses navios parecem fortes, engenheiro, mas são amarrados com corda. Eu teria prazer de lutar contra qualquer inimigo mortal. Mas só um louco entra em combate com a natureza.

O piloto da proa deu um grito de aviso e o timoneiro, em pé atrás do almirante, empurrou a cana do leme. A Minerva seguiu entre os navios de guerra ancorados, perto o bastante para que Attilius visse o rosto dos marinheiros nos conveses, e depois tornou a mudar de rumo, passando ao longo do muro rochoso natural do porto, que parecia se abrir lentamente, como a porta com rodas de um grande templo. Pela primeira vez eles tiveram uma visão nítida do que acontecia no outro lado da baía.

Plínio agarrou os braços da cadeira, emocionado demais para falar. Mas então lembrou-se de seu dever para com a ciência.

— Depois do promontório de Pausílipo — ditou ele, hesitante — o Vesúvio inteiro e a costa que o cerca estão cobertos por uma nuvem levada pelo vento, de cor cinza-esbranquiçada e com listras pretas. — Mas aquilo estava muito brando, pensou: ele precisava transmitir uma certa sensação de medo respeitoso. -Projetando-se acima disso tudo, inchando e desenrolando-se, como se as quentes entranhas da terra estivessem sendo extraídas e arrastadas em direção aos céus, ergue-se a coluna central da manifestação. — Assim estava melhor. -Ela cresce como se sustentada por um jato contínuo. Mas no seu ponto máximo de altura o peso da matéria expelida se torna demasiado e, ao pressionar para baixo, espalha-se para os lados. Você não estaria de acordo, r engenheiro? — bradou ele. — E o peso que está espalhando-a para os lados? — O peso, almirante — bradou Attilius em resposta. — Ou o vento.

— Sim, bem pensado. Acrescente isso ao registro, Alexion. O vento parece mais forte na altitude maior e, por isso, derruba a manifestação para sudeste. -Ele fez um gesto para Torquatus. — Devemos aproveitar esse vento, capitão! A todo pano! — Loucura —

disse Torquatus a Attilius, num sussurro. — Que tipo de comandante procura uma tempestade? — Mas gritou para seus oficiais: — Icem a vela mestra! O mastro transverso que apoiava a vela foi erguido de seu lugar de repouso no centro do casco e Attilius teve de correr desajeitado para a popa enquanto marinheiros de cada lado agarravam os cabos e começavam a erguer o mastro. A vela ainda estava enrolada e, quando chegou à posição embaixo do carchesium — "o copo para beber", como chamavam a plataforma de observação — um menino de não mais do que dez anos de idade, com a ajuda das mãos e dos pés, subiu no mastro, desfazendo as amarrações. Quando a última foi desfeita, a pesada vela de linho caiu e se encheu imediatamente, esticando-se com a força do vento. A Minerva estalou e ganhou velocidade, navegando de vento em popa pelas ondas, levantando cachos de espuma branca de ambos os lados de sua pontuda proa, como um cinzel cortando madeira macia.

Plínio sentiu suas energias se encherem com a vela. Apontou para a esquerda.

— Lá está o nosso destino, capitão. Herculano! Siga direto para a costa... para a Villa Calpurnia! — Sim, almirante! Timoneiro... leve-nos para leste! A vela estalou e o navio se inclinou. Uma onda de borrifos deixou Attilius ensopado — uma sensação magnífica. Ele esfregou o rosto para tirar a poeira e passou as mãos pelos cabelos imundos. No porão, os tambores tinham aumentado para um ritmo alucinante e os remos tornaram-se uma mancha nas ondas e nos borrifos que batiam no navio. O secretário de Plínio teve de colocar os braços sobre os papéis, para evitar que fossem levados pelo vento. Attilius ergueu os olhos para o almirante. Plínio estava inclinado para a frente na cadeira, as bochechas gordas brilhando com os borrifos de água do mar, os olhos cintilando de agitação, sorrindo muito, sem nenhum traço da antiga exaustão. Era um soldado de cavalaria montado outra vez, avançando pesadamente pela planície alemã, dando na mão, para destruir os bárbaros.

— Vamos salvar Rectina e a biblioteca e levá-las para um lugar seguro; depois, juntar-nos a Antius e o resto da frota para evacuar pessoas ao longo da costa. O que lhe parece isto, capitão?

— Como o almirante quiser — respondeu Torquatus formalmente. — Posso perguntar que horas o seu relógio mostra? — O começo da décima hora — respondeu Alexion.

O capitão ergueu as sobrancelhas.

— Quer dizer, então... que só restam três horas para a plena luz do dia.

Ele deixou a inferência no ar, mas o almirante a descartou com um gesto de mão.

— Veja a velocidade a que estamos indo, capitão! Logo chegaremos à costa.

— Sim, e o vento que nos empurra para a frente vai tornar difícil voltar a navegar.

— Marinheiros! — zombou o almirante acima do barulho das ondas. — Está ouvindo, engenheiro? Juro que são piores do que fazendeiros quando se trata das condições do tempo. Eles se lamuriam quando não há vento e depois reclamam ainda mais alto quando há!

— Almirante! — Torquatus fez a saudação. — Com sua licença. Ele girou sobre os calcanhares, maxilares apertados, e seguiu, cambaleando, para a proa.

— Observações à décima hora — disse Plínio. — Está pronto, Alexion?

Ele juntou as pontas dos dedos e franziu o cenho. Era um desafio técnico muito grande descrever um fenômeno para o qual ainda não fora inventada a linguagem. Depois de um certo tempo, as diversas metáforas — colunas, troncos de árvores, fontes e coisas semelhantes — pareciam obscurecer, e não iluminar, sem conseguir captar a sublime força do que ele estava presenciando. Devia ter levado um poeta com ele — teria sido de mais utilidade do que aquele cauteloso capitão.

— Chegando mais perto — começou ele — a manifestação parece uma nuvem gigantesca, carregada de chuva, cada vez mais negra. Como acontece com uma tempestade vista de uma distância de vários quilômetros, é possível ver penachos individuais de chuva seguindo como fumaça pela superfície escura. E no entanto, de acordo com o engenheiro Marcus Attilius, trata-se de quedas não de

chuva, mas de pedras. — Ele apontou para o tombadilho de popa a seu lado. — Suba até aqui, engenheiro. Descreva para nós, outra vez, o que você viu. Para ficar registrado.

Attilius subiu a curta escada para a plataforma. Havia algo extremamente absurdo na maneira pela qual o almirante se tinha instalado — com o escravo, a mesa portátil, a cadeira que parecia um trono e o relógio de água — quando comparada com a fúria para a qual eles estavam navegando. Muito embora o vento estivesse às suas costas, ele ouvia o rugir vindo da montanha agora, e de repente a dominadora cascata de pedras estava muito mais próxima, o navio deles frágil como uma folha na base de uma queda-d'água. Ele começou a fazer sua exposição uma vez mais, e então um relâmpago fez um arco pela agitadora massa de nuvem — não branco, mas um brilhante, pontudo traço vermelho. Ele pairou no ar, como uma vivida veia de sangue, e Alexion começou a cacarejar, que era como os supersticiosos adoravam o relâmpago.

— Acrescente à lista de fenômenos — ordenou Plínio. — Relâmpago: um presságio cruel.

— Estamos navegando muito perto! — gritou Torquatus.

Por cima do ombro do almirante, Attilius via as quadrirremes da frota de Miseno, ainda à luz do sol, saindo do porto em formação de V, como um esquadrão de patos voando. Mas então ele percebeu que o céu estava escurecendo. Uma barragem de pedras cadentes explodia na superfície do mar à direita deles, rastejando com rapidez mais para perto. As proas e velas das quadrirremes tornaram-se imprecisas, dissolveram-se em navios fantasmas, enquanto o ar se enchia de pedras em rodopio.

No pandemônio, Torquatus estava em todo canto, berrando ordens. Homens corriam pelo convés à meia-luz. As cordas que sustentavam a verga foram desamarradas e a vela arriada. O timoneiro virou para a esquerda com força. Um instante depois uma bola de luz veio zunindo do céu, tocou a ponta do mastro, desceu por ele e seguiu pela verga. No brilho do clarão Attilius viu o almirante com a cabeça encolhida e as mãos apertando a nuca, e o secretário dele inclinado para a frente, para proteger os papéis. A bola de luz disparou da borda do mastro e mergulhou no mar,

deixando uma cauda de fumaça de enxofre. Apagou— se com um violento chiado. Attilius fechou os olhos. Se a vela não tivesse sido arriada, sem dúvida alguma teria pegado fogo.

Sentia o tamborilar das pedras nos ombros, ouvia-as chocalhando pelo convés. A Minerva devia estar raspando a borda da nuvem, pelo que ele percebeu, e Torquatus tentava remar para tirálos de debaixo dela — e de repente, ele conseguiu. Houve uma última vergastada de mísseis e o navio surgiu de novo à luz do sol.

Ele ouviu Plínio tossir e abriu os olhos para ver o almirante em pé, escovando os resíduos que estavam nas dobras da toga. Plínio havia ficado com um punhado de pedras e, enquanto desabava de novo na cadeira, as examinava na palma da mão. Por todo o comprimento do navio, homens sacudiam as roupas e apalpavam a pele à procura de cortes. A Minerva ainda seguia diretamente para Herculano, agora a menos de uma milha de distância e nitidamente visível, mas o vento estava aumentando, e o mar com ele, o timoneiro esforçando-se para mantê-los no curso enquanto as ondas estouravam no lado esquerdo do navio.

— Encontro com a manifestação — disse Plínio, calmo. Ele parou para enxugar o rosto na manga e tornou a tossir. — Você está anotando isso? Que horas são?

Alexion tirou as pedras que cobriam os papéis e soprou a poeira. Inclinou-se para o relógio.

— O mecanismo está quebrado, almirante.

A voz estava trêmula. Ele estava quase chorando.

— Bem, não importa. Digamos décima primeira hora. — Plínio levantou uma das pedras e olhou atentamente para ela. — O material é uma pedra-pomes espumosa, efervescente. Branco-acinzentada.

Leve como cinza, que cai em fragmentos que não são maiores do que o polegar de um homem. — Ele fez uma pausa e acrescentou, delicado: — Pegue a sua pena, Alexion. Se há uma coisa que eu não tolero é a covardia.

A mão do secretário tremia. Para ele, era difícil escrever enquanto a liburna jogava de popa a proa e de lado a lado. Sua pena escorregava pela superfície dos papiros, numa garatuja ilegível.

A cadeira do almirante deslizou pelo convés e Attilius agarrou-a.

— O senhor deve se mudar para baixo do convés principal — disse ele, enquanto Torquatus se aproximava deles com dificuldade, a cabeça descoberta.

— Pegue o elmo, almirante.

— Obrigado, capitão, mas este velho crânio oferece uma proteção bem adequada.

— Almirante, eu lhe rogo, este vento vai nos empurrar direto para dentro da tempestade. Temos que voltar!

Plínio não ligou para ele. — A pedra-pomes parece menos uma pedra do que fragmentos, leves como o ar, de uma nuvem congelada. — Ele esticou o pescoço para olhar por cima do lado do navio. — Flutua na superfície do mar como torrões de gelo. Estão vendo? Extraordinário!

Attilius não tinha percebido aquilo antes. A água estava coberta por um tapete de pedras. Os remos afastavam-no a cada remada, mas outro o substituía imediatamente. Torquatus correu para a amurada baixa do convés. Estavam cercados.

Uma onda de pedra-pomes arrebentou sobre a frente do navio.

— Almirante...

— A fortuna favorece os bravos, Torquatus. Vire em direção à praia! Por um curto espaço de tempo eles conseguiram avançar a muito custo, mas o ritmo dos remos ia enfraquecendo, derrotado não pelo vento ou pelas ondas, mas pelo peso bloqueador das pedras-pomes sobre a água. A medida que se aproximavam da costa, a camada ia ficando mais espessa, entre sessenta centímetros e um metro — uma ampla área de onda seca que farfalhava. As pás dos remos passavam impotentes por ela, incapazes de exercer qualquer pressão, e o navio começou a vagar com o vento em direção à cascata de pedras. A Villa Calpurnia estava tentadoramente perto. Attilius reconheceu o ponto em que estivera ao lado de Rectina. Via vultos correndo pela costa, as pilhas de livros, as adejantes túnicas brancas dos epicuristas. Plínio tinha parado de ditar e, com o auxílio de Attilius, ficara de pé. Por todo lado, a

madeira estalava porque a pressão da pedra-pomes apertava o casco. O engenheiro sentiu-o largar-se levemente quando, pela primeira vez, pareceu concluir que estavam derrotados. Ele estendeu a mão na direção da costa.

— Rectina — murmurou ele.

O restante da frota começava a se espalhar, a formação em V desintegrando-se enquanto os navios lutavam para se salvar. E então ficou escuro novamente e o conhecido trovão de pedras-pomes martelando abafou todos os outros sons. Torquatus gritou: — Perdemos o controle do navio! Todo mundo... para baixo do convés principal. Engenheiro, me ajude a tirá-lo daqui.

— Minhas anotações! — protestou Plínio.

— Alexion está com suas anotações, almirante.

Attilius segurou-o por um dos braços e o capitão pelo outro. Ele estava muitíssimo pesado.

Tropeçou no último degrau e quase caiu deitado, mas eles conseguiram salvá-lo e carregaram-no pelo convés em direção à escotilha aberta que levava para os setores de remos enquanto o ar se transformava em pedra.

— Abram caminho para o almirante! — disse Torquatus ofegante, e eles quase o jogaram escada abaixo.

Alexion entrou em seguida com os preciosos documentos, pisando nos ombros do almirante, depois Attilius pulou para baixo numa chuva de pedras-pomes e por fim Torquatus fechou a escotilha.

VESPERA



20h02

"Durante a [primeira] fase, o raio da chaminé do vulcão talvez fosse da ordem de 100 metros. A medida que a erupção continuava, o inevitável alargamento da chaminé permitiu taxas de erupção de massa ainda mais altas. Ao anoitecer do dia 24, a altura da coluna tinha aumentado.

Níveis progressivamente mais profundos dentro da câmara de magma foram usados, até que depois de cerca de sete horas foi alcançada a pedra-pomes cinzenta mais máfica. Ela foi ejetada a cerca de 1,5 milhão de toneladas por segundo e levada pela convecção a alturas máximas de cerca de 33 quilômetros."

VOLCANOES: A PLANETARY PERSPECTIVE

O calor asfixiante e na quase escuridão sob os conveses da Minerva, eles estavam agachados e ouviam o rufar das pedras acima deles. O ar estava malcheiroso com o suor e a respiração de duzentos marinheiros. De vez em quando, uma voz estrangeira gritava numa língua irreconhecível, só para ser silenciada por um berro de um dos oficiais. Um homem perto de Attilius gemia repetidas vezes em latim, dizendo que aquilo era o fim do mundo — e era o que, na verdade, o engenheiro também achava. A natureza se invertera, de modo que eles estavam se afogando em pedras no

meio do mar, à deriva nas profundezas da noite durante as horas claras do dia. O navio sacudia com violência, mas nenhum dos remos se movia. Não havia propósito algum para qualquer atividade, porque eles não faziam ideia da direção em que estavam seguindo. Nada havia a fazer, a não ser aguentar, cada homem envolto em seus próprios pensamentos.

Quanto tempo aquilo durou Attilius não tinha como calcular. Talvez uma hora; talvez duas. Ele não tinha nem certeza de que estava sob o convés. Sabia que estava agarrado a um estreito suporte de madeira que parecia seguir o comprimento do navio todo, com as fileiras duplas de marinheiros entulhados em bancos de ambos os lados. Ele ouvia Plínio arquejando em algum ponto perto dele, Alexion fungando como uma criança. Torquatus estava em perfeito silêncio. O incessante martelar da queda de pedras-pomes, agudo no começo, quando batia na madeira do convés, aos poucos foi ficando mais abafado à medida que pedra-pomes caía sobre pedras-pomes, isolando-os do mundo. E aquilo, para ele, era o pior — a sensação daquela massa fazendo uma pressão lenta sobre eles, enterrando-os vivos. Com o passar do tempo ele começou a se perguntar até quando os barrotes do convés iriam aguentar, ou se o peso do que estava por cima deles iria empurrá-los para baixo das ondas. Ele tentou se consolar com o pensamento de que a pedra-pomes era leve: os engenheiros de Roma, quando estavam construindo uma grande cúpula, às vezes misturavam-na com cimento em vez de pedra e fragmentos de tijolos. Apesar disso, aos poucos ele foi percebendo que o navio começava a adernar, e muito pouco depois gritos de pânico foram dados por alguns dos marinheiros à sua direita, de que estava entrando água pelos buracos dos remos.

Torquatus gritou com eles, grosseiro, mandando que se calassem, e depois bradou para Plínio que precisava levar um grupo de homens para o convés, para tentar tirar com pás as pedras que caíam.

— Faça o que tiver de fazer, capitão — respondeu o almirante. A voz dele estava calma. — Aqui é Plínio! — berrou ele de repente, acima do rugir da tempestade. — Espero que cada homem se porte

como um soldado romano! E, quando voltarmos para Miseno, eu lhes prometo que vocês serão recompensados!

Da escuridão vieram algumas expressões de zombaria.

— Se nós voltarmos, é o mais certo!

— Foi o senhor que nos meteu nesta confusão!

— Silêncio! — gritou Torquatus. — Engenheiro, pode me ajudar? Ele havia subido pela curta escada para a escotilha e tentava empurrar para abri-la, mas o peso das pedras-pomes tornava difícil levantá-la. Attilius seguiu tateando pelo suporte e juntou-se a ele na escada, agarrando-se a ela com uma das mãos e empurrando com a outra o painel de madeira sobre a sua cabeça. Juntos, os dois a levantaram devagar, soltando uma cascata de detritos, que quicaram na cabeça deles e bateram na madeira lá embaixo.

— Preciso de vinte homens! — ordenou Torquatus. — Vocês, cinco fileiras de remos, sigam-me.

Attilius subiu e saiu atrás dele para o turbilhão de pedras-pomes voadoras. Havia uma estranha luz meio amarronzada, como numa tempestade de areia, e, quando ele endireitou o corpo, Torquatus agarrou-lhe o braço e apontou. Attilius demorou um instante para perceber o que ele queria dizer, mas então também viu — uma fileira de luzes amarelas tremeluzindo, aparecendo fracamente através das trevas.

Pompeia, pensou ele — Corelia!

— Nós ficamos à deriva embaixo da pior parte e saímos perto da costa! — gritou o capitão. — Só os deuses sabem onde! Vamos tentar encalhá-lo! Ajude-me no leme!

Ele se voltou e empurrou o remador mais próximo para a escotilha. — Volte lá para baixo e diga aos outros que remem — que remem para salvar a própria vida! Vocês outros: icem a vela! O capitão correu pelo lado do navio em direção à popa e Attilius o seguiu, cabeça baixa, os pés afundando no grosso tapete de pedras-pomes brancas que cobria o convés como se fosse neve.

Eles estavam tão baixo na água que ele achava que quase podia saltar para o tapete de pedras e caminhar para a costa. Subiu desajeitado para o tombadilho de popa e, com Torquatus, agarrou o

grande remo que guiava a liburna. Mas mesmo com dois homens empurrando, a pá não se mexia contra a massa flutuante.

Fracamente, ele viu a forma da vela começando a erguer-se diante deles. Ouviu o estalo quando ela começou a encher, e ao mesmo tempo houve uma pequena ondulação de movimento ao longo das fileiras de remos. O leme tremeu ligeiramente sob suas mãos. Torquatus empurrou e ele suspendeu, os pés lutando por um ponto de apoio na pedra solta, e devagar ele sentiu a haste começar a se mexer. Por algum tempo a liburna pareceu adernar, imóvel, e então uma lufada de vento empurrou-os para a frente. Ele ouviu o tambor batendo de novo lá embaixo, os remos entrando num ritmo constante, e da escuridão à frente a forma da costa começou a surgir -um molhe, uma praia arenosa, uma fileira de vilas com tochas acesas ao longo dos terraços, pessoas movimentando-se à beira-mar, onde ondas batiam na costa, erguendo os barcos nos bancos de areia e jogando-os de volta em terra. Decepcionado, ele percebeu que aquele lugar podia ser qualquer um, menos Pompeia.

De repente o leme saltou e se movimentou com tanta liberdade que ele pensou que tivesse quebrado e Torquatus o girou com força, orientando-os para a praia. Eles tinham se livrado das pedras-pomes e estavam nas ondas que rolavam, a força do mar e o vento empurrando-os diretamente para a costa. Attilius viu a grande quantidade de pessoas na praia, todas tentando colocar seus pertences nos barcos, depois voltar-se para olhar para eles perplexas. Viu-as correr e espalhar-se enquanto a liburna avançava contra elas. Torquatus bradou: "Segurem-se!", e um instante depois o casco raspou em rocha e Attilius voou para o convés principal, a queda amortecida pelo colchão de pedras que tinha uns trinta centímetros de espessura.

Ele ficou ali deitado por um instante, ofegante, o rosto apertado contra a quente e seca pedra-pomes, enquanto o navio jogava sob ele. Ouviu os gritos dos marinheiros subindo ao convés e o barulho enquanto eles pulavam para a arrebentação. Ele se ergueu e viu a vela sendo arriada, a âncora jogada pelo lado. Homens com cordas corriam para a praia, tentando encontrar lugares para prender o navio. Estava-se no crepúsculo — não o crepúsculo

provocado pela erupção, que eles pareciam ter atravessado de ponta a ponta, mas o lusco-fusco do início do anoitecer. A chuva de pedras era fraca e intermitente, e o barulho que faziam ao se espalhar pelo convés e cair no mar perdia-se no estouro da arrebentação e no rugir do vento. Plínio saíra da escotilha e caminhava com cuidado pelas pedras-pomes, sustentado por Alexion — uma figura sólida e digna em meio ao pânico que o cercava.

Se sentia algum medo, não demonstrava, e quando Attilius se aproximou, ele ergueu o braço quase com alegria.

— Bem, isso foi uma sorte, engenheiro. Está vendo onde estamos? Eu conheço bem este lugar. Esta é Estábias, cidade agradabilíssima para se passar uma noite. Torquatus! — Ele fez um gesto para o capitão. — Sugiro que passemos a noite aqui.

Torquatus olhou-o, incrédulo.

— Nós não temos escolha quanto a isso, almirante. Nenhum navio pode ser lançado contra este vento. A pergunta é: com que rapidez ele vai lançar aquele muro de pedra sobre nós?

— Talvez não lance — disse Plínio. Ele olhou para além da arrebentação, para as luzes da cidadezinha erguendo-se na encosta baixa do morro. Ela era separada da praia pela estrada costeira que contornava toda a baía.

A estrada estava entupida com o mesmo tráfego cansado de refugiados que Attilius encontrara antes em Herculano. Na costa propriamente dita, talvez umas cem pessoas tinham se reunido com seus pertences, na esperança de fugir pelo mar, mas incapazes de fazer mais do que olhar desesperançadas para as ondas que arrebentavam. Um homem gordo e idoso estava afastado, cercado pela família e empregados, de vez em quando erguendo as mãos num lamento, e Attilius sentiu um sinal de reconhecimento. Plínio também percebeu a presença do homem.

— Aquele é o meu amigo Pomponianus. Pobre velho louco. Na melhor das hipóteses, ele é um homem nervoso. Vai precisar da nossa ajuda. Temos de agir como se nada de grave tivesse acontecido. Ajude-me a ir até a praia.

Attilius pulou para dentro d'água, seguido por Torquatus.

A água chegou-lhes até a cintura em um instante, e no seguinte girava em volta do pescoço.

Não era fácil tirar um homem com o peso e nas condições do almirante. Com a ajuda de Alexion, Plínio finalmente deitou-se de costas, arrastou-se para a frente e, quando eles lhe seguraram os braços, escorregou para dentro d'água. Conseguiram manter a cabeça dele acima da superfície, e então, numa impressionante demonstração de autocontrole, ele se livrou do apoio deles e caminhou para terra sem ajuda de ninguém.

— Um velho teimoso — afirmou Torquatus, enquanto eles o viam marchar pela praia e abraçar Pomponianus. — Um magnífico, corajoso e teimoso velho maluco. Ele quase nos matou duas vezes, e sou capaz de jurar que vai tentar mais uma vez antes de se dar por satisfeito.

Attilius correu os olhos pela costa em direção ao Vesúvio, mas não conseguia ver grande coisa na escuridão que aumentava, exceto as luminosas linhas brancas das ondas correndo para bater na costa, e atrás delas o preto de tinta das pedras que caíam. Outra linha de relâmpago vermelho cortou o céu.

— A que distância nós estamos de Pompeia? — perguntou ele.

— Quase cinco quilômetros — respondeu Torquatus. — Talvez menos. Parece que eles estão pegando o pior pedaço, pobres miseráveis. Este vento... é melhor os homens procurarem um abrigo.

Ele começou a caminhar para a praia, deixando Attilius sozinho.

Se Estábias estava a uns cinco quilômetros em favor do vento de Pompeia, e o Vesúvio ficava a oito quilômetros do outro lado da cidade, aquela monstruosa nuvem devia ter treze quilômetros de comprimento. Treze quilômetros de comprimento e pelo menos oito de largura, tendo em vista o ponto onde entrava pelo mar. A menos que Corelia tivesse fugido muito cedo, não deveria ter tido chance alguma de escapar.

Ele ficou ali parado por algum tempo, açoitado pelo mar, até que ouviu o almirante chamar o seu nome. Sentindo-se impotente, ele se voltou e seguiu pelos baixios irrequietos, até a praia, para juntar-se aos demais.

Pomponianus tinha uma vila à beira-mar, que ficava a uma curta distância a pé pela estrada, e Plínio estava sugerindo que todos voltassem para ela. Attilius os ouvia discutir enquanto se aproximava. Pomponianus, em pânico, manifestava sua discordância com a voz aguda, alegando que, se eles fossem embora da praia, perderiam a chance de um lugar num barco.

Mas Plínio fez um gesto de recusa.

— Não faz sentido esperar aqui. Seu tom de voz era insistente. — Além do mais, você sempre poderá seguir conosco, quando o vento e o mar ficarem mais favoráveis. Venha, Livia, tome o meu braço.

E com a mulher de Pomponianus de um lado e Alexion do outro, e os escravos da casa em fila atrás deles — levando bustos de mármore, tapetes, baús e candelabros — Plínio os guiou para a estrada.

Ele andava o mais depressa possível, as bochechas inchadas, e Attilius pensou: ele sabe — pelas suas observações, ele sabe o que está para acontecer. E mal eles tinham acabado de chegar às portas da vila quando ela os atingiu de novo, como uma tempestade de verão — primeiro, alguns pingos grossos, como um aviso, depois o ar explodiu sobre os arbustos de murta e o pátio de pedras arredondadas. Attilius sentiu o corpo de alguém pressionando o seu por trás, empurrou o homem que estava à sua frente e, juntos, eles passaram pela porta cambaleando e entraram na vila, que estava escura e deserta. Pessoas se lamentavam, esbarrando cegamente na mobília. Ele ouviu um grito de mulher e um barulho. O rosto sem corpo de um escravo apareceu, iluminado de baixo para cima por uma lamparina, depois o rosto desapareceu e ele ouviu o conhecido barulho de uma tocha ao ser acesa. Eles se juntaram no conforto da luz, senhores e escravos iguais, enquanto a pedra-pomes batia no telhado de terracota da vila e esmagava-se contra os jardins ornamentais lá fora. Alguém saiu com a lamparina para buscar mais tochas e algumas velas, e os escravos continuaram acendendo-as muito depois de haver luz suficiente, como se quanto mais iluminada estivesse a cena, mais seguros eles estariam. O saguão lotado adquiriu em pouco tempo um ar festivo e foi então que Plínio, com o

braço passado pelos trêmulos ombros de Pomponianus, declarou que gostaria de comer.

O Almirante não acreditava numa vida após a morte. — Nem o corpo nem a mente têm mais sensação depois da morte do que tiveram antes do nascimento.

Apesar disso, fez uma demonstração de bravura nas poucas horas seguintes, que ninguém que sobreviveu àquela noite iria esquecer. Há muito tempo ele decidira que, quando a morte fosse buscá-lo, ele tentaria enfrentá-la com o espírito de Marcus Sergius, que ele coroara na História natural como o homem mais corajoso que já existira — ferido vinte e três vezes durante suas campanhas, deixado aleijado, duas vezes capturado por Aníbal e mantido em correntes todos os dias por vinte meses; Sergius cavalgara para sua última batalha com uma mão direita feita de ferro, como substituta da que ele perdera. Ele não era tão bem-sucedido quanto Cipião ou César, mas que importância isso tinha? "Todos os outros vencedores realmente conquistaram homens", escrevera Plínio, "mas Sergius também conquistou a fortuna".

"Conquistar a fortuna" era o que um homem devia lutar para fazer. Assim, enquanto os escravos preparavam o seu jantar, ele disse a um Pomponianus perplexo que primeiro gostaria de tomar um banho, e saiu gingando, escoltado por Alexion, para mergulhar numa banheira fria. Tirou as roupas imundas e entrou na água limpa, submergindo a cabeça por inteiro num mundo silencioso. Voltando à superfície, anunciou que queria ditar mais algumas observações — tal como o engenheiro, ele calculava que as dimensões da manifestação fossem aproximadamente treze quilômetros por dez — e então se deixou enxugar com umas batidinhas por um dos escravos particulares, ser ungido com óleo de açafreão e vestido com uma das togas limpas do amigo. Cinco deles sentaram-se para jantar — Plínio, Pomponianus, Lívia, Torquatus e Attilius — não um número ideal do ponto de vista da etiqueta, e a barulhada das pedras-pomes no telhado tornava difícil a conversação. Ainda assim, pelo menos significava que ele tinha um sofá só para ele e espaço para se esticar. A mesa e os sofás tinham sido levados da sala de jantar e arrumados no cintilante saguão. E

se a comida não estava grande coisa — os fogos estavam apagados e o melhor que as cozinhas puderam arranjar foram cortes frios de carne de vaca, galinha e peixe — Pomponianus, diante da delicada insistência de Plínio, tinha compensado aquilo com o vinho. Ele apareceu com um falerno de duzentos anos, produto de uma safra excepcional do consulado de Lucius Opimius. Era a última botija.

— Não faz muito sentido querer guardá-lo agora — observou ele, melancólico.

O líquido à luz das velas tinha a cor de mel bruto, e depois de ser decantado, mas antes de misturado com um vinho mais jovem — porque era amargo demais para ser bebido sem ser diluído — Plínio tomou-o do escravo e cheirou-o, percebendo no aroma almiscarado o sopro da velha República: de homens do tipo de Catão e Sergius; de uma cidade lutando para se tornar um império; da poeira do Campus Martius; de tentativa a ferro e fogo.

O almirante falou a maior parte do tempo e tentou manter um clima leve, evitando qualquer menção, por exemplo, de Rectina e da preciosa biblioteca da Villa Calpurnia, ou do destino da frota, que ele supunha que àquela altura já estivesse desfeita e espalhada por toda a costa. (Só aquilo poderia ser suficiente para forçar o seu suicídio, percebeu ele: ele se fizera ao mar sem esperar a autorização imperial; Titus poderia não perdoar.) Em vez disso, preferiu falar sobre o vinho. Ele sabia muito sobre vinhos. Julia o chamava de "chato do vinho". Mas ele nem ligava.

Chatear era privilégio da idade e do posto. Não fosse pelo vinho, o coração dele já teria parado há anos.

— Os registros nos dizem que o verão no consulado de Opimius foi muito parecido com este nosso. Longos dias quentes cheios de um sol de brilho permanente — "Maduro", como o chamam os taberneiros. — Ele girou o vinho na taça e o cheirou. — Quem sabe? Talvez, daqui a dois séculos, homens estarão bebendo a safra fora do comum deste nosso ano e imaginando como nós éramos. Nossa capacidade. Nossa coragem.

O trovejar da barragem parecia estar aumentando. Em algum lugar madeira estalou. Ouviu-se um barulho de telhas quebrando. Plínio correu os olhos pelos companheiros comensais à mesa — para

Pomponianus, que olhava encolhido para o telhado e se agarrava à mão de sua mulher; para Lívía, que conseguiu dirigir-lhe um sorriso pequeno, tenso (ela sempre fora o dobro do homem que o marido era); para Torquatus, que olhava de cenho franzido para o chão; e, por fim, para o engenheiro, que não dissera uma só palavra durante toda a refeição. Plínio sentiu carinho pelo aguadeiro — um homem de ciência, por índole, que navegara em busca de conhecimento.

— Vamos fazer um brinde — sugeriu ele — ao gênio da engenharia romana, ao Aqua Augusta, que nos deu o aviso do que aconteceria; se ao menos tivéssemos a inteligência de dar-lhe ouvidos! — Ele ergueu a taça em direção a Attilius. — Ao Aqua Augusta! — Ao Aqua Augusta!

Eles beberam, com variados graus de entusiasmo. E era um vinho bom, pensou o almirante, estalando os lábios. Uma mistura perfeita do velho e do jovem. Como ele e o engenheiro. E se aquele fosse o último que ele bebia? Pois bem: era um vinho apropriado para chegar ao fim.

Quando anunciou que ia para a cama ele viu que os demais presumiam que estivesse brincando. Mas não, assegurou-lhes, estava falando sério. Ele treinara para pegar no sono quando quisesse — até mesmo em pé, numa sela, numa floresta gelada alemã. Aquilo? Aquilo não era nada! — Seu braço, engenheiro, se quiser ter a bondade. Deu boa-noite a todos. Attilius manteve uma tocha erguida em uma das mãos, e com a outra sustentou o almirante. Juntos, eles saíram para o pátio central. Plínio havia ficado ali muitas vezes ao longo dos anos. Era um dos seus pontos preferidos: a luz salpicada na pedra rosa, o perfume das flores, o arrulho vindo do pombal colocado no muro acima da varanda. Mas agora o jardim estava escuro como breu, tremendo com o rugir das pedras que caíam. Pedras-pomes estavam espalhadas pelo caminho coberto e as nuvens de poeira da pedra seca e quebradiça provocaram a sua respiração ofegante. Plínio parou do lado de fora da porta do quarto de costume e esperou que Attilius se afastasse para que pudesse abri-la. Ele se perguntou o que teria acontecido com os passarinhos. Será que tinham fugido pouco antes de a manifestação começar, oferecendo, assim, um presságio, se um

adivinho tivesse estado ali para interpretá— lo? Ou será que estavam ali, em algum lugar da noite escura, machucados e agrupados? — Está com medo, Marcus Attilius? — Estou.

— Isso é bom. Para ser bravo, por definição, é preciso primeiro ter medo. — Ele apoiou a mão no ombro do engenheiro enquanto tirava os sapatos sacudindo os pés. — A natureza é uma divindade misericordiosa — prosseguiu ele. — Sua raiva nunca dura para sempre. O fogo morre. A tempestade morre de tanto soprar. A inundação recua. E isto também vai acabar. Você vai ver.

Descanse um pouco.

Com os pés arrastando, ele entrou no quarto sem janelas, deixando Attilius para fechar a porta.

O engenheiro ficou onde estava, encostado à parede, vendo a chuva de pedrapomes. Depois de um certo tempo ele ouviu roncões altos vindos do quarto. Extraordinário, pensou. Ou o almirante fingia estar dormindo — o que ele duvidava — ou o velho tinha realmente adormecido. Attilius olhou para o céu. Talvez Plínio tivesse razão e a "manifestação", como ele ainda insistia em chamá-la, fosse começar a enfraquecer. Mas isso ainda não estava acontecendo. Quando nada, a força da tempestade estava aumentando. Ele detectou um som diferente, mais estridente, na pedra que caía, e o chão debaixo de seus pés tremia, como tremera em Pompeia. Ele arriscou um passo cauteloso para sair da proteção da cobertura, segurando a tocha virada para o chão, e foi logo atingido com força no braço. Quase largou a tocha. Agarrou um bloco da pedra que caía há pouco. Apertando-se contra a parede, ele a examinou sob a luz.

Era mais cinzenta do que a pedra-pomes de antes — mais densa, maior, como se vários pedaços tivessem sido soldados uns nos outros — e estava atingindo o chão com mais violência. A chuva de pedra branca espumosa tinha sido desagradável e amedrontadora, mas nada de muito dolorosa. Ser atingido por um pedaço daqueles seria o suficiente para deixar um homem inconsciente. Havia quanto tempo aquilo vinha acontecendo? Ele levou a pedra para o saguão e entregou-a a Torquatus.

— Está piorando — disse ele. — Enquanto estivermos comendo, as pedras foram ficando mais pesadas. — E então, para

Pomponianus: — Que tipo de telhado o senhor tem aqui? Planos ou inclinados?

— Planos — respondeu Pomponianus. — Eles formam terraços. Você sabe... para a vista do outro lado da baía.

Ah, sim, pensou Attilius — as famosas vistas. Talvez se eles tivessem perdido um pouco menos de tempo olhando o mar e olhado mais acima dos ombros para a montanha atrás deles, poderiam estar mais bem preparados.

— E que idade tem a casa?

— Ela pertence à minha família há várias gerações — disse Pomponianus, com orgulho. — Por quê?

— Ela não é segura. Com aquelas pedras pesadas caindo nela, e em cima de madeira velha também, mais cedo ou mais tarde os barrotes vão ceder. Precisamos ir lá para fora.

Torquatus sopesou a pedra na mão.

— Para fora? No meio disto? — Por um instante ninguém falou. Então Pomponianus começou a lamentar-se de que eles estavam liquidados, que deviam ter feito sacrifícios a Júpiter como ele sugerira logo no começo, mas ninguém jamais lhe dera ouvidos...

— Cale a boca — disse a mulher dele. — Nós temos almofadas, não temos? E travesseiros e lençóis? Podemos nos proteger de pedras.

— Onde está o almirante? — perguntou Torquatus.

— Dormindo.

— Ele já se resignou com a morte, não? Toda aquela conversa fiada sobre vinhos! Mas eu não estou preparado para morrer. Você está?

— Não.

Attilius ficou surpreso com a firmeza de sua resposta. Depois que Sabina morrera, ele seguira em frente entorpecido, e se lhe tivessem dito que a sua existência estava prestes a acabar, não teria se preocupado muito de um jeito ou de outro. Mas agora ele não se sentia da mesma maneira.

— Então, vamos voltar para a praia.

Livia estava gritando para os escravos, mandando que fossem buscar travesseiros e roupa de cama, enquanto Attilius voltava correndo para o pátio. Ele ainda ouvia os roncos de Plínio.

Bateu na porta e tentou abri-la, mas mesmo no curto espaço de tempo em que estivera afastado, o caminho tornara a encher-se de entulho. Ele precisou ajoelhar-se para limpá-lo e depois abrir a porta, arrastando-a, e entrou correndo com a tocha. Sacudiu o ombro carnudo do almirante e o velho gemeu e piscou por causa da luz.

— Deixe-me em paz.

Ele tentou virar de lado. Attilius não discutiu com ele. Enganchou o cotovelo sob a axila de Plínio e levantou-o, pondo-o de pé. Cambaleando sob o peso, empurrou o almirante, que protestava, em direção à porta. Mal tinham passado pelo limiar quando ele ouviu uma das vigas do telhado estalar atrás deles e uma parte do telhado do quarto caiu no chão com um estrondo.

Eles colocaram os travesseiros na cabeça atravessados, para que as bordas cobrissem as orelhas, e prenderam-nos com tiras arrancadas dos lençóis, amarrando-os bem apertados sob o queixo. As grandes cabeças brancas faziam com que parecessem insetos cegos, subterrâneos.

Depois, cada um apanhou uma tocha ou lâmpada e, com uma das mãos no ombro da pessoa da frente — exceto Torquatus, que assumiu a liderança e usava o seu elmo, em vez de um travesseiro — partiram em fila indiana até a praia.

Por toda parte à volta deles havia uma fúria de barulhos — o mar ondulante, a tempestade de pedras, o barulho surdo dos telhados cedendo. De vez em quando Attilius sentia a batida abafada de um míssil na cabeça e seus ouvidos tiniam como não faziam desde que ele tinha sido agredido pelos professores quando era criança. Era como ser apedrejado por uma turba — como se as divindades tivessem aprovado por unanimidade o triunfo de Vulcano, e aquela dolorosa procissão, despida de toda dignidade humana, fosse a maneira que ele escolhera para humilhar seus prisioneiros. Eles avançavam devagar, afundando até os joelhos nas pedras-pomes soltas, incapazes de se deslocar mais depressa do que o

almirante, cuja tosse e cujo resfolegar pareciam piorar a cada vez que ele avançava cambaleando. Ele se agarrava a Alexion e estava sendo amparado por Attilius; atrás do engenheiro ia Livia e, atrás dela, Pomponianus, com os escravos formando uma fila de tochas na retaguarda.

A força do bombardeio esvaziara a estrada de refugiados, mas lá na praia havia uma luz, e foi na direção dela que Torquatus os guiou. Alguns dos cidadãos de Estábias e alguns homens da Minerva tinham despedaçado um dos navios imprestáveis e posto fogo nele. Com cordas, a pesada vela da liburna e uma dúzia de remos, eles tinham construído um grande abrigo ao lado da fogueira. Gente que estava fugindo pela costa tinha descido da estrada, implorando proteção, e uma multidão de várias centenas de pessoas se acotovelava para conseguir abrigo. Eles não queriam deixar os recém-chegados, de aparência repulsiva, compartilhar a tenda improvisada e houve um pouco de zombaria e tumulto na entrada, até que Torquatus disse, aos gritos, que estava com o almirante Plínio e iria crucificar qualquer marinheiro que se recusasse a obedecer às suas ordens.

Com relutância, fez-se espaço e Alexion e Attilius arriaram Plínio na areia, logo junto à entrada.

Com voz fraca, Plínio pediu um pouco d'água e Alexion tirou uma cabaça de um escravo e encostou-a nos lábios dele, que engoliu um pouco, tossiu e se deitou de lado. Com delicadeza, Alexion desamarrou o travesseiro e colocou-o sob a cabeça dele. Plínio ergueu os olhos para Attilius. O engenheiro deu de ombros. Não sabia o que dizer. Parecia improvável que o velho pudesse sobreviver a muito mais daquela situação. Attilius se afastou e olhou para o interior do abrigo. As pessoas estavam coladas umas nas outras, mal podendo se mexer. O peso das pedras-pomes fazia com que o telhado afundasse, e de vez em quando uns marinheiros o limpavam, erguendo-o com as pontas dos remos e despejando as pedras. Crianças choravam.

Um menino soluçava procurando a mãe. Fora isso, ninguém falava ou gritava. Attilius tentou calcular a hora — presumiu que se devia estar no meio da noite, mas também seria impossível dizer até

se estava amanhecendo — e ficou imaginando quanto tempo poderiam resistir. Mais cedo ou mais tarde, a fome ou a sede, ou a pressão das pedras-pomes aumentando nos dois lados da tenda, iria forçá-los a abandonar a praia. E aí, o que aconteceria? Sufocação lenta pelas pedras? Uma morte mais prolongada e engenhosa do que qualquer coisa que o homem já tentara na arena? Lá se ia a crença de Plínio, de que a natureza era uma divindade misericordiosa! Ele arrancou o travesseiro da cabeça suada. Quando seu rosto ficou descoberto ele ouviu alguém chamá-lo com uma voz que parecia um grasnido.

Na apinhada quase escuridão, a princípio ele não conseguiu distinguir quem era, e mesmo quando o homem forçou a passagem em sua direção ele não o reconheceu, porque o homem parecia ser feito de pedra, o rosto branco como giz de tanta poeira, os cabelos levantados cheios de pontas como os da Medusa. Só quando o homem disse "Sou eu, Lucius Popidius" — foi que ele percebeu que era um dos edis de Pompeia. Attilius agarrou o braço dele.

— Corelia? Ela está com você?

— Minha mãe... desmaiou na estrada. — Popidius estava chorando. — Eu já não podia carregá-la mais. Tive de deixá-la. Attilius o sacudiu.

— Onde está Corelia?

Os olhos de Popidius eram buracos brancos na máscara do rosto. Ele parecia uma daquelas efígies de ancestrais na parede de sua casa. Ele engoliu com força.

— Seu covarde! — disse Attilius.

— Eu tentei trazê-la — choramingou Popidius. — Mas aquele maluco a trancou no quarto dela.

— E por isso você a abandonou?

— O que mais eu podia fazer? Ele queria prender todos nós! — Agarrou a túnica de Attilius. — Leve-me com vocês. Aquele lá é o Plínio, não é? Vocês têm um navio? Por piedade... eu não posso continuar sozinho...

Attilius empurrou-o e cambaleou em direção à entrada da tenda. A fogueira tinha sido apagada sob a chuva de pedras, a escuridão na praia não era nem a escuridão da noite, mas a de um

quarto fechado. Ele forçou os olhos na direção de Pompeia. Quem diria que o mundo todo não estava sendo destruído? Que a própria força que mantinha o universo junto — o logos, como os filósofos a chamavam — não estava se desintegrando? Ele caiu de joelhos e enfiou as mãos na areia e viu, naquele momento, enquanto os grãos escorriam apertados pelos seus dedos, que tudo seria aniquilado — ele, Plínio, Corelia, a biblioteca em Herculano, a frota, as cidades na orla da baía, o aqueduto, Roma, César, tudo o que já vivera ou fora construído: tudo acabaria reduzido a um monte de pedras e a um mar que arrebentava sem parar. Nenhum deles deixaria sequer uma pegada; não deixariam nem mesmo uma memória. Ele morreria ali, na praia com os demais, e seus ossos seriam triturados, virariam pó.

Mas a montanha ainda não tinha desistido deles. Ele ouviu uma mulher gritar e ergueu os olhos. Fraca e milagrosa, lá bem longe e ainda assim aumentando de intensidade, ele viu uma coroa de fogo no céu.

VENUS

25 DE AGOSTO



O ÚLTIMO DIA DA ERUPÇÃO



INCLINATIO

"Chega um ponto no qual é tanto o magma que está sendo expelido e com tal rapidez que a densidade da coluna de erupção torna-se grande demais para que uma convecção estável continue".

Quando isso acontece, dá-se o colapso da coluna, gerando fluxos e surtos piroclásticos, que são muitíssimo mais letais do que a queda de tefra [lava basáltica, de pasta microlítica constituída principalmente por nefelina]

VOLCANOES: A PLANETARY PERSPECTIVE

A luz seguia lentamente para baixo, da direita para a esquerda. Uma foice de nuvem luminosa — foi assim que Plínio a descreveu — uma foice de nuvem luminosa descendo pela encosta ocidental do Vesúvio, deixando atrás de si uma colcha de retalhos de incêndios. Alguns eram alfinetadas que piscavam, isoladas — casas de fazendas e vilas que tinham pegado fogo. Mas em outras partes faixas inteiras da floresta estavam em chamas. Vividas, saltitantes folhas de chamas vermelhas e laranja abriam buracos recortados na escuridão. A enorme foice avançou, implacável, durante pelo menos o tempo que teria sido preciso para contar até cem, brilhou brevemente e desapareceu.

— A manifestação — ditou Plínio — passou para uma fase diferente.

Para Attilius havia algo indefinivelmente sinistro naquele pico móvel — seu misterioso aparecimento, sua morte enigmática. Nascido no cume rompido da montanha, ele devia ter rolado para se afogar no mar. Attilius se lembrou dos férteis vinhedos, dos grandes cachos de uva, dos escravos agrilhoados. Não haveria safra naquele ano, madura ou em outro estado qualquer.

— Daqui é difícil dizer — declarou Torquatus — mas, a julgar pela posição dela, acho que aquela nuvem de fogo deve ter acabado de passar sobre Herculano.

— E no entanto a cidade não parece estar pegando fogo — replicou Attilius. — Aquela parte da costa parece totalmente escura. É como se a cidade tivesse desaparecido...

Eles olharam na direção da base da montanha em chamas, à procura de algum ponto de luz, mas não havia nada.

O efeito sobre a praia de Estábias foi deslocar o equilíbrio do terror, primeiro para um lado, depois para o outro. Dali a pouco eles poderiam sentir o cheiro dos incêndios no vento, um gosto pungente, acre, de enxofre e cinza vulcânica. Alguém gritou que todos seriam queimados vivos. Pessoas soluçavam, nenhuma mais

alto do que Lucius Popidius, que chamava pela mãe, e depois uma outra pessoa — um dos marinheiros que tinham estado cutucando o telhado com o remo — exclamou que o tecido pesado não estava mais afundando. Aquilo acalmou o pânico.

Com cautela, Attilius estendeu o braço para fora do abrigo da tenda, a palma voltada para cima, como se testando se estava chovendo. O marinheiro tinha razão. O ar ainda estava cheio de pequenos mísseis, mas a tempestade não estava tão violenta quanto antes. Era como se a montanha tivesse achado uma outra saída para a maléfica energia, na impetuosa avalanche de fogo em vez do constante bombardeio de pedras. Naquele momento ele tomou uma decisão.

Era melhor morrer tentando fazer alguma coisa — era melhor cair à beira da estrada costeira e jazer em algum túmulo sem indicação alguma — do que se encolher embaixo daquele tênue abrigo, cheio de suposições pavorosas, um espectador aguardando o fim. Apanhou seu travesseiro descartado e colocou-o com firmeza na cabeça, depois tateou a areia à procura da tira de lençol. Torquatus perguntou, baixinho, o que ele estava fazendo.

— Estou indo embora.

— Indo embora? — Plínio, recostado na areia, as notas espalhadas à sua volta e presas com pilhas de pedras-pomes, ergueu os olhos, rápido.

— Você não vai fazer nada disso. Eu me recuso categoricamente a lhe dar permissão para ir embora.

— Com o maior dos respeitos, almirante, eu recebo ordens de Roma, não do senhor.

Ele estava surpreso pelo fato de alguns dos escravos não terem fugido. Por que não? Por hábito, imaginou ele. Hábito e a falta de algum lugar para onde ir.

— Mas eu preciso de você aqui. — Havia um tom enganador na voz rouca de Plínio. — E se alguma coisa me acontecer? Alguém tem de garantir que minhas observações não se percam para a posteridade.

— Há outras pessoas que podem fazer isso, almirante. Prefiro arriscar a minha sorte na estrada.

— Mas você é um homem da ciência, engenheiro. Eu vejo isso. Foi por isso que você veio. Você é muito mais valioso para mim aqui. Torquatus... detenha-o.

O capitão hesitou, então desamarrou a tira que estava presa ao queixo e tirou o elmo.

— Tome isto — disse ele. — Metal é uma proteção melhor do que penas. — Attilius começou a protestar, mas Torquatus empurrou o elmo para as mãos dele. — Tome... e boa sorte.

— Obrigado. — Attilius apertou a mão dele. — Que a sorte o acompanhe também.

O elmo coube muito bem. Ele nunca usara um elmo antes. Levantou-se e pegou uma tocha. Sentia-se como um gladiador prestes a entrar na arena.

— Mas para onde você vai? — protestou Plínio.

Attilius saiu para a tempestade. As pedras leves quicavam no elmo. Estava extremamente escuro, exceto quanto a algumas tochas enfiadas na areia em torno do perímetro do abrigo e a distante e brilhante pira do Vesúvio.

— Pompeia.

Torquatus calculara a distância entre Estábias e Pompeia em seis quilômetros — uma hora a pé por uma boa estrada, num belo dia. Mas a montanha alterara as leis de tempo e espaço, e durante um longo tempo Attilius parecia não avançar nada.

Conseguiu sair da praia e subir para a estrada sem grande dificuldade, e teve a sorte de a vista do Vesúvio se manter ininterrupta porque os incêndios lhe proporcionavam um alvo. Ele sabia que enquanto caminhasse em linha reta na direção deles acabaria chegando a Pompeia. Mas ele estava contra o vento, de modo que, apesar de manter a cabeça inclinada, reduzindo o seu mundo a pernas pálidas e ao pequeno trecho de pedras no qual caminhava, a chuva de pedras-pomes picava-lhe o rosto e entupia-lhe a boca e as narinas de poeira. A cada passo que dava, ele afundava até os joelhos em pedras-pomes, e o efeito era como tentar subir um monte de cascalho ou um celeiro cheio de grãos — uma encosta interminável e sem forma que esfregava a pele e puxava violentamente os músculos no alto das coxas. A cada

centena de passos, ele parava oscilando e, segurando a tocha, tinha que arrastar primeiro um pé e depois o outro para fora das pedras-pomes que se agarravam e tirar as pedras dos sapatos.

A tentação de se deitar e descansar era avassaladora, e no entanto ele sabia que devia resistir, porque às vezes tropeçava nos corpos daqueles que já tinham desistido. Sua tocha mostrava formas suaves, meros contornos de humanidade, às vezes um pé saliente ou uma mão tentando pegar o ar. E não eram apenas pessoas que tinham morrido na estrada. Ele topou com uma junta de bois que ficara entalada nas correntes e um cavalo que desfalecera entre os varais de uma carroça abandonada, a carga pesada demais para puxar: um cavalo de pedra puxando uma carroça de pedra. Todas aquelas coisas surgiam como breves aparições no tremeluzente círculo de luz que ele carregava. Devia haver muito mais que misericordiosamente ele não podia ver. As vezes os vivos, tal como os mortos, surgiam fugazmente da escuridão — um homem levando um gato; uma mulher jovem, nua e enlouquecida; um outro casal levando um comprido candelabro de metal passado pelos ombros, o homem na frente e a mulher atrás. Eles seguiam na direção oposta à dele. Dos dois lados chegavam gritos e gemidos isolados que mal pareciam humanos, como ele imaginava que pudessem ser ouvidos num campo de batalha quando esta tivesse terminado. Ele não parou, exceto uma vez, quando ouviu uma criança chamando pelos pais. Ele parou, prestando atenção, e, aos tropeções durante algum tempo, na tentativa de descobrir a fonte da voz, gritou em resposta, mas a criança ficou calada, talvez com medo ao ouvir o som de um estranho, e Attilius acabou desistindo da busca.

Tudo aquilo durou várias horas.

A certa altura o crescente de luz apareceu de novo no cume do Vesúvio, escorrendo veloz, seguindo mais ou menos a mesma trajetória de antes. O brilho era mais forte, e quando ele chegou à costa, ou o que Attilius calculou que fosse a costa, não morreu de imediato, mas continuou rolando para o mar antes de se adelgaçar e desaparecer na escuridão. Foi seguido pela mesma atenuação na queda de pedras. Dessa vez, porém, nas encostas da montanha ele pareceu extinguir os incêndios, em vez de reavivá-los. Pouco depois

a tocha de Attilius começou a falhar. A maior parte do piche tinha queimado. Ele avançou com a renovada energia provocada pelo medo, porque sabia que quando a tocha se apagasse ele ficaria indefeso na escuridão. E quando aquele momento chegou, foi realmente horrível — mais horrível do que ele temera. Suas pernas tinham desaparecido e ele não via coisa alguma, nem mesmo se colocasse a mão bem perto dos olhos.

Os incêndios na encosta do Vesúvio também tinham diminuído, transformando-se numa ocasional e pequena fonte de centelhas alaranjadas. Mais relâmpagos vermelhos davam um brilho rosado à parte inferior da nuvem preta. Attilius já não estava certo da direção a tomar.

Estava desencarnado, extremamente isolado, enterrado em pedras quase até as coxas, a terra girando e trovejando à sua volta. Atirou para longe a tocha apagada e deixou-se afundar para a frente. Estendeu as mãos e ficou ali deitado, sentindo o manto de pedras-pomes acumular-se lentamente em torno dos ombros, e aquilo era estranhamente reconfortante, como ser posto na cama e coberto quando era criança. Apoiou a face na pedra quente e sentiu-se relaxar. Uma grande sensação de tranquilidade tomou conta dele. Se aquilo era a morte, não era tão ruim assim: ele podia aceitá-la — até mesmo recebê-la de bom grado, como se receberia um descanso bem merecido depois de um dia de trabalho árduo nas arcadas dos aquedutos.

Nos seus sonhos o chão se derretia e ele caía, dava cambalhotas, numa cascata de pedras, em direção ao centro da terra.

Ele foi acordado pelo calor e pelo cheiro de queimado.

Não sabia quanto tempo estivera dormindo. Tempo bastante para ser quase enterrado por completo. Estava no seu túmulo. Em pânico, empurrou com os antebraços e lentamente sentiu o peso sobre os ombros ceder e dividir-se, ouviu o farfalhar de pedras enquanto elas escorregavam de cima dele. Levantou-se e sacudiu a cabeça, cuspidando a poeira da boca, piscando os olhos, ainda enterrado até abaixo da cintura.

A chuva de pedras-pomes parara quase totalmente — o conhecido sinal de alarme — e ao longe, bem à sua frente, a baixa altura no céu, ele tornou a ver a conhecida foice de nuvem brilhante.

Só que agora, em vez de se deslocar como um cometa da direita para a esquerda, ela descia com rapidez e espalhava-se para o lado, indo na direção dele. Imediatamente atrás dela havia um intervalo de escuridão que estourou em fogo momentos depois, quando o calor encontrou novo combustível no flanco sul da montanha; à frente dela, levado pelo vento quente como fornalha, veio um ribombar de um tipo que, se ele fosse Plínio, teria variado sua metáfora e descrito o fenômeno não como uma nuvem, mas como uma onda — uma onda fervente de vapor aquecido ao rubro que lhe chamuscou as faces e encheu-lhe os olhos de água. Ele sentiu o cheiro de seus cabelos queimando de leve.

Sacudiu o corpo para livrar-se do aperto da pedra-pomes enquanto o amanhecer sulfuroso corria pelo céu na direção dele. Algo escuro crescia no centro da onda, erguendo-se do chão, e ele percebeu que a luz vermelha estava destacando a silhueta de uma cidade a menos de oitocentos metros de distância. A visão tornou-se mais brilhante. Ele pôde ver os muros da cidade e torres de vigia, os pilares de um templo sem telhado, uma fileira de janelas estouradas, cegas — e pessoas, as sombras de pessoas, correndo em pânico pelas linhas das defesas. O espetáculo ficou nítido apenas por um instante, o suficiente para que ele identificasse a cidade como Pompeia, e então o brilho por trás dela diminuiu lentamente, levando consigo a cidade de volta para a escuridão.

DILUCULUM



6h

"É um perigo presumir que o pior já passou depois da fase explosiva inicial. Prever o término de uma erupção é ainda mais difícil do que prever o seu início."

ENCYCLOPAEDIA OF VOLCANOES

Attilius arrancou o elmo e usou-o como balde, enfiando a borda do metal nas pedras-pomes e esvaziando-o por cima do ombro. Aos poucos, enquanto trabalhava, ficou ciente das pálidas formas brancas de seus braços. Parou e levantou-os, maravilhado. Um caso tão trivial, poder ver as próprias mãos, e no entanto ele poderia ter chorado de alívio. A manhã estava chegando. Um novo dia lutava para nascer. Ele ainda estava vivo.

Acabou de cavar, forçou as pernas para soltá-las e ergueu-se, pondo-se de pé. A safra de incêndios recém-provocados lá no alto do Vesúvio restaurara o seu senso de direção. Talvez fosse a imaginação, mas ele até achou que podia ver a sombra da cidade. Vaga na escuridão, a planície de pedras-pomes espalhava-se à sua volta, uma paisagem fantasmagórica, levemente ondulada. Ele partiu em direção a Pompeia, afundando de novo até os joelhos, suando, com sede, sujo, com o acre fedor de queimado no nariz e na

garganta. Pela proximidade dos muros da cidade, imaginou que devia estar quase dentro do porto, caso em que devia haver um rio em algum lugar. Mas a pedra-pomes submergira o Sarno no deserto de pedras. Através da poeira ele teve uma vaga impressão de muros baixos de cada lado e, enquanto avançava aos tropeços, percebeu que não eram cercas, mas prédios, prédios enterrados, e que ele estava andando com dificuldade por uma rua ao nível dos telhados. A pedra-pomes devia ter, no mínimo, de dois metros a dois metros e meio de profundidade.

Impossível acreditar que pessoas tivessem sobrevivido a um bombardeio daqueles. E no entanto, tinham. Não apenas ele as vira andando nas defesas da cidade, mas as via agora, surgindo de buracos no chão, de debaixo dos túmulos de suas casas — indivíduos, casais apoiando-se um no outro, famílias inteiras, até uma mãe segurando uma criancinha. Eles andavam por ali no granulado lusco-fusco marrom, tirando a poeira das roupas, olhando para o céu. Sem contar um ocasional espalhar de mísseis, a queda de pedras cessara. Mas iria voltar, disto Attilius estava certo. Havia um padrão. Quanto maior a onda de ar queimando, descendo as encostas da montanha, mais energia ela parecia sugar da tempestade e maior a calmaria antes que ela recomeçasse. Tampouco havia dúvidas de que as ondas aumentavam de força. A primeira parecia ter atingido Herculano; a segunda, ter ido além dela, seguindo para o mar; a terceira, ter chegado quase até Pompeia. A próxima poderia facilmente atravessar toda a cidade.

Ele continuou a andar com dificuldade.

O porto desaparecera por completo. Alguns mastros surgindo do mar de pedras-pomes, um cadaste de popa partido e o contorno amortalhado de um casco eram as únicas provas de que ele existira um dia. Attilius ouvia o mar, mas este parecia muito distante. A forma da costa fora alterada. De vez em quando o chão tremia e depois se ouvia o distante estalar de paredes e madeira cedendo, telhados desabando. Uma bola de fogo chiou pela paisagem e atingiu as distantes colunas do templo de Vénus. Um incêndio começou. Ficou mais difícil avançar. Ele sentiu que estava subindo uma encosta e tentou visualizar como fora o porto, as estradas que

subiam do cais e dos ancoradouros até as portas da cidade. Tochas surgiam do ar enfumaçado e passavam por ele. Ele esperara encontrar multidões de sobreviventes aproveitando a oportunidade para fugir da cidade, mas o tráfego estava todo no sentido oposto. As pessoas estavam voltando para Pompeia. Por quê? Attilius supôs que fosse para procurar aqueles que tinham perdido. Para ver o que podiam salvar de suas casas. Para saquear. Ele queria dizer-lhes que fugissem enquanto tinham chance, mas estava sem fôlego. Um homem empurrou-o para tirá-lo da frente e ultrapassou-o, sacudindo-se de um lado para o outro como uma marionete enquanto seguia com dificuldade pelo amontoado de poeira.

Attilius chegou ao alto da rampa. Tateou pelo poeirento crepúsculo até que encontrou um canto de alvenaria forte e contornou-o às apalpadelas, entrando no túnel baixo que era tudo o que restava da imponente entrada para a cidade.

Ele poderia ter estendido o braço e tocado o teto abobadado. Alguém se arrastou até ele por trás e agarrou-lhe o braço.

— Você viu a minha mulher?

O homem estava segurando uma pequena lamparina, com a mão em cunha para proteger a chama — um jovem, bem-apegoado e incongruentemente limpo, como se tivesse saído para passear depois do desjejum. Attilius viu que as unhas dos dedos que cercavam a lamparina estavam tratadas.

— Eu lamento...

— Julia Felix? Você deve conhecê-la. Todo mundo a conhece.

— A voz dele tremia. Em voz alta, perguntou: — Alguém aqui viu Julia Felix?

Houve um movimento e Attilius percebeu que havia doze ou mais pessoas, comprimidas, abrigadas na passagem da porta.

— Ela não veio por aqui — sussurrou alguém.

O jovem soltou um gemido e seguiu cambaleando para a cidade.

— Julia! Julia! — A voz foi ficando mais fraca à medida que a sua oscilante lamparina desaparecia na escuridão. — Julia!

Em voz alta, Attilius perguntou: — Que porta é esta?

O mesmo homem respondeu: — A Estabiana.

— Então esta é a estrada que leva à Porta Vesúvio?

— Não diga a ele! — sibilou uma voz. — Ele não passa de um estranho, que veio para nos roubar! Outros homens, com tochas, subiam a rampa com esforço.

— Ladrões! — gritou uma mulher. — Nossas propriedades estão todas desprotegidas! Ladrões! Um soco foi desferido, alguém praguejou e de repente a estreita entrada virou uma mistura de sombras e tochas agitadas. O engenheiro manteve a mão no muro e avançou aos tropeções, pisando em corpos. Um homem soltou um palavrão e dedos se fecharam em torno do seu tornozelo. Attilius sacudiu a perna, soltando-a. Chegou ao fim da porta e olhou para trás bem a tempo de ver uma tocha ser metida na cara de uma mulher e os cabelos dela pegarem fogo. Os gritos dela o perseguiram enquanto ele se voltava e tentava correr, desesperado para fugir da rixa, que agora parecia estar sugando pessoas dos becos laterais, homens e mulheres surgindo da escuridão, sombras saídas das sombras, escorregando e deslizando pela encosta para entrar na briga. Loucura: uma cidade inteira enlouquecida.

Ele subiu com dificuldade pelo morro, tentando se orientar. Tinha certeza de que aquele era o caminho para a Porta Vesúvio — via as bordas de fogo avançando pela montanha lá ao longe — o que significava que ele não podia estar longe da Casa dos Popidius, que ela devia estar exatamente naquela rua. A direita havia um prédio grande cujo telhado fora arrancado, um incêndio em algum ponto dentro dele, iluminando atrás das janelas a gigantesca e barbuda cara do deus Baco — um teatro, seria? A sua direita estavam as formas atarracadas de casas, como uma fileira de dentes rilhados, com apenas pouco mais de um metro de parede visível.

Cambaleando, ele se dirigiu até elas. Tochas se moviam. Algumas fogueiras tinham sido acesas. Pessoas cavavam, nervosas, algumas com tábuas, outras poucas com as próprias mãos. Outras gritavam nomes, arrastando para fora caixas, tapetes e pedaços de mobília quebrada. Uma senhora idosa gritava histérica. Dois homens brigando por alguma coisa — ele não conseguiu ver o quê — um outro tentando correr com um busto de mármore nos braços.

Attilius viu uma parelha de cavalos, imobilizados a meio galope, projetando-se da penumbra acima de sua cabeça, e olhou para eles com ar de obtuso por um instante, até que percebeu que se tratava do monumento equestre na grande encruzilhada. Voltou descendo o morro outra vez, passando pelo que se lembrava ser uma padaria e, por fim, muito fraca em um muro, à altura do joelho, encontrou a inscrição:

"SEUS VIZINHOS INSISTEM NA ELEIÇÃO DE LUCIUS POPIDIUS SECUNDUS PARA EDIL. ELE MOSTRARÁ SER DIGNO PARA O CARGO."

Ele conseguiu esgueirar-se por uma janela em uma das ruas laterais e seguiu seu caminho por entre os escombros, chamando o nome dela. Não havia sinal de vida.

Ainda era possível calcular a disposição das duas casas pelas paredes dos andares superiores.

O telhado do átrio desabara, mas o espaço plano ao lado dele devia ser onde estivera a piscina e lá adiante devia ter ficado um segundo pátio. Ele enfiou a cabeça em alguns dos aposentos do que outrora tinha sido o andar superior. Na penumbra, conseguiu distinguir peças quebradas de mobília, louças de barro despedaçadas, tiras de cortinas penduradas. Mesmo nos pontos em que tinham sido inclinados, os telhados haviam cedido sob o massacre de pedras. Ondas de pedras-pomes misturavam-se a azulejos de terracota, tijolos, vigas quebradas. Encontrou uma gaiola vazia, no que devia ter sido uma varanda, e entrou num quarto de dormir abandonado, sem telhado. Era evidente que tinha sido o quarto de uma jovem: joias abandonadas, um pente, um espelho partido. Na suja meia-luz, uma boneca, parcialmente enterrada no que restava do telhado, parecia grotescamente uma criança morta. Ele levantou da cama o que pensou ser um cobertor e viu que era uma capa.

Experimentou a porta — trancada — e então sentou-se na cama e examinou a capa mais detalhadamente.

Attilius nunca se preocupara muito com o que as mulheres usavam. Sabina dizia que podia se vestir de trapos e ele jamais teria percebido. Mas aquilo, ele tinha certeza, era de Corelia.

Popidius dissera que ela fora trancada no quarto, e aquele era um quarto de mulher. Não havia sinal de um corpo, ali ou lá fora. Pela primeira vez ele ousou ter a esperança de que ela tivesse fugido. Mas quando? E para onde? Ele revirou a capa nas mãos e tentou pensar no que Ampliatus teria feito. "Ele queria prender todos nós" — frase de Popidius. Era de se presumir que ele tivesse bloqueado as saídas e ordenado que todos esperassem sentados até o fim. Mas devia ter havido um momento, mais perto da noite, quando os telhados começaram a desabar, em que até Ampliatus teria reconhecido que a velha casa era uma armadilha mortal. Ele não era do tipo de ficar esperando e morrer sem lutar. Mas não teria fugido da cidade: isto não faria parte de seu caráter e, além do mais, àquela altura teria sido impossível ir para muito longe. Não: ele devia ter tentado levar a família para um lugar seguro.

Attilius levou a capa de Corelia ao rosto e inspirou o cheiro da jovem. Talvez ela tivesse tentado fugir do pai. Ela o odiava o suficiente para isso. Mas ele jamais a teria deixado partir. Attilius imaginou que eles deviam ter organizado uma procissão, muito parecida com aquela que saíra da vila de Pomponianus em Estábias. Travesseiros ou cobertores amarrados à cabeça. Tochas para fornecerem um pouco de luz. Saindo para a chuva de pedras. E depois... para onde? Onde havia segurança? Ele tentou raciocinar como engenheiro. Que tipo de telhado era forte o bastante para suportar as pressões exercidas por quase três metros de pedras-pomes? Nada plano, quanto a isso não havia dúvida. Algo construído com métodos modernos. Um domo seria ideal. Mas onde haveria um domo moderno em Pompeia? Ele largou a capa e voltou aos tropeções para a varanda.

Centenas de pessoas estavam nas ruas agora, movendo-se lentamente em círculos, ao nível dos telhados e na semiescuridão, como formigas cujo ninho tivesse sido destruído. Algumas estavam sem rumo — perdidas, aturdidas, enlouquecidas de dor. Ele viu um homem tirando calmamente a roupa e dobrando-a como se se preparasse para nadar. Outras pareciam ter um propósito, seguindo os próprios planos de busca ou fuga. Ladrões — ou talvez fossem os donos legítimos: quem poderia dizer, agora? — corriam para os

becos levando o que fosse possível. O pior de tudo eram os nomes gritados em tom de lamúria na escuridão. Alguém teria visto Felício ou Pherusa ou Verus ou Appuleia — a mulher de Narciso? — ou Specula ou o advogado Terentius Neo? Pais tinham se separado dos filhos. Filhos ficavam gritando do lado de fora das ruínas de casas. Tochas brilhavam na direção de Attilius, na esperança de que ele pudesse ser outra pessoa — um pai, um marido, um irmão. Ele os afastava com um aceno, dando de ombros em resposta às perguntas, prestando atenção para contar os quarteirões da cidade à medida que passava por eles, subindo o morro norte em direção à Porta Vesúvio — um, dois, três: cada um parecia levar uma eternidade para acabar e tudo o que podia esperar era que sua memória não o tivesse deixado na mão.

Pelo menos cem fogueiras estavam acesas no lado sul da montanha, espalhadas sob a forma de uma constelação complexa, situada no céu a baixa altitude. Attilius aprendera a distinguir as chamas do Vesúvio. Aquelas eram seguras: os efeitos posteriores de um trauma que passara.

Era a perspectiva de uma outra nuvem incandescente aparecer acima deles na crista da montanha que o enchia de medo e fazia com que ele forçasse as pernas doloridas além do ponto de exaustão enquanto atravessava com dificuldade a cidade estilhaçada.

Na esquina do quarto quarteirão ele encontrou a fileira de lojas, enterradas o equivalente a 3/4 da altura, e subiu, desajeitado, a rampa de pedras-pomes que dava para o telhado baixo.

Acocorou-se bem atrás da borda. A silhueta era nítida. Devia haver fogueiras atrás dela.

Devagar ele ergueu a cabeça. No lado oposto da superfície plana do pátio que servia de canteiro de obras estavam as nove janelas altas das termas de Ampliatus, cada qual brilhantemente — desafiadoramente — iluminada por tochas e dezenas de lamparinas. Ele viu alguns dos deuses pintados nas paredes opostas e as figuras de homens movimentando-se diante deles. Só faltava a música: aí teria parecido que estava acontecendo uma festa.

Attilius escorregou para o espaço cercado e atravessou-o. A intensidade da iluminação era tanta que ele fazia sombra. Enquanto se aproximava, viu que os vultos eram escravos e que estavam retirando as ondas de pedras-pomes de onde elas tinham sido levadas pelo vento nas três grandes câmaras — o vestiário, o tepidário e o caldário — escavando-a, como se fosse neve, com pás de madeira nos pontos em que ela era mais profunda, ou em outros pontos apenas varrendo-a com vassouras. Atrás deles, patrulhando, estava Ampliatus, gritando que eles deviam trabalhar mais, de vez em quando agarrando uma pá ou vassoura para mostrar como o serviço tinha de ser feito, antes de voltar ao obsessivo caminhar de um lado para o outro. Attilius ficou olhando por algum tempo, oculto na escuridão, e então, cautelosamente, começou a subir para o quarto do meio — o tepidário — ao fundo do qual ele via a entrada para a sala de banho de vapor.

Não havia chance de entrar sem ser visto, de modo que, no fim, ele simplesmente entrou — atravessou a superfície das pedras-pomes, passando direto pela janela aberta, os pés fazendo barulho no piso de alulejos, os escravos olhando para ele, perplexos. Ele estava na metade do caminho para a sala de banho de vapor, quando Ampliatus o viu.

— Aguadeiro! — disse ele e avançou para interceptá-lo. Ele estava sorrindo, as mãos espalmadas e os braços bem abertos. — Aguadeiro! Eu estava esperando por você! Ele tinha um corte na têmpora e os cabelos do lado esquerdo da cabeça estavam duros de sangue. As faces estavam arranhadas e mais sangue atravessara a camada de poeira, cavando sulcos vermelhos no branco. A boca estava com os cantos virados para cima: uma máscara da comédia. A luz ofuscante refletia-se em seus olhos, que estavam muito arregalados. Antes que Attilius pudesse dizer qualquer coisa, ele voltou a falar.

— Nós temos que fazer o aqueduto funcionar imediatamente. Está tudo pronto, sabe? Nada foi danificado. Poderíamos abrir para negócio amanhã, se ao menos pudéssemos ligar a água.

Ele falava muito depressa, as palavras jorrando, mal terminando uma sentença antes de entrar na outra. Era tanta coisa

na cabeça para dizer! Ele previra tudo.

— As pessoas vão precisar de um lugar na cidade que funcione. Vão precisar tomar banho. Será um trabalho imundo fazer tudo voltar a funcionar. Mas não é só isso. Será um símbolo em torno do qual se reunirem. Se elas virem que as termas estão funcionando, isso lhes dará confiança. Confiança é a chave de tudo. A chave para a confiança é a água. A água é tudo, entende? Eu preciso de você, aguadeiro. Meio a meio. O que me diz?

— Onde está Corelia?

— Corelia? — Os olhos de Ampliatus ainda estavam alertas para um trato potencial. — Você quer a Corelia? Em troca da água?

— Talvez.

— Um casamento? Estou disposto a pensar nisso. — Ele agitou o polegar. — Ela está lá dentro. Mas eu vou querer meus advogados para redigirem as condições.

Attilius se voltou e passou pela estreita entrada para o laconium. Sentados nos bancos de pedra em volta da pequena sala abobadada de banho de vapor, iluminados pelas tochas em seus suportes de ferro na parede, estavam Corelia, a mãe e o irmão. Diante deles estava o administrador, Scutarius, e o gigantesco porteiro, Massavo. Uma segunda saída levava ao caldário. Quando o engenheiro entrou, Corelia ergueu os olhos.

— Precisamos sair daqui — disse ele. — Depressa. Todos. Ampliatus, atrás dele, bloqueava a porta. — Ah, não. Ninguém sai. Nós já resistimos ao pior. Não é esta a hora de fugir. Lembre-se da profecia da sibila.

Attilius não lhe deu atenção, dirigindo as palavras a Corelia. Ela parecia paralisada pelo choque. — Escute. A pedra que cai não é o perigo principal. É quando a queda para que ventos de fogo descem a montanha. Eu já os vi. Tudo o que está no seu caminho é destruído.

— Não, não. Nós estamos mais seguros aqui do que em qualquer outra parte — insistiu Ampliatus. — acredite em mim. As paredes têm um metro de espessura.

— A salvo do calor numa sala de banho de vapor? — Attilius apelou a todos. — Não liguem para o que ele diz. Se a nuvem

quente vier, este local vai cozinhá-los como um fogão. Corelia.

Ele estendeu a mão para ela, que olhou rapidamente na direção de Massavo. Attilius percebeu que eles estavam sendo vigiados: o laconium era a cela de prisão deles.

— Ninguém sai — repetiu Ampliatus. — Massavo! Attilius agarrou o pulso de Corelia e tentou arrastá-la para o caldário antes que Massavo tivesse tempo de detê-lo, mas o grandalhão foi mais rápido. Deu um salto para cobrir a saída, e quando Attilius tentou deslocá-lo com o ombro Massavo agarrou-o pela garganta com o antebraço e arrastou-o de volta para o aposento.

Normalmente ele podia cuidar de si mesmo numa briga, mas não contra um adversário daquele tamanho, nem quando seu corpo estava exausto. Ele ouviu Ampliatus mandar Massavo quebrar-lhe o pescoço: — Quebre o pescoço dele, como uma galinha!

E então houve um chiar de chama perto de seu ouvido e um grito de dor de Massavo. O braço o largou. Ele viu Corelia segurando uma tocha com as duas mãos e Massavo de joelhos.

Ampliatus chamou-a pelo nome, e havia algo de quase súplica na maneira de ele pronunciá-lo e estender as mãos para ela. Ela girou nos calcanhares, o fogo riscando o ar, e atirou a tocha contra o pai, depois saiu pela porta e entrou no caldário, gritando para que Attilius a seguisse. Ele a seguiu às cegas, passando pelo túnel e entrando na claridade da sala quente, passando pelo piso imaculadamente limpo, pelos escravos, e saindo pela janela, para a escuridão, afundando nas pedras. Quando chegaram na metade do pátio, ele olhou para trás e pensou que talvez o pai dela tivesse desistido — a princípio, não viu sinais de uma perseguição — mas, é claro, na sua loucura, Ampliatus não desistira: jamais desistiria. O inconfundível corpanzil de Massavo apareceu na janela com seu senhor ao lado, e a luz da janela se fragmentou com rapidez enquanto tochas eram passadas aos escravos. Doze homens armados de vassouras e pás pularam do caldário e começaram a se separar, formando um leque.

Pareceu uma eternidade de escorregões para voltar ao telhado do perímetro e pular para a rua. Por um instante, eles devem ter ficado fracamente visíveis em cima do telhado — tempo suficiente,

pelo menos, para que um dos escravos os avistasse e desse um grito de aviso.

Attilius sentiu uma dor lancinante no tornozelo ao cair. Segurou o braço de Corelia, mancou um pouco mais morro acima e então os dois recuaram para a sombra do muro enquanto as tochas dos homens de Ampliatus apareciam na estrada atrás deles. A linha de fuga para a Porta Estabiana estava bloqueada.

Ele achou, então, que não havia esperança. Estavam presos entre dois conjuntos de fogo — as chamas das tochas e as chamas do Vesúvio. No momento em que olhava alucinado de um para o outro, ele percebeu um leve brilho começando a se formar no mesmo lugar que antes, lá no alto da montanha, onde as ondas tinham nascido. No desespero, uma ideia lhe ocorreu — um absurdo, pensou, afastando-a — mas ela não ia embora, e de repente ele se perguntou se ela não tinha estado no seu subconsciente o tempo todo. O que ele fizera, no fim das contas, a não ser seguir em direção ao Vesúvio enquanto todos os demais ou ficaram onde estavam ou fugiram — primeiro pela estrada costeira de Estábias a Pompeia, e depois montanha acima, do sul da cidade para o norte? Talvez ele — o seu destino — estivesse esperando para agir desde o começo.

Ele olhou para a montanha. Não havia dúvida. A larva de luz estava crescendo. Ele sussurrou para Corelia: — Você pode correr?

— Posso.

— Pois então corra como nunca correu antes.

Os dois saíram lentamente da proteção do muro. Os homens de Ampliatus estavam de costas para eles e olhavam para o escuro em direção à Porta Estabiana. Ele ouviu Ampliatus dando mais ordens — "Vocês dois vão pela rua lateral, vocês três desçam o morro" — e depois nada restava a fazer, exceto começar a abrir de novo caminho pela pedra-pomes. Ele teve de apertar os maxilares por causa da agonia na perna e Corelia era mais rápida do que ele, como tinha sido quando subira correndo o morro em Miseno, as saias todas reunidas em uma das mãos em volta das coxas, as longas pernas claras brilhando no escuro. Ele cambaleava atrás dela, cômico dos novos gritos de Ampliatus — "Lá vão eles! Sigam-me!"

—, mas quando os dois chegaram ao fim do quarteirão e ele arriscou um olhar para trás, só pôde ver uma tocha balançar atrás deles.

— Covardes! — gritava Ampliatus. — Do que vocês têm medo?

Mas era óbvio o que os fizera se amotinar. A onda de fogo estava inconfundivelmente descendo pelo Vesúvio, aumentando a cada instante, não em altura, mas em largura — agitando-se, gasosa, mais quente do que chama: incandescente — e só um louco correria em direção a ela. Nem Massavo seguiria seu senhor agora. Attilius sentia o calor no rosto. O vento abrasador levantava remoinhos de cinza e fragmentos de rocha. Corelia voltou-se para olhar para ele, mas ele a incitou a avançar — contra todos os instintos, contra todo o senso, em direção à montanha. Eles tinham passado por outro quarteirão da cidade. Só faltava um. Lá na frente, o céu brilhante destacava a silhueta da Porta Vesúvio.

— Esperem! — gritou Ampliatus. — Corelia! — Mas sua voz estava mais fraca, ele estava ficando para trás.

Attilius alcançou a esquina do castelo de água com a cabeça abaixada para enfrentar o vento que ardia, meio cego pela poeira, e puxou Corelia atrás de si, seguindo pelo beco estreito. As pedras-pomes quase enterraram a porta por completo. Só aparecia um estreito triângulo de madeira. Ele chutou a porta com força e, na terceira tentativa, a fechadura cedeu e pedras-pomes despejaram-se pela abertura. Ele empurrou Corelia para dentro e deslizou para baixo atrás dela, para um escuro de breu. Ele ouviu a água, seguiu às apalpadelas em direção a ela, sentiu a borda do tanque e pulou para dentro, ficando com água até a cintura; puxou Corelia em seguida e tateou, agitado, pelas bordas da tela de malha à procura das presilhas, achou-as, tirou a grade. Guiou Corelia para entrar na boca do túnel e esgueirou-se, apertado, em seguida.

— Ande. Vá até o máximo possível.

Um estrondo, como uma avalanche. Ela não podia tê-lo ouvido. Nem ele podia ouvir a si próprio.

Mas ela avançou cambaleando, por instinto. Ele foi atrás, colocando as mãos na cintura dela e apertando com força, pressionando para que ela se ajoelhasse, a fim de que o corpo

ficasse tão imerso quanto possível. Ele se atirou por cima dela. Os dois se agarraram dentro d'água. E então havia apenas o calor escaldante e o fedor de enxofre na escuridão do aqueduto, diretamente abaixo dos muros da cidade.

HORA ALTERA



7H 57

"O corpo humano não pode sobreviver em temperaturas acima de 200 graus centígrados por mais de alguns instantes, em especial na corrente móvel de uma onda. Tentar respirar na densa nuvem de cinza quente na ausência de oxigênio levaria à inconsciência em poucas respirações, bem como causaria queimaduras graves no trato respiratório" [...] Por outro lado, a sobrevivência é possível nas partes mais periféricas de uma onda se houver um abrigo adequado para proteger contra o fluxo da onda e sua alta temperatura, bem como contra os mísseis (pedras, materiais de construção) arrastados pela nuvem de matéria que se desloca.

ENCYCLOPAEDIA OF VOLCANOES

Uma incandescente tempestade de areia desceu veloz pela montanha em direção a Ampliatus.

Paredes expostas se partiram, telhados explodiram, azulejos e tijolos, vigas e pedras e corpos voaram para cima dele e no entanto tão devagar, como parecia a ele naquele longo instante antes da morte, que ele os viu girando contra o brilho forte. E então o golpe o atingiu, estourou-lhe os tímpanos, incendiou os cabelos, arrancou as roupas e os sapatos e virou-o de cabeça para baixo, batendo contra

a lateral do prédio. Morreu no instante necessário para que o vagalhão chegasse às termas e se projetasse pelas janelas abertas, sufocando a mulher, que, obedecendo até o fim, ficara em seu lugar na sala de banho de vapor. A onda pegou o filho dele, que se libertara e tentava chegar ao templo de Isis. Ergueu-o no ar, depois dominou o administrador e o porteiro, Massavo, que estavam correndo pela rua em direção à Porta Estabiana. Passou pelo bordel, para onde o dono, Africanus, tinha voltado para retirar a féria e onde Zmyrina estava escondida embaixo da cama de Exomnius. Matou Brebix, que tinha ido à escola de gladiadores quando a erupção começara, para ficar com seus antigos companheiros, e Musa e Corvinus, que tinham decidido ficar com ele, confiando em seu conhecimento local para se protegerem.

Matou até o fiel Polites, que estivera se abrigando no porto mas voltara à cidade para ver se podia ajudar Corelia. Matou mais de duas mil pessoas em menos de meio minuto e deixou os corpos arrumados numa série de quadros grotescos para a posteridade assistir, boquiaberta.

Porque embora os cabelos e as roupas queimassem por pouco tempo, os incêndios foram rapidamente abafados pela falta de oxigênio, e em vez deles uma onda sufocante, de um metro de cinza fina, viajando na esteira do vagalhão, cobriu a cidade, a paisagem e moldou todos os detalhes de suas vítimas abatidas. Aquela cinza endureceu. Mais pedras-pomes caíram. Em suas aconchegantes cavidades, os corpos apodreceram e, com eles, à medida que os séculos passavam, a lembrança de que até mesmo tivesse existido uma cidade naquele local. Pompeia se tornou uma cidade de cidadãos ociosos, de forma perfeita — agrupados ou solitários, as roupas arrancadas ou erguidas acima das cabeças, tentando tocar, impotentes, seus pertences favoritos ou agarrando o nada — vácuos suspensos no ar ao nível dos telhados de suas casas.

Em Estábias, o vento provocado pelo vagalhão pegou o abrigo improvisado pelo vela do Minerva e levantou-o por inteiro da praia. As pessoas, expostas, puderam ver a nuvem brilhante rolar sobre Pompeia e seguir direto em direção a elas.

Todos correram, Pomponianus e Popidius à frente.

Eles teriam levado Plínio com eles. Torquatus e Alexion tinham-no segurado pelos braços e posto em pé. Mas o almirante não queria mais seguir em frente, e quando lhes disse, bruscamente, que o deixassem e se salvassem, viram que ele estava decidido. Alexion reuniu as anotações e repetiu a promessa de entregá-las ao sobrinho do velho. Torquatus fez uma saudação. E Plínio ficou sozinho.

Ele tinha feito tudo ao seu alcance. Cronometrara a manifestação em todas as etapas.

Descrvera suas fases — coluna, nuvem, tempestade, fogo — e ao fazê-lo esgotara seu vocabulário. Ele tivera uma vida longa, vira muitas coisas e agora a natureza lhe permitira a última visão penetrante de seu poderio. Naqueles momentos finais de sua existência, continuou a observar com a perspicácia de quando era jovem — e que maior bênção podia um homem pedir? A linha de luz estava muito brilhante e, no entanto, cheia de sombras tremeluzentes. O que significavam? Ele ainda estava curioso.

Os homens confundiam mensuração com compreensão. E sempre tinham de se colocar no centro de tudo. Aquela era a sua maior vaidade. A terra está ficando mais quente — deve ser culpa nossa! A montanha está nos destruindo — não agradamos aos deuses! Chove demais, chove de menos — um conforto pensar que essas coisas têm alguma ligação com o nosso comportamento, que, se ao menos vivêssemos um pouco melhor, um pouco mais frugalmente, nossa virtude seria recompensada. Mas ali estava a natureza, vindo a toda velocidade em sua direção — incompreensível, conquistadora, indiferente — e ele viu nos incêndios a futilidade das pretensões humanas. Estava difícil respirar ou mesmo ficar ao vento. O ar estava cheio de cinza e areia e de um brilho terrível. Ele estava sufocando, a dor no peito era uma faixa de ferro. Cambaleou para trás.

Enfrente-a, não ceda.

Enfrente-a como um romano.

O vagalhão o engoliu.

Pelo resto do dia, a erupção continuou, com novos vagalhões e grandes explosões que sacudiam o chão. Ao se aproximar o

anoitecer, a força diminuiu e começou a chover. A água apagou os incêndios e limpou a cinza do ar e inundou a paisagem cinzenta de baixas dunas e depressões que tinham eliminado a fértil planície pompeiana e a bela costa de Herculano até Estábias. Encheu os poços e reabasteceu as nascentes e criou as linhas de novos rios, serpenteando em direção ao mar. O rio Sarno seguiu um curso inteiramente novo.

Quando o ar ficou limpo, o Vesúvio reapareceu, mas sua forma estava alterada por inteiro.

Ele já não se erguia até um pico, mas ganhara uma concavidade, como se uma mordida gigantesca tivesse sido dada no seu cume. Uma lua enorme, avermelhada pela poeira, ergueu-se sobre um mundo alterado.

O corpo de Plínio foi recolhido da praia — "ele parecia mais adormecido do que morto", segundo o sobrinho —, e levado de volta a Miseno com suas observações. Estas, mais tarde, mostraram-se tão precisas que um novo termo entrou para a linguagem da ciência: "pliniana", para descrever "uma erupção vulcânica na qual um jato estreito de gás é expelido com grande violência de uma cavidade central a uma altura de vários quilômetros antes de se expandir para os lados".

O Aqua Augusta continuou a correr, como faria durante vários séculos.

As pessoas que fugiram de suas casas nas bordas orientais da montanha começaram a voltar com cautela antes do anoitecer, e eram muitas as histórias e os rumores que circularam nos dias seguintes. Dizia-se que uma mulher dera à luz um filho feito totalmente de pedra, e também se observou que pedras tinham adquirido vida e assumido a forma humana. Uma plantação de árvores que estivera em um dos lados da estrada para Nola passara para o outro lado e dera uma safra de uma misteriosa fruta verde que, segundo se dizia, curava todos os problemas, de vermes a calvície.

Milagrosas, também, eram as histórias de sobrevivência. Dizia-se que um escravo cego conseguira sair de Pompeia e se enterrar na barriga de um cavalo morto na estrada para Estábias, escapando,

assim, do calor e das pedras. Duas belas crianças louras — gêmeas — foram encontradas perambulando, ilesas, vestindo túnicas de ouro, sem um só arranhão no corpo e, no entanto, incapazes de falar: foram mandadas para Roma e passaram a fazer parte da equipe do imperador.

Mais persistente do que as demais foi a lenda de um homem e uma mulher que tinham saído de dentro da terra no crepúsculo do dia em que a erupção acabou. Eles tinham andado debaixo da terra como toupeiras, dizia-se, por vários quilômetros, para bem longe de Pompeia, mergulhado nas águas vivificantes de um rio subterrâneo que lhes dera sua sagrada proteção, e saíram para a superfície num ponto em que o chão estava limpo. Correu a notícia de que eles tinham sido vistos caminhando juntos em direção à costa, enquanto o sol caía sobre a despedaçada silhueta do Vesúvio e a conhecida brisa do anoitecer, vinda de Capri, agitava as ondulantes dunas de cinza.

Mas esta história, de modo geral, foi considerada fantástica e descartada por todas as pessoas sensatas como superstição.

FIM

Agradecimentos

"Eu prefaciei estes volumes com os nomes de minhas autoridades. Fiz isso porque, na minha opinião, é agradável e demonstra uma honrada modéstia agradecer àqueles que foram os meios para minhas realizações [...]"

PLÍNIO, *História natural*, Prefácio.

Lamento não poder alegar, como fez Plínio, ter consultado 2.000 volumes ao longo de minhas pesquisas. Mesmo assim, este romance não poderia ter sido escrito sem a erudição de muitos outros e, como Plínio, creio que seria "agradável" — para mim, pelo menos, se não necessariamente para elas — relacionar algumas de minhas fontes.

Além das obras sobre vulcanologia citadas no texto, eu gostaria de reconhecer minha dívida com Jean-Pierre Adam (Roman Building), Carlin A. Barton (Roman Honor), Mary Beagon (Roman Nature), Mareei Brion (Pompeii and Herculaneum), Lionel Casson (The Ancient Mariners), John D'Arms (Romans on the Bay of Naples), Joseph Jay Deiss (Herculaneum), George Hauck (The Aqueduct of Nemausus), John F. Healy (Pliny the Elder on Science and Technology), James Higginbotham (Piscinae), A. Trevor Hodge (Roman Aqueducts & Water Supply), Wilhelmina Feemster Jashemski (The Gardens of Pompeii), Willem Jongman (The Economy and Society of Pompeii), Ray Laurence (Roman Pompeii), Amedeo Maiuri (Pompeii), August Mau (Pompeii: Its Life and Art), David Moore (The Roman Pantheon), Salvatore Nappo (Pompeii: Guide to the Lost City), L. Richardson, Jr (Pompeii: An Architectural History), Chester G. Starr (The Roman Imperial Navy), Antônio Varone (Pompeii, i misteri di una città sepolta), Andrew Wallace-Hadrill (Houses and

Society in Pompeii and Herculaneum) e Paul Zanker (Pompeii: Public and Private Life).

As traduções de Plínio, Sêneca e Estrabo, em sua maioria, são tiradas das edições de suas obras publicadas pela Loeb Classical Library. Usei muito a edição de Ten Books on Architecture, de Vitruvius, organizada por Ingrid D. Rowland e Thomas Noble Howe. O Barrington Atlas of the Greek and Roman World, organizado por Richard J. A. Talbert, ajudou a fazer Campânia adquirir vida. A análise vulcanológica da erupção feita por Haraldur Sigurdsson, Stanford Cashdollar e Stephen R. J. Sparks em The American Journal of Archaeology (86: 39— 51) foi de um valor inestimável.

Tive o grande prazer de debater os romanos na baía de Nápoles com John D'Arms, durante um jantar com sua família num jardim inglês com um calor adequadamente sufocante, pouco antes de sua morte; irei sempre lembrar-me de sua delicadeza e de seu estímulo. O professor A. Trevor Hodge, cuja obra pioneira sobre os aquedutos romanos foi decisiva na visualização do Aqua Augusta, respondeu solícitamente a minhas perguntas. O apoio do professor Jasper Griffin permitiu que eu usasse a biblioteca do Ashmolean Museum em Oxford. A dra. Mary Beard, fellow do Newnham College, Cambridge, leu o manuscrito antes da publicação e fez muitas sugestões de valor inestimável.

A todos esses estudiosos, apresento meus agradecimentos e também a proteção oferecida por aquela conhecida rubrica: os erros, as interpretações errôneas e as cabais liberdades com os fatos contidos no texto são de exclusiva responsabilidade do autor.

ROBERT HARRIS, Kintbury, junho de 2003

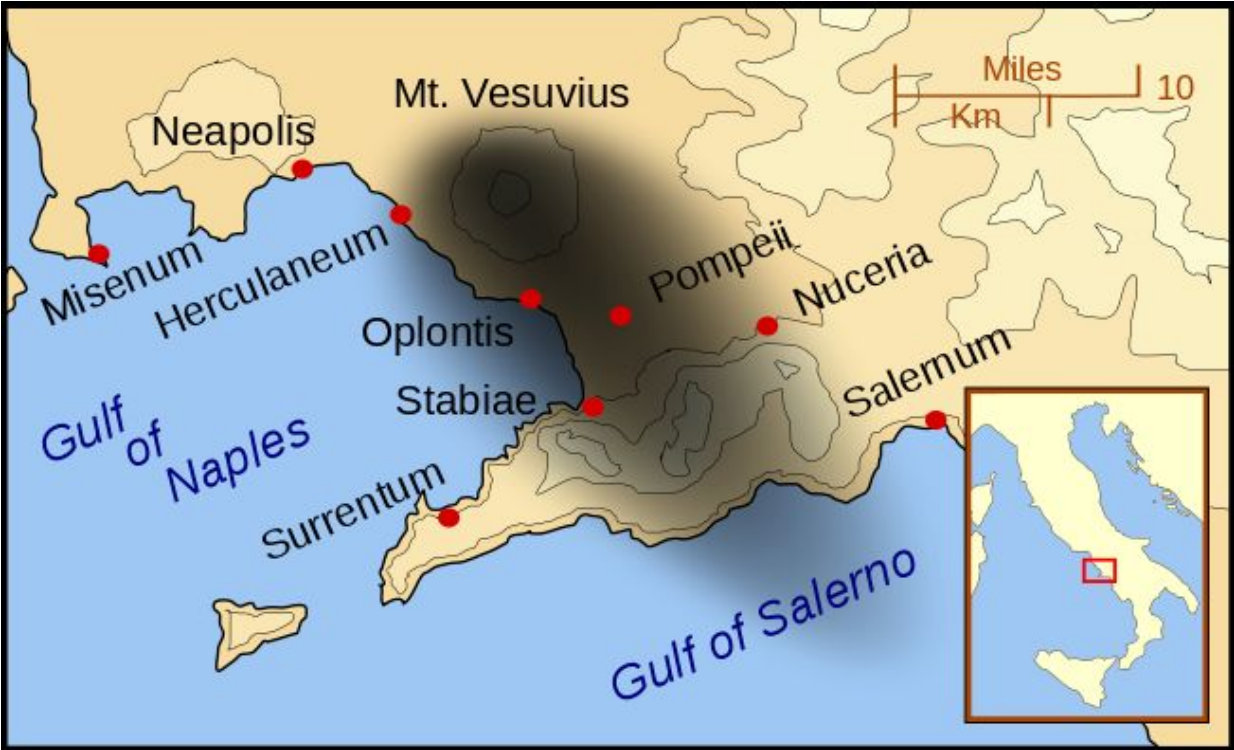
Imagens relacionadas



*O ponto em que Attilius e Corelia teriam entrado no aqueduto -
- Aqua Augusta (Wikipedia)*



*Castelo de Água em Pompeia -- Castellum Aquae
(pompeiiinpictures.com)*



As cidades destruídas pela erupção de 79. O Vesúvio continua ativo (Wikimedia)

•

Afrescos inseridos no livro: Resultados da busca "affresco di pompeii" no Google Images